

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

JOSÉ CARLOS MENDONÇA

TEORIA DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA EM ANTON PANNEKOEK

**FLORIANÓPOLIS
2009**

JOSÉ CARLOS MENDONÇA

TEORIA DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA EM ANTON PANNEKOEK

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, na linha de pesquisa Mundos do Trabalho, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Orientador: Fernando Ponte de Sousa, Dr.

FLORIANÓPOLIS
2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

M539t Mendonça, José Carlos
Teoria da organização política em Anton Pannekoek
[dissertação] / José Carlos Mendonça ; orientador,
Fernando Ponte de Sousa. - Florianópolis, SC : 2009.
206 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Pannekoek, Anton, 1873-1960. 2. Sociologia política.
3. Socialismo. 4. Pensamento social. 5. Organização
política. 6. Conselhismo. I. Sousa, Fernando Ponte de. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Sociologia Política. III. Título.

CDU 316



Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Campus Universitário - Trindade
Caixa Postal 476
Cep: 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppgsp@cfh.ufsc.br

“TEORIA DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA EM ANTON PANNEKOEK”.

JOSÉ CARLOS MENDONÇA

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:

Prof. Dr. Fernando Ponte de Sousa
Orientador

Prof. Dr. Ricardo Gaspar Müller
Membro

Prof. Dr. Nildo Silva Viana
Membro

Prof. Dr. Ligia Helena Hahn Lüchmann
Coordenadora

FLORIANÓPOLIS, (SC), DEZEMBRO DE 2009.

Ao proletariado, que um dia se tornará consciente da força e capacidade que possui e desse dia em diante começará a fazer voar pelos ares os grilhões que o exploram e oprimem, rasgando horizontes de um novo mundo.

Aos que resistem em se adaptar, permanecendo marginais, anônimos e incompreendidos diante desta ordem de coisas.

AGRADECIMENTOS

Ao Mistagogo Fernando Ponte pela acolhida.

Aos professores Ricardo Müller e Cláudia Nogueira pelas sugestões.

Ao Iraldo e ao Taiguara, parceiros de luta e estudos, pelo estímulo que significa poder partilhar com vocês o esforço de tentar ser coerente dentro e fora da academia.

Ao amigo e professor Nildo Viana pela disponibilidade, solicitude e boa vontade demonstrada sempre que precisei.

A Helena e Gabriela, pelo amor e compreensão.

Ao Ítalo e ao Caio, porque estes filhos aprenderam a educar o pai.

E por fim... obrigado Elisa, por tudo. E, se tudo fosse pouco, pelo apoio que nunca me faltou.

Só se pode odiar a quem antes se amou profundamente. (Arthur Rosenberg. História do Bolchevismo).

A função da atividade política revolucionária – ou, em matéria ideológica, da atividade do cientista – consiste em fazer divisões onde a realidade é confusa. Por sua vez, a função da atividade política reacionária é tornar confusas as divisões reais. (João Bernardo. Capitalismo Sindical. Palestra proferida em Florianópolis, abril de 2006).

RESUMO

Esta dissertação trata da contribuição do cientista e teórico holandês Anton Pannekoek (1873-1960) para a análise de duas formas de organização política: partidos e sindicatos de trabalhadores. Toma por objetivo extrair conceitos e categorias analíticas para uma teoria autonomista da política, discutir a relação dirigentes/dirigidos como aspecto da divisão social do trabalho, destacar o tratamento dado por Pannekoek para a função exercida pela subjetividade e a consciência nas lutas sociais, e verificar como se equaciona, na teoria do autor em tela, a relação entre o cotidiano dos trabalhadores e os aparelhos sindicais e partidários. Adota o método dialético para proceder à leitura e interpretação do pensamento e dos escritos de Pannekoek, ancorado numa seleção de autores que discutem a questão da reconstituição do concreto no pensamento em busca das determinações dos fenômenos. Está estruturada em três partes: a primeira realiza sintética apresentação da trajetória pessoal, intelectual e política do autor em estudo, situa Pannekoek em seu tempo por meio da apresentação do contexto sociopolítico e econômico em que viveu e atuou, além de expor contextual e analiticamente os quatro processos históricos que serviram de base empírica para as suas formulações; a segunda apresenta a crítica de Pannekoek às ortodoxias social-democrata e bolchevique e ao fenômeno burocrático no Estado e nos partidos e sindicatos de trabalhadores; a terceira apresenta as proposições de Pannekoek em termos de organização política dos trabalhadores. Ao final, considera que as ideias de Pannekoek expressaram uma recusa consciente, não utópica, das consequências da divisão social em classes antagônicas; que as alternativas por ele formuladas são viáveis por se basearem em sólida visão científica da vida dos seres humanos em sociedade e da realidade material; que a degeneração burocrática dos sindicatos e dos partidos socialistas e comunistas somente pode ser superada pela ação autônoma dos trabalhadores para criar formas novas e próprias de organização e de expressão política; considera ainda que parte das suas análises foi fruto de condições que desapareceram e, por isso, parcela das proposições formuladas apresentam insuficiências para serem aplicadas atualmente. Do balanço geral entre vida e obra conclui que Pannekoek foi um teórico inovador na tradição marxista e que boa parte de suas contribuições continuam válidas para se pensar criticamente não apenas partidos e sindicatos, mas a sociedade como um todo – especialmente pelo valor que atribuiu aos elementos subjetivos e culturais nas lutas sociais e de classes, pela capacidade de teorizar o fim das classes com base na liberdade e na igualdade dos produtores diretos

sem abrir mão da coerência e pela confiança que demonstrou na capacidade dos seres humanos para superar obstáculos e instaurar um sistema social menos injusto e desumano.

Palavras-chave:

PENSAMENTO SOCIAL – ANTON PANNEKOEK – TEORIA – ORGANIZAÇÃO POLÍTICA – MARXISMO – CONSELHISMO

ABSTRACT

This dissertation is about the Anton Pannekoek's – a Dutch scientist and theorist (1873-1960) – contribution to the analysis about two forms of political organization: workers' parties and labor unions. The aim is to derive concepts and analytical elements to develop an autonomist political theory; to discuss the relationship between leaders and followers, like an aspect from the social work division; to emphasize the importance that Pannekoek attached to subjectivity and awareness for the social conflicts and go into to the author's theory to check which is his perception about the relationship between the workers' everyday and their parties and labor unions. In order to decipher the author's production and thought, this dissertation takes as a basis the dialectical method and holds on many other authors who discuss the concrete reconstruction into the mind to find the determination of the events. It is structured in three parts: the first makes a short presentation of Pannekoek's personal, intellectual and political life and also presents the social, political and economic context in which he lived and develops his theories; the second part presents his criticism of the orthodoxy, bolshevism and the bureaucracy into the political parties and trade unions; the third part presents his formulations about the workers' political organization. Finally it considers that Pannekoek's ideas expressed an aware (unutopian) refuse of the consequences from the social division in antagonistic classes; besides it considers that his proposals are viable because they are based on a scientific observation of people's life in society and their materiality; to overcome the degeneration of the Socialists and the Communists parties and the labor unions it will be required the independent action of workers in order to create new means of organization and political expression; it also considers that part of the Pannekoek's propositions can't be applied nowadays, because they are a result from many circumstances which don't exist anymore. In conclusion Pannekoek is presented as an innovative theorist from Marxist tradition whose contributions are just now available to analyze not only parties and trade unions, but even the whole society. The highlight of Pannekoek is especially because he valued the cultural and subjective aspects of social and class-conflicts, besides at same time he always trusted that the human being has the stuff to build a society free of injustice and inequality.

Keywords:

SOCIAL THOUGHT - ANTON PANNEKOEK - THEORY - POLITICAL ORGANIZATION - MARXISM - COUNCIL

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE ANTON PANNEKOEK	19
2.1 Biografia e trajetória intelectual	19
2.1.1 Das origens à adesão ao marxismo (1873-1899)	19
2.1.2 A fase social-democrata: participação e dissidência (1899-1914) ..	24
2.1.3 A ruptura com o marxismo ortodoxo (1914-1921)	48
2.1.4 Transição e crítica filosófica (1921-1943)	66
2.1.5 Posições de um marxista na maturidade (1943-1960)	84
2.2 Pannekoek em seu tempo: espectador e ator	98
2.2.1 O contexto germano-holandês	98
2.2.2 Entre guerras e revoluções	112
3 CRÍTICA DAS FORMAS ORGANIZATIVAS TRADICIONAIS ..	131
3.1 Crítica do modelo social-democrata	131
3.2 Crítica do modelo bolchevique	142
3.3 Crítica das burocracias: estatal, partidária e sindical	154
4 AFIRMAÇÃO DAS FORMAS ORGANIZATIVAS DO PORVIR .	170
4 Formas de luta e formas de organização	170
4.2 Formas alternativas a partidos e sindicatos	184
4.3 Forma Conselhos	198
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	220

1 INTRODUÇÃO

Os estudos e pesquisas voltados ao tema das formas organizativas que os trabalhadores construíram desde a primeira metade do século XIX – a forma *partido* e a forma *sindicato*, continuam revestidos de atualidade e justificam permanentes investigações que as tomam por objeto.¹

Na história do movimento dos trabalhadores, o debate teórico e de concepções em torno de ambas as formas remonta à longa data, e seu conhecimento fornece fontes valiosas de categorias de análise e conceitos com forte potencial explicativo não somente para estudiosos das ciências humanas e sociais em geral, mas igualmente para todos os que pretendem compreender o funcionamento complexo da sociedade atual.

Dois fatores combinam-se contraditoriamente para recolocar a centralidade das pesquisas voltadas à necessidade de captar – e, ao conseguir captar, esclarecer e explicar – o sentido da evolução das formas organizativas dos trabalhadores: por um lado, o reconhecimento estatal que aponta para o fortalecimento de tais formas como instituições integradas à ordem vigente; por outro, a alegada crise de ambas as formas se considerada a participação dos trabalhadores em sua construção cotidiana.

Para contribuir no esclarecimento dessa aparente contradição prática e teórica – fortalecimento jurídico-estrutural (formal) e esvaziamento social (concreto) – faz-se incontornável investigar o período histórico em que partidos e sindicatos operários atingiram o auge em suas capacidades de expressarem institucionalmente os interesses proletários antes de sua incorporação/assimilação pelo metabolismo do capital. Tal período está claramente situado na Europa da primeira metade do século XX em função da amplitude que a influência das internacionais operárias, diferenciadas pelos epítetos de “socialista” e “comunista”, alcançou nas sociedades dos países da região.

Foi por intermédio tanto das ações externas quanto dos debates internos levados a cabo pelo movimento operário e socialista europeu,

¹ Constituem exemplos de que a pesquisa sobre sindicatos e partidos sempre se renova: a legalização das centrais sindicais pelo governo federal em abril de 2008 e a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em outubro de 2007, no sentido de que os mandatos pertencem aos partidos e não aos candidatos (cf. respectivamente BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008 e FOLHA ONLINE, 2008).

num rico processo de lutas sociais e de classe, teóricas e práticas, nacionais e internacionais, locais e gerais, em suma, por agudos conflitos sociais práticos, que foi se forjando a consolidação dessas instituições e amadurecendo a sua crítica em termos de pensamento político.

É nesse contexto e de seu interior que surge a crítica de conjunto a tal processo de assimilação de partidos e sindicatos elaborada pelo holandês Anton Pannekoek (1873-1960). Astrônomo reconhecido internacionalmente,² foi como teórico marxista que Pannekoek conseguiu captar em perspectiva e transformar em teoria o processo pelo qual passou o movimento dos trabalhadores europeus e suas organizações e que se repetiu posteriormente em todos os continentes.

Com essa base, este trabalho está delimitado pela investigação da contribuição teórica de Anton Pannekoek no campo das formas organizativas que o movimento dos trabalhadores assumiu historicamente antes, durante e depois das tentativas de transformação social de orientação anticapitalista levadas a cabo na Europa da primeira metade do século XX. Espera-se, desse modo, extrair conceitos que possam fundamentar uma análise crítica atualizada das formas de organização consagradas desde então pela tradição que se convencionou chamar marxista e, ao mesmo tempo, articular tal crítica com a afirmação de novas formas de organização política dos trabalhadores pensadas pelo mesmo autor.

Dada essa delimitação, o problema de pesquisa formulado inicialmente foi se, segundo a concepção pannekoekiana, a forma *partido* e a forma *sindicato* podem na atualidade cumprir alguma função na hipótese da ocorrência de lutas sociais dos trabalhadores (consideradas como um processo de transformação social orientado para o comunismo) ou se, pelo contrário, dada sua absorção pelo metabolismo do capital já de longa data, apenas lhes restam as funções de administração, conservação e perpetuação da ordem capitalista.

O objetivo geral é apresentar o pensamento político de Pannekoek referente à análise que realizou das formas organizativas utilizadas pelo socialismo clássico e verificar se a crítica que apresentou mantém-se válida, bem como analisar as alternativas que elaborou. Esse objetivo geral desdobra-se em objetivos específicos, tais como: identificar elementos para uma teoria política da autonomia a partir da

² Doutor *honoris causa* pela Universidade de Harvard (EUA), premiado pela *American Astronomical Society*, tendo recebido em 1951 a medalha de ouro da *Royal Astronomical Society* da Inglaterra, segundo Bricianer (1975, p. 10).

crítica das formas de organização tradicionalmente utilizadas pelo movimento dos trabalhadores – partidos políticos e sindicatos; verificar os conceitos/categorias de análise utilizados, criticados e construídos pelo autor em estudo na sua conexão com a obra marxiana; discutir a relação dirigentes/dirigidos como aspecto da divisão social do trabalho, destacando a forma como Pannekoek propõe a sua superação; identificar se, na reflexão de conjunto produzida pelo autor sobre as formas de organização política, podem se encontrar especificidades, problemas e fatores limitadores com potencial para comprometer sua validade e atualidade; destacar o tratamento dado por Pannekoek para o papel exercido pela subjetividade e a consciência de classe nas lutas sociais anticapitalistas; e aferir o desenvolvimento argumentativo do autor em tela na apresentação da contradição sindicatos/partidos *versus* cotidiano dos trabalhadores.

A metodologia utilizada para proceder à leitura e interpretação do pensamento e dos escritos de Pannekoek está fundada no método dialético ancorado numa seleção de autores que discutem a questão da reconstituição do concreto no pensamento em busca das determinações dos fenômenos, tanto a determinação fundamental quanto as demais. Os princípios marxianos relativos à forma pela qual se realiza a atividade humana frente à matéria, revelando o processo contraditório de formação e transformação dos conceitos abstratos, da forma como aprofundados por Dietzgen (1975; 1976), constituem o ponto de partida e a fonte de recursos teórico-metodológicos deste trabalho.³

Considerando tratar-se de autor pouco conhecido no Brasil,⁴ embora sua vida tenha coincidido com todas as fases da história do movimento operário moderno,⁵ a pesquisa está estruturada em três capítulos.

Na primeira parte do primeiro capítulo, fez-se necessário realizar sintética apresentação da trajetória pessoal, intelectual e política do autor em estudo, subdividindo-a em cinco períodos de acordo com a sua

³ Além dos trabalhos de Dietzgen, incluem-se os apontamentos dispersos de Marx (2007; 1985; 1989), e as contribuições de Korsch (2008), Rosenberg (1989) e Viana (2007).

⁴ Esse desconhecimento vai além das fronteiras brasileiras, pois, salvo em momentos excepcionais, o estudo das obras de Pannekoek nas últimas décadas limitou-se a círculos restritos. Segundo Bricianer (1975, p. 7), o “espesso manto de silêncio que caiu sobre sua obra” deve-se à vinculação estrita de seu pensamento com a causa da revolução comunista, nele não se encontrando citações estereotipadas, ambiguidades ou vinculação aparente com quaisquer Estados ou tendências políticas organizadas.

⁵ Segundo MATTICK (2006), essas fases dividiram-se em **aparecimento** (como movimento de protesto social), **transformação** (como movimento de reforma social) e **eclipse** (como movimento de classe independente na contemporaneidade).

relação com a teoria marxista e o movimento operário e socialista: do nascimento à adesão ao marxismo expresso pelo seu ingresso no SDAP (seção holandesa da II Internacional) em 1899; a sua fase social-democrata até 1914; o período de proximidade e desilusão com o bolchevismo, que se encerrou em 1921; a fase de proximidade com a corrente conselheira e de elaboração da crítica filosófica e de princípios ao marxismo ortodoxo até 1943; e a fase de maturidade que se inicia desde então até a sua morte em 1960.

A segunda parte do primeiro capítulo, também subdividida em duas partes, é dedicada a situar Pannekoek em seu tempo por meio da apresentação do contexto sociopolítico e econômico em que viveu e atuou. Começando pelos únicos países nos quais residiu – a Alemanha e a Holanda de meados do século XIX até meados da segunda década do século XX –, apresenta-se a formação do movimento operário e socialista nesses dois países, a criação das respectivas organizações partidárias e sindicais, os principais dirigentes e os debates decisivos. A seguir, na segunda subseção do capítulo primeiro, passa-se à exposição contextual e analítica dos quatro processos históricos-chaves na trajetória de Pannekoek. As revoluções de 1905 e 1917 na Rússia, a Primeira Guerra Mundial e a revolução alemã de 1918 forneceram a base empírica de onde Pannekoek partiu para suas reflexões e deduções, numa atitude de acompanhamento engajado.

Vale destacar que o modelo adotado de exposição de tais acontecimentos orienta-se, por um lado, para extrair os processos internos – deixando os detalhes em segundo plano – de modo a se poder captar o processo que deu forma desenvolvida a instituições e organizações, e, por outro, para sua inserção num quadro de totalidade sem ignorar especificidades. A perspectiva totalizante aqui se relaciona com as lutas sociais e de classes.

Ao longo do primeiro capítulo, e sempre que possível e cabível, de todo o trabalho, procura-se enfatizar menos o aspecto historiográfico e factual do período e mais os debates políticos e as aceras polêmicas teóricas travadas no interior do movimento socialista que os acontecimentos em tela ensinaram (polêmicas e debates nos quais Pannekoek envolveu-se intensa e profundamente, em quantidade e qualidade). A razão de tal opção deve-se a que ela possibilita a extração de novos conceitos e novas categorias analíticas distintas do que até então se conhecia como o “marxismo ortodoxo”, seja a ortodoxia da II Internacional, seja a ortodoxia que a sucedeu como nova interpretação “oficial” do marxismo, o chamado “marxismo da III Internacional” – rapidamente cindido em “stalinismo” e “trotskismo”.

No segundo capítulo, é apresentada a crítica de Pannekoek às ortodoxias social-democrata e bolchevique, dado que de ambas as críticas se pode extrair um terceiro campo de críticas: o das organizações já assimiladas pelo capitalismo cuja expressão maior se concentra na transformação de sindicatos e partidos em colossais burocracias e aparelhos de poder com um corpo de interesses próprios e contrários aos dos trabalhadores. Esse conjunto articulado de três críticas fornece-nos um enfoque sociológico atualizado que permite captar em movimento o sentido da evolução dessas organizações partidárias e sindicais.

A apresentação de uma visão panorâmica que identifique os traços normativos/constitutivos/propositivos em Pannekoek, na sua relação com o futuro do movimento socialista, bem como sua visão da nova sociedade, são os pontos centrais do terceiro capítulo. Conectado a esse, a demonstração de que tais proposições, de acordo com as bases de seu pensamento e na perspectiva da substituição revolucionária do capitalismo, segundo Pannekoek, não se constituem formas novas concebidas como complemento às já existentes mas em substituição a elas. Essa parte expõe os elementos que ainda faltavam para a compreensão das razões pelas quais Pannekoek estruturou uma análise sobre partidos e sindicatos que apontou para a irreversibilidade da crise de tais formas.

Por fim, nas considerações finais, discute-se a validade ou não do pensamento pannekoekiano para os tempos atuais, no tocante ao seu modelo teórico de organização política, um modelo que une luta revolucionária e liberação das capacidades subjetivas. Tal modelo é entendido como concepção que projeta o surgimento do novo como possibilidade histórica viável, caso seja dada a ocorrência de determinadas variáveis e de certas condições concretas surgidas do processo de lutas autônomas, conscientes e generalizadas dos trabalhadores. Essas variáveis e condições relacionam-se a uma forma de atividade individual e coletiva fundada numa unidade dialética e livre entre espontaneidade e organização, pensamento e ação, desenvolvimento das capacidades subjetivas em nível individual e em nível coletivo, para que a libertação da classe seja uma autolibertação, ao mesmo tempo material e mental.

As traduções das citações contidas neste trabalho são de autoria do autor, salvo se mencionado o tradutor.

2 FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE ANTON PANNEKOEK

2.1 BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA INTELECTUAL ⁶

2.1.1 Das origens à adesão ao marxismo (1873-1899)

Anton Pannekoek nasceu em 02 de janeiro de 1873, em Vaassen, vilarejo de Gelderland, uma das províncias agrícolas holandesas mais pobres e atrasadas. Foi o segundo de quatro filhos do casal Johannes Pannekoek (1825-1916) e Wilhelmina Dorothea Beins (1842-1920). Ele, politicamente um liberal que se professava progressista e livre pensador, de origem camponesa, pôde ascender social e economicamente graças ao aprendizado autodidata das noções essenciais da contabilidade empresarial que lhe permitiu passar da condição de empregado qualificado de fábrica para a de diretor de uma pequena fundição em Vaassen. Ela, parteira, originária da pequena burguesia rural, sem refinamento cultural, mas independente economicamente.

Essa confortável base material de camada média de seus pais, consolidada antes mesmo do casamento, foi que permitiu ao jovem Anton, a seu irmão Frederik Adolf (1869-1955) e a suas duas irmãs, Johanna Hendrika (1876-1927) e Geertruida (1880-1971) receberem uma formação educacional de bom padrão, conforme desejo paterno.

A vocação de cientista se manifestaria desde muito cedo quando, por volta dos doze anos, o jovem Anton mostrou elevado interesse pela observação da natureza. Durante o dia, contemplando as paisagens naturais, amante que era de longos passeios pelos bosques à procura de plantas e insetos para colecionar e, durante a noite, contemplando com êxtase a Via Láctea, iniciava sua exploração do céu. Durante toda a sua vida, Pannekoek sempre foi acometido por um sentimento de exaltação íntima e compenetração, de um genuíno gozo espiritual diante daquilo que contemplava – de flores a crepúsculos.

Dotado de temperamento esquivo e reservado, com uma inteligência reflexiva, vivaz e brilhante, preferia se fechar no estudo científico da botânica, da zoologia e sobretudo da astronomia. No entanto, também o atraía a leitura de obras históricas e filosóficas.

⁶ As informações biográficas deste capítulo foram extraídas de APPEL e outros (2007), BRENDÉL (2006), BRICIANER (1975), MALANDRINO (1987) e MATTICK (2006).

De 1885 a 1891, Anton Pannekoek frequentou a escola na cidade de Apeldoorn, período em que entrou em contato com os problemas e as teorias sociais por meio dos manuais escolares, embora suas atenções estivessem concentradas nos problemas das ciências naturais. Iniciou então uma relação íntima, existencial, entre o adolescente Anton e a observação, não mais interrompida, do universo extraterrestre. Foi um interesse em um primeiro momento amador, mas que se tornou cada vez mais metodicamente organizado por meio de séries de observações meticulosas e pacientemente anotadas com ajuda de esboços, cálculos e densas descrições.

Em 1896, já na cidade de Leida, Pannekoek concluiu seus estudos universitários e teve a possibilidade, durante e após a conclusão do curso, de entrar em contato com numerosos astrônomos e sociedades amadoras alemãs, inglesas e russas. Ele vivenciou um ambiente acadêmico que expressava a integração profunda da comunidade científica da Holanda com a da Europa e que, em muitos aspectos, aquela se encontrava na vanguarda.⁷

No início do século XX, em suas pesquisas e estudos experimentais sobre o espectro estelar e as cores das constelações, considerado o campo de interesses de um jovem astrônomo e naturalista, Pannekoek recebeu reconhecida influência do positivismo por meio da leitura das obras do físico e fisiologista alemão Hermann Ludwig von Helmholtz (1821-1894). Não apenas por ser este um inovador no âmbito da termodinâmica e da ótica, mas também por sua postura obstinada em prol da validade do método das ciências naturais para a constituição unitária do saber. Helmholtz trouxe da teoria Kantiana do conhecimento o ensinamento de que as formas de observação do mundo são determinadas pelo que o mundo é e também pela natureza de nosso espírito, sublinhando sua importância para a pesquisa nas ciências naturais.

Vale ressaltar que o jovem Pannekoek tinha conhecimento das doutrinas evolucionistas de Charles Darwin e Herbert Spencer, dos questionamentos levantados pelo físico Ernst Mach (1838-1916), que

⁷ Entre as relações travadas pelo jovem astrônomo, podem-se encontrar: o grande astrônomo holandês J.C. Kapteyn (1851-1922), professor na cidade de Groninga e fundador do laboratório astronômico local, que concluiu na época estudos inovadores sobre a estrutura da Via Láctea; ter frequentado, em Leida, os cursos universitários ministrados pelo físico Hendrix Anton Lorentz (1853-1928), um dos primeiros teóricos da teoria eletrônica da matéria, autor de um estudo que se constituiu no precedente imediato da teoria da relatividade, que exerceu forte e reconhecida influência sobre Pannekoek no campo gnoseológico e na sua visão da ciência como fonte de todo o progresso (cf. MALANDRINO, 1987, p. 17).

contribuíam para a crítica do determinismo causal, típico do materialismo mecanicista que caracterizou as ciências naturais na segunda metade do século XIX, e das reflexões do físico Jules-Henri Poincaré (1854-1912), as quais aplicou em seu âmbito de pesquisa no tocante às implicações do novo significado convencional e relativo de lei casual.

Precocemente Pannekoek procurou afastar-se da concepção tradicional da astronomia de então – meramente mecânico-gravitacional e prática – orientando-se na direção das pesquisas sintonizadas com as mais recentes aquisições científicas de sua época. Isso significou apoiar-se nas descobertas da física (ótica, termodinâmica e termologia, eletromagnetismo) e na introdução de tecnologias avançadas (fotografia e a espectroscopia), que tornaram possível levantar questões sobre a constituição físico-química dos corpos celestes: massa, composição da atmosfera estelar, temperatura, etc.

Nesse sentido, as pesquisas astronômicas do jovem Pannekoek tomaram por objeto as estrelas binárias (estrelas compostas por dois astros que giram em torno de um centro de gravidade comum), refletindo seu alinhamento com uma astronomia que gravitava em torno da astrofísica, um campo novo do conhecimento. A seriedade de seus trabalhos foi reconhecida pela Academia Real holandesa das ciências que, em 1897, publicou um deles, relativo à variação de luminosidade da estrela β (beta) de Lira.

De 1896 a 1899, Pannekoek efetuou também diversas operações geodésicas na qualidade de adido à comissão real holandesa para a medição do meridiano. Em suma, foi toda uma juventude dedicada aos estudos das ciências naturais, coerente com sua convicção profundamente enraizada na capacidade da ciência de permitir à humanidade ampliar o entendimento e o conhecimento do mundo.

No campo que nos interessa mais diretamente abordar – o Pannekoek político –, suas primeiras ideias expressaram uma continuidade instintiva do liberalismo progressista, aberto e reformador de seu pai que, na Holanda da década de noventa do século XIX, levou-o a se identificar politicamente com as ideias do economista e homem de Estado Nicolas Gerard Pierson (1839-1909).⁸

⁸ Conhecedor do pensamento de Pierson, por meio da leitura do seu “Princípios fundamentais de economia política”, obra de qualidade e de fôlego científicos na qual Pierson, influenciado por John Stuart Mill (1806-1873), aderiu aos princípios de um liberalismo sensível a uma distribuição da riqueza mais igualitária e admitia formas brandas de intervenção estatal na economia. Pierson aplicou tais princípios durante os dez anos (1891-1901) em que esteve à frente primeiro do ministério das finanças e depois do governo holandês, procedendo à reforma

Da leitura de Pierson, Pannekoek reteve as noções teóricas e históricas, o conhecimento de grandes teóricos liberais do livre comércio como Cobden, Bright e Say, e o espírito liberal inspirado pelo utilitarismo inglês e pela reflexão de Mill. Tornou-se nítida a adesão de Pannekoek ao liberalismo progressista. É o próprio Pannekoek quem nos fornece a síntese dessa fase de sua vida na seguinte passagem autobiográfica:

No exame final (à escola superior) exibí uma preparação mais ampla e, encorajado pelos acenos de aprovação do examinador, expus com grande convicção a ideia que o comunismo certamente poderia conduzir à igualdade, mas na mais profunda miséria. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 21).⁹

Foi apenas a partir de 1898, quando Pannekoek conseguiu ser nomeado adido junto ao observatório astronômico de Leida, o que lhe permitiu prosseguir seus estudos no curso de doutorado em astronomia junto à universidade, pois fixara residência nessa cidade, que se pôde detectar a evolução de seu pensamento e sua adesão prática ao marxismo.

Coerente com sua concepção de mundo liberal dessa fase de sua vida, Pannekoek chegou a Leida disposto a se comportar dentro do que o padrão “classe média” esperava de alguém que ocupava um posto importante. Tornou-se sócio do círculo eleitoral liberal local e passou a frequentar o clube, que era equipado com biblioteca e sala de leitura. Para além das impressões negativas que a convivência com os burgueses pudessem ter lhe causado, foram dois fatos aparentemente fortuitos que contribuíram para a viragem ao socialismo.

O primeiro foi a assistência a um debate na sala de leitura do clube, dentre os muitos que lá se realizavam, por um dos convidados – um jovem e inflamado social-democrata de nome Willem de Graaff (1873-1959) – que motivou Pannekoek a um estudo mais aprofundado e a dedicar maior atenção à temática social.

O segundo, algum tempo depois e mais significativo do ponto de vista intelectual, foi a leitura da tradução holandesa do famoso livro “Igualdade”, de Edward Bellamy (1850-1898), o qual permitiu a

do sistema tributário holandês por meio da introdução de um tímido critério progressivo e tentando igualar os ingressos de natureza direta e indireta. Por causa da reação conservadora a tais medidas, Pierson não conseguiu mais se reeleger para o parlamento em 1902. Pierson declarava-se adversário dos socialistas, porém não era favorável a reprimi-los.

⁹ All'esame finale (delle scuole superiori) esibí una preparazione più ampia e, incoraggiato dai cenni di approvazione dell'esaminatore, esposi con grande convinzione l'idea che il comunismo avrebbe potuto certamente condurre all'eguaglianza, ma nella piú profonda miséria.

Pannekoek descobrir a primeira crítica materialista das teorias econômicas burguesas. Os efeitos desse processo foram assim descritos por seu biógrafo:

[...] Pannekoek tinha dentro de si uma notável quantidade de dúvidas não resolvidas sobre as próprias superficiais convicções juvenis, sociais e políticas, que o empurravam na direção de uma mudança. [...] A leitura de Bellamy tinha-lhe feito conhecer o manto ideológico que revestia a luta entre as classes [...] aquela crítica tinha erodido nele as bases do liberalismo progressista que, até então, tinha aceitado sem discutir. [...] Durante a primavera de 1899 um sentimento de repulsa total para com as teorias liberais, que tinha aceitado anteriormente, provocou em Pannekoek um revolvimento interior, que se prolongou de modo extremamente intenso por todo o mês de junho. Pannekoek sentiu desenvolver em seu ânimo uma pungente luta ideal, da qual não mais obstaculizou o curso, alias, à qual deu um novo alimento com a leitura e a meditação noturna sobre literatura socialista que tinha procurado sob o aconselhamento de De Graaf. Toda tentativa de reconciliação com a fé liberal, que o jovem Anton esforçava-se em justificar recorrendo ainda à autoridade dos principais filósofos e economistas, resultou em vão e ele sentia “que a causa já estava decidida” (MALANDRINO, obra citada, p. 25-27).¹⁰

Assim, como resultado de uma forte crise intelectual e moral é que ele decidiu, em julho de 1899, aderir à social-democracia. Esse fato tornou-se público em novembro do mesmo ano quando participou de um debate público organizado pelo clube liberal e nele defendeu com vigor as ideias socialistas para espanto e consternação de todos que o conheciam (seu pai, colegas acadêmicos, notáveis políticos liberais locais e amigos), que passaram a considerá-lo um traidor ideológico.

No decorrer de aproximadamente um ano, a indignada desorientação inicial do jovem cientista que enxerga a perversidade e as injustiças do mundo evoluiu inicialmente para uma crítica materialista –

¹⁰ [...] Pannekoek avesse dentro di sé una notevole quantità di dubbi irrisolti sulle proprie superficiali convinzioni giovanili, sociali e politiche, che lo spingevano in direzione di un cambiamento. [...] La lettura di Bellamy gli aveva fatto conoscere il manto ideologico che rivestiva la lotta fra le classi [...] quella critica aveva eroso in lui le basi del progressismo liberale che, fino ad allora, aveva accettato senza discutire. [...] Durante la primavera del 1899 un senso di repulsione totale verso le teorie liberali, che aveva precedentemente accettato, innescò in Pannekoek un rivolgimento interiore, che si protrasse in modo estremamente intenso per tutto il mese di giugno. Pannekoek sentì svolgersi nel suo animo un'aspra lotta ideale, di cui non ostacolò più il corso, anzi vi diede nuovo alimento con la lettura e la meditazione notturna sulla letteratura socialista che, consigliato da De Graaff, si era procurato. Ogni tentativo di riconciliazione con le fedi liberali, che nonostante tutto il giovane Anton si sforzava di giustificare ricorrendo ancora all'autorità dei filosofi ed economisti, risultò vano ed egli sentiva “che la causa era ormai decisa”.

porém genérica – da sociedade e da história. Mediante conceitos como os de interesse econômico, produção e classes, essa crítica sobrepujou a concepção liberal e paternalista centrada na comunhão dos interesses de todo o povo e a fez aparecer como uma ideologia de uma classe que tinha como principal finalidade consolidar e perpetuar seu domínio.

Posteriormente, em função da dedicação, perseverança e rigor com que se lançou ao estudo aprofundado de outros textos da literatura socialista,¹¹ conseguiu apropriar-se do método e das doutrinas do marxismo da II Internacional – o marxismo ortodoxo da virada do século XIX para o século XX. Apresentou, no entanto, as primeiras e significativas peculiaridades que o distinguiram no interior dessa vertente, notadamente em relação ao objetivismo, dogmatismo e positivismo predominantes, embora nesse momento isso não tivesse significado contrapor-se às tentativas de estabelecer uma concepção científica do socialismo.

Com sua adesão à social-democracia, tem início uma nova fase em sua trajetória, na qual, embora continuasse com sua profissão e os estudos astronômicos, as atividades políticas foram preponderantes até pelo menos 1914 e, entre 1906-1914, únicas.

2.1.2 A fase social-democrata: participação e dissidência (1899-1914)

As primeiras atividades de Pannekoek após sua adesão ao Partido Operário Social-Democrata (SDAP)¹² e até sua partida para Berlim, em 1906, foram na então recém-criada seção do partido da pequena cidade holandesa de Leida, à época caracterizada como famoso centro de cultura científica que se transformava naquele momento também em

¹¹ Malandrino (obra citada, p. 36-40) revela-nos alguns aspectos relevantes para compreender a formação da consciência socialista de Pannekoek: 1) a percepção da divisão da sociedade em duas classes com interesses antagônicos, e sua luta inconciliável, tornou-se para ele a categoria interpretativa por excelência da realidade social e mola de todo progresso humano; 2) A orientação recebida em termos de economia marxista pelo intelectual Frank van der Góes (1859-1939), livre docente de economia na Universidade de Amsterdã e principal difusor do marxismo na Holanda, responsável pela tradução do Livro I de “O Capital”, em holandês, além de bastante vinculado à experiência da social-democracia alemã e à concepção do marxismo como exposta, sobretudo por Kautsky, nos anos oitenta e noventa do século XIX; 3) O estudo direto das obras da maturidade de Engels, bem como das obras econômico-históricas de Marx e de contribuições como a do italiano Antonio Labriola.

¹² Neste trabalho, para partidos e organizações políticas adotou-se o critério de traduzir para o português tão somente a denominação por extenso, mantendo-se a sigla no idioma estrangeiro.

polo industrial, especialmente nos setores têxtil-algodoeiro, metalúrgico e da produção de cerveja. Contrastando com o predomínio de uma classe política conservadora local, o partido – ausente da cena política – almejava politizar o proletariado da cidade, nitidamente mais atrasado do que aquele de tradicionais distritos industriais, como Roterdã ou Twente.

A atuação de Pannekoek dividiu-se entre dois eixos: um conjunto de iniciativas políticas por um lado e o envolvimento nas primeiras polêmicas teóricas por outro. Embora seus primeiros escritos na imprensa do partido tenham sido breves artigos abordando temas econômicos (o que poderia indicar uma atenção inicial para a economia marxista), suas mais importantes contribuições concentraram-se em problemas filosóficos ligados ao debate sobre a “crise do marxismo”.

O reduzido núcleo do SDAP de Leida beneficiou-se grandemente de suas contribuições. Num ambiente partidário que procurava fazer da seção local um centro propulsor de iniciativas políticas e culturais, e no qual rapidamente seus integrantes colocaram-se na ala esquerda do partido, Pannekoek distinguiu-se como marxista intransigente que procurava cumprir o objetivo de politização do proletariado por meio da adesão e aplicação rigorosa das diretrizes e dos princípios programáticos. Tal atitude lhe valeu ser repreendido – inicialmente por Troelstra¹³ e posteriormente por Kautsky – por querer subverter os programas e a tática estabelecida nos congressos e por se inclinar para posições extremistas.

No campo das iniciativas políticas, de novembro de 1899 a março de 1900, Pannekoek começou por colocar seu preparo científico a serviço do objetivo de elevação cultural do proletariado, ao ministrar um curso de divulgação das ciências naturais em articulação com a evolução histórica e social. Mesmo correndo riscos de ter problemas com a burocracia municipal, politicamente conservadora, forneceu seu endereço funcional para recebimento das contribuições à campanha eleitoral do partido. Foi orador em atos públicos pelo voto universal, além de ajudar a organizar eventos diversificados que contaram com a presença de políticos e teóricos de peso internacional – a exemplo da palestra do dirigente belga Emile Vandervelde relatando a experiência de organização de greves de massa pelo sufrágio universal na Bélgica; da conferência seguida de debate proferida por Kautsky sobre a questão agrária; da discussão sobre a visão de mundo da social-democracia por

¹³ Redator-chefe do jornal diário do partido, deputado e líder da bancada no parlamento.

Herman Gorter em janeiro de 1900; e da presença de Frank van der Góes num comício em novembro de 1899.

No campo das polêmicas teóricas, Pannekoek notabilizou-se como o “representante” do marxismo na cidade em função de sua participação nos debates públicos organizados por outras forças político-culturais. Nessas ocasiões, além de revelar talento para a polêmica oratória, ele sustentou a concepção de que o socialismo seria fruto da luta de classes, do proletariado contra a burguesia, e não de um sentimento humanitário ou da evolução geral dos tempos, como sustentavam as concepções neokantianas ou mesmo meramente evolucionistas.¹⁴

¹⁴ A familiaridade com as polêmicas iniciou com o debate sobre o revisionismo filosófico, em 1899, no qual a pretensão dos neokantianos de integrar ou mesmo substituir Marx com/por Kant colocou na ordem do dia para Pannekoek refutar a posição de Bernstein sobre a impossibilidade científica do socialismo (aspecto considerado pelo holandês como o principal da iniciativa revisionista). Até a partida para Berlim, Pannekoek envolveu-se nas seguintes polêmicas: 1) em 1901, com o teólogo e filósofo místico-idealista holandês, Johannes Diderik Bierens de Haan (1866-1943), o qual exerceu grande influência na cultura holandesa, sobretudo no período do primeiro pós-guerra. O centro da polêmica residiu na teoria do conhecimento do materialismo dialético. Bierens de Haan sustentava que o espírito era o criador da matéria, o verdadeiro ente ativo que produzia o conhecimento do mundo, das artes e da vida. Questionava os fundamentos do materialismo como “método de pesquisa histórica”, afirmando que a essência humana era psicológica e, por isso, o estudo da história deveria ser embasado na interação psicológica entre indivíduo e sociedade, colocando as condições materiais em plano secundário às espirituais. Na resposta que elaborou, Pannekoek apresentou com nitidez e sinteticamente o que o materialismo histórico sustentava sobre a atividade do espírito, baseado no monismo filosófico de Dietzgen, distinguindo-se da tendência objetivista do marxismo que abordava a relação entre espírito e matéria de modo mais mecânico e determinista. Pannekoek atacou formalmente as concepções místicas, sobrenaturais e religiosas do espírito, das quais Bierens de Haan foi portador; 2) em 1902 foi a vez do teólogo protestante e simpatizante da social-democracia Sijbe Cornelis Bakker (1875-1918), que pretendia conciliar religião e socialismo, por isso o centro da polêmica girou em torno da discussão entre materialismo histórico e religião; 3) também em 1902, e sobre a mesma temática da relação entre socialismo e religião, Pannekoek foi convidado por Kautsky, por intermédio de Gorter, a rebater as concepções do teólogo alemão Paul Gohre (1864-1924), que se tornaria mais tarde deputado do SPD, em outra tentativa de conciliar religião e socialismo; 4) em seguida, debateu contra a tese do socialista inglês e neokantiano Ernest Belfort Bax (1854-1926), que criticou a afirmação de Pannekoek, segundo a qual a nova ordem socialista superaria toda a ciência e os resultados do moderno pensamento filosófico burguês. Belfort Bax sustentou que Pannekoek não considerou devidamente a contribuição desses pensadores. Em resposta, o holandês esclareceu que não desprezava tais contribuições e resultados, mas que a contradição entre a cultura burguesa e a socialista era similar à existente entre a ordem social burguesa e o socialismo; 5) Finalmente, em 1905, a mais importante delas projetaria de vez Pannekoek no cenário internacional, além de fornecer a ele a oportunidade de completar seu confronto filosófico com o historicismo neokantiano expresso pelo pensamento de Wilhelm Windelband (1848-1915), Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Heinrich Rickert (1863-1936). Foi por ocasião da análise do importante escrito de Max Adler (1873-1937), de 1904, intitulado “causalidade e teologia na luta pela ciência”, obra em que seu autor se esforçava para apresentar a solução

Sempre atento ao debate filosófico no seio da social-democracia holandesa e alemã, e contrário à combinação entre marxismo e neokantismo, também vale destacar como traço presente em muitas das polêmicas em que holandês se envolveu a determinação de não adular o marxismo por meio de uma mediação religiosa dos conflitos sociais, tornando-o desse modo uma caricatura de teoria revolucionária.

Esse conjunto de iniciativas deu origem a duas organizações populares que traduziam avanços reais na aplicação do programa partidário. A *vereeniging voor algemeen kiesrecht* (união pelo voto universal) foi fundada em janeiro de 1900 e era integrada por sindicalistas, feministas e uma pequena parte de liberais progressistas, que aceitavam o princípio democrático da ampliação do voto. E, para reforçar a estrutura cooperativista existente no país, surgiu em novembro do mesmo ano a *Leidsche Cooperative Broodbakkerij en Verbruiksvereeniging* (cooperativa de produção e de consumo dos padeiros de Leida), que recebeu o nome de *Voruit!* (Avante!).

A relevância da participação direta de Pannekoek em todas essas iniciativas foi reconhecida por meio de sua eleição como delegado aos congressos de 1901 e 1902 do partido, que se realizavam anualmente, e na conferência de reorganização ocorrida na cidade de Zwolle em setembro de 1902. Em tais eventos, o conteúdo de sua intervenção já o antagonizou com a linha conduzida por Troelstra, cujo exemplo concreto pôde-se aferir na questão de qual deveria ser a política partidária relativamente à educação pública e ao peso da religião. Enquanto Troelstra, objetivando ganhar votos, defendia a conciliação com os trabalhadores cristãos que eram favoráveis a compromissos com a igreja católica e outras forças confessionais nessa temática, Pannekoek defendeu a completa laicidade do ensino.

definitiva ao dilema Kant-Marx no terreno epistemológico numa perspectiva não revisionista. Pannekoek produziu uma resenha crítica desse livro, um artigo histórico-filosófico e de propaganda política de nível elevado, onde reagia à tentativa da corrente austromarxista (da qual Adler foi um significativo expoente) de valer-se da teoria marxista para realizar uma crítica “cordial” das modernas correntes de vida espiritual europeia. Pannekoek tinha reservas ao esforço dos austromarxistas por considerar que qualquer relação não conflituosa com a cultura contemporânea do capitalismo lhe parecia artificial e mistificadora, dada a carga inovadora, revolucionária e classista da crítica marxista. Além do mais, concebia que o diálogo entre o cientista social marxista e um sociólogo ou filósofo burguês não poderia ser travado de modo neutro, pois o primeiro de fato representava uma parte na luta que se contrapunha à cultura da burguesia. A conclusão geral de Pannekoek sobre a tentativa de descobrir confluências entre Marx e Kant (o chamado “criticismo moderno”) foi de que se tratava de uma tentativa dissimulada de redimensionar o próprio marxismo, e que a pretensão de persuadir certos intelectuais que dificilmente seriam recuperáveis para a causa revolucionária do proletariado devia ser abandonada (cf. MALANDRINO, p. 75-87).

Também nos métodos a divergência se apresentou. Troelstra valia-se da primeira página do jornal para propagandear suas posições, que não eram ainda posições deliberadas pelo SDAP, o que fez com que Pannekoek apresentasse uma moção no congresso de 1902, segundo a qual o espaço reservado ao artigo de fundo não poderia ser usado para temas sobre os quais ainda não havia decisão partidária. Embora tivesse sido retirada depois das garantias verbais dadas por Troelstra de que tal prática não continuaria, a moção representou um dos primeiros sintomas da oposição crescente no partido, entre os marxistas revolucionários (Gorter, Wijnkoop, Van Ravesteyn, Roland Holst, Pannekoek), em confronto com os reformistas (maioria dos parlamentares e da direção partidária).

As controvérsias sobre a instrução e a religião continuaram depois do congresso e foram pontos que contribuíram para a formação de uma sólida oposição de esquerda no interior do SDAP e que alguns anos mais tarde, em 1909, levou à cisão.¹⁵ Enquanto parlamentares e sindicalistas tenderam cada vez mais a diminuir a eficácia das ações políticas de base, fossem greves ou manifestações de massa pelo voto

¹⁵ Malandrino (obra citada, p. 70-75) divide a disputa entre a esquerda e a direita do SDAP em três momentos decisivos: 1º) Em 1901, no Congresso de Utrecht, com o debate sobre a questão agrária a esquerda divergiu da proposta da direção do partido de incluir na plataforma para as eleições de 1902 a destinação dos terrenos de propriedade comunal para os camponeses, visando obter os votos destes últimos. Segundo a esquerda, tal proposta reforçaria a pequena propriedade e o pequeno negócio camponês, contra a tendência ao seu desaparecimento teorizada pelo marxismo Kautskiano, além de consolidar uma oposição ao proletariado no presente e no futuro (essa concepção vai se desenvolver cada vez mais entre a esquerda marxista holandesa e antecipa em quase vinte anos a polêmica que os opôs a Lênin, momento em que atinge seu ápice). Nessa fase da luta a contenda não resultou num vencedor, visto que o congresso decidiu por formar uma comissão para estudar o assunto com mais profundidade; 2º) Em 1902 quando o governo pretendeu aumentar o ensino religioso nas escolas sob o argumento de obter mais recursos financeiros, a bancada do SDAP no parlamento – que incluía parte da direção – ao invés de rejeitar o projeto votou favoravelmente visando ganhar a simpatia dos operários católicos e protestantes ligados aos sindicatos cristãos. A esquerda viu em tal atitude uma renúncia a um princípio fundamental do programa de fundação do partido, que sustentava a separação entre Igreja e Estado. Para Pannekoek e seus companheiros, tal voto ao mesmo tempo em que impedia que o proletariado acelerasse a aquisição de sua consciência de classe, fortalecia o poder espiritual e político da religião e da burguesia sobre ele. Tal fato era agravado pelas profundas raízes das tradições religiosas na Holanda. Desse momento até a greve de 1903, embora a situação da esquerda fosse cada vez mais difícil, pelo menos no tocante à condução das lutas operárias, a maioria do SADP ainda não manifestava abertamente sua opção pelo reformismo gradualista; 3º) Finalmente, no Congresso de Utrecht em 1906, a direita do partido consegue desenvolver sua política alcançando uma maioria suficiente para calar a esquerda, confinando seus expoentes em torno da revista *Nieuwe Tijd*, que foram forçados a criar um novo folheto de propaganda autônomo a partir de 1907 (*De Tribune*), lançando a premissa da cisão que se consumaria dois anos depois.

universal, Pannekoek, em sentido oposto, escreveu uma série de artigos para apoiar greves operárias deflagradas em Leida.

Pannekoek, nessa fase de sua militância, demonstrava dar mais atenção aos aspectos organizativos e de método de condução da luta política no interior do partido. Outra característica sua que começou a se firmar foi a de que seus escritos raramente apresentavam tabelas de dados econômico-estatísticos como forma de sustentar suas rigorosas reflexões e convincentes argumentos. Em parte por sua formação anterior não ter sido econômica, mas fundamentalmente pela opção de valer-se para esse fim da concepção materialista da história, que Pannekoek dominava em profundidade. Nas poucas vezes em que se valeu de pesquisas econômicas foi por meio da interpretação de terceiros, assimilada criticamente, e expressa em forma de teoria e de propaganda eficientes e claras, com postulados materialistas.

Para Pannekoek, 1902 ainda foi o ano da conclusão do doutorado em astronomia e quando se tornou empregado estável do observatório de Leida. De sua tese – sobre a mesma temática já mencionada anteriormente, embora dessa vez sobre outra estrela binária: Algol ou β (beta) de Perseu¹⁶ – vale destacar a inclusão de um apêndice intitulado *stelling* (tese), que possibilita captar a evolução das ideias político-filosóficas do autor. Em tal apêndice, como era costume da época, eram apresentadas proposições gerais e recapitulações que o doutorando devia sustentar não apenas em relação ao argumento específico desenvolvido, mas ligado ao conjunto do saber científico. Ali, Pannekoek considerou necessário expor como adquiriu o método materialista marxiano e colocá-lo como fundamento de sua visão de mundo, da ciência e da história.

Em 1903 o jovem astrônomo conheceu a professora de língua holandesa Johanna Maria Nassau Noordewier (1871-1957) e casou-se com ela.¹⁷ Esse foi também o ano no qual a divergência entre a maioria

¹⁶ São denominadas estrelas binárias aquelas que se compõem de dois astros que giram em torno de um centro de gravidade comum. Em 1897, Pannekoek havia pesquisado a variação de luminosidade da estrela β (beta) de Lira.

¹⁷ Anna (como ficou conhecida) era de família de intelectuais, passou sua juventude em Delft, cidade famosa por suas cerâmicas artísticas, e, antes mesmo de conhecer Pannekoek, já era amiga da mulher de Herman Gorter, Luise Gorter (1866-1916), dele tendo estado próxima em função do movimento operário. Anna mantinha refinado interesse artístico e literário. Excelente pianista, apaixonada por poesia e pintura (seu irmão era pintor), atribuía-se o mérito de haver familiarizado o marido – de formação e índole distinta – com aquele novo mundo. Anna e Anton influenciaram-se reciprocamente. Ela se interessou ativamente pela vida do movimento social-democrata e procurou estabelecer uma amizade pessoal com quem frequentava a família. Traduziu uma obra de Gorter do holandês para o alemão (cf. MALANDRINO, obra citada, p. 67).

do partido e a oposição marxista ganharia contornos definitivos por ocasião de um acontecimento prático: a importante greve de solidariedade dos ferroviários aos portuários ocorrida entre fevereiro e abril de 1903. A questão da tática a ser adotada na condução da greve evidenciou a oposição de perspectivas. De um lado a esquerda do partido, agrupada em torno da revista *Nieuwe Tijd*, atuou no sentido do reforço e da solidariedade ao movimento, com Pannekoek tendo organizado em Leida inúmeras manifestações públicas de apoio, mesmo ameaçado de demissão de seu emprego no Observatório. De outro, Troelstra e os dirigentes sindicais do partido, com medo de uma possível repressão do governo e ao mesmo tempo desejosos de manter uma porta aberta para colaborar com os partidos liberais de oposição, não apenas procuraram frear o movimento, negando-lhe apoio parlamentar, como descarregaram toda a responsabilidade na direção do Secretariado Nacional do Trabalho (NAS), o sindicato libertário fundado por Nieuwenhuis. O resultado foi que o NAS quase desapareceu como força sindical e favoreceu com isso o surgimento da Liga dos Sindicatos Holandeses (NVV), dirigida por Jan Oudegeest (1870-1950), líder sindical dos ferroviários, ligado à direção do SDAP.

Até 1906, o trabalho de agitação e propaganda de Pannekoek em Leida consistiu ainda na fundação e desenvolvimento de um modesto jornal local denominado *De Wekker* (O Acordar), com pequena difusão em função da hegemonia das organizações cristãs e patriarcais sobre o proletariado da região.

Entre os anos de 1903 e 1906, Pannekoek trabalhou, com dedicação e de forma continuada, principalmente no âmbito da elaboração teórico-política, começando a realizar uma análise histórico-sociológica das divergências internas no movimento operário organizado, o que o tornaria, em poucos anos, um dos mais reconhecidos estudiosos na matéria.

Escreveu vários artigos sobre temas candentes daquele momento na *Nieuwe Tijd*, sempre na perspectiva da esquerda partidária, tais como: contra os acordos do partido no parlamento com os partidos liberais (por ele considerados nocivos para a formação da consciência revolucionária do proletariado), questão agrária, separação entre Igreja e Estado na questão da educação, propaganda pelo sufrágio universal, tática revolucionária e a greve geral. Estreitou sua colaboração com Gorter, resultando no primeiro escrito conjunto, aparecido em 1906, intitulado “Marxismo e revisionismo”.

Os acontecimentos políticos desses anos reforçaram em Pannekoek a convicção de que se cristalizavam no interior do partido

social-democrata – e talvez no interior de todo o movimento operário – duas correntes opostas: a da reforma/revisão e a revolucionária marxista. E, diferentemente do partido alemão onde a influência de Kaustky e Bebel parecia predominar, na Holanda o predomínio era da corrente reformista.

Nessa fase e no âmbito das concepções políticas, suas posições originais ainda não haviam se desenvolvido, ficando restritas aos marcos do acervo comum defendido pela esquerda mais vivaz, no entanto, no campo teórico e propagandista, tornava-se pouco a pouco uma grande referência do marxismo ortodoxo.

Em certo sentido, essa imagem de Pannekoek foi reforçada pelo seu envolvimento na problemática de caráter filosófico, contra a concepção de um “marxismo melhorado”. Para tanto apoiava-se no método marxiano da abstração dialética, que não desconecta o método do resultado por meio de incessantes verificações, e afirmava:

A concepção materialista da história não se reduz ao método [...] método e resultado não são independentes entre si; a utilidade e vitalidade de um método medem-se pelos resultados que com ele se alcançam e, na falta destes, o método não pode aspirar qualquer validade. [Marx] foi o primeiro a obter resultados sem dúvida úteis no estudo da sociedade. A luta de classe como base das revoluções sociais; a demonstração do desenvolvimento dos vários modos de produção sob a influência do desenvolvimento da técnica, concebidos como força motora de toda mudança; a revelação da estrutura da produção capitalista; portanto ele levou a cumprimento a obra iniciada por Smith e Ricardo: foram descobertas que, coligadas metodicamente entre elas em uma doutrina coerente da evolução social, elevaram a ciência social e histórica em um nível tal que puderam pôr-se perto das ciências naturais; em primeiro lugar o método materialista foi o resultado eficaz e exato conseguido através daquela obra. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 39-40).¹⁸

Vale lembrar que, em fins do século XIX, o ambiente filosófico era dominado pelas concepções Kantianas que apontavam os erros

¹⁸ La concezione materialistica della historia non si riduce al metodo; [...] metodo e risultato non sono indipendente fra loro; l'utilità e vitalità di un metodo si misurano dai risultati che con esso si raggiungono e, in mancanza di quelli, il metodo non può aspirare ad alcuna validità [...] egli fu il primo a ottenere risultati indubbiamente utili nello studio della società. La lotta di classe come base delle rivoluzioni sociali; la dimostrazione dello sviluppo dei vari modi di produzione sotto l'influenza dello sviluppo della tecnica, concepiti come forza motrice do ogni cambiamento; la rivelazione della struttura della produzione capitalistica; per cui egli portò a compimento l'opera iniziata da Smith e Ricardo: furono scoperte che, collegate metodicamente tra loro in una dottrina coerente dell'evoluzione sociale, elevarono la scienza sociale e storica a un livello tale che poterono porsi accanto alle scienze naturali: in primo luogo il metodo materialista fu il risultato efficace ed esatto conseguito attraverso quell'opera.

metafísicos da dialética de Hegel e conseguiram um entrelaçamento muito profícuo no aspecto epistemológico com a vanguarda das matemáticas e da física. Por outro lado, o marxismo da Segunda Internacional, em regra, apoiava-se mais nas componentes históricas e socioeconômicas da obra de Marx do que em suas obras filosóficas. Tal característica era reforçada pelo fato de os escritos filosóficos mais interessantes de Marx terem sido publicados somente após a Primeira Guerra Mundial. Somados, esses dois fatores faziam com que uma reavaliação de uma forma de racionalismo materialista dialético não encontrasse boa acolhida.

Pannekoek, considerando que Marx não elaborou (conforme seu desejo) um escrito específico para explicitar filosoficamente a metodologia que lhe serviu de base para todas as suas pesquisas, ou seja, uma epistemologia desenvolvida sistematicamente, uma teoria do conhecimento – o que deixou em aberto o problema do conhecimento, da realidade e da verdade do objeto e das formas do conhecimento –, esforçou-se em transferir as dúvidas levantadas pelos mais inovadores críticos do pensamento científico, como Marx e Poincaré, em relação aos conceitos de lei científica, de verdade e de erro, experiência e consciência, do campo das ciências naturais para as ciências sociais. Objetivou assim recusar formas de materialismo burguês, evolucionistas e positivistas, considerando sempre a concepção da ciência em Marx como imanentemente relativista, visto que a dialética materialista agiu como núcleo teórico interno e ativo de explicações do movimento. E mais, concebeu sempre a obra de Marx de maneira bivalente: como elaboração de um método científico e como ciência histórica e econômica, ou seja, aplicação do método à realidade social.

A percepção de que o papel da subjetividade humana na sociedade e na história não ocupava um lugar autônomo na filosofia materialista (autonomia relativa) era para Pannekoek motivo de incômodo. Por isso, a partir de sua adesão ao marxismo, ele resolveu aprofundar sua formação científica até então influenciada pelo neocriticismo em termos de teoria do conhecimento, fruto de sua dedicação metódica ao estudo da obra completa de Kant.

Pannekoek estava convencido de que a subjetividade humana cumpre uma função de intermediária ativa e insubstituível em cada experiência do homem, tanto no aspecto cognitivo quanto no prático. Após detectar que Marx não havia aprofundado filosoficamente a forma pela qual se realiza a atividade humana frente à matéria – mesmo que tivesse formulado, nas “Teses sobre Feuerbach”, o princípio teórico do materialismo social e da atividade revolucionária dos seres humanos –,

Pannekoek constatou que nenhum outro pensador social-democrata conhecido por ele havia se dedicado a tal empreitada.¹⁹

É aqui que entra a forte e decisiva influência exercida pela leitura das obras de Josef Dietzgen (1828-1888)²⁰, que funcionaram como complemento necessário para concluir o percurso crítico e filosófico que zarpou de Kant para aportar solidamente em Marx, pois Dietzgen dedicou-se a elaborar uma crítica da filosofia kantiana da razão pura e prática. Essa influência pode ser avaliada pelas próprias declarações de Pannekoek, o qual, em carta a Kautsky, datada de 27 de setembro de 1901, afirmou “considero a visão filosófica de Dietzgen como a verdadeira e mais genuína filosofia do marxismo”, ou ainda, anos mais tarde, quando escreveu suas memórias, afirmando ter encontrado “pela primeira vez e completamente aquilo que procurava, uma formulação clara e sistemática da teoria do conhecimento, da essência dos conceitos e das abstrações.” (citado por MALANDRINO, p. 43).

Como finalização do processo de formação marxista de Pannekoek, resultado de estudos e reflexões intensas, veio à luz em 1901 a obra *De filosofie van Kant en het marxisme* (A filosofia de Kant e o marxismo). Considerada um dos mais consistentes tratados marxistas na matéria, essa obra pretendeu apresentar uma crítica filosófica marxista de grandes proporções ao neokantismo e ao mesmo tempo combater as tentativas do setor intelectual-reformista da social-democracia de ligar o pensamento de Marx com filósofos do campo burguês.²¹ Mesmo sem ter sido ignorada pelo meio intelectual da

¹⁹ Pannekoek considerava que as tentativas feitas por Engels nas obras *Antidühring* e *Ludwig Feuerbach* foram incompletas, pois tinham sido fragmentárias e apenas descritivas.

²⁰ Inicialmente trabalhador de curtume, totalmente autodidata. Viveu e trabalhou na Alemanha, Rússia e Estados Unidos. Desde cedo fortemente influenciado por Feuerbach, foi um ateu militante. Dietzgen criou de modo independente o materialismo dialético pouco depois de Marx e Engels e, ao descobrir os volumosos trabalhos da dupla, tornou-se um dos seus mais firmes defensores. A principal contribuição filosófica de Dietzgen ao marxismo foi uma exaustiva exposição de epistemologia. Concebeu a consciência como um produto ideal da matéria (matéria concebida por ele como eterna e em perpétuo movimento, chamando-lhe a “*universum*”), e explicou que o ser natural e social é o conteúdo da consciência. Segundo Dietzgen, a cognição origina-se nas formas abstratas e sensoriais como um processo do movimento, partindo das verdades relativas para a verdade absoluta. Ele entendia essa cognição como uma imagem do mundo comprovável pelas experiências dos indivíduos. Sua principal obra foi “A natureza do trabalho intelectual humano”, de 1869. Outros trabalhos: “Socialismo Científico” (1873); “A religião da social-democracia” (1875); “Filosofia social-democrata” (1875); “Os limites da cognição” (1877); “Incursões de um socialista no campo da epistemologia” (1887) e “Ética da social-democracia” (1875). (cf. BLUNDEN, 2008).

²¹ Na introdução, o livro delimitou o âmbito no qual seu autor desenvolveu reflexões, ao fazer referência ao debate sobre a “crise do marxismo”, cujo epicentro eram as posições do alemão Eduard Bernstein (1850-1932), então integrante do partido social democrata alemão,

social-democracia na Holanda, essa obra não foi traduzida para o alemão e nem reeditada, deixando anônimo para as gerações posteriores um trabalho que poucos, à época e talvez ainda hoje, estivessem em condições de fazer, seja pela temática abordada, seja pela forma de sua elaboração – ênfases inéditas, relações mais fecundas com a cultura filosófica e científica de sua época, originalidade. Tudo isso sem se afastar do marxismo ortodoxo de então.

A originalidade do seu método não se dava pela ausência de preconceitos de ordem dogmática, tampouco por subavaliar a importância da gnoseologia kantiana, mas sim pela forma peculiar como avaliou e combinou em termos gnoseológicos a articulação entre os pensamentos de Kant-Hegel-Feuerbach-Marx.

Por não ser objeto deste trabalho adentrar detalhes sobre as formas como ele realizou tal articulação, basta registrar que Pannekoek considerou que o ponto forte da teoria kantiana estava em reconhecer a subjetividade das formas do conhecimento, porém, em contrapartida, a formalização idealista e apriorística de espaço e tempo, por meio da utilização da categoria analítica da “coisa em si” para embasar toda uma construção transcendental, expunha a contraditoriedade de seu sistema de conjunto.

Desse modo, Pannekoek procurou recuperar um aspecto isolado da formulação de Kant, mas colocando-o num quadro materialista: a intervenção ativa do espírito humano na ordenação dos fenômenos naturais, inserida na totalidade do mundo físico, sem recorrer a qualquer princípio transcendental.

Afirma que o criticismo devia ser entendido como expressão do tempo em que Kant viveu: tempo de afirmação econômica e política da classe burguesa, com o qual estava em conformidade. A concepção de liberdade por ele expressa foi posta como irrenunciável, porém historicamente inalcançável. Ao mesmo tempo em que era proclamada, era negada pela realidade social e política.

Por fim, o trabalho dedicou-se a expor a concepção monista do mundo (unidade filosófica entre natureza e espírito), expressa em termos

considerado o primeiro a revisar a obra de Marx para subtrair-lhe o conteúdo revolucionário, daí a expressão “reformismo”. A polêmica sob o aspecto cultural assumirá a forma de um “retorno a Kant” – também chamado “neocriticismo” – que pretendia se apresentar como a verdadeira ciência do homem, conseqüentemente negando qualquer cientificidade ao socialismo, ou seja, ao marxismo como ciência social. Para conhecer a polêmica na Alemanha, do ponto de vista da esquerda revolucionária do partido, consultar, entre outras, a obra “Reforma ou Revolução?” (LUXEMBURGO, 2005). O ponto de vista de Bernstein encontra-se na obra “Socialismo Evolucionário”, publicada no Brasil pela fundação Teotônio Vilela do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). (cf. BERNSTEIN, 1997).

dialéticos por Dietzgen. Ao conceber que a moral e todas as demais manifestações da atividade espiritual do homem são originadas pelo mundo exterior, conduz à ideia de que o espírito é determinado por esse mesmo mundo exterior.

Segundo Pannekoek, Dietzgen conseguiu demonstrar precisamente como o ser determina a consciência e isso fez com que ele desse um passo além de Marx – que havia explicado essa determinação sem esclarecê-la –, revestindo seu trabalho de grande atualidade por ser indispensável para melhor compreensão da base filosófica de Marx. Na visão de Pannekoek, uma das causas profundas do revisionismo situava-se na insuficiente e errada compreensão do relacionamento entre pensamento e ser, entre espírito e matéria.

Sobre as formulações de Dietzgen, em ensaio de 1903 intitulado *Historischer Materialismus und Religion* (Materialismo Histórico e Religião), Pannekoek escreveu:

Os efeitos que o mundo externo provoca no espírito através dos sentidos não consistem em ideias; mais facilmente constituem o material com o qual o espírito forma as ideias. Eles tornam-se algo completamente diverso; os fenômenos concretos, infinitamente variados, sempre em movimento, no espírito tornam-se conceitos abstratos, persistentes, acabados. O espírito é ativo também porque produz algo de novo que antes não existia. Essas não são ideias particularmente socialistas. A particularidade de nossa concepção, que dá margem a equívocos, é que o espírito pode formar suas ideias e os conceitos exclusivamente partindo dos influxos do mundo exterior. O espírito não pode acrescentar nada, pode somente transformar. Não pode formar pensamentos e conceitos autonomamente da materialidade. Neste sentido pode-se falar somente de passividade e dependência... A independência do espírito, como nós o aceitamos, significa que o espírito é uma coisa particular, distinta de todas as outras coisas do mundo. Ela consiste somente em sua particularidade de entrar numa relação de troca efetiva com o resto do mundo ou em sua peculiar aparência na qual os efeitos do resto do mundo nele chegam à representação. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 54).²²

²² Gli effetti che Il mondo esterno provoca nello spirito attraverso i sensi non consistono in idee; piuttosto costituiscono il materiale da cui lo spirito forma le idee. Essi diventano qualcosa di completamente diverso; i fenomeni concreti, infinitamente vari, sempre in movimento, nello spirito diventano concetti astratti, persistenti, finiti. Lo spirito è attivo anche perché produce qualcosa di nuovo che prima non c'era. Queste non sono idee particolarmente socialiste; la particolarità della nostra concezione, che dá adito a fraintendimenti, è che lo spirito può formare le sue idee e i concetti esclusivamente a partire dagli influssi del mondo esterno; lo spirito non vi può aggiungere nulla, può solo trasformare. Non può formar pensieri e concetti autonomamente dal materiale; in questo senso soltanto si può parlare di passività e dipendenza... L'indipendenza dello spirito, come noi l'accetiamo, significa che lo spirito è una

Temos então o aparecimento do que se pode chamar de concepção ontológica pannekoekiana: por um lado, a inovação central e revolucionária do materialismo dialético, consistente na ampliação do conceito de matéria às relações de produção, indo além de uma compreensão meramente física daquela; por outro, a relação entre espírito e matéria, entre sujeito e objeto, na qual o espírito é colocado numa dupla posição passiva/ativa relativamente ao mundo exterior (entendido de um lado como poder de abstração, de outro como poder de distinção). Pannekoek entendia que o espírito é um produto material mas que interage com a matéria, e recria o mundo na cabeça dos seres humanos, fazendo com que as pessoas possuam o mundo duplamente: materialmente, usufruindo-o; e espiritualmente, reconstruindo-o.

Pode-se afirmar assim que a ontologia de Pannekoek situa-se num meio-termo entre o determinismo absoluto e o primado do subjetivismo, atribuindo como filosoficamente errôneo tanto as concepções que assumiam o espírito como um princípio meramente metafísico ou absolutamente sobrenatural, quanto aquelas que – estando no campo do materialismo – subordinavam completamente o espírito à matéria. Essa concepção consolidou-se de forma definitiva, e Pannekoek dela não se afastou pelo resto de seus dias.²³

Chegados a esse ponto, torna-se possível identificar as duas fontes essenciais que permitem compreender a formação marxista e a

cosa particolare, distinta da tutte le altre cose del mondo; essa consiste solo nella sua particolarità di entrare in un rapporto di scambio effettivo con il resto del mondo o nella sua peculiare apparenza in cui gli effetti del resto del mondo in lui arrivano alla rappresentazione.

²³ Uma leitura apressada poderia imaginar que esse peso dado à subjetividade, por Pannekoek, levá-lo-ia a conceber a capacidade de ação e reação dessa, completamente descolada das influências externas das relações econômicas, um tipo de dialética espiritual que se fundamenta racionalmente e a partir do mundo real. Na verdade, trata-se de atribuir como necessária e insubstituível a intervenção sobre a esfera da consciência (momento subjetivo e objetivo), levando-a a reagir às forças provenientes do mundo exterior, mundo este feito de relações de produção, mas no interior do qual as expressões jurídico-culturais, as ideologias, tinham uma própria realidade “objetiva”. Nessa forma de pensar de modo relativo resolviam-se as questões inerentes ao relacionamento entre estrutura e superestrutura. Outra crítica que se poderia levantar seria a de positivismo. Crítica que não se sustenta quando se toma a sua definição da lei científica. Seguindo na trilha de Dietzgen, Pannekoek concebe as leis como verdades relativas e que, por outro lado, resultavam de uma atitude ativa dos homens sobre as condições materiais. Ele admitia que algumas teorias, como ocorre com todas as ciências, pudessem demonstrar-se erradas com o decorrer do tempo, visto que “todo novo e mais amplo conhecimento é a verdade em relação ao erro anterior, ao mesmo tempo, é por sua vez errado em relação a um (futuro) conhecimento mais amplo”. Para assegurar o caráter científico antidogmático do método marxista, este deveria fundar-se sobre uma concepção relativa e não mecanicista da lei casual, consistente exatamente em sua capacidade de produzir novas verdades mais extensas e aprofundadas a partir da referência permanente à realidade material em constante mutação.

escolha socialista de Pannekoek: o pensamento econômico e político marxista e a crítica gnoseológica dietzgeniana.

O ano de 1906 reservou para Pannekoek uma nova experiência política na Alemanha, que o fez perder o contato cotidiano com o ambiente e o contexto da social-democracia holandesa. Doravante, sua colaboração com a esquerda do partido se daria de forma indireta, por meio de sugestões feitas a distância, artigos, cartas e pelo contato pessoal e próximo com Gorter e Henriette Roland Holst.

Em meados de 1906, Pannekoek recebeu um convite de Kautsky para ensinar na escola do SPD em Berlim. Não se tratou nem de uma iniciativa original e pessoal de Kautsky, nem de uma escolha causal de seu nome. Conhecido como um intérprete decidido do marxismo ortodoxo e revolucionário, já tinha tido contato com a militância do partido e dos sindicatos alemães, em setembro de 1905, na cidade de Bremen, quando proferiu uma série de conferências sobre o tema “Religião e socialismo”. Para além, sua maturidade intelectual foi demonstrada e reconhecida pela social-democracia alemã quando escreveu um artigo publicado no mesmo ano, na *Neue Zeit*, intitulado “Socialismo e anarquismo”,²⁴ sobre nascentes tendências internas de orientação anarco-socialista.

A indicação do nome de Pannekoek deve ser entendida em função da polêmica entre reforma *versus* revolução, que se encontrava em pleno curso no seio da direção político-sindical alemã, com cada polo buscando formar um corpo de professores mais ou menos coerente com um caráter ideológico marxista ortodoxo ou revisionista, revolucionário ou reformista. Tratava-se de uma polêmica que exprimia teoricamente a confrontação mais ampla que acontecia nos espaços decisórios e nas várias sedes políticas e institucionais.

Também junto ao grupo da *Nieuwe Tijd*, a oferta de Kautsky foi recebida favoravelmente, pois foi entendida como reconhecimento pelo trabalho de elaboração desenvolvido durante os dez anos de vida da revista. Além do mais, avaliou-se positivamente o estreitamento de laços entre as tendências do marxismo ortodoxo na Holanda e na Alemanha.

²⁴ Interessante observar que, embora em tal artigo (uma crítica ao livro *Socialisme et anarchisme* de Adolph Augustin Frédéric Hamon – 1862-1945 –, socialista libertário, professor na Universidade Nova de Bruxelas, no qual sustentava que o anarquismo era um componente do movimento socialista) Pannekoek, em oposição à tese de Hamon, tenha considerado o anarquismo uma derivação radical do liberalismo (do qual conservava o individualismo, a concepção abstrata de liberdade, a negação da autoridade), e que o teor da propaganda que levavam a cabo destruía a organização e a disciplina, embora tivesse simpatia pela orientação libertária baseada numa análise de classe. Nesse sentido, compreende-se o seu interesse pelas ideias de Kropotkin (1842-1921) e outros anarquistas (cf. MALANDRINO, obra citada, p. 91).

Vencidas as dúvidas em romper com as pesquisas astronômicas e iniciar uma nova profissão, e obtidas garantias quanto às dificuldades práticas (dificuldades de ordem material ligadas à expatriação, moradia e à situação econômica da família numa metrópole alemã tão diferente das cidades holandesas, pois Anna acabara de dar a luz ao primeiro filho do casal Antonie Johannes, nascido em 30 de novembro de 1905) e garantias pedagógicas (quanto ao mérito do programa dos cursos e à liberdade do ensino e quanto à continuidade da atividade em função das oscilações da luta interna no partido), no início de novembro de 1906, Pannekoek, interrompendo a carreira universitária, partiu de trem para a Alemanha. Os cursos tiveram sua data de início marcada para o dia 25 do mesmo mês.²⁵

O curso, que originariamente compreendia uma parte econômica e outra filosófico-social, gerando dúvidas na direção do partido entre escolher Pannekoek ou Rudolf Hilferding (1877-1941)²⁶, foi dividido em duas partes, sendo a primeira confiada ao austríaco e a segunda ao holandês. Na escola de Berlim, os estudantes (turmas entre trinta e cinquenta) eram escolhidos dentre os melhores quadros do partido e dos sindicatos e eram destinados a se tornarem dirigentes das duas organizações. Os cursos eram semestrais. Os alunos recebiam uma bolsa de 125 marcos mensais. Os diretores do curso recebiam 3000 marcos por semestre. Pannekoek, por ser estrangeiro, recebia 3600 marcos.

Na parte que lhe coube, Pannekoek preparou um programa dedicado ao “materialismo histórico”, subdividido em quatro títulos gerais: 1) Economia, em que trabalhou os conceitos de forças produtivas, relações de produção, formas do direito e as formas políticas abrangendo desde os antigos estados feudais ao moderno estado

²⁵ Após breve estada de Anton na casa de Kautsky, os Pannekoek (Anna e Antoine chegaram após o natal daquele ano) instalaram-se num bairro residencial da periferia de Berlim, Zehlendorf, na época limítrofe de matas e florestas, onde já habitavam figuras de prestígio e dirigentes social-democratas e alguns núcleos de exilados políticos socialistas russos, com os quais os Pannekoek estreitaram laços de amizade. Em suas memórias, ao relembrar os anos em Berlim, ricos em contatos diários com os maiores expoentes do SPD (Bebel, Kautsky, Luxemburg, Mehring, Hilferding), o holandês afirmou (criticamente) que aquele era um “mundo à parte”, distante, separado do mundo real dos trabalhadores (cf. MALANDRINO, obra citada, p. 94).

²⁶ Segundo MALANDRINO (obra citada, p. 93), Hilferding era conhecido por ser um dos editores dos *Marx-Studien* e colaborador da *Neue Zeit*. Durante o período em que conviveram em Berlim, Pannekoek e Hilferding não tiveram boas relações, atribuídas pelo primeiro em suas memórias à diferente abordagem das duas escolas marxistas, a holandesa e a austríaca. Além disso, descreveu Hilferding como um boquirroto e mencionou a opinião de Karl Radek (1885-1939), segundo o qual a obra de Hilferding sobre o capital financeiro teria sido fruto de um hábil plágio de autores burgueses.

burguês; 2) Luta de Classes, em que partia de uma definição das classes, procedia a uma recapitulação histórica das lutas de classes, para abordar as modernas lutas de classes e, num parágrafo específico dentro da parte dedicada às revoluções, reservou destaque especial para a reflexão sobre a Revolução Russa; 3) Ciência do espírito, em que abordou teoria do conhecimento (baseada na filosofia de Dietzgen), tradições e ideologias (tratadas como “poderes espirituais”), necessidades e ética, religião, filosofia e literatura; 4) Desenvolvimento da teoria marxista, na qual ele não procedeu a especificações.

Pela sua concepção, o papel da escola seria ajudar os proletários a compreenderem claramente a natureza do capitalismo, que se desdobra em dois aspectos: motivar subjetivamente o proletariado a combatê-lo e descobrir os melhores métodos de luta, de modo a evitar táticas formuladas com base em tradições pré-estabelecidas e por um empirismo superficial. Assim, entendia Pannekoek, seria possível estabelecer um instrumento científico seguro para analisar, sintetizar e sistematizar a matéria multiforme cotidiana da luta de classes e, ao mesmo tempo, unir funcionalmente a teoria ali ensinada à prática.

O radicalismo da linha dos cursos incomodou não apenas a ala reformista no partido e nos sindicatos, mas também a polícia prussiana que, objetivando interromper seu funcionamento, ameaçou de expulsão Pannekoek e Hilferding, com o pretexto de não serem eles de nacionalidade alemã. Conseguiu assim impedi-los de professar. Portanto, o período de duração de Pannekoek como professor limitou-se ao primeiro ano, 1906-1907. Para seu lugar foi designada Rosa Luxemburg que, embora sendo polonesa, adquirira a nacionalidade alemã.

A partir desse momento, dada essa proibição, Pannekoek, para conseguir sobreviver, após um tempo atuando como colaborador em vários jornais socialistas alemães, principalmente na *Neue Zeit*, passou a elaborar uma correspondência jornalística na forma de artigo semanal, destinada aos jornais social-democratas que poderiam ser assinantes. Redigir artigos de fundo sobre questões de princípio e sobre os principais problemas, de acordo com a ótica da esquerda marxista, era uma função que tinha seu espaço assegurado considerando o contexto da polêmica entre revisionistas e radicais, apoiadores e adversários das greves de massa, reformistas e revolucionários. Tal função mostrou-se perfeita para Pannekoek.

Eram cerca de trinta os jornais que recebiam diretamente o artigo e decidiam “se” e “quando” publicá-lo (o *Socialdemokrat*, de Lênin, entre eles) e que asseguravam uma renda mensal de 200 a 300 marcos,

suficiente para cobrir as despesas familiares. Os artigos versavam sobre assuntos da atualidade, mesmo baseados num sintético comentário teórico. Os temas mais recorrentes, enquadrados no âmbito da disputa antirrevisionista, eram destinados à análise das formas econômicas, sociais e institucionais que o imperialismo assumia nos vários países e sobre novos e velhos métodos através dos quais o proletariado poderia enfrentá-los eficazmente.

Esse trabalho, denominado *Pressekorrespondenz* ou *Zeitungskorrespondens* ou ainda *AP Korrespondenz*, durou de 1908 a 1914, inclusive se intensificando quando Pannekoek mudou-se de Berlim para Bremen em 1910. Em termos de concepção, o período berlinense pode ser caracterizado por uma clara influência da interpretação kautskiana do marxismo, expresso sobretudo no caráter de divulgação do marxismo ortodoxo, que muitos dos seus escritos assumiram naqueles anos e numa adesão ao radicalismo kautskiano daquela época e, em menor grau, também nos campos da ética, da religião e das doutrinas econômicas. Tal concordância de ideias não deve ser confundida com similaridade de desenvolvimentos e de elaborações. É importante registrar que, após ter atingido a plena maturidade política, ambos extraíram conclusões teóricas muito diferentes sobre o desenvolvimento histórico da luta de classes na fase do imperialismo militarista, embora o próprio processo de consciência das divergências que separavam o holandês do kautskismo foi para ele lento, apenas se definindo claramente após 1911-1912.

Talvez por isso seus escritos do período – que marcam o encerramento da sua fase de formação política – apresentaram certa oscilação em relação aos problemas institucionais e do Estado. Isso significou, por exemplo, valorizar o parlamento, enxergando nele uma função revolucionária por ter aumentado o poder real da classe operária, numa clara concepção gradualista de socialismo. No entanto, ao afirmar que o parlamentarismo poderia servir também para realizar uma consequente democracia e abolir privilégios corporativos, reconheceu que tais medidas não poderiam ser consideradas socialismo.

Tratava-se enfim de uma posição intermediária que se colocava tanto contra a corrupção reformista do parlamentarismo quanto contra a negação da mediação política como sustentado pelas tendências sindicais revolucionárias. Porém, esse momento de identificação com as posições de Kautsky não anulou os traços específicos que, mais tarde, colocá-los-iam em campos opostos: a prioridade dada por Pannekoek à autonomia da classe operária e a adoção de um método crítico que o antagonizava com adesões baseadas em crenças e afinidades pessoais,

além de levá-lo frequentemente a formulações sintéticas, concisas, típicas de uma formação científica e de uma reflexão anterior, através da qual ele assimilava conteúdos alheios após inseri-los rigorosamente em seu quadro cognitivo.²⁷

Vale mencionar que, de 1907 a 1912, o holandês foi colaborador fixo da *Neue Zeit* como titular da coluna *Zeitschriftenschau*, resenha das revistas mais representativas das correntes do socialismo internacional, frequentemente ampliada com artigos críticos de publicações políticas, filosóficas e científicas. Eram acompanhadas pessoalmente por ele o órgão teórico do partido austríaco, *Der Kampf* (a luta); a *Nieuwe Tijd*; revistas francesas de diversas tendências, como a reformista *Revue socialiste* e a sindical *Le Mouvement socialiste*; a inglesa *Socialdemocrat* e a estadunidense *International Socialist Review*, próximas às posições de Eugen Debs (1855-1926) e dos *Industrial Workers of the World* (IWW).

Esse trabalho, além de comprovar a amplitude do horizonte cultural-político de Pannekoek e fornecer indicações indiretas de suas preferências no vasto mundo do socialismo internacional, possibilitou ainda, no seu desdobramento, atestar seu nível de informação em relação ao andamento do debate interno do movimento operário. Sem abrir mão de uma rigorosa objetividade como critério para elaboração dos resumos, eventualmente ele exprimiu, em coerência com suas ideias e advertindo previamente o leitor, opiniões esclarecedoras de suas posições sobre questões como ação direta, greve geral, socialização ou sobre algumas correntes políticas do movimento operário internacional, como o sindicalismo francês, os IWW e os marxistas austríacos.

Vale registrar, também no âmbito da colaboração com a *Neue Zeit*, alguns escritos de divulgação sobre assuntos científicos dentro das iniciativas tomadas com a finalidade de elevação cultural do proletariado – ensaios históricos e filosóficos, contos, poesias e exposições científicas de diversos níveis.

Concebendo o marxismo como a aplicação mais coerente e revolucionária do método das ciências para a sociedade – o que o fazia atribuir ao marxismo o papel de “ciência da previsão” –, Pannekoek redigiu alguns breves artigos sobre estrelas e tratados mais exaustivos a respeito da origem e a evolução do universo, que testemunham nele a estreita ligação entre o cientista e o político.

Atraído pelos estudos antropológicos, Pannekoek concentrava seu interesse sobre a dinâmica evolutiva da matéria em relação ao homem,

²⁷ Para uma síntese deste método consultar BRENDEL, 2006.

considerada como um único terreno de pesquisa. Em 1909, para tratar das relações entre evolucionismo, darwinismo e marxismo, escreveu *Marxismus und Darwinismus* (Marxismo e Darwinismo), dentre outros escritos, que o colocaram na condição de ser o único social-democrata que enfrentou com sucesso o tema e, por extensão, também a temática do evolucionismo.²⁸

O interesse de Pannekoek por essa temática pode ser entendido numa linha de coerência de sua vida, que se inicia na adolescência com a paixão pelo estudo das ciências naturais, especialmente botânica e zoologia, prossegue com a especialização em matemática e astronomia, com ênfase em astrofísica, centro de toda a sua atividade científica na maturidade e teve sua realização ideal na ciência da sociedade, o marxismo.

A maioria do movimento social-democrata simpatizava com as doutrinas evolucionistas a partir de uma equiparação simplificadora da evolução dos seres vivos por meio da seleção natural com o gradualismo evolutivo social por meio da luta de classes e das reformas. Pannekoek, diferentemente, afinava-se com o darwinismo de formas distintas: primeiro, enfrentava as escolas de pensamento evolucionista que, repudiando o materialismo naturalista original, retornavam ao idealismo; segundo, enfrentava a religião opondo-lhe o darwinismo, como ciência da evolução da espécie humana,²⁹ nos marcos da luta da ciência positiva contra aquela e, em termos de classe, da burguesia liberal contra o autoritarismo monárquico – algo extremamente válido para o contexto alemão de sua época.

Portanto, não se compreende o sucesso da doutrina sem ampliar a reflexão para além de seu lado puramente científico, voltando-a para as forças sociais que contribuíam para difundi-la. Além do mais, Pannekoek viu no darwinismo um claro exemplo para demonstrar que a ciência não é neutra e, pelo contrário, inseria-se na luta de classes e era usada para esse fim. Por tal motivo o liberalismo alemão, ao ser derrotado politicamente, abdicou do poder e entrou em acordo com a

²⁸ A confirmar seu interesse antropológico, registre-se que, nesse mesmo ano de 1909, Pannekoek coordenou a tradução para o holandês da obra de Engels *Het ontstaan van de familie, van het privateigendom em van den staat* (A origem da família, da propriedade privada e do Estado). (citado por MALANDRINO, p. 106).

²⁹ Para Pannekoek, a parte principal da teoria da evolução resumia-se no fato de todas as formas animais e vegetais terem sido produzidas por meio de um gradual desenvolvimento a partir de formas primitivas, e se interessava em indagar antes de tudo sobre a causa pela qual a teoria da evolução havia se tornado, nesse meio tempo, um ponto central da história espiritual da humanidade. Sem esquecer que, enquanto problema específico, havia sido objeto de estudo de muitos pesquisadores antes de Darwin.

nobreza (também por temor do emergente movimento operário) e, no plano científico, renunciou ao núcleo materialista originário do darwinismo e o substituiu pelo misticismo.

Por outro lado, a crítica pannekoekiana do darwinismo e do evolucionismo, em geral, assentou-se sobre a ausência ou, pelo menos, insuficiência de explicação das origens do intelecto humano, do espírito, razão pela qual a explicação da diferença entre o homem e os outros animais ficava incompleta, impedindo que predominasse completamente sobre a concepção religiosa bíblica da gênese. Tal incompletude era a fresta encontrada pelas concepções fundamentadas na afirmação do ato da criação divina e na existência do sobrenatural. E, para fechá-la, seria necessário elaborar uma teoria antropológica coerente da origem do espírito humano.

Porém o quadro geral das atividades de Pannekoek em Berlim (1906-1910) somente pode ser fornecido a partir de uma observação de conjunto do trabalho intelectual e político que ele desenvolveu – contra a sua vontade – na qualidade de um funcionário de partido à disposição do SPD nacional, um típico “intelectual orgânico”, e não segmentadamente como professor, jornalista, propagandista ou conferencista. A residência estável em Berlim, no final de 1906 até abril de 1910, possibilitou que ele executasse uma atividade polifacética que foi desde a participação como ouvinte dos congressos partidários a ministrante de cursos teóricos, conferências, comícios, passando pela realização de trabalhos temporários nos diversos centros alemães. Por não estar ligado a uma sessão específica, pôde visitar e se inteirar pessoalmente da situação das classes e do partido na Alemanha como um todo.

Em termos de produção escrita, o trabalho que sintetizou as conclusões gerais não apenas dos primeiros quase quatro anos da experiência alemã de Pannekoek, mas toda a sua prática militante e dez anos de reflexão política desde sua adesão ao marxismo em 1899, apareceu em 1909, intitulado *Die taktischen differenzen in der arbeiterbewegung* (As divergências táticas no seio do movimento operário). Trataremos desse texto no próximo capítulo.

Em abril de 1910, finalmente Pannekoek decidiu aceitar o convite feito desde fins de 1907, pela seção do SPD na cidade de Bremen, para nela organizar um curso de formação teórico-política nos moldes daquele da escola de quadros de Berlim, e para lá se transferiu com a família. Pesaram fatores como a posição geográfica favorável da cidade – que lhe permitia seguir mais facilmente os acontecimentos holandeses, por meio de viagens rápidas e contatos com os antigos companheiros em

função da proximidade da fronteira – e as condições políticas locais, mais propícias para uma maior ligação com a base operária.³⁰

Em Bremen, Pannekoek organizou cursos noturnos para trabalhadores, frequentados na maioria por operários, objetivando sua educação teórica e política. As lições tratavam de esclarecer o programa de Erfurt, a partir do qual eram explicados os principais problemas da economia política e da tática social-democrata. Incluíam ainda o estudo da teoria do socialismo e do partido, sempre no sentido de incidir sobre aqueles proletários que sentiam e agiam instintivamente em direção ao socialismo, mas que não estavam dotados dos instrumentos para uma orientação autônoma.

Os anos em Bremen testemunharam uma sólida e constante radicalização do pensamento de Pannekoek, que passou a exercer marcada influência não apenas sobre o partido local, mas sobre parcelas expressivas da social-democracia alemã e internacional.

Cada vez mais impressionado pela iniciativa operária – que frequentemente com ações inesperadas ultrapassava as instâncias do partido e dos sindicatos – desde meados de 1910 ele escreveu vários artigos na *Bremer Bürgerzeitung* sobre as questões do método e do modelo revolucionário, nos quais sempre sustentou a necessidade do uso da greve geral. Esse posicionamento deixou-o mal visto junto a muitos no interior do partido, em especial sindicalistas e defensores da concepção segundo a qual a social-democracia deveria ampliar sua

³⁰ A maioria do partido em Bremen alinhou-se com as posições ortodoxas desde a época do debate sobre o revisionismo, nos primeiros anos do século XX. Heinrich Schulz, diretor da *Bremer Bürgerzeitung* (influyente suplemento socialista que era o porta-voz do setor marxista), conseguiu imprimir uma linha que suplantou a resistência dos reformistas, cujo maior expoente era Friedrich Ebert (1871-1925), que seria o presidente da primeira república alemã em 1918. Inclusive o antecessor de Schulz, Alfred Henke (1868-1946) defendia firmemente o princípio de que a emancipação do proletariado somente seria possível por meio de uma luta inconciliável contra a burguesia e o liberalismo. Nos anos seguintes, sob a sua influência, o debate na seção local radicalizou-se cada vez mais em compasso com o aguçamento do debate sobre a greve de massas. No entanto, a maioria das direções partidárias e sindicais alinhava-se com as concepções reformistas e os eleitos ao legislativo e executivo locais expressavam posições revisionistas. Essa situação aparentemente contraditória refletia uma realidade socioeconômica específica em função de a cidade de Bremen estar numa região de alta concentração de operários industriais – que tornava o antagonismo de classe entre operários e burgueses mais marcado que em outras regiões – além de permitir um desenvolvimento mais livre e dialético das relações políticas (com agitações operárias frequentes e, às vezes, espontâneas e “selvagens”) e ter aglutinado parte considerável do mundo da cultura e dos professores, sensíveis aos problemas sociais e cientes das posições progressistas e radicais, que fizeram das escolas ambientes de contestação social. Desde o início, tais setores tiveram com Pannekoek uma homogeneidade política sobre os problemas de fundo, que foi a antessala de sólida e durável aliança, a qual teve em Johann Knief (1880-1919) seu maior expoente (cf. MALANDRINO, obra citada, p. 128).

influência nas instituições e na sociedade alemãs de forma “responsável”.

Começaram então os conflitos e as polêmicas, em especial com os dirigentes sindicais, a exemplo de Adolf Von Elm (1857-1918) e Karl Legien (1861-1920), defensores de uma linha política autodenominada por eles de “realista”, segundo a qual a relação da base operária com suas lideranças deveria se calcar na confiança, o que implicava apoiar, referendando, as decisões dos dirigentes. A essa posição Pannekoek replicou, em artigo de dezembro de 1910: “A maioria dos funcionários sindicais se distancia da classe operária... a massa dos empregados sindicais se alimenta do revisionismo. A teoria que a massa, incapaz de julgar, deve seguir confiante as diretrizes dos líderes é falsa... Uma evolução que pudesse prever a acumulação de um poder sempre maior dos burocratas sobre os associados seria fatal” (Pannekoek, 1910, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 131).³¹

A reação raivosa da imprensa sindical nacional não se contentou em rebater cada argumento seu. Atacou-o pessoalmente adjetivando-o de rico burguês, irresponsável, um doutrinário dogmático que fazia uma crítica frívola aos sindicatos, típica de um estudioso estranho aos interesses da classe operária. Além do mais divulgaram, sem fundamento, que Pannekoek teria sido um dos principais responsáveis pela cisão havida em 1909, no SDAP holandês; logo, era também um sectário intolerante.

Na verdade, tomavam expressão pública os primeiros contornos do que seria a divisão da corrente marxista ortodoxa no interior da social-democracia alemã entre o centro e a esquerda, que doravante estariam cada vez mais separados. Questões como a propaganda radical sobre a bondade do instinto revolucionário das massas; a necessidade das greves generalizadas contra a política imperialista; o destaque à iniciativa operária de massa (que se confrontou naquele momento em praça pública com a polícia em diversos pontos do país) passaram a ser vistas pelos dirigentes do partido como temas nocivos e encarados com suspeita e temor, pois interrompiam a marcha gradual e pacífica de ocupação das instituições.

Com tal pano de fundo, teve início, em outubro de 1911, a polêmica de Pannekoek com Kautsky que duraria até o início de 1913 e

³¹ La maggioranza dei funzionari sindacali si allontana dalla classe operaia... la massa degli impiegati sindacali è nutrita dal revisionismo. La teoria che la massa, incapace di giudicare, deve seguire fiduciosa le direttive dei capi è falsa... Un'evoluzione che prevedesse l'accumulazione di un potere sempre maggiore dei burocrati sugli associati sarebbe fatale.

abordou os pontos centrais da tática revolucionária. Iniciada em função de uma temática eleitoral, ela foi muito além e serviu para demarcar com o marxismo ortodoxo kautskiano a ser analisado quando da exposição dos argumentos críticos de Pannekoek a esse socialismo clássico em sua relação com o recorte deste trabalho.

Ao término da polêmica, Pannekoek ficou em situação difícil na social-democracia alemã: deixou de ser colaborador da *Neue Zeit*; sua posição foi nitidamente derrotada no congresso de Chemnitz (1912); foi duramente atacado pelo partido, em Bremen, por haver rompido a unidade da esquerda local contra os revisionistas e reformistas a partir de 1912, em função das crescentes divergências que opunham Henke a Pannekoek, Radek e Knief.

Embora fossem nítidas as diferenças entre o centro kautskista e a esquerda, vale ressaltar que seus principais expoentes não gozavam de boas relações entre si e, dentro de um quadro geral de posicionamentos comuns, houve aspectos claros de divergências. Exemplo disso, no âmbito da análise político-econômica, é que Pannekoek foi um dos maiores críticos da obra de Rosa Luxemburg, aparecida em dezembro de 1912, intitulada *Die Akkumulation des Kapitals* (A acumulação do Capital).³²

A evolução do debate (corroborado pelas questões práticas concernentes às polêmicas no terreno eleitoral) fez com que a questão tática fosse superada pela questão estratégica da conquista do poder da classe operária: despontavam duas atitudes opostas relativamente ao comportamento dos socialistas diante do Estado.

Nesse aspecto, e para além dele, Pannekoek concebia que as formas externas assumidas pelas instituições são secundárias em relação ao caráter de classe proletário assimilado coletiva e subjetivamente pelos indivíduos explorados; logo, as primeiras podem mudar inteiramente, mas, se o segundo se mantém, o fundamental resta mantido. E mesmo sem fazer uma única citação, durante a polêmica, das obras de Marx e de Engels (pois considerava inapropriado valer-se de tal recurso fácil, optando por se ajustar ao método – aqui também ficou patente o contraste metodológico diante das eruditas citações de Kautsky), foi dos poucos teóricos marxistas antes de 1914 a apresentar uma posição marxista sobre o problema do Estado, ainda que nesse

³² Esse trabalho foi motivado pela necessidade de equacionar, segundo a autora, problemas insolúveis e erros na análise do processo de reprodução ampliada do esquema de Marx. (cf. LUXEMBURG, 1984, p. 3). Argumentos que Pannekoek rebateu afirmando que era desnecessário preencher lacunas no pensamento marxiano para explicar o imperialismo. (cf. MALANDRINO, obra citada, p. 140).

momento sem apresentar exemplos históricos ou formas alternativas ao Estado Capitalista.

Ainda sobre a questão do Estado, mas em sua articulação com a nação, registra-se que Pannekoek foi um adversário tenaz de toda forma de nacionalismo. Sua concepção projetava, já nessa fase de sua trajetória, que na futura sociedade socialista mundial as distintas nacionalidades seriam importantes para sua constituição. O que não significava enxergar qualquer sentido numa autonomia política específica para cada nação.³³

Nessa temática, em especial no texto *Klassenkampf und Nation* (Luta de classe e nação), de 1912, ele entendia que todos os caracteres constitutivos da nação (comunidade de destino, língua, território, psíquica) deveriam ser subordinados ao desenvolvimento do capitalismo, portanto o problema da incidência da luta de classe sobre a nação era de primeira ordem. Na verdade, para ele, a política a ser adotada era o internacionalismo proletário, como se evidencia nesta passagem:

[...] seria um erro total querer combater os sentimentos e as consignas nacionais. Quando estão arraigados nas cabeças, apenas podem ser eliminados por uma realidade mais forte, que atue sobre os espíritos e não por argumentos teóricos. [...] Somente quando a grande realidade do mundo atual – o desenvolvimento capitalista, a exploração, a luta de classe e sua meta final, o socialismo – tenha impregnado por inteiro o espírito dos operários, se desvanecerão e desaparecerão os pequenos ideais burgueses do nacionalismo. *A propaganda pelo socialismo e a luta de classe constituem o único meio, mas um meio seguro, para quebrar a força do nacionalismo.* (PANNEKOEK, 2005, p. 51-52).³⁴

³³ Sempre no sentido de combater manifestações nacionalistas, Pannekoek envolveu-se numa polêmica com Franz Mehring, um dos expoentes da esquerda do SPD, em outubro de 1913, e escreveu diversos trabalhos no período. Neles abordou desde a crítica às comemorações patrióticas à caracterização da Alemanha como uma potência comparável à Rússia dos tempos de Marx em termos de reacionarismo, feita pelo socialista inglês Hyndman, e à abordagem do austromarxismo, nesse caso com referência ao texto de Otto Bauer, intitulado *Die Nationalitätenfragen und die Sozialdemokratie* (A questão das nacionalidades e a social-democracia). (cf. BRICIANER, 1975, p. 131-132).

³⁴ [...] sería un error total querer combatir los sentimientos y las consignas nacionales. En los casos en que están arraigados en las cabezas, no pueden ser eliminados por argumentos teóricos sino únicamente por una realidad más fuerte, a la que se deja actuar sobre los espíritus. [...] Sólo cuando la gran realidad del mundo actual – el desarrollo capitalista, la explotación, la lucha de clase y su meta final, el socialismo – haya impregnado el espíritu entero de los obreros, se desvanecerán y desaparecerán los pequeños ideales burgueses del nacionalismo. *La propaganda por el socialismo y la lucha de clase constituyen el único medio, pero un medio que da resultados seguros, para quebrantar la potencia del nacionalismo.*

Assim, o início da conflagração mundial, em 1914, marcou não apenas o encerramento da experiência alemã de Pannekoek (cuja influência nesse país desde então se deu apenas por meio de escritos em função de seu retorno à Holanda), mas também sua ruptura com o marxismo da II Internacional.

2.1.3 A ruptura com o marxismo ortodoxo (1914-1921)

Com o início da guerra, os Pannekoek retornaram à Holanda. Ao mesmo tempo em que lutava para superar as dificuldades materiais relativas à sobrevivência da família, Anton foi acolhido no *Sociaaldemokratische Partij* – SDP (Partido Social-Democrático), a organização fundada pela minoria de esquerda, expulsa do SDAP em 1909.³⁵ No interior do partido, Pannekoek empreendeu uma intensa atividade sob a forma de reuniões e assembleias, sempre procurando responder ao questionamento que lhe era formulado, com base na sua experiência direta na social-democracia alemã, acerca das razões que levaram o maior partido marxista a se descaracterizar de forma tão profunda. Iniciava-se, assim, um novo processo de reflexão e análise que resultou em ações práticas não apenas na pessoa de Pannekoek, mas em toda a esquerda internacionalista e revolucionária.

De março de 1915 a abril de 1916 ocorreram, em diferentes localidades da Suíça, quatro conferências³⁶ que pretenderam recompor

³⁵ Embora residindo na Alemanha em 1909, desde o primeiro momento Pannekoek alinhou-se com a nova organização, firme na posição de não permanecer no SDAP e acompanhar os expulsos. Sobre o SDP, consultar Malandrino (obra citada, p. 115).

³⁶ A saber: a Conferência das mulheres socialistas em Berna, de 26 a 28 de março; a Conferência da juventude, em 5 e 6 de abril; a Conferência de Zimmerwald, de 5 a 8 de setembro e a Conferência de Kienthal, de 24 a 30 de abril de 1916. (cf. DROZ, 1979b, p. 846-870). Pannekoek, mesmo sem comparecer, tornou-se uma referência para as forças que se reuniram em Zimmerwald. Foi um momento de unidade teórica e prática com Lênin apesar das divergências entre ambos sobre o tema do uso do parlamento. Escrevendo a Gorter, em maio de 1915, Lênin insistiu que ele fundasse uma revista social-democrata internacionalista sob a direção de Pannekoek. Projeto que se realizaria em janeiro de 1916, quando a poetisa Henriëtte Roland Holst (única presença holandesa na conferência) aderiu à esquerda que se formou em Zimmerwald e se disponibilizou a financiá-la. Nasceu assim *Der Vorbote* (O Precursor), dirigida formalmente por ela e por Pannekoek e concretamente por Radek, que residia na Suíça. Em Zimmerwald, polarizaram-se dois campos. A maioria de orientação pacifista e a minoria de orientação anti-imperialista e revolucionária – sintetizada na consigna de “transformar a guerra imperialista em guerra civil” – que se constituiria na “Esquerda de Zimmerwald”. Logo no primeiro número foi publicado um ensaio de Pannekoek, intitulado *Der Imperialismus und die Aufgaben des Proletariats* (O Imperialismo e as tarefas do

o movimento socialista com uma política de oposição à guerra. Tais iniciativas serviram para aproximar todos aqueles que, mesmo com pressupostos e lógicas políticas distintas, eram internacionalistas não somente em palavras mas em atos: os grupos radicais alemães, tribunistas holandeses, socialistas italianos e suíços e os bolcheviques.

Em termos práticos, seu papel durante a guerra foi assim sintetizado por seu biógrafo:

Nos anos da guerra, Pannekoek desenvolveu um papel de orientador de vários grupos marxistas e revolucionários (sobretudo holandeses e alemães) e contribuiu para assegurar contatos e aproximação entre aquelas organizações e os bolcheviques, favorecido por uma notável afinidade entre as suas análises e as dos bolcheviques sobre o imperialismo e a atividade revolucionária (mesmo partindo de uma base cultural e política extremamente diferente). [...] Pannekoek foi um decidido defensor da necessidade de uma enérgica retomada da luta de classe do proletariado, entendida como a melhor garantia de paz e a mais coerente resposta internacionalista revolucionária à guerra, como símbolo de uma concepção renovada do socialismo. Nesse sentido precisou os contornos do seu programa revolucionário focado na atividade espontânea das grandes massas industriais e daquelas proletarizadas pelas necessidades imperiosas da própria guerra (MALANDRINO, obra citada, p. 147).³⁷

Em termos analíticos, Pannekoek identificou na debilidade do movimento social-democrata e na força do imperialismo a explicação para a atitude pró-guerra da maioria dos partidos socialistas, além da incapacidade de essa forma organizativa em dar respostas ativas e de

Proletariado), um esforço de elaboração de um plano estratégico de lutas a realizar durante a guerra e de análise prospectiva após o seu término. Reformulou suas ideias da época da polémica com Kautsky, atualizando-as para um contexto de maior isolamento das vanguardas revolucionárias e de sintomas de uma nova atividade das massas; enfatizou mais uma vez a importância das grandes ações de massas, a necessidade da destruição dos instrumentos de força e poder da burguesia (Estado, escola, meios de comunicação, Igreja); negou centralidade das organizações formais, pois identificou, na valorização dos aspectos materiais tradicionais da luta de classes, a fonte das concessões cada vez maiores. (cf. MALANDRINO, ob. cit., p. 157-159).

³⁷ Negli anni della guerra Pannekoek svolse un ruolo di orientamento dei vari gruppi (soprattutto olandesi e tedeschi) marxisti e rivoluzionari e contribuì ad assicurare un contatto e un avvicinamento tra quelle formazioni e i bolscevichi, favorito da una notevole affinità (pur partendo da un retroterra culturale e politico estremamente diverso) tra le sue analisi e quelle bolsceviche sull'imperialismo e sull'attivismo rivoluzionario. [...] Pannekoek fu un deciso assertore della necessità di un'energica ripresa della lotta di classe del proletariato, intesa come la migliore garanzia di pace e la più coerente risposta internazionalista rivoluzionaria alla guerra, nel segno di una concezione rinnovata del socialismo. In tal senso precisò i contorni del suo programma rivoluzionario imperniato sull'attività spontanea delle grandi masse industriali e di quelle proletarizzate dalle necessità impellenti della stessa guerra.

massas à agressividade das classes dominantes. Apontou como causa principal de tal incapacidade a concepção da burocracia do partido e dos sindicatos de enxergar, em qualquer iniciativa das massas, uma falta de disciplina, consumindo-se na sustentação formal/estrutural das organizações operárias, desligada das relações econômicas reais.

Por considerar fundamental atribuir responsabilidades pela guerra e pela desorientação do proletariado, publica em 1914, na *De Nieuwe Tijd*, um estudo aprofundado sobre a ruína da Internacional intitulado *De ineensstorting van de Internationale* (A desintegração da Internacional), onde condensou sistematizadamente a experiência passada, presente e futura do movimento operário e socialista. Nesse trabalho Pannekoek identificou o fim da I Internacional em função de sua estrutura centralizada confrontada com a afirmação dos Estados Nacionais. A estrutura descentralizada da II Internacional permitiu a esta conviver com essa realidade e desfrutar organizativamente do desenvolvimento econômico capitalista dos Estados Nacionais, por meio da fundação de partidos e sindicatos. “A conquista do poder político era o fim, o parlamentarismo o meio, integrado com a luta pelo sufrágio universal, que naquele momento era o objeto mais importante da disputa num grande número de países.” (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 150).³⁸

Além disso, acrescentou ele, o crescimento da organização da classe operária expresso pelos trabalhadores sindicalizados trazia também em seu interior forças conservadoras. Isso explicava o motivo pelo qual havia tão poucos sindicatos e parlamentos contra o imperialismo, ainda mais que nos marcos do capitalismo imperialista, entendido como última fase de organização e de expansão do capitalismo, os métodos de luta dos sindicatos perderam força. Concluía assim pela falência do sindicalismo e do parlamentarismo – falidos não por estarem errados em si mesmos, mas por terem perdido eficácia sem a sustentação direta das massas – e, diante do comprometimento irremediável da maioria da direção socialista, viu que era o momento de virar a página, pois abria-se uma nova época da luta de classes (e virar radicalmente, pois sua condenação ao social-patriotismo o fez sustentar a inutilidade de tentar realizar novas reuniões internacionais baseadas nos velhos relacionamentos). Para Pannekoek, aquele momento confirmou suas teorias sobre a necessidade das ações de massa como

³⁸ La conquista del potere politico era il fine, il parlamentarismo il mezzo, integrato con la lotta per il suffragio universale, che a quel tempo era l’oggetto più importante del contendere in un gran numero di paesi.

principal meio para aumentar a força do proletariado até a conquista do poder.

Escrevendo uma série de artigos na *Nieuwe Tijd*, em 1915, sobre as origens do conflito, identificou no progresso da Alemanha como potência capitalista que aspirava dominar o mundo para exportar seu capital e seus produtos, a causa profunda da guerra. Em abril de 1916 escreve *Wenn der Krieg zu Ende geht* (Quando a Guerra Terminar), onde procurou expor prospectivamente o comportamento da burguesia e da social-democracia reformista no fim da guerra. Seu prognóstico foi de que os aparatos produtivos tinham que ser reconvertidos, inclusive por meio da adoção de medidas do “socialismo de Estado” para incorporar uma social-democracia colaboracionista. Caso tal hipótese se confirmasse, ao proletariado estaria reservada apenas mais repressão. Desde logo então Pannekoek procurou estabelecer uma diretiva em sentido inverso ao afirmar que “O socialismo não é questão de indústrias estatais, mas de poder proletário”. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 159).³⁹

Na questão do imperialismo, importava a Pannekoek precisar as condições teóricas para uma retomada da iniciativa do proletariado internacional. E com isso se contrapor às posições que se manifestavam no interior da social-democracia alemã sobre a necessidade econômica do imperialismo.⁴⁰ Com essa finalidade publica em 1916 um ensaio denominado *De ekonomische noodzakelijkheid van het imperialisme* (A necessidade econômica do imperialismo) onde criticou o mecanicismo daqueles que concebiam tal necessidade meramente a partir do resultado de leis econômicas. Afirmou que o centro da polêmica estava em responder “se o capitalismo podia se tornar impraticável pelo seu próprio desenvolvimento, e assim obrigar os homens a prosseguirem rumo a outro modo de produção” (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 152). Nesse mesmo escrito, ele formulou a sua resposta retomando centralmente a questão da subjetividade, do elemento espiritual ativo, para concluir que não

³⁹ Il socialismo non è questione di industrie statali, ma di potere proletário.

⁴⁰ Naquele momento eram três as posições que afirmavam a “necessidade econômica” do imperialismo: 1) os social-imperialistas, que sustentavam argumentos pró-imperialismo no interior do campo socialista, exemplificados por Heinrich Cunow (1862-1936) e Paul Lensch (1873-1926); 2) os social-utopistas, continuadores do velho “centro” marxista, com Kautsky na Alemanha e Otto Bauer na Áustria; 3) Rosa Luxemburg e seus companheiros. Pannekoek observou com estranheza tais confluências teóricas (como entre Rosa Luxemburg e os social-imperialistas) que tinham implicações práticas e orientações de sentido oposto. Por outro lado, ajudava a compreender reviravoltas políticas como a de Lensch, antes seguidor de Rosa Luxemburg.

haveria uma crise final do capitalismo, e que o socialismo e o imperialismo eram necessidades sociais diversas daquelas meramente derivadas das leis econômicas, ainda que relacionados a elas e ao desejo de agir dos indivíduos.

O conteúdo de sua ação contra o imperialismo – expresso na sua colaboração na *Tribune* e em outros periódicos que expressavam posições revolucionárias e internacionalistas, a exemplo da revista berlinense *Lichtsstrahlen* (Raio de Luz),⁴¹ da Suíça *Berner Tagwacht* e da alemã *Arbeiterpolitik* (Política operária), folha do grupo Socialistas Internacionais Alemães (ISD), formado em grande parte pelos radicais de esquerda de Bremen, dirigidos por Johann Knief – apontava para centrar forças no interior dos próprios países no sentido de ajudar na organização dos operários para uma luta política ferrenha contra governos e burgueses, orientando-os em vigorosas ações de massa.

Um exemplo de como Pannekoek encarava como tarefa urgente o desencadeamento de lutas massivas contra a guerra se pode colher de um curto trabalho enviado à *Lichtsstrahlen*, publicado em março de 1915, intitulado *Der Marxismus als Tat* (O Marxismo como Ação), no qual afirmou:

[...] O marxismo tem duas partes: o homem é um produto das circunstâncias, mas por sua vez o homem modifica as circunstâncias. [...] Ambas as partes são igualmente corretas e importantes, e juntas formam uma teoria completa. Mas, de acordo com as circunstâncias, há que ressaltar mais ou menos uma ou outra parte. Na época das duras perseguições que se seguiu a 1878 [...] O marxismo serviu, deste modo, como uma teoria da completa dependência do homem em relação às relações econômicas durante os anos de sua debilidade numérica, dando aos socialistas um guia seguro para sua tática. Por isso, o materialismo histórico tomou necessariamente um tom fortemente fatalista, e isto se vê claramente no espírito dos dirigentes e teóricos daquela época. [...] Mas agora chegou o tempo de ressaltar a outra parte do marxismo até agora desconsiderada; agora, quando o movimento operário, se quiser

⁴¹ Nesse caso específico, a colaboração durou até a revista ter sido censurada pelo império alemão, de dezembro de 1914 a princípios de 1916. A diversidade de temas, tratados de forma sucinta, atestam a sintonia do holandês com os pontos nodais da crise naquele momento: nação (combatendo a tese de defesa da pátria e contrapondo o internacionalismo proletário), marxismo entendido como ação (combatendo a passividade dos métodos tradicionais, vide citação no corpo do texto), sobre o significado do socialismo (combatendo concepções que defendiam o “socialismo de Estado” e contrapondo a concepção de que o socialismo tem mais a ver com a iniciativa e poder direto do proletariado, embora incorpore algum grau de racionalidade e socialização dos meios de produção como elemento subordinado. Ainda mais porque o Estado, com seus objetivos e métodos repressivos, contribui para eliminar ao invés de aumentar o poder proletário). (cf. MALANDRINO, p.157).

superar a crise, terá de se reorientar para superar a estreiteza de visão e a passividade da velha época. Os homens devem fazer por si mesmos a história, sem que façam por eles. (PANNEKOEK, 2007d).⁴²

E foi com essa disposição subjetiva e objetiva de enfrentamento que ele antecipou o grande movimento revolucionário que a guerra fez levantar tanto nas fábricas quanto nas frentes militares a partir de 1916. Atento às transformações do capitalismo em tempo de guerra que aumentavam o nível de concentração e integração produtiva fazendo surgir um proletariado que não tinha sido atingido pela propaganda social-democrata, não organizado em partidos e sindicatos, Pannekoek enxergava neles a fonte de uma oposição tanto à guerra quanto ao movimento operário tradicional. Esse quadro era evidente na Alemanha, mas válido também para a Rússia e, quando eclodiu a revolução de fevereiro de 1917 derrubando o Czar, ele vislumbrou que as consequências catastróficas da guerra abriam caminhos por onde a revolução poderia trilhar “não como um retorno ao passado, aos erros contingentes da velha perspectiva, mas como uma nova prática instintiva, como ação espontânea pela sobrevivência contra a miséria avassaladora, um princípio da nova luta socialista” (Pannekoek, citado por MALANDRINO, ob. cit., p. 161).

Esse acontecimento tornou-se o mais importante a ser acompanhado e que influenciaria todos os países europeus e fez Pannekoek imaginar a falência do imperialismo na iminência de uma época revolucionária, prevendo que os EUA se tornariam a potência imperialista hegemônica no futuro. Fruto da sua concentração no estudo dos aspectos e das linhas de desenvolvimento da Revolução Russa, ele escreveu vários textos na *De Nieuwe Tijd*, em 1917 e 1918, onde suas percepções não se distanciam daquelas da esquerda radical, reveladora de uma avaliação independente do bolchevismo até 1919, afastada tanto da adesão passiva quanto da crítica prematura, e coerente com a sua concepção sobre a luta de classes desde que aderiu ao socialismo. A

⁴² El marxismo tiene dos partes: el hombre es un producto de las circunstancias, pero a su vez el hombre modifica las circunstancias. [...] Ambas partes son igualmente correctas e importantes, y juntas forman una teoría completa. Pero según las circunstancias hay que resaltar más o menos una u otra parte. En la época de duras persecuciones que siguió a 1878 [...] El marxismo sirvió, de este modo, como una teoría de la completa dependencia del hombre con respecto a las relaciones económicas durante los años de su debilidad numérica, dando a los socialistas una guía segura para su táctica. Por ello, el materialismo histórico hubo de tomar necesariamente un acento fuertemente fatalista, y esto se ve claro en el espíritu de los dirigentes y teóricos de aquella época. [...] Pero ahora ha llegado el tiempo de resaltar la otra parte del marxismo hasta ahora desconsiderada; ahora, cuando el movimiento obrero ha de orientarse de nuevo, a fin de superar la estrechez de miras y la pasividad de la vieja época, si quiere superar la crisis. Los hombres deben hacer por sí mismos la historia, sin que se la hagan.

partir de fevereiro de 1917, os acontecimentos na Rússia confirmavam na prática aquilo que havia teorizado: em Petrogrado, o proletariado, guiado pela teoria marxista e aplicando uma tática assentada nas ações de massa, conseguiu a conquista do poder. Obviamente isso não era socialismo, mas para ele importava a confirmação da metodologia revolucionária que partia das ações de massa para abater o Estado burguês, seguida da criação das novas instituições de poder, os *soviets*.

Nos primeiros dois anos, nas questões principais da Revolução Russa, suas posições coincidiam com as dos bolcheviques, mas também aqui Pannekoek prosseguia a polêmica com os chefes da social-democracia ocidental, que estigmatizaram a conquista bolchevique do poder como uma ditadura blanquista e tratavam com deboche as possibilidades de concretização do socialismo num país atrasado e agrícola, consideradas inexistentes.

A partir de outubro de 1918, Pannekoek vislumbrou que a situação política criada na Alemanha e na Europa central era revolucionária. As duríssimas condições socioeconômicas desagregaram o consenso popular de 1914, fazendo eclodir manifestações e greves pelos centros industriais e mineradores alemães, afirmando tanto a progressiva decadência social e política do imperialismo alemão quanto o surgimento de um movimento operário de massas autônomo em relação às diretivas da social-democracia majoritária e dos sindicatos. As fortalezas desse movimento coincidiam com as regiões e distritos onde era mais forte a presença dos radicais de esquerda e dos *Obleute* (capitães revolucionários), ligados ao USPD.⁴³

A esperança nas potencialidades desse proletariado autônomo foi o motivo pelo qual Pannekoek concentrou-se em declarar a ambiguidade do papel jogado pelo USPD e de se pronunciar contra a aberta sabotagem do SPD. Ele captou a essência proletária da insurreição de novembro, mas também seus limites dialeticamente situados na processualidade das contradições. Escrevendo no final de novembro de 1918, ele observou:

Para aqueles que a levaram a cabo, a revolução, como todas as revoluções modernas, é uma revolução *proletária*. Mas nos seus objetivos e resultados é, até agora, apenas uma revolução *puramente política*, e, por conseguinte, uma revolução *burguesa*. Isto é evidente, pelo fato dos chefes social-patriotas, Ebert e Scheidemann, terem sido escolhidos para atuar como chefes do governo provisório. [...] Um governo revolucionário que deseje ser o órgão do proletariado socialista

⁴³ O USPD e os *Obleute* são mencionados adiante quando da abordagem do processo revolucionário na Alemanha, inserido no contexto europeu.

deveria começar agora a tirar os velhos funcionários e abolir suas funções. O governo de Ebert, Scheidemann e Haase fez o contrário. Tentou obrigar os *Consejos de Soldados* a um papel consultivo subordinado e restaurar os poderes disciplinares dos oficiais, [...] Manteve a velha burocracia e lhe permitiu continuar seu domínio. Fez o mesmo que qualquer partido burguês quando assume o comando *tomar para si as melhores posições e deixar o resto no status quo anterior*. [...] O resultado será que, quando a burguesia assumir novamente o poder, acabará com todos estes planos ou os realizará do seu jeito como *socialismo de Estado*. (PANNEKOEK, 2007e).⁴⁴

Durante o primeiro ano da revolução alemã, Pannekoek escreveu profusivamente objetivando esclarecer o caminho revolucionário e ao mesmo tempo demonstrar os efeitos nocivos da influência dos que se mantinham no terreno da democracia e da socialização entendida como estatização.⁴⁵ Conseguiu influenciar a conduta dos grupos radicais e apresentou uma significativa convergência de posições com os bolcheviques, representados por Radek. Depois desse período e com o surgimento das diferenças de análise, Pannekoek começou a privilegiar, paulatinamente, a temática do “novo espírito comunista”, confrontando o “marxismo de Moscou” com o “marxismo/comunismo europeu ocidental”, com base ainda na evolução contraditória do processo revolucionário e no avanço da repressão contrarrevolucionária.

O esmagamento da insurreição com a liquidação da oposição espartaquista e a eleição à Assembleia Constituinte, no início de 1919, fizeram Pannekoek ter clareza de que se abria uma nova fase na vida política alemã, vista por ele como o início da restauração do domínio do capital sob a proteção de uma ditadura militar, garantida ideologicamente pela social-democracia. As expectativas da extrema-esquerda sobre o envolvimento de amplas massas com objetivos revolucionários revelaram-se ilusórias. A população queria, sobretudo,

⁴⁴ Para aquéllos que la llevaron a cabo, la revolución, como todas las revoluciones modernas, es una revolución *proletaria*. Pero en sus objetivos y resultados es, hasta ahora, sólo una revolución *puramente política*, y, por consiguiente, una revolución *burguesa*. Esto es evidente, a partir del hecho de los jefes social-patrióticos, Ebert y Scheidemann, fuesen seleccionados para funcionar como cabezas del gobierno provisional. [...] Un gobierno revolucionario que desee ser el órgano del proletariado socialista, debería comenzar ahora por quitar a los viejos funcionarios y abolir sus funciones. El gobierno de Ebert, Scheidemann y Haase ha hecho lo contrario. Ha intentado obligar a los *Consejos de Soldados* a un papel consultivo subordinado y restaurar los poderes disciplinarios de los oficiales, [...] Ha mantenido la vieja burocracia y le ha permitido continuar su dominio; ha hecho lo mismo que cualquier partido burgués cuando asume el mando - *tomar para sí mismo las mejores posiciones y dejar al resto en el statu quo anterior*. [...] El resultado será que, cuando la burguesía asuma de nuevo el poder, pondrá fin a todos estos planes o los realizará a su propio modo como *socialismo de Estado*.

⁴⁵ Sobre o tema da socialização, vide PANNEKOEK, 2006d.

paz, pão, trabalho e um retorno à moderação. A social-democracia alemã estava convencida de poder assegurar tais coisas com a colaboração de parte do exército e da burguesia.

Os comunistas de esquerda lançaram a palavra de ordem da radicalização e extensão da luta. Pannekoek foi um dos mais respeitáveis expoentes dessa linha, formulando-a porém em termos graduais e cautelosos, consciente que estava do refluxo em curso. A sua prioridade era fazer a crítica definitiva da social-democracia e aprofundar no tema da necessidade social do comunismo. Começava a amadurecer em Pannekoek a posição de que era preciso, preliminarmente, elaborar “uma nova orientação espiritual” da classe operária – uma concepção de socialismo baseada no marxismo, mas totalmente afastada de qualquer forma de ortodoxia sobre os problemas fundamentais do Estado e da democracia. Não se tratava mais, como havia escrito em 1909, de divergências táticas, mas de uma contraposição clara no mesmo terreno de luta: de um lado a revolução proletária, de outro a restauração capitalista.

Quanto à crítica definitiva da social-democracia, Pannekoek localizou na cristalização estratégica da tática eleitoral, parlamentar, democrático-burguesa – tática apontada por Marx e Engels ao movimento operário nas últimas décadas do século XIX sob determinadas condições históricas e políticas, como a mais indicada para a obtenção de maiores resultados – a raiz do erro social-democrata. Explicou assim o fato de as massas terem sido politicamente convencidas de que tais métodos e valores eram intrinsecamente bons e de terem expectativa numa revolução entendida como socialização dos meios de produção (medida que, nas condições do pós-guerra, era tomada pela burguesia, pelos militares e pela social-democracia sob a forma de Capitalismo de Estado).

Diversa era sua interpretação da concepção marxiana do Estado e da democracia socialista como elementos teóricos pensados em relação com o futuro sistema social. Segundo esta compreensão, o comunismo deve assegurar tanto a organização socialista da produção quanto eliminar a exploração, sem acentuar a importância da primeira, como fazem os reformistas e os revisionistas, nem da segunda, como fazem os libertários.

No tocante à necessidade social do comunismo, em sua opinião, Marx havia estabelecido como objetivo principal do proletariado a anulação da máquina estatal e a criação de novos órgãos. Caberia a estes organizar internamente as funções a serem conservadas, antes feitas pela velha máquina – segurança, transporte, educação, administração – e

reconstituir um organismo de direção da coisa pública, cujas características principais seriam o nivelamento da remuneração de todos com base no salário operário; descentralização das funções administrativas realizadas pelos delegados de fábricas, vilas, cidades e distritos; revezamento dos delegados de forma a impedir a formação de uma classe particular, a burocracia, separada das massas populares. Sobre esses princípios se constituiria uma organização administrativa da sociedade dependente do proletariado e não da burguesia, como acontecia na Rússia soviética, usada até aquele momento como modelo por Pannekoek. Assim, comprovava-se que a democracia proletária era superior à burguesa, por seu caráter substancial e não formal como desta última.

Em termos de disputa política direta, Pannekoek evitou se aprofundar muito nas divergências internas do Partido Comunista da Alemanha (KPD), criado em dezembro de 1918, e atuava mais como mediador entre a direção deste e a esquerda. Essa acabou quando os comunistas de esquerda foram expulsos no congresso de Heidelberg, de 20-24 de outubro de 1919. Foi a ocasião para que Pannekoek finalmente decidisse esclarecer algumas questões em toda a sua dimensão e importância.⁴⁶ Em sentido inverso, foi também entre fins de 1919 e começos de 1920 que passou a avaliar com maior cuidado os acontecimentos russos.

O texto que sistematiza o seu pensamento sobre a tática a ser adotada na Alemanha e na III Internacional aparece em 1920, intitulado “Revolução Mundial e Tática Comunista”. Nesse escrito Pannekoek, com seu método característico ancorado em Dietzgen, principiou por demarcar a distinção entre condições revolucionárias subjetivas e objetivas. Afirmou que o mecanismo de produção em todo o mundo capitalista havia se concentrado para sempre. Aqui residia a condição objetiva da revolução. A condição subjetiva era dada pelo exemplo da Rússia soviética, que estimulava potencialmente a maturidade de uma consciência revolucionária.

Evidentemente que, não sendo mecanicista e analisando a situação concreta que naquele momento tornava a revolução na Europa Ocidental “um processo lento e árduo” (PANNEKOEK, 2005, p. 227), Pannekoek identificou a origem dessa contradição na “outra fonte

⁴⁶ Essas questões relacionam-se com as polêmicas que manteve com Radek até a primavera de 1920, sobre os rumos do processo que culminariam na sua rejeição à tática formulada pela III Internacional para o período, defendida pelo polonês com o apoio de Moscou. Para conhecimento da abordagem pannekoekiana, vide PANNEKOEK, 2007f.

secreta de poder, que havia ficado intacta e que lhe permitiu, quando tudo parecia perdido, restaurar seu poder. Esse poder oculto é a influência espiritual da burguesia sobre o proletariado. Como as massas proletárias ainda estavam completamente dominadas pela ideologia burguesa, restauraram com suas próprias mãos, depois da catástrofe, a dominação da burguesia.” (id., *ibid.*, p. 232).⁴⁷

E apontava o caminho a ser seguido:

A contradição entre a imaturidade espiritual do proletariado, o poder da tradição burguesa sobre ele e o rápido esfacelamento econômico do capitalismo, que não é uma contradição casual, pois enquanto o capitalismo floresce, o proletariado não poderá adquirir maturidade necessária para o poder e a liberdade. Tal contradição somente pode ser resolvida pelo processo de desenvolvimento revolucionário, numa sucessão onde insurreições espontâneas, conquistas do poder e derrotas se alternarão. [...]. O problema da tática não consiste em procurar de que modo se pode conquistar o poder o mais rápido possível, porque neste caso apenas pode ser um poder aparente – e este cairá fácil nas mãos dos comunistas – mas como se podem formar no proletariado os fundamentos de um poder duradouro. Nenhuma “minoría determinada” pode resolver problemas que só podem ser resolvidos pela ação de toda a classe. [...]. O poder que a burguesia ainda hoje possui se baseia na dependência espiritual e na falta de independência do proletariado. O desenvolvimento da revolução corresponde ao processo de auto-libertação do proletariado desta dependência e da tradição do passado, e isso somente é possível por meio de sua própria experiência na luta. (PANNEKOEK, 2005, p. 237-238).⁴⁸

⁴⁷ otra fuente secreta de poder, que había quedado intacta y que le permitió, cuando todo parecía perdido, restaurar su poder. Este poder oculto es la influencia espiritual de la burguesía sobre el proletariado. Como las masas proletarias estaban aún completamente dominadas por la ideología burguesa, restauraron con sus propias manos, tras la catástrofe, la dominación de la burguesía.

⁴⁸ El contraste entre la inmadurez espiritual, el poder de la tradición burguesa sobre el proletariado y la debacle rápida del capitalismo – lo que no es un contraste fortuito, pues mientras el capitalismo florece, el proletariado no puede adquirir madurez para el poder y la libertad –, este contraste no puede resolverse más que en el proceso revolucionario de la evolución, en la sucesión de levantamientos espontáneos, conquistas del poder y retrocesos.[...] El problema de la tática no consiste en investigar de qué modo se puede conquistar el poder lo más rápido posible, pues en tal caso sólo puede ser un poder aparente – y este caerá suficientemente rápido en manos de los comunistas – sino en como deben formarse en el proletariado los fundamentos de un poder duradero. Ninguna “minoría resuelta” puede resolver los problemas que sólo pueden ser resueltos por la actividad de toda la clase. [...] El poder que la burguesía tiene todavía en la hora presente está basado en la servidumbre espiritual y la falta de independencia del proletariado. El desarrollo de la revolución corresponde al proceso de auto-liberación del proletariado de tal dependencia y de la tradición de los tiempos pasados; y esto sólo es posible a través de su propia experiencia en la lucha.

Nesse mesmo texto ele fez a condenação das formas de luta sindical e parlamentar, consideradas superadas e obstáculos para a criação de uma consciência de classe revolucionária de massas. Alertou sobre as novas e sucessivas formas que as classes dominantes utilizavam para conservar a sua dominação apoiando ou colocando sindicalistas no poder:

Em todos os países, os sindicatos constituem as organizações operárias mais poderosas [...] na Alemanha, em novembro de 1918, os estados maiores dos sindicatos constituíram a guarda contrarrevolucionária por trás de Ebert. No transcurso da última crise de março apareceram no primeiro plano da cena política tentando conquistar uma influência direta na formação do governo. Este apoio ao governo de Ebert era apenas para ludibriar mais uma vez o proletariado com o engano de um “Governo sob controle da organização operária.” [...] Da mesma forma que o governo “puramente socialista”, o governo dos sindicatos tentará conservar e estabilizar o resultado momentâneo do processo revolucionário [...] Portanto, este governo tem o significado de ser o último refúgio da classe burguesa [...] Não podendo mais enganar o proletariado colocando “trabalhadores” num governo burguês ou socialista, poderia ainda desviar o proletariado de seus fins radicais máximos via um “governo das organizações operárias”, para conservar assim parte de sua posição privilegiada. Tal governo tem um caráter contrarrevolucionário por tentar conter no meio do caminho o desenvolvimento necessário da revolução [...] estas considerações também são importantes com relação à atitude dos comunistas diante das atuais associações sindicais: tudo que contribui para reforçar sua unidade e força consolida este poder que, no futuro, se colocará no caminho do progresso da revolução. (PANNEKOEK, 2005, p. 259-262).⁴⁹

⁴⁹ En todos los países, los sindicatos constituyen las organizaciones obreras más poderosas [...] En Alemania, en noviembre de 1918, los estados mayores de los sindicatos constituyeron la guardia contrarrevolucionaria que estaba tras Ebert; y, en el transcurso de la última crisis de marzo, aparecieron en el primer plano de la escena política en un intento de conquistar una influencia directa en la formación del gobierno. Con este apoyo al gobierno de Ebert sólo se trataba de timar una vez más astutamente al proletariado con el engaño de un “Gobierno bajo el control de la organización obrera.” [...] Al igual que el gobierno “puramente socialista”, el gobierno de los sindicatos intentará conservar y estabilizar el resultado momentáneo del proceso revolucionario [...] Por tanto, este gobierno tiene el significado de ser el último refugio de la clase burguesa [...] Si no pudiese ya engañar al proletariado por medio de “trabajadores” en un gobierno burgués o socialista, podría aún desviar al proletariado de sus fines radicales extremos por medio de un “gobierno de las organizaciones obreras”, a fin de conservar así una parte de su posición privilegiada. El carácter de un tal gobierno es contrarrevolucionario por cuanto intenta contener a mitad de camino el desarrollo necesario de la revolución [...] Y estas consideraciones son importantes también con relación a la actitud que los comunistas deben tener frente a las asociaciones sindicales actuales: todo lo que contribuye a reforzar su compacidad y fuerza consolida esta potencia que, en el futuro, se atravesará en el camino del progreso de la revolución.

Além de tais alertas Pannekoek, embora considerasse que a revolução internacional passava por duras derrotas sofridas no ocidente, continuava a enxergar na Rússia soviética um porto seguro. Porém já explicitando ressalvas:

Enquanto na Europa Ocidental o capitalismo se decompõe cada vez mais, na Rússia, apesar das enormes dificuldades, a produção se organiza sob nova ordem. A hegemonia comunista não significa que toda a produção se realize de modo comunista – isto somente é possível depois de um longo processo evolutivo – mas que a classe operária dirige conscientemente a produção rumo ao comunismo. Em nenhum momento tal evolução pode ir além do que permitem os fundamentos técnicos e sociais existentes, e tem de apresentar formas de transição nas quais aparecem restos do antigo mundo burguês. Pelo que sabemos na Europa Ocidental sobre a situação russa, essas formas se encontram em ação ali. (PANNEKOEK, 2005, p. 263-264).⁵⁰

Um último aspecto torna-se importante destacar neste trabalho, e com ele Pannekoek escolheu fazer o seu fechamento. Embora se possa apontar a ausência de sensibilidade para os riscos derivados da concentração de forças e ideologias reacionárias, aos quais ele não demonstrava dar muita importância no delineamento das possíveis linhas de desenvolvimento da revolução mundial, na parte final Pannekoek expõe a sua visão internacionalista relacionando a Revolução Russa com as tarefas da revolução na Ásia, fazendo antever com muito realismo os futuros movimentos de libertação nacional vitoriosos em nome do marxismo e do socialismo:

A revolução mundial não pode ser percebida em toda sua importância universal, se for considerada somente do ponto de vista da Europa Ocidental. Rússia não é somente a parte oriental da Europa, mas também, e em maior medida, a parte ocidental da Ásia. E não apenas sob o aspecto geográfico, mas também sob o econômico. [...] A Revolução Russa é o início da grande revolta da Ásia contra o capital europeu ocidental concentrado na Inglaterra. [...] Os assuntos da Ásia são os próprios assuntos da humanidade. (PANNEKOEK, 2005, p. 271-273).⁵¹

⁵⁰ Mientras que en Europa occidental el capitalismo se descompone cada vez más, en Rusia, a pesar de las dificultades enormes, la producción se organiza bajo un nuevo orden. La dominación del comunismo no significa que toda la producción se realice de modo comunista – esto no es posible más que después de un largo proceso evolutivo – sino que la clase obrera dirige la producción hacia el comunismo con una determinación consciente. En ningún momento, tal evolución puede ir más allá de lo que permite el substrato técnico y social existente, y tiene que presentar formas de transición en las que aparecen restos del antiguo mundo burgués. Por lo que sabemos en Europa occidental sobre la situación rusa, esas formas se encuentran allí en acción.

⁵¹ La revolución mundial no puede ser percibida en toda su importancia universal si se la considera únicamente desde el punto de vista de Europa occidental. Rusia no es sólo la parte

O ano de 1920 reservou ainda alguns acontecimentos marcantes para Pannekoek: o fechamento do escritório da Internacional em Amsterdam, em maio; a publicação do livro de Lênin “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”, em junho/julho, e os resultados do II congresso da Terceira Internacional realizado em julho.

O escritório da IC, também conhecido como “Bureau Auxiliar de Amsterdam”, foi criado em janeiro de 1920 pelo Executivo da IC, para funcionar como um centro de ação para a Europa Ocidental, facilitar o intercâmbio entre os diversos grupos ou partidos, ser um centro de propaganda, editar um periódico e realizar um encontro regional. Os tribunistas holandeses empenharam-se vivamente para que funcionasse a contento, e exerceram certa influência em suas posições. Foi dissolvido pela IC, em maio, em função de sua própria debilidade, mas principalmente pela hostilidade dos bolcheviques que fizeram suspender seu financiamento. No curto espaço em que funcionou, deu provas de um esforço de esclarecimento teórico e cooperação acima das fronteiras e também da incapacidade da esquerda revolucionária de constituir um centro autônomo de Moscou.

O livro de Lênin foi uma crítica inesperada, em especial para os marxistas holandeses. Até então Pannekoek acreditava que o líder maior da Revolução Russa não partilhava das posições que vinham sendo emanadas da IC, defendidas principalmente via Radek. Foi um ataque frontal contra toda a linha argumentativa antissindical e antiparlamentar de K. Horner (pseudônimo usado por Pannekoek para os artigos escritos no decorrer da polêmica com Radek). Que gosto amargo Pannekoek deve ter sentido ao ser chamado de um dos novos chefes que “dizem supremos disparates e asneiras [...] tolices inacreditáveis, manifestando assim não conhecer o ABC do marxismo [...] chegam a afirmar coisas completamente absurdas” (LÊNIN, 1981, p. 40) para concluir com uma proposta concreta em que o alvo principal era ele e Gorter:

O Comitê Executivo da III Internacional deve, na minha opinião, condenar abertamente e propor ao próximo Congresso da Internacional Comunista que condene, de modo geral, a política de não participação nos sindicatos reacionários (explicando pormenorizadamente a insensatez que essa não participação significa e o imenso prejuízo que causa à revolução proletária) e, em particular, a linha de conduta de alguns membros do Partido Comunista Holandês, que (direta ou

oriental de Europa, sino también, en mayor medida, la parte occidental de Asia, y no sólo en el aspecto geográfico, sino también en el aspecto económico. [...] La revolución rusa es el comienzo de la gran revuelta de Asia contra el capital europeo occidental concentrado en Inglaterra. [...] Los asuntos de Asia son los propios asuntos de la humanidad.

indiretamente, às claras ou disfarçadamente, total ou parcialmente, tanto faz) sustentaram essa política falsa. (LÊNIN, 1981, p. 57).

De modo geral Lênin criticava com vigor o fato de, segundo sua apreciação, a esquerda germano-holandesa não saber combinar o trabalho legal com o trabalho ilegal. “Horner”, em particular, era também criticado por seu rigor abstrato que o impedia de aceitar compromissos, como por exemplo, o reconhecimento do Tratado de Versalhes (1919), indispensável ao movimento comunista para poder avançar em uma condição histórica difícil.

Pannekoek rejeitou *in totum* as acusações de Lênin, opinando que a crítica que sofrera tinha mais importância pela pessoa que as fazia do que pelo mérito dos argumentos utilizados. E, diferentemente de Gorter, que na sua resposta ao “Esquerdismo”⁵² descartou o mecanismo da recuperação política de Lênin e dos outros dirigentes bolcheviques pelo capital, considerando-os adversários momentâneos, Pannekoek intuía que divergências irreconciliáveis profundas se desenvolviam.

De agora em diante ele estava convencido da vitória do oportunismo na Internacional, condicionando também o futuro da Alemanha (embora ainda não considerasse tal vitória irreversível). A partir de então o esforço analítico devia se concentrar sobre o que estava acontecendo na fortaleza do comunismo e sobre os motivos de uma orientação oportunista em homens como Lênin e Trotsky. Esse foi o conteúdo de sua breve réplica aparecida na *De Nieuwe Tijd*, para em seguida se fechar em silêncio durante o segundo semestre de 1920, voltado para o estudo da evolução dos acontecimentos na Rússia que resultaram na Nova Política Econômica (NEP) em março de 1921. Quando voltou a escrever uma manifestação de fundo, no final de 1921, recolocou o tema do desenvolvimento revolucionário mundial nos mesmos termos de “Revolução Mundial e tática comunista”. O que mudava, lenta mas profundamente, era a sua avaliação sobre a república soviética e as dúvidas cada vez mais consistentes de que aquela estrada conduzia efetivamente ao comunismo.

Quanto ao II Congresso da IC, além dos pontos já tratados na historiografia sobre a III Internacional – foi o congresso da “bolchevização” da Internacional, expresso pelas 21 Condições aprovadas para adesão de uma organização em suas fileiras, de que

⁵² Trata-se da “Carta aberta ao camarada Lênin”. (cf. TRAGTENBERG, 1981, p. 14-74).

obviamente Pannekoek discordava –,importou sobretudo a relação que a IC teria com o KAPD,⁵³ fundado em abril de 1920.

Após o II Congresso, Pannekoek redigiu um posfácio para “Revolução Mundial e Tática Comunista”, onde afirmou:

As ideias desenvolvidas acima foram escritas em abril e enviadas para a Rússia para que, se possível, pudessem servir de material para as decisões táticas do Comitê Executivo e do Congresso. Entretanto, a situação ali mudou de tal forma que o Comitê Executivo de Moscou e os camaradas dirigentes na Rússia se colocaram inteiramente do lado do oportunismo. De sorte que deram a esta tendência o predomínio no II Congresso da Internacional Comunista. Esta política apareceu primeiro na Alemanha pela vontade de Radek de impor aos comunistas alemães sua tática do parlamentarismo e do apoio aos sindicatos centralizados por todos os meios intelectuais e materiais que dispunha graças à direção do KPD, tática que dividiu e debilitou o movimento comunista. Depois que Radek foi nomeado secretário do Comitê Executivo, esta passou a ser a política de todo o Comitê Executivo. (PANNEKOEK, 2005, p. 278).⁵⁴

Prosseguindo na análise, ele discorreu sobre a insistência da IC em atrair o USPD para a órbita de Moscou enquanto o KAPD era admitido como observador e tratado com frieza, o fechamento do Bureau de Amsterdam, a negociação para a aceitação do ingresso de centristas do PS Francês, a orientação para os comunistas ingleses entrarem no Partido Trabalhista, pertencente à II Internacional (chamado por Pannekoek de “agrupamento político da maioria dos dirigentes

⁵³ Sigla em alemão para “Partido Comunista Operário da Alemanha”. Expressão mais radicalizada das sucessivas cisões na social-democracia alemã. Divergindo da política “4 de agosto” do SPD, em abril de 1917 a esquerda (Liebknecht, Mehring, Pieck, Levi e Rosa Luxemburg) e o centro (Kautsky) do partido fundaram o USPD. Em dezembro de 1918, a corrente spartaquista deixou o USPD, somou-se aos radicais de esquerda e fundou o Partido Comunista Alemão (Liga Spartacus), sigla KPD (S). O KPD(S), em abril de 1920, perdeu 80% de seus membros (40.000) para o KAPD e os 20% restantes, em dezembro de 1921, fundiram-se com a ala esquerda do USPD, cerca de 400.000, dando origem ao VKPD – Partido Comunista Unificado da Alemanha. A ala direita do USPD paulatinamente retornou ao SPD a partir de 1922.

⁵⁴ Las ideas desarrolladas más arriba fueron escritas en abril y enviadas enseguida a Rusia para que, si era posible, pudiesen servir de material a las decisiones tácticas del Comité Ejecutivo y del Congreso. Mientras tanto, la situación ha cambiado allí de tal manera que el Comité Ejecutivo de Moscú y los camaradas dirigentes en Rusia se han colocado enteramente del lado del oportunismo, de suerte que han dado a esta tendencia la preponderancia en el segundo Congreso de la Internacional Comunista. Esta política apareció primero en Alemania por la voluntad de Radek de imponer a los comunistas alemanes, por todos los medios intelectuales y materiales de que disponía gracias a la dirección del KPD, su táctica del parlamentarismo y del apoyo a los sindicatos centralizados, táctica que dividió y debilitó al movimiento comunista. Después que Radek ha sido nombrado secretario del Comité Ejecutivo, esta política se ha convertido en la política de todo el Comité Ejecutivo.

sindicais reacionários”). Tudo isso foi apontado como manifestações do esforço dos bolcheviques em estabelecer uma “aliança com as grandes organizações operárias da Europa Ocidental que ainda não são comunistas”. E mais, frisou que enquanto os comunistas de esquerda tentavam praticar uma política voltada para fazer as massas operárias “mais conscientes e revolucionárias por meio de uma encarniçada luta de princípios contra as tendências burguesas, social-patriotas e indecisas, e contra seus representantes, a direção da Internacional tenta conseguir sua adesão massiva a Moscou, sem que para isso seja necessária a mudança completa de suas concepções fundamentais” (id., *ibid.*, p. 279).⁵⁵

Nessa fase de sua trajetória, Pannekoek ainda continuava resistente em adotar posições frontalmente antibolcheviques. Concentrando-se na luta política que se travava, aduziu:

O que se destaca do escrito de Lênin que acaba de aparecer, “A doença infantil do comunismo” (o “esquerdismo”), é exatamente o contrário do que os bolcheviques russos, outrora mestres da tática de esquerda por suas ações, aconselharam aos comunistas de esquerda da Europa Ocidental. Sua importância não reside em seu conteúdo, mas na pessoa de seu autor. Com efeito, seus argumentos não propõem praticamente nada novo. Na maioria são os mesmos já utilizados por outros, mas a novidade é que hoje são utilizados por Lênin. Por isso não se trata de combatê-los ou contrapor-lhes outros argumentos – seus defeitos residem principalmente em colocar no mesmo plano as condições, os partidos, as organizações, a prática parlamentar, etc., da Europa Ocidental e as da Rússia – mas de compreendê-los como emanção de uma política determinada. (PANNEKOEK, 2005, p. 279).⁵⁶

Outros acontecimentos comprovam essa postura cautelosa. Em março de 1921, Pannekoek recusou aderir ao projeto de constituição de

⁵⁵ más conscientes y revolucionarias a través de la lucha de principios más encarnizada contra las tendencias burguesas, social-patriotas e indecisas, y contra sus representantes, la dirección de la Internacional intenta conseguir que se adhieran masivamente a Moscú, sin que para ello sea necesario que cambien completamente sus concepciones fundamentales.

⁵⁶ Lo que resalta del folleto de Lenin que acaba de aparecer, “La enfermedad infantil del comunismo (el ‘izquierdismo’)”, es exactamente lo contrario de lo que los bolcheviques rusos, en otros tiempos maestros de la táctica de izquierda por sus acciones, aconsejaron a los comunistas de izquierda de Europa Occidental. Su importancia no reside en su contenido, sino en la persona de su autor. En efecto, sus argumentos no proponen prácticamente nada nuevo; en su mayoría son los mismos que ya han sido utilizados también por otros; pero lo llamativo es que hoy son utilizados por Lenin. Por eso, no se trata de combatirlos – sus defectos descansan en su mayoría en que se pone en el mismo plano las condiciones, los partidos, las organizaciones, la práctica parlamentaria, etc., de Europa Occidental y las de Rusia – u oponerles otros argumentos, sino de comprender que aquí aparecen como emanación de una política determinada.

uma nova organização internacional, patrocinado por alguns grupos radicais alemães. Para ele, naquele momento ainda era possível conciliar a luta contra o oportunismo no interior da III Internacional com a defesa do poder soviético conquistado na Rússia. Por isso, diferentemente de Otto Rühle, que criticava a “intolerância” da IC, Pannekoek criticava a tolerância excessiva desta para com as concepções social- democratas.

Foi somente após o III Congresso da IC – realizado de 22 de junho a 12 julho de 1921 – que ele tomou consciência dos rumos da revolução e do caráter do partido comunista russo.⁵⁷ Pannekoek percebeu a ligação direta entre a adoção da NEP internamente à Rússia e as decisões do III Congresso válidas para todo o movimento comunista. Enquanto a NEP era um retorno ao capitalismo, a III Internacional expulsava definitivamente o KAPD (aos seus olhos considerada a força política mais consequente na sustentação de uma concepção comunista e revolucionária), significando assim que o oportunismo havia vencido definitivamente a batalha.

Em polêmica contra a poetisa Henriëtte Roland Holst – que havia percebido a mudança de tom e tinha lhe pedido explicações na *Nieuwe Tijd* (episódio que o levou a se desligar do comitê de redação da revista em função de tal polêmica levar o grupo redator a tomar um posicionamento político compacto) – ele esclareceu definitivamente as razões radicais da sua divergência com relação à tática imposta à Europa Ocidental pelo partido bolchevique, por razões internas russas, nas assembleias da Internacional e também com relação à linha de desenvolvimento da Revolução Russa. Além disso, completou a sua reflexão estratégica sobre o destino da revolução proletária no ocidente, em conexão com a soviética, a partir da derrota do movimento alemão na primeira metade de 1919.

Pannekoek concluiu que os chefes da Revolução Russa haviam instrumentalizado a organização internacional dos comunistas. Diante da necessidade de firmar compromissos com o capitalismo mundial para reconstruir o aparato produtivo da Rússia depois da fase do “comunismo de guerra”, era necessário, em termos de política externa, retomar os

⁵⁷ Outro episódio contribuiu para a ruptura de Pannekoek com a nova ortodoxia nascente: a cisão do pequeno Partido Comunista Holandês (CPN) e com isso da “escola marxista holandesa”, reunida em torno da *Nieuwe Tijd*, depois de quase trinta anos de unidade na diversidade de orientações políticas dos teóricos marxistas holandeses. Em 1921, foi majoritária a posição de transformá-la na revista teórica do CPN, na linha da III Internacional. Em suas memórias, Pannekoek atribuiu à ferrenha disciplina imposta por Moscou (a “bolchevização”) o motivo da divisão do grupo originário da *Nieuwe Tijd*. (cf. MALANDRINO, ob. cit. p. 185).

tratados comerciais (pareceu-lhe emblemático aquele firmado com a Inglaterra em março de 1921), efetivar o pagamento das dívidas de guerra, e sacrificar a revolução europeia.

2.1.4 Transição e crítica filosófica (1921-1943)

No final de 1921, Pannekoek afastou-se de qualquer tipo de atividade política ligada ao movimento comunista hegemônico por Moscou. Por motivos diferentes, mesmo mantendo uma simpatia política, não se vinculou a organizações como o Partido Comunista Operário da Holanda (KAPN), homólogo holandês do KAPD, fundado por iniciativa de Gorter após a cisão do CPN em 1921. Ele considerou que o período revolucionário estava encerrado pela inquestionável ausência do proletariado como sujeito revolucionário, por isso cabia às forças autenticamente comunistas atuar doravante centradas no desenvolvimento da autoconsciência do proletariado com base no marxismo.

Desde então, a adesão a um partido político ou a uma organização internacional passou a ser considerada por ele como algo desnecessário e inoportuno, “[...] um resíduo da primeira fase socialista do movimento operário”, como escreveu numa carta em 12 de março de 1927.⁵⁸

Foi exatamente nessa época que Pannekoek escreveu uma nova síntese da sua reflexão sobre os tempos e sobre as formas da revolução proletária, em *Overgang* (Transição). Nele, repetindo a fórmula de 1914, Pannekoek aproveitou o fim do período revolucionário do pós-guerra para refletir sobre a sua história e as crises do capitalismo. Reformulou a tese da integração da classe operária no “processo total do capitalismo”, realizada no período social-democrata (1891-1914), correspondendo à contradição entre teoria revolucionária (marxismo) e prática reformista (luta parlamentar e sindical); afirmou que a doutrina kautskiana tinha dado ao marxismo uma forma mecanicista; sustentou que uma nova geração de marxistas questionou uma propaganda que afirmava a necessidade do socialismo, mas sem dizer “como” e “quando” o capitalismo ruidaria, com isso dando forma teórica às ações de massa contra um imperialismo em ascensão e substituindo a tática da expectativa passiva pela atividade revolucionária, inserindo desse modo a ação espontânea de massas do proletariado como necessidade da

⁵⁸ Citado por MALANDRINO, ob. cit., p. 223.

caminhada ao comunismo; reafirmou a importância da contribuição dietzgeniana integrada ao marxismo original e a necessidade de corrigir a ortodoxia.

Pannekoek viu na guerra a revelação de uma dupla crise: de um lado, a incapacidade da burguesia de evitar a derrocada do sistema capitalista; de outro, a incapacidade do proletariado de iniciar a construção do comunismo. Segundo ele, daquele momento em diante não seria suficiente ao proletariado apenas se unir e se organizar, como ensinava o marxismo mecanicista. Por isso, as velhas formas organizativas e de luta seriam inúteis e prejudiciais. Doravante seria necessário não mais separar forma política e forma econômica.

Ao analisar a crise do capitalismo, ele identificou que não se tratava de uma crise final do sistema. Pelo contrário, o capitalismo renovou-se após a I Guerra por meio do seguinte processo: a) limitação da produção e da classe operária e criação posterior do desemprego estrutural; b) criação de mecanismos reguladores de tais fenômenos (com destaque para os monetários); c) internacionalização completa dos monopólios e das concentrações, simbolizada pela supremacia da economia estadunidense; d) constituição de sedes internacionais permanentes de regulamentação e estabilização política, com estados nacionais de soberania enfraquecida frente ao poderio estadunidense.

Colocando a esfera política em segundo plano, pois o objetivo estratégico continuava sendo a maturidade subjetiva do proletariado, “Transição” concluía com a afirmação de que as formas políticas – Estado, governo, parlamento, partidos – eram um fenômeno aparente, enquanto os inimigos reais, como a grande burguesia, o poder industrial e financeiro, estavam escondidos e atuavam na condição de “poder internacional” supremo. E situou a II e a III Internacionais no campo da sustentação do capitalismo.

Embora persistisse a ausência da hipótese de que um acirramento reacionário pudesse destruir as formas políticas democráticas sobre as quais se desenvolveu o movimento operário e socialista no pensamento pannekoekiano, esse escrito evidenciou duas intuições precisas: o enfraquecimento político e econômico dos países europeus em relação aos EUA (definido como a nova fortaleza antiproletária) e ter conceituado a organização do capital como “poder oculto” das massas proletárias, politicamente obrigadas a viverem limitadas nos termos ilusórios das velhas formas do século XIX.

Depois de 1921, e até 1927, Pannekoek recolheu-se nas pesquisas científicas e nas aulas de astronomia e física. Esse lado de sua vida, pouco estudado, na verdade nunca foi abandonado. Se considerarmos

que seu contato com a astronomia começou quando ele tinha doze anos (1885), e excetuando o período em que ficou afastado do ambiente acadêmico (1906 a 1916), quando publicou somente artigos de mera divulgação astronômica, de 1888 até 1957 (três anos antes de sua morte), ele produziu, com assiduidade surpreendente, trabalhos científicos e técnicos de nível muito elevado.

Embora esteja além do alcance deste trabalho adentrar a produção científica de Pannekoek como astrônomo, vale abrir um sucinto parêntese destacando alguns fatos que permitem um conhecimento mais abrangente do ser humano.

Sob o aspecto científico, a intensidade de sua atividade conheceu o auge durante o período datado entre 1918 e 1946, coincidindo em grande parte com sua carreira universitária, transcorrida no Instituto e no Observatório Astronômico de Amsterdam, fundados em 1921 pelo próprio Pannekoek e dirigidos por ele até o momento da sua aposentadoria durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante o tempo em que se dedicou quase que exclusivamente aos temas políticos e sociais, o seu vínculo com a astronomia manteve-se graças a um empenho metódico e erudito, cultivado nas horas vagas, de escrever uma história popular da astronomia. Tal projeto remontava a 1903 e foi desenvolvido, sobretudo, durante o período em que viveu em Berlim. Apoiado na obra do astrônomo e assiriólogo⁵⁹ F. X. Kugler (1862-1929), Pannekoek colocou como objetivo estruturar uma história da astronomia que não se limitasse a ser apenas uma “história das descobertas astronômicas” ou das grandes personalidades desde os antigos Caldeus, Babilônicos, Egípcios até os principais responsáveis pelo renascimento da astronomia como ciência exata como Galileu, Copérnico, Newton, Tycho Brahe, Kepler. Almejava ligar estreitamente a progressão da ciência astronômica com a transformação das condições materiais, sociais e culturais. Nesse sentido, o estudo inseria-se perfeitamente no complexo programa de pesquisa científica que ele havia definido para a sua vida. O resultado saiu publicado em 1951 – *De groei van ons Wereldbeeld. Een geschiedenis van de Sterrenkunde*, traduzido para o inglês em 1961, sob o título *A History of Astronomy* (Uma História da Astronomia). Embora a intenção do autor fosse disponibilizar um trabalho com fins didáticos e pedagógicos, foi considerado de alto nível de erudição, particularmente nas partes relativas à astronomia antiga e renascentista. Nessa obra, Pannekoek

⁵⁹ Cientista que estuda ou se especializa em assiriologia, ciência que trata da história e das antiguidades assírias, sua cultura e seu povo.

concebeu “o desenvolvimento da noção de astronomia como uma manifestação do crescimento do gênero humano” (citado por BRICIANER, 1975, p. 12).

O acúmulo obtido com as pesquisas histórico-astronômicas pavimentou o caminho para a retomada dos contatos com o meio acadêmico quando de seu retorno à Holanda, em 1914, constituindo o tema central de suas publicações durante a guerra. Lecionou matemática e física em universidades nas cidades de Hoorn e Bussum, até ser admitido na Universidade Comunal de Amsterdam, em 1919, primeiro na qualidade de empregado, passando a docente de astronomia em 1925 e a professor titular em 1932.

Seu programa de pesquisas, desenvolvido em quase vinte anos de trabalho, pode ser apresentado em três vertentes: 1) estruturação cosmográfica do sistema estelar da Via Láctea; 2) estudo experimental das atmosferas e do núcleo estelar; 3) história da astronomia. Os resultados experimentais e teóricos alcançados, avaliados como de grande importância, situam Pannekoek entre os maiores astrônomos holandeses, sendo considerado um dos fundadores da escola astronômica holandesa. Como astrônomo, a característica que o distinguia era a do observador, segundo seus colegas e alunos.

Em função de ter sido o primeiro a elaborar um método exato para analisar as nebulosas escuras e, dos resultados obtidos pela aplicação desse método no estudo das nebulosas escuras da constelação de Touro, recebeu em 1936 o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Harvard (EUA).⁶⁰ Suas iniciativas pelos diversos campos da astronomia lhe renderam ainda as maiores honrarias que um astrônomo poderia aspirar: a medalha de ouro da *Royal Astronomical Society* (Inglaterra, 1951); depois de 1936, sócio honorário da *American Astronomical Society*; membro da Real Academia Holandesa das Ciências.

Esse mergulho profundo na vida científica ajuda a entender os motivos pelos quais Pannekoek, entre as décadas de 1920 e 1930, não se envolveu em nenhuma iniciativa política prática, limitando-se a um trabalho de reflexão crítica junto a minúsculos movimentos às margens do movimento operário, holandês e internacional.

Antes de retomar a trajetória do Pannekoek intelectual comprometido com a causa do proletariado, há ainda outro aspecto importante na sua trajetória. Trata-se da sua inserção no debate

⁶⁰ Esse foi, talvez, o estudo que obteve maior reconhecimento, mas esteve longe de ser o único. (cf. BRICIANER, p. 9-12; MALANDRINO p. 199-201).

epistemológico dos anos 1930, onde ele retomou elementos de crítica histórico-cultural da filosofia da ciência e do conhecimento, iniciados nos primeiros anos de sua adesão ao marxismo, particularmente quando publicou em 1901 *De Filosofie van Kant en het Marxisme* (A Filosofia de Kant e o Marxismo).

Nessa fase de sua vida, a continuidade da crítica à ideologia científica contemporânea prosseguiu lastreada no materialismo histórico-dialético marxiano somado ao referencial filosófico do monismo dietzgeniano, porém foi enriquecida pelo contato crítico com a vertente neopositivista do Círculo de Viena, especialmente a sua componente berlinense representada por Hans Reichenbach (1891-1953).⁶¹ Não se deve ir além e interpretar que a resultante desse contato tenha evoluído para uma identidade de Pannekoek com as posições neopositivistas. Na verdade ele acompanhou de perto os debates por considerar que o terreno sobre o qual essa vertente se movia era comum ao seu, notadamente na polêmica antimetafísica e contra qualquer apriorismo, na atenção às novas concepções físicas e matemáticas e na necessidade de adequar a filosofia aos métodos da ciência.

A crítica filosófico-científica pannekoekiana foi inseparável da crítica política e de classe, ambas com centro de gravidade numa temática epistemológica. Portanto, sua aproximação efetiva com os **temas** neopositivistas não avançou para uma aproximação com as **soluções** neopositivistas. Estas permaneceram assentadas teoricamente no monismo filosófico marxista-dietzgeniano. Um exemplo de crítica à filosofia metafísica e ao mesmo tempo ao materialismo mecanicista é encontrado no texto escrito em 1937 para a revista acadêmica estadunidense *Science and Society*, intitulado *Society and Mind in Marxian Philosophy* (Sociedade e Mente na Filosofia Marxista):

O materialismo mecânico assume que nossos pensamentos estão determinados pelos movimentos dos átomos nas células de nossos cérebros. O marxismo considera que nossos pensamentos estão determinados por nossa experiência social observada através dos sentidos ou sentida como necessidades corporais diretas. [...] Nossas ideias e conceitos são a cristalização, a essência compreensiva da **totalidade** de nossa experiência, presente e passada. O que já foi fixado no passado sob formas mentais abstratas deve ser incluído com as adaptações do presente que sejam necessárias. As novas ideias parecem, assim, surgir de duas fontes: a realidade presente e o sistema de ideias transmitido do passado. A partir desta distinção surge uma das objeções mais comuns contra o marxismo. A objeção, a saber, é que não apenas o

⁶¹ Cf. Nota 28 de MALANDRINO, ob. cit., p. 202.

mundo material real, mas em não menor grau os elementos ideológicos (ideias, crenças e ideais) determinam a mente dos homens e assim suas ações e, por conseguinte, o futuro do mundo. Esta seria uma crítica correta se as ideias se originassem sozinhas, sem causa, da natureza inata do homem ou de alguma fonte espiritual sobrenatural. O marxismo diz que estas ideias têm de ter também sua origem no mundo real sob condições sociais. (PANNEKOEK, 2006f).⁶²

Além disso, em pelo menos um ponto ele foi além do acompanhamento do debate dos neopositivistas e interveio diretamente na polêmica. Tal se deu quando a validade donexo causal na lei científica foi questionada em 1927 – questionamento já existente desde o início do século XX, porém não tão qualificado – em função dos avanços no conhecimento de partes infinitamente pequenas da matéria e à teorização do princípio de indeterminação pelo físico quântico, depois prêmio Nobel, Werner Heisenberg (1901-1976).⁶³

Tais descobertas impactaram grandemente a discussão epistemológica em curso que logo se estendeu para as metodologias gerais das ciências histórico-sociais. Estava em cheque o determinismo nas ciências, que poderia sepultar definitivamente as crenças positivistas

⁶² El materialismo mecánico asume que nuestros pensamientos están determinados por los movimientos de los átomos en las células de nuestros cerebros. El marxismo considera que nuestros pensamientos están determinados por nuestra experiencia social observada a través de los sentidos o sentida como necesidades corporales directas. [...] Nuestras ideas y conceptos son la cristalización, la esencia comprensiva de la *totalidad* de nuestra experiencia, presente y pasada. Lo que ya fue fijado en el pasado bajo formas mentales abstractas debe ser incluido con las adaptaciones del presente que sean necesarias. Las nuevas ideas parecen, así, surgir de dos fuentes: la realidad presente y el sistema de ideas transmitido desde el pasado. A partir de esta distinción surge una de las objeciones más comunes contra el marxismo. La objeción, a saber, es que no sólo el mundo material real, sino en no menor grado los elementos ideológicos - las ideas, creencias e ideales - determinan la mente del hombre y así sus acciones, y por consiguiente el futuro del mundo. Ésta sería una crítica correcta si las ideas se originasen solas, sin causa, de la naturaleza innata del hombre o de alguna fuente espiritual sobrenatural. El marxismo, sin embargo, dice que estas ideas tienen que tener también su origen en el mundo real bajo condiciones sociales.

⁶³ Foi a partir de um problema físico específico que surgiu o princípio de indeterminação: a impossibilidade de medir a velocidade e de estabelecer a posição de um elétron. Com isso tornava-se impossível fazer previsões determinadas sobre a posição futura de uma partícula atômica ou subatômica as quais poderiam apenas ser conhecidas por meio probabilístico, estatisticamente variável de um ponto a outro. Embora limitada ao campo atômico, abriu-se o questionamento de que a lei científica pudesse ser utilizada para se atingir o conhecimento exato, isto é, que dada uma causa determinada, o efeito fosse perfeitamente dado e conhecível. Também se alterou a relação entre observador e objeto observado, que nesses casos se manifestava na aparência em dois universos físicos distintos: o da física clássica e o da física quântica. (cf. MALANDRINO, ob. cit., p. 206).

do século XIX. A questão para Pannekoek era outra: se, em função da indeterminação probabilística, como muitos afirmavam, não fosse mais possível obter um conhecimento científico nas matérias sociais, todo o seu edifício gnoseológico construído até aquele momento estaria destruído.

Os campos do debate dividiram-se entre os que refutavam as formas mecanicistas e materialistas do princípio causal e os que procuraram estabelecer uma conciliação entre o princípio de indeterminação e uma visão mais refinada, relativo-probabilística, do conceito de causalidade na tentativa de preservar a finalidade prática das ciências, isto é, a sua capacidade de previsão.

E foi movido pelo desejo de estabelecer com exatidão a relação entre os conceitos de probabilidade e causalidade na lei científica, vista como necessária para estabelecer mais uma vez o terreno seguro para a realização das ciências e, entre essas, do marxismo – a ciência da sociedade por excelência – que em 1933 Pannekoek escreveu o artigo *Das Wesen des Naturgesetzes* (A natureza das leis naturais).

Nesse trabalho, sempre preocupado com as implicações epistemológicas, ele reconheceu a importância do conceito de “probabilidade”; afirmou que uma lei não se refere a objetos observáveis na natureza, mas a objetos do pensamento e que os valores das coordenadas para aplicar uma lei eram fornecidos pela observação, e como tais sujeitos a erro. Isso significa que, por si, a lei constituía uma afirmação precisa, mas o resultado da sua aplicação estava sujeito a variações e erros. Concentrando-se sobre o binômio perfeição/imprecisão, o autor sustentou que a validade absoluta da lei científica provinha da sua natureza e forma abstrata e lógica, enquanto a sua aceção probabilística estava relacionada aos casos de aplicação experimental.

Aprofundando no que consistia o caráter abstrato da lei, afirmou que “A definição da lei não deixa nenhuma margem a qualquer tipo de imprecisão ou limitação”. Isso obviamente em termos gerais, pois uma lei podia se mostrar errada e ser substituída/integrada por uma lei melhor que, por sua vez, “pela sua forma, nos limites em que é reconhecida e vigente, deve possuir uma validade ilimitada”. Assim, a lei é uma abstração que se aplica a outras abstrações. Os objetos, os corpos mencionados por ela não são corpos reais, existentes, mas, também estes, conceitos abstratos, formados como síntese da subjetividade, do trabalho do intelecto sobre seus corpos reais.

Nessa altura de seu raciocínio, Pannekoek retoma o modo de proceder da subjetividade formulado por Dietzgen, e enuncia a

existência de um duplo mundo: o real e o formado pela atividade intelectual do homem através do método da abstração:

Como o intelecto forma da totalidade de todos os peixes o conceito de peixe, analogamente, forma da totalidade de todos os fenômenos consistente em objetos lançados em queda, a lei abstrata da força da gravidade. Esta é de natureza espiritual e existe somente na nossa cabeça. No mundo das coisas materiais não existe a lei da força da gravidade; lá existem somente os fenômenos concretos do movimento e da queda. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, ob. cit., p. 210).⁶⁴

Confirma-se mais uma vez a validade permanente da sua concepção adquirida no começo do século. Ressalta-se, porém que esse método, que é seu traço essencial, não é peculiar da ciência, mas em primeiro lugar da subjetividade humana; logo, anterior ao surgimento do método científico compreendido estritamente como tal. Em síntese, Pannekoek não considerou necessário haver uma revolução nas bases da ciência em função do princípio de indeterminação e da teoria probabilística. Para ele o conceito de probabilidade poderia tranquilamente coexistir com o de causalidade, porque ambos eram reciprocamente utilizáveis para que a subjetividade humana pudesse assimilar as distintas totalidades nos fenômenos naturais.

Retornando ao Pannekoek político, seu período de desorientação em função do declínio da revolução europeia – com tudo que isso significou – foi quebrado somente em 1927, quando escreveu um necrológio sobre Herman Gorter⁶⁵, seu amigo de quase trinta anos de vida política, e também quando escreveu *Prinzip und Taktik* (Princípio e Tática).

O autor inicia o texto fazendo o diagnóstico da derrota da revolução “porque o proletariado não se mostrou à altura de sua missão histórica enquanto a burguesia soube explorar a fundo suas carências” (citado por BRICIANER, ob. cit., p. 243) e prossegue afirmando que, no caso da Europa Ocidental, o esmagamento da elite revolucionária foi deslocando o poder para a direita, tornando os social-democratas

⁶⁴ Come l'intelletto forma dalla totalità di tutti i pesci il concetto di pesce, analogamente esso forma la totalità di tutti i fenomeni consistenti in oggetti lanciati e in caduta la legge astratta della forza di gravità. Essa è di natura spirituale ed esiste solo nella nostra testa. Nel mondo delle cose materiali non esiste la legge della forza di gravità; là esistono solamente i fenomeni concreti del movimento e della caduta.

⁶⁵ Escrito a poucos dias de sua morte, nele pode-se notar o grau de comoção que atingiu Pannekoek pelo estilo pouco habitual adotado em sua redação. (cf: PANNEKOEK, 2004, p. 91-96).

desnecessários. Rebate a tese do KAPD de crise mortal do capitalismo ⁶⁶ argumentando que ela nada tem em comum com o marxismo, pois “Marx e Engels assinalaram energicamente que somente com a ação consciente do proletariado, que conquista o poder pela luta de classes e posteriormente instaura uma nova ordem de produção, é possível acabar com o capitalismo [...] a questão do socialismo é uma questão concernente aos homens, uma questão de vontade, lucidez e energia [...]” (id., *ibid.*, p. 244). Com isso prevê que, no imediato, poderá haver pequenas crises no interior do campo capitalista “para saber se é melhor governar por meio da democracia ou da reação” (p. 245). Quanto à tática do proletariado, alertou:

Por isso, aquele que quiser basear sua tática sobre a ideia de que o capitalismo entrou numa crise permanente que seria incapaz de superar, comete um perigoso erro. Com efeito, esta ilusão leva a elaborar uma tática apenas a curto prazo e então, a inevitável decepção tem muitas oportunidades de engendrar o desalento. [...] Mas os fundamentos da teoria de Marx continuam corretos: para o capitalismo não existe impossibilidade alguma de aumentar a produção e, portanto, de superar uma conjuntura extremamente desfavorável. (Pannekoek, citado por BRICIANER, *ob. cit.*, p. 248). ⁶⁷

Com os olhos postos no futuro, na sequência do escrito, o autor precisa as funções do instrumento encarregado de prepará-lo: o partido. Porém demarcando claramente com os partidos de tipo social-democrata e bolchevique (tema que será retomado no próximo capítulo). Referindo-se ao KAPD, sustenta que o que há de mais valioso na sua imprensa “não são os chamados ardentes, que interessam somente a um pequeno número de trabalhadores, mas a informação séria, o comentário crítico da situação econômica e política e a discussão dos problemas táticos vinculados a esta situação.” Demarca a distinção entre tática

⁶⁶ “Princípio e Tática” foi utilizado por Pannekoek para, mais uma vez, afirmar a incorreção da tese de Rosa Luxemburg segundo a qual o capitalismo um dia irá se deparar com uma crise insuperável. Em 1934 ele voltaria ao tema ao criticar a obra de Henryk Grossmann *Das Akkumulations und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems* (A lei da acumulação e a derrocada do sistema capitalista), que sustentava a mesma tese de afundamento inevitável do capitalismo, embora contrária à de Rosa Luxemburg. Na elaboração de ambas as críticas ele se valeu de seus conhecimentos matemáticos aplicados ao esquema marxiano do livro II de “O Capital”. Para conhecer o inteiro teor da crítica ao livro de Grossmann, consultar PANNEKOEK, 2007i.

⁶⁷ Por eso, aquel que quiera fundar su tática sobre la idea de que el capitalismo había entrado en una crisis permanente que sería incapaz de superar, comete un peligroso error. En efecto, esta ilusión lleva a elaborar una tática sólo a corto plazo y entonces, la inevitable decepción tiene muchas oportunidades de engendrar el desaliento. [...] Pero los fundamentos de la teoría de Marx siguen siendo correctos: para el capitalismo no existe imposibilidad alguna de ampliar la producción y por lo tanto de superar una coyuntura extremadamente desfavorable.

principista e tática oportunista na ênfase que se dá à tática de curto prazo ou de futuro, criticando aqueles que “por vantagens imediatas sacrificam o que é permanentemente importante para o futuro” (id., *ibid.*, p. 252), e demonstra que em conjunturas em que as massas somente pensam em reformas o partido que se mantém firme em seus princípios tem necessariamente que perder influência. Se, pelo contrário, procura adaptar seus princípios para manter/ampliar influência terá necessariamente que cair no oportunismo, e cita como exemplo a III Internacional. Em conjunturas revolucionárias tudo muda: as massas transformam-se e os revolucionários, mesmo sendo um pequeno grupo, passam ao primeiro plano do processo. Estabelece-se assim uma clara distinção entre períodos revolucionários e períodos reacionários, mesmo que matizados por uma série de fases intermediárias. Após discorrer que tais reflexões servem também para a luta reivindicativa levada pela União Geral dos Trabalhadores (AAU), conclua:

Que nestes anos de decadência, de confusão e de engano um punhado de homens unidos tenha salvaguardado os princípios da luta de classes no sentido marxista, é o que conta. Pois sem isto não seria possível nenhuma recuperação. Princípios claros, a toda prova, e um ardente entusiasmo para a luta: esses são os dois pilares sobre os quais terá que reconstruir o desenvolvimento revolucionário. (Pannekoek, citado por BRICIANER, *ob. cit.*, p. 255-256).⁶⁸

Mas foi somente depois de 1929 que se pôde falar de uma retomada da atividade política de Pannekoek, momento em que se aproxima da vida do Grupo dos Comunistas Internacionalistas (GIC),⁶⁹ mesmo assim circunscrito à contribuição regular com suas publicações, nas discussões gerais, e mantendo sua independência.

Pessoalmente inserido na diminuta corrente conselhistas, o conteúdo de sua atividade política concentrou-se ao longo da década de

⁶⁸ Que en estos años de decadencia, de confusión y de engaño un puñado de hombres unidos haya salvaguardado los principios de la lucha de clases en el sentido marxista, es lo que cuenta. Pues sin esto no sería posible ninguna recuperación. Principios claros, a toda prueba, y un ardiente entusiasmo para la lucha: éstos son los dos pilares sobre los que habrá que reconstruir el desarrollo revolucionario.

⁶⁹ O GIC foi criado a partir de militantes que romperam com o KAPN e emigrados alemães, sem qualquer participação de Pannekoek. Tinha contatos com outros pequenos grupos de mesma orientação na Alemanha, França, Estados Unidos e Austrália. Por tal motivo, atribui-se incorretamente a Pannekoek ter sido o principal teórico dessa corrente quando na verdade ele foi apenas mais um a dar sua contribuição. Evidentemente tal incorreção se fundou em seu elevado prestígio pessoal e na força persuasiva de suas argumentações. Dentre os principais expoentes do GIC, figuram Henk Canne Meijer (1890-1962) e Jan Appel (1890-1985), redatores da obra “Princípios básicos da produção e distribuição comunista”, aparecida pela primeira vez em 1930.

1930 sobre questões de princípio surgidas de fatos concretos que envolviam problemas gerais de comportamento político. Exemplo disso foram dois artigos escritos em 1933 tratando da atitude de um integrante dessa corrente de incendiar a sede do parlamento alemão (*Reichstag*) em 23 de fevereiro de 1933.

Intitulados *Persoonlijke daad* (O ato pessoal) e *Vernieling als stridjmiddel* (A destruição como método de luta) e publicados anonimamente em março de 1933, neles Pannekoek criticou firmemente o gesto praticado por Rinus Van der Lubbe (1909-1933) valendo-se não de argumentos legais ou morais, mas – situando na perspectiva histórica – do direito à existência do patrimônio artístico e de conhecimentos acumulados em épocas anteriores no interesse da revolução proletária. Politicamente, demonstrou que a burguesia em nada fora afetada por tal gesto e que, pelo contrário, serviu de pretexto a uma fortíssima e continuada repressão na qual o primeiro alvo era o movimento operário. E mais, Pannekoek acrescentou que num país ocidental, com uma polícia bem organizada, o terrorismo individual ou de pequenos grupos não teria qualquer possibilidade não só de vitória, mas também de sobrevivência a longo prazo. Como sempre, revelou mais uma vez o seu peculiar método ao situar o ato pessoal no contexto das ações de massa de forma antagônica em relação ao mesmo ato quando praticado apartado de tais ações, ao afirmar:

Separado da ação de massas o ato de um indivíduo que pensa que pode realizar por si só algo grandioso é inútil, mas, como parte de um movimento de massas, tem a mais alta importância. Os operários em luta não são um regimento de marionetes idênticas em coragem, mas se compõem de forças com naturezas diferentes concentradas no mesmo objetivo, seu movimento é irresistível. Neste corpo, a audácia do mais valente encontra tempo e lugar para se expressar em atos pessoais de coragem, quando a clara compreensão dos outros os conduz a um objetivo adequado para não perder o que já conquistou. Do mesmo modo, num movimento em ascenso, esta interação de forças e atos é de grande valor quando orientada por uma clara compreensão que anima os operários neste momento, necessário para desenvolver sua combatividade. Mas neste caso, muita tenacidade, audácia e coragem serão exigidas, pelo que não será necessário queimar um parlamento. (PANNEKOEK, 2007g).⁷⁰

⁷⁰ Separado de la acción de masas, el acto de un individuo que piensa que puede realizar por sí solo algo grandioso es inútil. Pero como parte de un movimiento de masas, el acto personal tiene la más alta importancia. Los obreros en lucha no son un regimiento de marionetas idénticas en coraje sino que están compuestos por fuerzas de diferentes naturalezas concentradas en el mismo objetivo, su movimiento es irresistible. En este cuerpo, la audacia

No mesmo ano da ascensão do nacional-socialismo, Pannekoek continuava declarando que as ilusões democráticas permaneciam e que, na Alemanha, as únicas massas em movimento eram as mobilizadas pelo nazismo. Logo, o trabalho das minorias revolucionárias continuava a ser a propaganda paciente, a desmistificação, a construção da subjetividade revolucionária proletária, individual e de massas.

Durante o período de 1933 a 1943, além das contribuições anônimas para a imprensa do GIC e para a correspondência da corrente conselhistas (*Rätekorrespondenz*), Pannekoek escreveu regularmente para as publicações estadunidenses animadas por Paul Mattick (1904-1981): *Internacional Council Correspondence* (Correspondência Conselhistas Internacional); *Living Marxism* (Marxismo Vivo); e *New Essays* (Novos Ensaios).⁷¹

Dentre os artigos escritos, vários deles serão abordados adiante por se relacionarem com temas específicos desse trabalho: a organização política e as formas que assume no movimento operário e socialista. Dois temas, no entanto, foram sintetizados e merecem ser expostos aqui: a sua análise do Fascismo – tratada no artigo *The Role of fascism* (A função do fascismo), de 1936 – e a sua análise sobre as causas da derrota da revolução proletária, agora de forma mais clara, conceitualmente mais completa e com conhecimento maior de elementos ausentes nos textos anteriores a 1932 – tratada no artigo *Why past revolutionary movements failed* (As causas da derrota dos movimentos revolucionários passados), de 1940.

No artigo sobre o fascismo, Pannekoek o enxergou como algo que tinha por finalidade unir

pequenos capitalistas e classes médias... numa organização de massa forte o bastante para se opor e abater as organizações proletárias. Esta classe, situada entre a capitalista e a operária, incapaz de combater o capitalismo, [esteve] sempre pronta a combater a luta de classe dos

del más valiente encuentra el tiempo y el lugar para expresarse en actos personales de coraje, cuando la clara comprensión de los otros los llevan hacia un objetivo adecuado para no perder lo conquistado. De la misma manera, en un movimiento en ascenso, esta interacción de fuerzas y actos es de gran valor cuando es guiada por una clara comprensión que anima, en este momento, a los obreros, lo cual es necesario para desarrollar su combatividad. Pero en este caso, demasiada tenacidad, audacia y coraje será convocada, por lo que no será necesario quemar un parlamento.

⁷¹ Constam os seguintes artigos: “Os Intelectuais” (outubro de 1935); “O sindicalismo” (janeiro de 1936); “Os conselhos operários” (abril de 1936); “As classes sociais e o seu poder” (maio de 1936); “A propósito do partido comunista” (junho de 1936); “A função do fascismo” (julho de 1936); “Notas gerais sobre a questão da organização” (novembro de 1938); “As causas da derrota dos movimentos revolucionários passados” (outono de 1940), e “Materialismo e materialismo histórico” (outono de 1942). (cf. KORSCH e outros, 1978, p. 304-313).

operários. Embora essa [odiasse] o grande capital e [atuasse] por meio de slogans anticapitalistas, [era] na realidade, um instrumento nas mãos do capitalismo, que pagava e dirigia a sua ação política destinada a subjugar os operários. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, ob. cit., p. 243-244).⁷²

Ideologicamente os traços distintivos eram o nacionalismo e o estatismo corporativo. E o partido fascista era o instrumento de conquista e defesa do poder. A ditadura do chefe do partido foi entendida como forma de administração do governo coerente com as exigências do capitalismo desenvolvido, altamente concentrado. A análise pannekoekiana concentrou-se em revelar o papel hegemônico do grande capital, a decadência dos ideais socialistas e comunistas que favoreceram a conquista das massas pelo fascismo e afirmar que o desaparecimento dos partidos e das demais organizações operárias permitiu a recomposição da “natural unidade de classe”.

Nesse escrito de 1936, Pannekoek revela que, do ponto de vista da luta revolucionária, era indiferente optar por um ou outro tipo de regime ou partido, como se deduz de sua afirmação final:

A social-democracia apela à democracia: os operários deverão escolher os seus patrões com o voto. O partido comunista recorre à revolução: os operários deverão se sublevar ao sinal do partido comunista, derrubar o governo capitalista e colocar o partido comunista no seu lugar. Os fascistas apelam aos sentimentos nacionais e aos instintos pequeno-burgueses. Todos aspiram a alguma forma de capitalismo ou socialismo estatal em que a classe operária é comandada e explorada pelo Estado, pela comunidade dos chefes, diretores, oficiais e empresários da produção. Sua convicção comum é que as massas operárias são incapazes de conduzir os seus interesses. Eles pensam que as maiorias estúpidas e incapazes devem ser guiadas e educadas pelas minorias capacitadas. Quando a classe operária lutar por sua real liberdade, com a finalidade de ter em suas mãos a direção da produção e o governo da sociedade, ela se deparará contra todos estes partidos (PANNEKOEK, id., ibid., p. 245-246).⁷³

⁷² piccoli capitalisti e classi medie... in un'organizzazione di massa abbastanza forte da ostacolare e battere le organizzazioni proletarie. Questa classe, stretta fra quella capitalistica e quella operaia, incapace di combattere il capitalismo, [era] sempre pronta a contrastare la lotta di classe degli operai. Sebbene essa [odiasse] il grande capitale e [procedesse] per slogan anticapitalistici, [era] in realtà uno strumento nelle mani del capitalismo, che pagava e dirigeva la sua azione politica tea al soggiogamento degli operai.

⁷³ La socialdemocrazia fa appello alla democrazia; gli operai dovranno scegliere i loro padroni col voto. Il partito comunista fa ricorso alla rivoluzione; gli operai dovranno sollevarsi al segnale del partito comunista, rovesciare il governo capitalista e mettere il partito comunista al suo posto. I fascisti fanno appello ai sentimenti nazionali e agli istinti piccolo-borghesi. Tutti quanti aspirano a qualche forma di capitalismo o socialismo statale in cui la classe operaia é

O tema do nazi-fascismo voltaria a ser abordado em 1946, em dois dos capítulos da sua obra maior – *De arbeidersraden* (Os conselhos operários) –, em que o veio analítico de Pannekoek mostrou-se mais amplo e perspicaz. O fascismo foi enquadrado como corpo de ideias e sistema político implantado em momento de ofensiva do grande capital, mas como opção excepcional diante de um proletariado revolucionarizado ou de fracasso do capitalismo frente a um inimigo mais poderoso. A regra, dizia ele citando os EUA como exemplo, era de que “*un dominio tranquilo puede estar más facilmente asegurado com el recurso de la democracia política*”(PANNEKOEK, 1977, p. 281).

Já no artigo de 1940, sobre as causas da derrota da revolução proletária, por sua vez, encontramos um Pannekoek que não mais se limita a criticar a tática imposta pelos comunistas russos aos partidos irmãos do ocidente sem emitir um parecer cabal sobre o bolchevismo e o regime por ele edificado (como no escrito de 1927, “Princípio e Tática”, antes comentado). Agora a perspicácia de Pannekoek estava aguçada para apontar as distinções entre o regime surgido da Revolução Russa e a perspectiva comunista.

Começou por expor a distinção entre dois tipos de objetivos sociais revolucionários – a revolução que prepara as condições para o comunismo (chamada por ele de “revolução de classe média”) e a revolução que põe fim ao capitalismo (proletária). Em seguida, demonstrou como na Rússia se deu a revolução de primeiro tipo com mais profundidade, razão pela qual o bolchevismo alcançou sua hegemonia no movimento, embora a partir de certo ponto os comunistas ocidentais perceberam “com dolorosa surpresa” que “de Moscou estavam sendo propagados outros princípios e ideias distintos dos seus” (PANNEKOEK, 2006j) pois tratava-se de um confronto entre duas concepções de revolução. Além disso, questionou se essa terminologia (revolução de classe média) seria adequada para a Revolução Russa, que havia “destruído a burguesia e introduzido o socialismo”. Sua resposta foi que a burocracia, surgida dos operários e camponeses e de funcionários do regime anterior, cumpria na Rússia o que as camadas médias e a burguesia cumpriram no ocidente: “desenvolver o país por meio da industrialização, das condições primitivas até a alta

comandata e sfruttata dallo stato, dalla comunità dei capi, direttori, ufficiali e *manager* della produzione. Loro convinzione comune è Che le masse operaie sono incapaci di condurre i loro affari. Essi pensano che le maggioranze stupide e incapaci debano essere guidate ed educate da minoranze capaci. Quando la classe operaia lotterà per la sua reale libertà, al fine di prendere nelle sue mani la direzione della produzione e Il governo della società, essa si troverà contro tutti questi partiti.

produtividade.” (id., ibid.). Transferindo tal conteúdo para o campo político – a esfera da III Internacional –, sua análise demonstrou a dependência dos Partidos Comunistas (PC’s) em relação a Moscou e o processo de migração da influência do comunismo russo, no ocidente, do proletariado para os intelectuais. E concluiu explanando ao mesmo tempo o processo de tal transformação e o que a revolução proletária terá diante de si:

para triunfar desta maneira, necessitavam de uma revolução operária para derrotar o poder capitalista. Depois, deviam tentar desviá-la de suas próprias aspirações e convertê-la num instrumento para o governo de seu partido. Vemos assim que tipo de dificuldades terá de enfrentar a revolução futura da classe operária. *Terá de lutar não somente contra a burguesia mas também contra os inimigos da burguesia.* Tem não somente que se despojar do jugo de seus atuais amos, também deve se precaver daqueles que tentarão ser seus futuros amos. [...] Quando a miséria geral aumenta e os conflitos entre as classes se tornam mais ferozes, *a classe operária deve, por sua própria necessidade, se apropriar dos meios de produção e encontrar os caminhos para se libertar da influência do Bolchevismo.* (Pannekoek, 2006j).⁷⁴

Essa posição tão negativa sobre o bolchevismo foi possível porque, dois anos antes ele finalmente conseguiu conciliar a teoria declarada pelos bolcheviques com a sua prática. E para encerrar esse período de sua trajetória, resta analisar a obra que condensou a combinação das preocupações filosóficas com a contribuição política de Pannekoek e por isso pode ser considerada a obra maior escrita entre as décadas de 1920-1930, e certamente uma de suas maiores obras por permitir ao autor expressar o seu paradigma filosófico marxista. Trata-se de “Lênin Filósofo”,⁷⁵ publicada pela primeira vez em 1938.

⁷⁴ para triunfar de esta manera, necesitaban una revolución obrera para derrotar el poder capitalista. Luego, debían intentar desviarla de sus propias aspiraciones y convertirla en un instrumento para el gobierno de su partido. Vemos así qué tipo de dificultades tendrá que afrontar la revolución futura de la clase obrera. *Tendrá que luchar no sólo contra la burguesía sino también contra los enemigos de la burguesía.* No sólo tiene que despojarse del yugo de sus presentes amos; también debe guardarse de aquellos que intentarían ser sus amos futuros. [...] Cuando la miseria general aumenta y los conflictos entre las clases se hacen más feroces, *la clase obrera debe, por su propia necesidad, apropiarse de los medios de producción y encontrar los caminos para liberarse de la influencia del Bolchevismo.*

⁷⁵ Escrita a partir do momento em que o holandês tomou conhecimento da obra de Lênin “Materialismo e Empiriocriticismo”, por intermédio da tradução alemã feita em 1927 e publicada originalmente em russo em 1908. Em suas memórias, Pannekoek afirma que as razões que o levaram a escrever esse livro foram: ter percebido que Lênin se colocou no campo do materialismo burguês e a conexão de tal posição filosófica com a Revolução Russa. Ele considerou necessário publicá-lo mesmo que, por causa da escassez de recursos financeiros, poucos exemplares pudessem ser impressos “para fazer emergir o verdadeiro caráter do partido

Com essa obra Pannekoek pôde finalmente completar a sua posição sobre o leninismo, até então analisado nos limites dos conteúdos táticos e político-organizativos. Sua oposição frontal, ativa e generalizada ao bolchevismo, somente ocorreu quando ele pôde dar uma explicação no plano filosófico. Sua crítica estava condicionada ao modelo criado desde 1917 e ele alcançou construir uma arma de desmistificação ideológica para confrontar o leninismo no ocidente. “Lênin filósofo” caracteriza-se assim como um marco no amadurecimento do pensamento de Pannekoek.

Pela crítica das concepções filosóficas leninianas foi possível resgatar as bases filosóficas do próprio marxismo, que serviram de fundamento também para a constituição dos partidos comunistas. A proposta do livro foi dúplice: primeiro fazer uma crítica implacável, de ordem político-ideológica, ao modelo revolucionário bolchevique e aos resultados da Revolução Russa; e segundo, servir de crítica teórica aos autores abordados no livro.

Para tal empreitada Pannekoek forneceu a sua definição de marxismo:

[...] é necessário primeiramente se dar conta que este termo não engloba tudo o que Marx escreveu ou pensou. [...] Este não foi construído de uma vez. [...] as próprias concepções sucessivas de Marx evoluíram com as condições sociais e políticas. [...] Não obstante, o essencial é o que o marxismo contribuiu à ciência. É, antes de tudo, o materialismo histórico, [...] Depois, é a apresentação do capitalismo enquanto fenômeno histórico temporário, a análise de sua estrutura pela teoria do valor e da mais-valia e a explicação da existência, no seu interior, de tendências revolucionárias para uma sociedade comunista resultante de uma revolução proletária. Estas teorias enriqueceram para sempre o domínio do saber humano. Constituem o núcleo sólido do marxismo enquanto sistema de pensamento e, em condições novas, delas se poderão extrair novas conclusões. [...] Com esta base científica, o marxismo é mais que uma simples ciência: é uma nova concepção do passado e do futuro, do sentido da vida, da essência do mundo e do pensamento. É uma revolução espiritual, uma nova concepção do mundo, um novo sistema de vida. (PANNEKOEK, 2004, p. 272).⁷⁶

comunista russo e para aprofundar as bases do marxismo” (citado por MALANDRINO, ob. cit., p. 212).

⁷⁶ [...] es necesario darse cuenta primeramente de que este término no engloba todo lo que Marx ha escrito o pensado. [...] Éste no fue construido de una sola vez. [...] las concepciones sucesivas de Marx mismo evolucionaron con las condiciones sociales y políticas. [...] No obstante, lo esencial es lo que el marxismo ha aportado a la ciencia. Es, ante todo, el materialismo histórico, [...] Después, es la presentación del capitalismo en tanto que fenómeno histórico temporal, el análisis de su estructura por la teoría del valor y de la plusvalía y la

Concluiu a definição fazendo notar o seu método característico: Mas enquanto concepção do mundo, de *Weltanschauung*, na verdade existe somente pela classe que a professa: os operários que o introjetam, tomam consciência do que são, isto é, a classe do futuro [...] Assim, o marxismo, teoria da revolução proletária, é na verdade e, ao mesmo tempo, uma força viva apenas no espírito e no coração dos operários revolucionários. Isto supõe que o marxismo não pode ser uma doutrina imutável ou um dogma estéril que impõe suas verdades. A sociedade se desenvolve, o proletariado se desenvolve, a ciência se desenvolve. Surgem novas formas, novos fenômenos no capitalismo, na política, na ciência, que Marx e Engels não puderam prever nem pressentir. Assim, as formas de pensamento e de luta impostas pelas condições passadas devem ser substituídas por formas novas válidas para as condições novas, mas o método de pesquisa que forjaram continua sendo um guia e uma ferramenta excelentes para explicar os novos fenômenos. [...] Portanto, o marxismo é uma teoria viva cujo desenvolvimento está ligado ao do proletariado e às tarefas e fins de sua luta. (PANNEKOEK, 2004, p. 273).⁷⁷

Assentado em tal definição, Pannekoek distinguiu dois tipos de materialismo, o histórico e o burguês. O segundo apoia-se nas ciências da natureza e sucumbiu à ideologia de sua classe, enquanto o primeiro é uma ciência da sociedade que se vale da dialética. Afirmou que a atitude de ambos frente à religião constitui-se no melhor exemplo prático para se constatar tal distinção. Em seguida, criticou a dupla condenada pelo

explicación de la existencia, en su interior, de tendencias revolucionarias hacia una sociedad comunista resultante de una revolución proletaria. Estas teorías han enriquecido para siempre el dominio del saber humano. Constituyen el núcleo sólido del marxismo en tanto que sistema de pensamiento y de las que, en condiciones nuevas, se podrán extraer nuevas conclusiones. [...] Con esta base científica, el marxismo es más que una simple ciencia: es una nueva concepción del pasado y del futuro, del sentido de la vida, de la esencia del mundo y del pensamiento. Es una revolución espiritual, una nueva concepción del mundo, un nuevo sistema de vida.

⁷⁷ Pero en tanto que concepción del mundo, de *Weltanschauung*, no existe en realidad más que por la clase que lo profesa: los obreros que se penetran de él, toman conciencia de lo que son, es decir, la clase del futuro [...] Así, el marxismo, teoría de la revolución proletaria, no es en realidad y, al mismo tiempo, una fuerza viva más que en el espíritu y el corazón de los obreros revolucionarios. Esto supone que el marxismo no puede ser una doctrina inmutable o un dogma estéril que impone sus verdades. La sociedad se desarrolla, el proletariado se desarrolla, la ciencia se desarrolla. Surgen nuevas formas, nuevos fenómenos en el capitalismo, en la política, en la ciencia, que Marx y Engels no pudieron prever ni presentir. [Las formas de pensamiento y de lucha que imponían las condiciones pasadas, deben ser substituidas, pues, por formas nuevas válidas para las condiciones nuevas] Pero el método de investigación que forjaron continúa siendo un guía y una herramienta excelentes para explicar los nuevos fenómenos. [...] Por tanto, el marxismo es una teoría viva cuyo desarrollo está ligado al del proletariado y a las tareas y a los fines de su lucha.

livro de Lênin ⁷⁸ (Mach e Avenarius), o próprio Lênin e por fim Plekhanov.

Sobre o físico e filósofo austríaco Ernst Mach (1838-1916), Pannekoek identificou como seu grande mérito filosófico – mesmo estando ele situado fora do campo do materialismo histórico – eliminar o dualismo entre alma e corpo. As ideias machianas tiveram seu núcleo assim resumido por ele: “cada elemento, mesmo descrito por numerosas palavras, é uma unidade inseparável, que pode integrar um complexo que denominamos físico, mas que, combinado com outros elementos diferentes, pode integrar um complexo que denominamos psíquico [...] o mesmo elemento será físico em certo contexto e psíquico em outro” (id., *ibid.*, p. 334). No entanto, como Mach, influenciado pela burguesia já como classe reacionária, pretendia realizar uma crítica do materialismo naturalista de modo a “assegurar a supremacia de qualquer princípio espiritual sobre a matéria” (id., *ibid.*, p. 316), Pannekoek reconheceu que a crítica que Lênin lhe fazia (e ao empiriocriticismo em geral) estava, em princípio, “justificada”.

Quanto ao filósofo suíço Richard Avenarius (1843-1896), fundador do empiriocriticismo, embora reconhecendo certa contribuição científica inovadora sobre a fisiologia do cérebro inacessível à experiência, Pannekoek criticou a sua tentativa, como de toda a filosofia burguesa, de pretender “criticar e corrigir o pensamento humano ao invés de considerá-lo como um processo natural” (PANNEKOEK, 2004, p. 327), para então formular o antagonismo entre empiriocriticismo e materialismo histórico nos seguintes termos: “A filosofia burguesa busca a fonte do conhecimento na meditação pessoal, o marxismo a encontra no trabalho social” (id., *ibid.*, p. 330).

A parte dedicada a Lênin em “Lênin Filósofo” e a tradução política de suas concepções no âmbito da Revolução Russa serão abordadas na seção que analisa a crítica pannekoekiana ao bolchevismo. Passando a Plekhanov, Pannekoek argumentou que ele atribuiu uma importância decisiva a algo secundário – em função de sua obviedade – para distinguir o materialismo marxiano de outras teorias materialistas: “os pensamentos são produzidos pelo cérebro”, quando na verdade trata-se de destacar como surgem as ideias na sociedade. Por esta via chegasse à questão fundamental da distinção: os diversos materialismos são

⁷⁸ Cf. LÊNIN, 1990a.

“expressão de lutas de classes distintas”.⁷⁹ Aqui reside para Pannekoek o conteúdo do marxismo.

2.1.5 Posições de um marxista na maturidade (1943-1960)

Pannekoek “aposentou-se” em 1943,⁸⁰ retirando-se das atividades exercidas como diretor do observatório de Amsterdam numa Holanda sob ocupação nazista. A população holandesa sentiu diretamente a prática do nacional-socialismo: deportações em massa para campos de concentração, perseguição aos judeus, repressão feroz às opiniões e a qualquer forma de resistência, confisco sistemático dos bens e da produção para sustentar a máquina de guerra alemã. A guerra fez da Holanda, antes considerada um país rico e próspero, um lugar de miséria generalizada onde seus habitantes, além de morrerem de frio e de fome durante os invernos de 1943/44, tiveram que suportar os bombardeios constantes dos aliados que preparavam assim a abertura da frente ocidental, que iniciou-se com o desembarque na Normandia, no chamado “dia D”.

Mazelas de tamanha profundidade não deixaram os Pannekoek incólumes. Durante o último inverno da guerra, à exceção de sua filha Anneke, que estava nos EUA com o marido, sua mulher Anna adoeceu e foi internada num hospital; seu filho Antoine Johannes – que havia se tornado um dos maiores geólogos holandeses – foi preso pelas tropas japonesas na Indonésia enquanto lá trabalhava e colocado num campo de concentração tendo sido libertado somente depois da rendição do Japão. E o próprio Anton, então com setenta anos, teria morrido de fome e frio sozinho em sua própria casa se não fosse encontrado moribundo por um colega professor da universidade que foi visitá-lo e o socorreu, tratou dele e assistiu-o até a recuperação de Anna.

⁷⁹ Pannekoek refere-se à afirmação de Plekhanov de que a teoria do conhecimento de Marx era um aprofundamento geral da teoria do conhecimento de Feuerbach. (cf. PANNEKOEK, 2004, p. 362-363).

⁸⁰ As aspás devem-se ao fato de que, mesmo que estivesse previsto para o ano de 1943, na verdade o encerramento de suas atividades na universidade foi antecipado pelas autoridades da ocupação alemã. E Pannekoek não teve sua integridade física ameaçada de pronto, por duas razões. Primeiro pela intervenção de seus colegas que sustentaram diante dos alemães que ele, em que pese o passado social-democrata e comunista, era naquele momento um veemente inimigo do regime soviético. Segundo, porque àquela altura ele já era reconhecido como um cientista de renome e apreciado por seus estudos inovadores nos meios alemães, ingleses e estadunidenses. (cf. MALANDRINO, 1987, p. 249-250).

Contraditoriamente, foi nesse quadro de adversidades que ele escreveu o trabalho mais conhecido de sua produção e responsável pela sua consagração como o principal teórico do comunismo de conselhos, intitulado *De arbeidersraden* (Os Conselhos Operários) e publicado pela primeira vez em 1946 sob o pseudônimo de P. Aartsz. Obra escrita em sua maior parte durante os primeiros dois anos de guerra, retomada e completada em 1945, apresenta-se por isso bastante heterogênea, ainda mais por pretender combinar aspectos teóricos com comentários políticos sobre acontecimentos da guerra em andamento.

A motivação subjetiva de Pannekoek para escrever esse trabalho e os objetivos que pretendia atingir com ele foram assim explicados por Pannekoek em suas memórias:

[...] Agora julgo que somente *a classe* como um todo deve fazer a revolução e avançar como classe organizada; outrora era sempre o partido a agir e se passava como porta-voz na chefia da classe. Agora, no entanto, emerge um ponto de vista sempre mais claro, isto é, que estes fatos do passado não eram mais que preparação, pré-história (da luta de classe). A revolução proletária, consistente no avanço das massas de forma autônoma, ainda está por começar. Em primeiro lugar com ações de massas; em segundo lugar com ações espontâneas, com greves e movimentos selvagens; em terceiro lugar, com a organização que deve se implantar nas fábricas, como organização dos operários. Não podem existir partidos com chefes e programas determinados. Por isso os partidos revolucionários sempre ficaram pequenos. Suas expectativas de crescimento não passavam de ilusão, pois somente podem fazer propaganda, são por natureza “organizações de opinião”. As organizações de classe não são os sindicatos que se burocratizaram. A realidade é ainda pior: partidos e sindicatos, por estarem à procura de poder para si mesmos, querem dominar os operários, por isso se tornarão cúmplices do capital ou serão eles mesmos novos grupos dominantes. Assim se determina e se fixa o caráter reacionário de todos os velhos partidos e sindicatos. [...] A primeira coisa a entender é quão colossal e envolvente será a luta...as figuras centrais (da organização) serão os conselhos operários, os verdadeiros *soviets*. As velhas organizações serão todas inimigas, o partido comunista como servo do Capitalismo de Estado russo, o partido socialista como servo do capitalismo privado ocidental e estadunidense... A nova propaganda conselhistas é necessária para despertar e persuadir as massas. A isto serve o livro de P. Aartsz escrito entre 1941 e 1942. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, 1987, p. 248-249).⁸¹

⁸¹ [...] Ora giuduco che solamente la classe, l'intera classe deve fare la rivoluzione e avanzare in quanto classe organizzata; un tempo era sempre il partito a dover agire e si spacciava per portavoce a capo della classe. Ora invece emerge un punto di vista sempre più chiaro, cioè che

Dividido em seis livros (“A tarefa”; “A luta”; “O pensamento”; “O inimigo”; “A guerra”; e “A paz”) e subdividido em trinta e quatro capítulos,⁸² o livro que reúne toda a formulação teórica pannekoekiana sobre os conselhos operários foi escrito pelo método de realizar amplas sínteses ideológicas nas primeiras partes e, na parte final, por análises histórico-políticas e pela tentativa de captar concretamente o novo do momento histórico vivido. Considerado em sua totalidade, observa-se um peso maior na crítica implacável dos princípios ideológicos e dos modelos da democracia liberal, da social-democracia e do bolchevismo do que pela afirmação de um modelo teórico específico de conselhos. Em síntese, um método abstrato justificado mais com argumentos filosófico-culturais e éticos que econômicos.

Não que a dimensão afirmativa estivesse pouco presente, pois foi formulada com base em sólidos conceitos histórico-filosóficos – alguns extraídos de suas teorizações de juventude e sempre atento para expô-los integrados numa história concebida como história das lutas de classes. Pannekoek foi cuidadoso para estabelecer com rigor a distinção entre identificação de tendências futuras com previsões idealistas. Exemplo disso pode-se colher da forma como se expressou ao falar da futura organização do trabalho. Após sustentar que suas deduções partem das “*condições reais e das necessidades do trabalho e dos trabalhadores atualmente*”, ele se precaveu contra qualquer tipo de messianismo profetizador:

[...] desconhecemos em absoluto as condições futuras que determinarão suas formas precisas. Essas formas se definirão na mente dos

questi fatti del passato non erano altro che preparazione, preistoria (della lotta di classe). La rivoluzione proletaria deve ancora iniziare; essa consiste nel fatto che le masse si fanno avanti in modo autonomo; In primo luogo in azioni di massa; in secondo luogo in azioni spontanee, in scioperi i movimenti selvaggi; in terzo luogo, con l'organizzazione che deve impiantarsi nelle fabbriche, come organizzazione delle maestranze. Non possono esserci partiti con capi e programmi determinanti. Perciò i partiti rivoluzionari sono sempre rimasti piccoli; la loro aspettativa di doversi ingrandire era solo un'illusione. Essi possono fare solo propaganda, sono per natura “organizzazioni d'opinione”. Le organizzazioni di classe non sono i sindacati che si sono burocratizzati. La realtà è ancora peggiore: partiti e sindacati, poichè sono alla ricerca di potere per sè stessi, vogliono dominare sugli operai, perciò diverranno o complici del capitale o essi stessi nuovi gruppi dominanti. Così si determina e si fissa il carattere reazionario di tutti i vecchi partiti e sindacati. [...] La prima cosa da capire è quanto colossale e tutto coinvolgente sarà la lotta...Le figure centrali (dell'organizzazioni) saranno i consigli operai, i veri *soviet*. Le vecchie organizzazioni saranno tutte nemiche, il partito comunista come servo del capitalismo di stato russo, il partito socialista come servo del capitalismo privato occidentale e americano... La nuova propaganda consiliare è necessaria a risvegliare e persuadere le masse. A questo serve il libro di P. Aartsz scritto tra 1941 e il 1942.

⁸² De acordo com a edição espanhola utilizada neste trabalho (cf. PANNEKOEK, 1977, 384 p.).

trabalhadores quando tiverem de afrontar tal tarefa. Agora temos que nos contentar em traçar os contornos gerais, as ideias diretrizes que orientarão as ações da classe operária. Estas ideias serão como uma estrela, como o objetivo supremo na direção do qual os operários voltarão incessantemente os olhos no transcurso da luta, quando se alternem as vitórias e as derrotas, os êxitos e os fracassos de sua auto-organização. Estas ideias diretrizes terão que ser mais esclarecidas não por meio de descrições minuciosas, mas à luz da comparação essencial entre os princípios desse mundo novo e as formas de organização existentes que já conhecemos. (PANNEKOEK, 1977, p.44).⁸³

Baseado nas experiências históricas da Comuna de Paris, dos *soviets* russos antes da submissão à hegemonia bolchevique, dos *Räte* alemães antes da submissão à hegemonia social-democrata, das lutas dos *shop stewards* ingleses e dos IWW estadunidenses, Pannekoek sugeriu a organização conselhistas da sociedade, fundindo economia e política. Sua proposição será descrita e analisada adiante, em detalhes.

No ano seguinte (1947), apareceram dois pequenos trabalhos publicados em língua inglesa que atestam a coerência de seu pensamento e se constituem em sínteses de conceitos-chave de sua concepção aliados a orientações das tarefas necessárias ao proletariado naquele momento.

Em “Propriedade Pública e Propriedade Comum”, aparece formulada de modo muito simples a distinção entre ambos os conceitos que intitulam o artigo e a propriedade privada, bem como a definição do seu entendimento sobre o que seja exploração e os limites da proposição de colocar as empresas e instituições públicas sob o controle dos trabalhadores. Essa tarefa seria incompatível com o pleno assenhoreamento do processo produtivo que exige a formação de outro tipo de instituições (conselhos). Assim se expressou:

propriedade pública é a propriedade, isto é, o direito de disposição, de um corpo público que representa a sociedade, governo, poder estatal ou outro corpo político. As pessoas que formam este corpo (políticos, funcionários, dirigentes, secretários, gerentes) são os amos diretos do aparelho produtivo. Eles dirigem e regulam o processo de produção.

⁸³ No conocemos en absoluto las condiciones futuras que determinarán sus formas precisas. Esas formas se definirán en el espíritu de los trabajadores e cuando afronten esa tarea. Por el momento tenemos que contentarnos con trazar los rasgos generales, las ideas directrices que orientarán las acciones de la clase obrera. Estas ideas serán como una estrella, como la meta suprema hacia la que tomarán sin cesar sus ojos los trabajadores en el transcurso de la lucha, cuando se alternen las victorias y las derrotas, los éxitos y los fracasos en su autoorganización. Estas ideas directrices tendrán que esclarecerse más, no con minuciosas descripciones, sino a la luz de la comparación esencial entre los principios de este mundo nuevo y las formas de organización existentes que ya conocemos.

Eles mandam nos operários. *Propriedade comum* é o direito de disposição pelos próprios operários. A própria classe operária – considerada no sentido mais amplo de todos os que compartilham o trabalho realmente produtivo, incluindo empregados, camponeses, cientistas – é a ama do aparelho produtivo, administrando, dirigindo e regulando o processo de produção que é, de fato, seu trabalho comum. Sob a *propriedade pública* os operários não são amos de seu trabalho. Podem ser melhor tratados e seus salários podem ser mais altos que sob a *propriedade privada*, mas ainda são explorados. Exploração não significa simplesmente que os operários não recebem o pleno produto de seu trabalho. Uma parte considerável deve sempre ser gasta no aparelho produtivo e nos setores improdutivos mas necessários da sociedade. Exploração consiste em que outros, formando outra classe, dispõem do produto e de sua distribuição; que eles decidem que partes serão atribuídas aos operários como salários, retidas para eles e para outros propósitos. Sob a *propriedade pública* isto pertence à regulação do processo de produção, função da burocracia. Assim, na Rússia a burocracia como classe dominante é a dona da produção e do produto, e os operários russos são uma classe explorada. Nos países ocidentais conhecemos somente a *propriedade pública* (em alguns setores) do Estado capitalista. [...] A *propriedade pública* é o programa dos “amigos” dos operários que, dada a dura exploração do capitalismo privado, desejam substituí-la por uma exploração modernizada, mais aprazível. A *propriedade comum* é o programa da própria classe operária, lutando por sua autolibertação. (PANNEKOEK, 2006o).⁸⁴

⁸⁴ La *propiedad pública* es la propiedad, es decir, el derecho de disposición, de un cuerpo público que representa a la sociedad, del gobierno, el poder estatal o algún otro cuerpo político. Las personas que forman este cuerpo, los políticos, funcionarios, dirigentes, secretarios, gerentes, son los amos directos del aparato de producción; ellos dirigen y regulan el proceso de producción; ellos mandan a los obreros. La *propiedad común* es el derecho de disposición por los obreros mismos; la propia clase obrera - tomada en el sentido más amplio de todos los que comparten el trabajo realmente produtivo, incluyendo a los empleados, campesinos, científicos-- es el ama del aparato de producción, gestionando, dirigiendo y regulando el proceso de producción que es, de hecho, su trabajo común. Bajo la *propiedad pública* los obreros no son amos de su trabajo; pueden ser mejor tratados y sus salarios pueden ser más altos que bajo la *propiedad privada*; pero son todavía explotados. La explotación no significa simplemente que los obreros no reciben el pleno producto de su trabajo; una parte considerable debe siempre gastarse en el aparato de producción y para las secciones improductivas aunque necesarias de la sociedad. La explotación consiste en que otros, formando otra clase, disponen del producto y de su distribución; que ellos deciden qué parte se asignará a los obreros como salarios, qué parte retienen para ellos y para otros propósitos. Bajo la *propiedad pública* esto pertenece a la regulación del proceso de producción, que es la función de la burocracia. Así, en Rusia la burocracia como clase dominante es la dueña de la producción y del producto, y los obreros rusos son una clase explotada. En los países occidentales conocemos solamente la *propiedad pública* (en algunas ramas) del Estado capitalista. [...] La *propiedad pública* es el programa de los “amigos” de los obreros que, dada la dura explotación del capitalismo privado,

Quanto a colocar a propriedade pública “sob controle dos trabalhadores”, Pannekoek argumentou tratar-se de uma reivindicação típica da mentalidade submissa de quem é explorado, pois “o que é assunto seu você não quer controlado, você faz. O trabalho produtivo, a produção social, é o assunto genuíno da classe operária. É o conteúdo de sua vida, sua própria atividade. Podem cuidar de si mesmos se não houver polícia ou poder estatal para mantê-los separados.” (PANNEKOEK, 2006o). Completou o raciocínio esclarecendo que o problema da propriedade mantém-se até o momento em que não haja a abundância de produtos, momento a partir do qual o conceito não fará mais sentido. Para tanto, o primeiro passo será criar as novas instituições que possibilitem ao proletariado de fato dirigir a produção amplamente, uma vez que **propriedade comum** não é possível sem **direção comum** do trabalho.

Em *Five Marxist Theses* (Cinco teses marxistas),⁸⁵ Pannekoek resumiu a sua visão da luta de classes no pós-guerra: 1) O poder do capitalismo estava muito maior, em função de sua concentração e da diversificação das suas formas de desenvolvimento, que implicava a íntima conexão entre monopólios e poder de Estado; também o proletariado cresceu e sua luta necessitava se desenvolver sob novas formas; 2) Socialismo significa que o governo é quem organiza a produção, portanto socialismo de Estado. Foi a meta de um proletariado que buscava proteção estatal contra os capitalistas, por meio de reformas sociais, num primeiro momento quando se sentia incapaz de conquistar o poder por si mesmo. Os partidos que expressaram essa política, tornaram-se instrumentos para o fortalecimento e perpetuação da dominação do capital; 3) A meta do proletariado agora era acabar com a exploração. Essa meta não pode ser realizada substituindo a burguesia por uma nova classe dirigente e governante, e sim diretamente pelos próprios operários na condição de senhores da produção. Para tanto, deveriam constituir conselhos operários a partir de seus locais de trabalho. Estas formas organizativas tenderiam a ter um papel crescente sempre que a luta proletária se desenvolver no futuro; 4) Os partidos políticos ficaram reduzidos a duas funções: ganhar as amplas massas da população trabalhadora para seus programas por meio da propaganda – que visa torná-la um “rebanho de seguidores” – e conquistar o poder

desean sustituirla por una explotación modernizada más apacible. La *propiedad común* es el programa de la propia clase obrera, luchando por su autoliberación.

⁸⁵ Na edição espanhola utilizada neste trabalho foi traduzido por “Tesis sobre la lucha de la clase obrera contra el capitalismo” (cf. PANNEKOEK, 2006p).

político para governar e aplicá-lo em nome da classe, cujo resultado é o estabelecimento de novas formas de dominação. Aos partidos que se reivindicam do campo proletário a única função que resta é a do esclarecimento para ampliar os horizontes e conhecimento da classe, discutir e formular as ideias sociais. Enquanto os conselhos devem ser as instituições para a prática transformadora, os partidos devem cuidar de fortalecer a subjetividade revolucionária no sentido de sua autolibertação; e 5) O crescimento e fortalecimento do capitalismo operou uma transformação no papel dos sindicatos. De instituições de resistência organizada, baseada na solidariedade e na ajuda mútua, converteram-se em mediadores entre patrões e trabalhadores e, nessa condição, os capitalistas ditam por seu intermédio suas condições aos operários. Em função disso, a resistência dos trabalhadores contra o “arrocho” de seus salários e condições de trabalho deve se dar por meio de greves selvagens,⁸⁶ que podem evoluir para greves gerais políticas e assumir assim um caráter revolucionário anticapitalista.

Durante a década de 1950, a última de sua vida, sua produção científico-astronômica prosseguiu, bem como escritos que reafirmavam aspectos de suas concepções políticas. Nesse segundo eixo, dois deles merecem ser destacados: a sua apreciação do mundo do segundo pós-guerra marcado pela guerra fria e pela presença da bomba atômica e os esclarecimentos adicionais sobre questões organizativas já no fim de sua vida, nesse caso produzidos sob a forma de cartas, por se tratar de uma troca de correspondências. Considerando a ordem cronológica, comecemos pelo segundo.⁸⁷

No ano de 1953, chegaram às mãos de Pannekoek onze números da revista do coletivo francês *Socialisme ou Barbarie* (S. ou B.).⁸⁸

⁸⁶ Para não nos afastarmos do caráter de apresentação deste capítulo, as formas de luta prescritas por Pannekoek serão objeto de descrição e análise específica nos capítulos seguintes.

⁸⁷ Vale mencionar que logo após o final da II Guerra Mundial foi publicado um trabalho seu, pela Academia Holandesa de Ciências, relativo a um estudo sobre as origens do homem, intitulado *Antropogenesis*, que seria publicado em língua inglesa no ano de 1953. Por não se tratar de assunto diretamente relacionado com os objetivos deste trabalho, esse exemplo, destacado dentre outros escritos, visa evitar que a escolha desses dois temas para concluir a análise do pensamento e da trajetória de Pannekoek possa ser entendida como sendo as únicas produções da fase final de sua vida.

⁸⁸ Coletivo formado em 1946, que teve como principais expoentes Cornelius Castoriadis (1922-1997) e Claude Lefort (1924). Originalmente adepto do bolchevismo na sua vertente trotskista, rompeu com tais ideias em 1948. A revista apareceu em março de 1949 já expressando a crítica de tais posições, como expresso no seu editorial de apresentação onde afirmou: “a questão da natureza do stalinismo é o ponto em que a superficialidade das concepções trotskistas se revela mais claramente.” (CASTORIADIS, 1979, p. 115). Exerceu forte influência sobre os setores mais radicais por sua crítica à ortodoxia marxista-leninista, ao socialismo de Estado e às

Depois de ter constatado inúmeros pontos de convergência, Anton escreveu uma carta onde pretendeu estabelecer as diferenças com S. ou B. relativamente a duas questões que estiveram sempre presentes nas suas preocupações: a natureza da Revolução Russa e a concepção e papel do partido.

Na pena de Castoriadis, S. ou B. concebia a Revolução Russa como uma revolução proletária porque nela o proletariado combateu diretamente por seus próprios interesses, mesmo reconhecendo a existência de vários elementos de uma revolução burguesa – especialmente a realização das tarefas democráticas. Enquanto isso, Pannekoek sustentava que foi uma revolução burguesa em suas características essenciais e permanentes, pelo fato de as massas trabalhadoras ali terem demonstrado ainda não terem sido capazes de se assenhorar da produção por si mesmas – produto que eram de condições pré-capitalistas – o que acarretou inevitavelmente que outra classe o fizesse, tornando-se dona da produção. “O poder do proletariado em sua ação de massas era necessário para destruir o poder do antigo sistema (essa foi uma lição para os trabalhadores de todo o mundo). No entanto, uma revolução social não pode obter mais do que corresponde às características das classes revolucionárias, e, se foi necessário o maior radicalismo possível para vencer todas as resistências, mais tarde foi preciso voltar atrás.” (CASTORIADIS; PANNEKOEK, 2006).

Nesse diapasão, completou Pannekoek, a Revolução Russa não constituiu uma exceção à regra de todas as revoluções desde a revolução inglesa de 1647 até a Comuna de Paris de 1871, passando pelas demais revoluções francesas de 1789, 1830 e 1848. Todas essas foram revoluções destinadas a liquidar o feudalismo e abrir caminho para o capitalismo industrial, ainda que num primeiro momento protagonizadas por artesãos, camponeses e operários. E concluiu: “de nenhum modo a Revolução Russa foi uma revolução proletária prematura. A revolução proletária pertence ao futuro.” (Id., *ibid*).

Os argumentos utilizados por Pannekoek na questão da concepção e papel do partido nesse debate com S. ou B. serão tratados no capítulo relativo às formas organizativas do porvir.

Sobre o tema da guerra fria e da bomba atômica, Pannekoek valeu-se das observações e estudos que realizava e, combinado com um pessimismo que o invadiu desde o fim da Segunda Guerra provocando nele uma sensação de estar diante da perspectiva real de derrota total do

gênero humano, fruto do poderio dos diversos nacionalismos e imperialismos com condições para tanto, publicou pequenos artigos, a exemplo de *Revolt of the Scientists* (Revolta dos Cientistas), em 1948, e *Atoom-Polítiek* (Política Nuclear), em 1955.

Neles vinham sintetizadas reflexões de Pannekoek sobre o binômio guerra-capitalismo e suas implicações para as elaborações teóricas socialistas e marxistas diante desse novo elemento que era a bomba atômica (considerando que, segundo ele, as teorias anteriores sobre guerra e sobre o imperialismo perdiam o seu valor explicativo e as armas da política perdiam a sua eficácia): criticou o pacifismo abstrato que se limitava a promover abaixo-assinados pela paz às autoridades governamentais, imaginando com isso obter resultados quanto a uma política de desarmamento; relacionou a existência da bomba atômica a um símbolo da necessidade de ultrapassagem e substituição das sociedades divididas em classes; apontou que a luta por reformas no interior dos Estados nacionais tinha adquirido uma nova dimensão, na qual seria necessário dar prioridade à política internacional; acrescentou uma nova subdivisão social que opunha, de um lado, um pequeno grupo de grandes capitalistas, chefes de Estado, diplomatas, generais, e, de outro, as massas da população mundial sob o pesadelo do terror atômico – essa divisão poderia inclusive cumprir um papel de subversão revolucionária da sociedade.

Sua crença na superioridade humana, dessa vez sobre máquinas evoluídas e sofisticadas, foi mais uma vez reforçada. Crença na capacidade de encontrar – pelo uso positivo da ciência e fazendo valer as faculdades mentais subjetivas – uma via para a reorganização social que realizasse o objetivo comunista (vissto que, em sua avaliação, o desenvolvimento das forças produtivas já havia alcançado um patamar que permitia satisfazer as necessidades sociais) e a desviasse da rota do desaparecimento da espécie.

Sempre colocando no centro de suas análises a luta de classes, Pannekoek percebeu que a questão nuclear extrapolava o interesse da classe operária, mas interessava a toda a população que estivesse em tese indefesa diante disso. Para ele, o novo cenário mundial com todas as suas substantivas alterações não havia mudado o fato de que a burguesia continuava sendo nacionalista – e localizava aí (na conservação do Estado-nação) a fonte principal tanto de um poder renovado quanto de fricções intraburguesas na arena internacional – o proletariado continuava internacionalista. Daí a sua intuição do potencial revolucionário que a era nuclear descortinava.

Na época nuclear não se trata mais de levar uma política pacífica de reformas no interior de um país, mas de intervir na política internacional. As massas populares se deixarão aniquilar passivamente? Ou farão uma resistência ativa? Isso quer dizer: conseguirão ter a política internacional em suas mãos? Conseguirão somente impondo aos governantes a sua vontade: guerra nuclear nunca! (Pannekoek, citado por MALANDRINO, obra citada, p. 268).⁸⁹

Ou seja, no fim da vida, o octogenário Pannekoek continuou a considerar imprescindível o protagonismo das massas agindo diretamente, por meio de manifestações de rua, em defesa dos seus interesses vitais. Do mesmo modo, mais uma vez perscrutou as respostas do inimigo de classe, alertando que EUA e URSS reagiriam às iniciativas populares com um diversificado arsenal que, no terreno da subjetividade, consistiria na instrumentalização de ideologias como a da defesa da pátria nacional e a dos valores universais da liberdade, sempre com o objetivo de impedir qualquer tentativa de saída revolucionária do instável sistema construído pelo capitalismo mundial (privado e estatal).

Por fim, os vínculos entre luta política, revolução e formas de organização foram especificados como se segue nesta passagem:

O risultato destas diversas forças não permite ainda ser objeto de conjeturas. Não sabemos prever de que modo se desenvolverá nas mentes e corações o conflitto entre potentes e tradicionais forças de contrapropaganda e uma consciência humana nascente; não sabemos nem mesmo se a consciência de tal responsabilidade despontará sob a antiga atitude de se deixar governar. Não sabemos tampouco se uma violenta ameaça nos fará levantar de repente, ou quantos anos serão necessários para o crescimento de uma nova vontade. Quando surgisse tal vontade cairia a justificativa sempre montada de início, que não se pode fazer nada; poderemos fazer qualquer coisa, talvez tudo. Ainda assim, certamente, a bomba atômica poderia inaugurar um novo período também no âmbito da organização política. (Pannekoek, citado por MALANDRINO, p. 269).⁹⁰

⁸⁹ Nell'epoca atomica non se tratta più di attuare una pacifica politica di riforme all'interno di un paese, ma di intervenire nella politica internazionale. Le masse popolare si lasceranno annientare passivamente? O faranno un'attiva resistenza? Questo vuol dire: riusciranno a prendere la politica internazionale nelle loro mani? Riusciranno solo imponendo ai governanti la loro volontà: mai guerra atomica!

⁹⁰ Il risultato di queste diverse forze non permette ancora di essere oggetto di congetture. Noi non sappiamo prevedere in che modo si svilupperà nelle teste e nei cuore Il conflitto tra tali potenti tradizionali forze di contropropaganda e una coscienza umana che sta nascendo; non sappiamo nemmeno se la coscienza di tale responsabilità la spunterà sull'antica attitudine a lasciarsi governare. Noi non sappiamo neanche se una violenta minaccia ci farà sollevare di scatto, o quanti anni saranno disponibili per la crescita di una nuova volontà. Quando sopraggiungesse tale volontà cadrebbe la giustificazione accampata sempre, all'inizio, di non

Um último ponto resta ainda expor para que essa trajetória biográfico-intelectual sirva para esclarecer a evolução das ideias de Pannekoek com o objetivo de lacrar frestas por onde poderiam passar eventuais enquadramentos indevidos de sua contribuição ou da localização de sua perspectiva. Trata-se da demarcação, feita pelo próprio Pannekoek, das suas concepções em relação ao trotskismo e ao anarquismo.

Em relação ao trotskismo, pelo menos desde 1938, nas páginas de “Lênin Filósofo”, ele se distanciava dessa corrente argumentando que se tratava de um equívoco pretender contrapor ao stalinismo “os verdadeiros princípios marxistas de Lênin e do velho bolchevismo” (PANNEKOEK, 2004, p. 370), não somente pelo fato de tal política já ter sido aplicada pelo próprio Lênin, mas também porque a imensa série de derrotas, erros e fracassos do movimento dos trabalhadores sob a liderança do bolchevismo atestava as profundas insuficiências de seu corpo de concepções.

Quinze anos mais tarde, na troca de correspondências com Castoriadis, ele tornou explícitas suas divergências de modo mais completo:

Para conquistar o poder não necessitamos de um “partido revolucionário” que tome a direção da revolução proletária. A ideia do “partido revolucionário” é um conceito trotskista que encontrou adeptos (desde 1930) entre numerosos ex-partidários do P.C. decepcionados pela sua prática. Nossa oposição e nossa crítica remontavam aos primeiros anos da Revolução Russa e se dirigiam contra Lênin, suscitadas pelo seu giro para o oportunismo político. Ou seja, nós permanecemos fora dos caminhos do trotskismo. Nunca estivemos sob sua influência e consideramos Trotsky como o mais hábil porta-voz do bolchevismo, que deveria ter sido o sucessor de Lênin. [...] Trotsky, por seu fervor revolucionário, cativou a todos os dissidentes que o stalinismo tinha jogado fora do P.C. e, ao inocular-lhes o vírus bolchevique, os fez quase incapazes de compreender as novas grandes tarefas da revolução proletária. (CASTORIADIS; PANNEKOEK, 2006).⁹¹

poterci far niente; noi potremmo fare qualcosa, forse tutto. Allora sì, davvero, la bomba atomica potrebbe inaugurare un nuovo periodo anche sul terreno della organizzazione politica.

⁹¹ Para conquistar el poder no necesitamos un “*partido revolucionario*” que tome la dirección de la revolución proletaria. La idea del “*partido revolucionario*” es un concepto trotskista que encontró adeptos (desde 1930) entre numerosos ex-partidarios del P.C. decepcionados por su práctica. Nuestra oposición y nuestra crítica se remontaban ya a los primeros años de la revolución rusa y se dirigían contra Lenin, estando suscitadas por su giro hacia el oportunismo político. O sea, que nosotros hemos permanecido fuera de las vías del trotskismo; nunca estuvimos bajo su influencia y consideramos a Trotsky como el más hábil portavoz del bolchevismo, que tendría que haber sido el sucesor de Lenin. [...] Trotsky, por su fervor

Em relação ao anarquismo, desde os tempos em que residiu na Alemanha de antes da Primeira Guerra Mundial, com certa frequência Pannekoek dedicou um pequeno espaço em seus escritos para demarcar seu pensamento e sua prática de tal corrente. Em geral suas restrições situavam-se na renúncia dos anarquistas à luta política, na defesa abstrata da liberdade (que os tornava, em sua compreensão, os herdeiros do pensamento liberal no movimento dos trabalhadores) e principalmente por estarem atrasados em relação à realidade.

Porém, do mesmo modo que ocorreu com o trotskismo, a maturidade possibilitou a Pannekoek agregar novos argumentos à sua crítica ao anarquismo, tornada ainda mais abrangente em função da aplicação da sua concepção evolutiva do marxismo na elaboração de tal crítica. Em fevereiro de 1948, numa carta ao editor de sua obra “Os Conselhos Operários” na Austrália, ele assim se expressou:

[o anarquismo] Da mesma forma que seu adversário, a social-democracia, tem suas raízes no capitalismo do século XIX. Um se opunha à exploração e à concorrência capitalistas, o outro estava contra a servidão integral e o esmagamento da personalidade. Um se apoiava na necessidade de organização e orientava a propaganda neste sentido; o outro na necessidade de liberdade e orientava neste sentido sua propaganda. Como os operários sentiam a primeira destas necessidades de forma mais imediata e imperiosa que a segunda, a social-democracia ganhou as massas sem que o anarquismo pudesse competir com ela. Mas é necessário lembrar que tanto um quanto o outro levam o selo das primitivas condições do século XIX. O princípio da liberdade, nascido das condições burguesas dominantes no princípio do capitalismo, a liberdade de comércio e de empresa, não basta à classe operária. No que lhe diz respeito, o problema e o fim é unir liberdade com organização. Ao se colocar como meta a liberdade, o anarquismo esquece que a sociedade livre dos trabalhadores só pode existir graças a um poderoso sentimento de pertencimento à coletividade, base da mentalidade própria dos produtores associados. Esta nova mentalidade, que já toma a forma de uma solidariedade vigorosa nas lutas operárias, é o fundamento da organização, sem limitações impostas de cima. [...] A liberdade enquanto elemento principal da teoria anarquista pode, na atualidade, despertar vivas simpatias, mas ela é somente uma parte, que não é a fundamental, do fim perseguido pela luta de classes: o autogoverno, a autogestão por meio dos conselhos. [...] nestes momentos às vezes existe, dentro do anarquismo, a tendência a se aproximar da ideia dos conselhos, particularmente se são grupos de operários. Mas a velha

revolucionario, cautivó a todos los disidentes que el estalinismo había echado fuera del P.C. y al inocularles el virus bolchevique los hizo casi incapaces de comprender las nuevas grandes tareas de la revolución proletaria.

doutrina anarquista em seu estado puro é muito restrita para ser útil hoje em dia à luta da classe operária. (Pannekoek, citado por BRICIANER, 1975, p. 275-276).⁹²

Pannekoek morreu no dia 28 de abril de 1960, aos 87 anos. Dentre os vários escritos inéditos que deixou, destaca-se uma série de onze cadernos manuscritos, redigidos entre 1950 e 1958, contendo estudos e considerações sobre ciência, cultura e história contemporânea num total de setecentas páginas que pretendia reunir numa publicação à qual atribuiu o título de “O Futuro da Civilização”. Suas memórias foram escritas entre os meses de outubro e novembro de 1944, subdivididas em “Recordações do movimento operário” e “Recordações da Astronomia” e publicadas postumamente na Holanda em 1982.

Respeitado e reconhecido nos meios científicos e sem seguidores no momento de sua morte em função de ter rompido com todo o movimento operário organizado pela natureza de suas posições e concepções (o reconhecimento nesse âmbito se daria apenas pela geração seguinte durante e após as lutas de meados da década de 1960/70), teve sua contribuição política avaliada de distintas maneiras.

Para Karl Radek (citado por MALANDRINO, obra citada, p. 142), ele era o cérebro mais lúcido do marxismo na Europa Ocidental. Mattick (2006) considerou-o um dos representantes mais rigorosos do comunismo de conselhos. Bricianer (1975, p.322), para além de

⁹² Al igual que su adversario, la socialdemocracia, tiene sus raíces en el capitalismo del siglo XIX. Uno se oponía a la explotación y a la competencia capitalistas, el otro estaba en contra de la servidumbre integral y el aplastamiento de la personalidad. Uno se apoyaba en la necesidad de organización y orientaba la propaganda en este sentido; el otro en la necesidad de libertad y orientaba en este sentido su propaganda. Como los obreros sentían la primera de estas necesidades de una manera más inmediata e imperiosa que el segundo, la socialdemocracia se ganó a las masas sin que el anarquismo pudiera competir con ella. Pero es necesario recordar que tanto uno como otro llevan el sello de condiciones primitivas, las del siglo XIX. El principio de la libertad, nacido dentro de las condiciones burguesas que prevalecía a comienzos del capitalismo, la libertad de comercio y de empresa, no puede bastar a la clase obrera. En lo que a ella respecta, el problema y el fin es unir la libertad con la organización. Al fijarse como meta la libertad, el anarquismo olvida que la sociedad libre de los trabajadores sólo puede existir gracias a un poderoso sentimiento de pertenencia a la colectividad, base misma de la mentalidad propia de los productores asociados. Esta nueva mentalidad, que ya toma la forma de una solidaridad vigorosa dentro de las luchas obreras, es el fundamento de la organización, sin limitaciones impuestas desde arriba. [...] La libertad en su calidad de elemento principal de la teoría anarquista, puede, en la actualidad, despertar vivas simpatías, pero ella sólo constituye una parte, que tampoco es la fundamental, del fin perseguido por la lucha de clases: el autogobierno, la autogestión por medio de los consejos. Por otra parte, parece que en estos momentos a veces existe, dentro del anarquismo, la tendencia a acercarse a la idea de los consejos, en particular cuando estas tendencias comprenden grupos de obreros. Pero la vieja doctrina anarquista en su estado puro es demasiado restringida como para poder ser útil hoy a la lucha de la clase obrera.

reconhecer os acertos de muitas de suas previsões e de erros e lacunas em suas análises, destacou a sua capacidade de ter evidenciado a experiência de toda uma fase histórica da luta pela emancipação humana da exploração e opressão. Malandrino (p. 274), autor da primeira biografia de Pannekoek publicada na Europa em 1987, escreveu que suas ideias ainda hoje podem contribuir para uma reflexão autocrítica no interior da tradição socialista. Dauvé (APPEL e outros, 2007, p.348) destacou que ele foi responsável por ter trazido à luz pelo menos duas ideias sólidas: a da autonomia do proletariado e a da impossibilidade de reconstruir o movimento operário em moldes similares aos de antes de 1914 e de 1917-21. Castoriadis (CASTORIADIS; PANNEKOEK, 2006), mesmo dele divergindo, reconheceu sua coerência de pensamento ao longo de sua vida como teórico e militante. Brendel (2006) compreendeu que o método pannekoekiano de extrair o caráter das lutas de classes futuras a partir das lutas de classes presentes lhe permitia acompanhar as características gerais encontradas na pluralidade das formas de luta e em suas diferentes intenções. Por tal motivo, Brendel considerou que esta foi sua grande contribuição como teórico socialista – um legado que poderia ser útil a um novo movimento operário, pela capacidade de ajudar na definição dos contornos das futuras organizações de luta.

Deixemos a palavra final ao próprio Pannekoek para definir o significado de seu método e de seu pensamento. Próximo de sua morte, ele escreveu uma carta ao seu amigo e discípulo Professor Benjamin A. Sijes (1908-1981) e assim se exprimiu:

Todavía é muito duvidoso que possa servir de guia para uma geração mais jovem. O mundo se transforma rapidamente, conseqüentemente ela deverá receber sua formação de base de um complexo ambiental e de experiências completamente diferentes das nossas. Nós fomos formados por meio de muita luta e dificuldade, assim chegamos a uma conquista segura. Do mesmo modo também deverão fazer os jovens e o melhor que podemos fazer é permitir que penetrem em cada realidade, possivelmente de mais pontos de vista, para que formem uma opinião autônoma. Usar o próprio cérebro: esta é a melhor lição que podemos transmitir a eles. Sobretudo é um pensamento que hoje também deveria se tornar útil ao movimento operário. (Citado por MALANDRINO, p. 269).⁹³

⁹³ Eppure sono molto dubbioso di poter servire da guida per una generazione più giovane. Il mondo si trasforma così rapidamente che essa dovrà ricevere la sua formazione di base da un complesso ambientale e di esperienze completamente diversi dai nostri. Noi ci siamo formati attraverso molte lotte e difficoltà; così siamo arrivati a un acquisto sicuro; allo stesso modo dovranno fare anche i giovani e il meglio che possiamo fare è di permettere loro di penetrare in

2.2 PANNEKOEK EM SEU TEMPO: ESPECTADOR E ATOR

2.2.1 O contexto germano-holandês

Além de seu país natal, Pannekoek residiu na Alemanha e procurou acompanhar o movimento operário de ambos os países mantendo-se ligado aos acontecimentos independentemente do lugar onde fixava moradia. O mesmo procedimento adotou em relação ao conjunto do movimento socialista europeu e internacional. Para os fins desse trabalho, além dos países em que pôde atuar diretamente e que forneceram a base empírica de onde extrair suas reflexões teóricas, merecem destaque os acontecimentos na Rússia desde 1905, com seus desdobramentos, que serão tratados adiante.

A Holanda de Pannekoek ingressou progressivamente no capitalismo moderno a partir de meados do século XIX, apresentando como marca a supremacia do comércio sobre a indústria em termos de peso na economia. Como fonte de renda, a agricultura também superava a atividade industrial (beneficiada pelas grandes obras de engenharia hidráulica executadas no período) e em sua maioria estava assentada sobre a média propriedade e organizada em moldes tecnológicos e de relações de produção capitalistas.

Tais características engendraram a formação de um proletariado heterogêneo, concentrado majoritariamente nas fábricas têxteis da cidade de Twente e nos estaleiros navais e portuários de Amsterdã e Roterdã.

Politicamente, vigorava uma monarquia constitucional de tipo anglo-saxão, dotada de um sistema de partidos políticos caracterizado pela fragmentação acentuada entre as facções moderadas e conservadoras, liberais e confessionais, protestantes e católicas. Segundo Malandrino (1987, p. 32), o sistema eleitoral fixava a idade mínima para votar em 25 anos e considerava eleitores somente os cidadãos homens que atendessem à exigência fixada em lei de serem abastados e socialmente capazes, impondo uma contribuição direta de

ogni realtà, e possibilmente da più punti di vista, per formarsi un giudizio autonomo. Usare il proprio cervello: questa è la migliore lezione che possiamo trasmettere loro. Soprattutto è una divisa che anche oggi dovrebbe tornar utile al movimento operaio.

20 a 60 florins. Para se ter uma noção do que representava tal nível de restrição, nas eleições de 1909 somente 29,2% da população masculina pôde delas participar, percentual que se elevaria a 47% caso vigorasse o sufrágio universal, e privava do direito de votar cerca de 75% do operariado nas grandes cidades.

Por volta de 1860-70, correspondendo ao desenvolvimento econômico do país, começou a se constituir o movimento operário. Inicialmente sobre posições mutualistas e federalistas, com base no operariado do vestuário das cidades de Amsterdã, Roterdã, Haia e Utrecht, cuja união das seções locais deram origem ao conselho federal holandês, filiado à I Internacional (AIT). Paralelamente, iniciou na agricultura e nas empresas comerciais a ela ligadas um movimento cooperativista que contava nos anos de 1890 com 31 sociedades de produção agrícola, comercial e de consumo congregando uma massa de 128.000 cooperados, portanto em condições de sustentar economicamente suas organizações partidárias e sindicais. Nesse período aparecem também as primeiras cooperativas de consumo.

O conteúdo da intervenção política do movimento operário na Holanda nesses primórdios⁹⁴ foi marcado pela influência do movimento operário belga (que se alinhava com as teses federalistas), mas sem ingressar para o terreno do anarquismo e também pela rejeição às teses do Conselho geral da AIT, inspiradas por Marx, em favor das teses da Federação Jurassiana de orientação bakuninista. O traço principal foi seu caráter embrionário e ainda de frágil ligação com o movimento socialista e/ou sindical.

A partir de 1880 surgiram as instituições que expressavam certo grau de amadurecimento das franjas mais politizadas e radicalizadas do proletariado holandês. Em 1881 foi fundada a Liga Social-Democrática (SDB) que em seguida criou um organismo sindical, o Secretariado Nacional do Trabalho (NAS). Em seu trabalho de propaganda, a SDB antecipava em muitos aspectos fundamentais o futuro programa da social-democracia à qual Pannekoek viria a aderir: antimilitarismo, pacifismo e a necessidade da revolução socialista.

A forte repressão com que foram tratados pelo Estado holandês, com constantes prisões de seus integrantes, invasões de suas residências e sedes por setores da população insuflados pela propaganda reacionária da monarquia e pela polícia, se por um lado os forçou a uma existência de semiclandestinidadade, por outro não impediu o seu crescimento.

⁹⁴ Para um resumo geral, consultar: "O Socialismo nos países baixos." In: DROZ, 1979a, p. 171-177.

Por todo esse período e em todos esses acontecimentos destacou-se a figura de Ferdinand Domela Nieuwenhuis (1846-1919)⁹⁵, o qual fundou em 1880 o jornal *Recht voor allen* (Justiça para todos), que marcou o início de sua longa trajetória de lutas e nas páginas do qual expressou uma concepção de socialismo intensamente ética, humanitária, libertária e internacionalista. Durante toda a década de 1880, a forte personalidade de Nieuwenhuis levou-o a promover e orientar a atuação seja da SDB, seja do NAS. Tamanha determinação lhe valeu em 1886 a condenação por crime de lesa-majestade, que resultou no seu encarceramento na cidade de Utrecht. Seu pensamento e sua prática podem ser considerados o principal canal de fusão do movimento operário com o movimento socialista na Holanda.

A maturação e crescimento do movimento proletário resultou em 1888 na eleição de Nieuwenhuis como deputado à *Tweede Kamer* (Segunda Câmara, espécie de Câmara dos Deputados) onde permaneceu até 1891. Dessa experiência parlamentar, Nieuwenhuis concluiu que o parlamento era inidôneo para a luta socialista em função de ser dominado pelos interesses capitalistas e reacionários e, além de tornar-se um opositor da instituição, evoluiu para posições mais nitidamente libertárias contrapondo-se ao marxismo e à social-democracia, no que foi acompanhado pela maioria da SDB.

Na concepção de Nieuwenhuis, trabalhadores e explorados em geral tinham que construir sua organização política independente por meio da ação direta no âmbito das relações de trabalho. De tal concepção beneficiou-se diretamente o NAS, que se tornou a organização sindical mais influente e com sólidas raízes entre o operariado, pelo menos até 1903 quando da súbita derrota da greve geral dos ferroviários, que marcou o aparecimento da presença e da hegemonia dos sindicatos vinculados ao partido social-democrata.

Este surgiu no contexto internacional da cisão entre marxistas e anarcossindicalistas que, no cenário holandês, começou a tomar forma a partir da decisão da maioria da SDB em se alinhar com as concepções

⁹⁵ Nascido em Amsterdã e falecido em Hilversum, Nieuwenhuis era proveniente de uma família de pastores protestantes, ele mesmo pastor luterano, que abandonou por volta do final da década de 1870 a sua posição social e a fé cristã. Após sua adesão ao socialismo, conheceu e manteve intensa correspondência com os maiores expoentes do nascente movimento operário, entre eles Marx, Bernstein, Akselrod, Liebknecht, Lafargue e Kropotkin. Realizou trabalho de difusão do marxismo escrevendo uma obra-resumo do livro *O Capital*, de Marx, intitulada *Capital e trabalho (Kapital und Arbeit)*. Marxista até 1896, torna-se anarquista desde então, rompendo com a Segunda Internacional. Sofreu também forte influência das ideias de Robert Owen o qual, segundo Malandrino (obra citada, p. 30), em certos aspectos, pode ter também inspirado na juventude os irmãos Adolf e Anton Pannekoek.

expressas por Nieuwenhuis de rejeição da tática parlamentar, durante o congresso de 1893, realizado na cidade de Groninga. Divergindo sobre tais métodos de luta e reivindicando publicamente o modelo da social-democracia alemã, uma parte dos militantes da Liga decidiu se separar em 1894 e, chefiados por doze dirigentes ironicamente apelidados de “os doze apóstolos”, fundou o Partido Operário Social-Democrata (SDAP), que fez em seu programa referência expressa ao programa de Erfurt (1891), da social-democracia alemã.

De sua fundação até 1912 o SDAP se consolidou como partido político, seção holandesa da II Internacional, partindo de um pequeno grupo de dirigentes para 15.000 filiados e tendo obtido 100.000 votos. No parlamento, evoluiu de dois deputados em 1897 para sete em 1902 e dezenove em 1913, mesmo com as restrições do sistema eleitoral já mencionadas. Os dirigentes principais, tanto do partido quanto da bancada parlamentar, eram duas figuras conhecidas internacionalmente: Pieter J. Troelstra (1860-1930) e Hendrik van Kol (1852-1925), especialmente o segundo, que residiu nas Índias holandesas e era considerado um especialista na questão colonial. Também se destacavam: Henry Polak (1868-1943), dirigente da associação dos trabalhadores do diamante e um dos membros mais influentes dos “doze apóstolos” e Jan Oudgeest (1870-1950), dirigente do sindicato dos ferroviários, que em 1905 fundou a Liga dos Sindicatos Holandeses (NVV), próxima ao SDAP.

Em termos de imprensa, o SDAP teve desde 1900 seu jornal diário *Het Volk* (O povo), com tiragem de 20.000 exemplares, uma revista teórica quinzenal – *De Nieuwe Tijd* (O tempo novo) –, além de jornais mensais e publicações menores, que eram difundidas numa rede capilar pelas províncias do país.

É no contexto dos matizes políticos diferenciados entre os grupos e indivíduos fundadores do SDAP que podemos identificar os alinhamentos em torno dos quais Pannekoek foi se posicionando. A começar pelo papel cumprido pelas revistas *De Nieuwe Tijd* e *De Kroniek* (A crônica), dirigidas respectivamente pelos intelectuais Frank van der Góes (1859-1939) e Pieter Lodewijk Tak (1848-1907), figuras centrais na vida do partido recém-fundado.

Frank van der Góes constituiu *De Nieuwe Tijd* em clara semelhança com a homônima alemã *Neue Zeit* (adotando a mesma postura cultural, teórica e política, e até a forma tipográfica) em função de seus sólidos laços com a social-democracia alemã e pessoalmente com Kautsky. Curiosamente, nesse momento, a adoção de uma linha editorial que expressava o marxismo como exposto por Engels, Kautsky,

Bernstein, se não estava frontalmente em oposição a uma visão reformista de socialismo, seguramente estava em concorrência com a tática essencialmente parlamentarista, sustentada por Troelstra e a maioria dos outros dirigentes holandeses.

Tak, por seu turno, conferiu um caráter mais cultural a *De Kroniek* e procurou inserir em suas páginas informações de qualidade sobre a vida artística e cultural tanto dentro quanto fora da Holanda, além de uma linha editorial que procurava abordar os temas sobre os quais se debruçava com vivacidade e argúcia.

Desse modo, por volta de 1895, diversos intelectuais, artistas e cientistas, que se rebelavam contra o que, na Holanda, foi um monopólio de duzentos anos das letras pela burguesia abastada e que evoluíam de tradicionais posições burguesas e positivistas para o marxismo e a revolução proletária, tinham no SDAP o ponto de confluência e espaço organizativo. E a porta de entrada no partido foi a participação na vida das duas revistas.

Explica-se assim a adesão de um poeta e uma poetisa que tiveram grande relevo na vida do SDAP tanto no cenário holandês quanto internacional: ele, Herman Gorter (1864-1927) e ela, Henriëtte Roland Holst (1869-1952). Ambos foram, juntamente com Pannekoek, considerados no início da década de 1920 os principais expoentes da “escola marxista holandesa”. Gorter e Roland Holst ingressaram no partido e na redação da *Nieuwe Tijd* em 1897 (ela inclusive foi eleita para a direção), como materialização da aceitação dos princípios revolucionários. Passaram a travar estreito relacionamento, político e de amizade, com figuras de proa da social-democracia alemã, como Rosa Luxemburg e Karl Kautsky. Este último foi, pelo menos até 1909, o principal inspirador político de Gorter.

Em resumo, quando Pannekoek aderiu ao SDAP, em julho de 1899, já o fez no contexto de um movimento operário e socialista organizado e claramente orientado para a revolução proletária. De um lado, as correntes de feição anarcossindicalista sob influência de Domela Nieuwenhuis (NAS e SDB) – influência que o próprio Pannekoek nunca deixou de reconhecer; de outro, o partido social-democrata, que se diferenciava por ser o único que procurava educar, emancipar e organizar a classe operária combinando o impulso dado às lutas econômicas e sociais com a adoção da tática eleitoral para a conquista do poder, sem descartar a ocupação de posições por dentro das instituições estatais, e atribuindo como objetivo central a conquista do sufrágio universal.

Na Alemanha, por seu turno, a formação do movimento operário e socialista antecede o forte processo de concentração industrial ocorrido a partir da década de 1860, que fez do proletariado industrial o setor hegemônico.⁹⁶ Na realidade foram as associações operárias que forneceram as bases para a constituição do socialismo alemão, tanto pela precocidade com que se constituíram (1848-49), quanto pelo dinamismo de seu funcionamento. Contudo, a direção estava sob a hegemonia de integrantes das camadas médias produtivas e intelectuais (artífices, lojistas, comerciantes, médicos, advogados e professores), o que favoreceu desde o início a sua divisão em tendências.

Serão os operários que irão impor em 1863 a formação de um partido operário dos trabalhadores, independente dos extratos inferiores da burguesia, bem como em 1875 a unificação das diversas tendências para a formação de uma organização partidária social-democrata única.

Após um processo de longas e complexas negociações, no qual Marx expressou ressalvas ao projeto de programa comum elaborado escrevendo as conhecidas “Glosas Marginais”, ocorre enfim o Congresso de unificação, de 14 a 15 de maio de 1875, na cidade de Gotha, que reuniu as maiores tendências partidárias: “lassalianos” (71 delegados representando 16.538 filiados) e “eisenachianos” (56 delegados representando 9.121 filiados). Surgiu assim o *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* – SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha), marcado desde sua origem pela clivagem reforma ou revolução.

O SPD iniciaria uma trajetória de sucessos eleitorais já na primeira eleição após a sua criação em 1877, porém, como afirmou Rován (1979, p. 47), “Essa social-democracia, em vias de se impor como uma força política, já se afirmava mais pelo número e organização que pela veemência revolucionária”. Essa trajetória conheceu um breve período de altos e baixos em função da vigência das leis antissocialistas que o governo alemão fez aprovar no parlamento (1878-1890), para ser retomada já em 1884 e prosseguir numa curva ascendente até 1912, ocasião em que o SPD ultrapassou um terço dos votos (4.250.000) e conquistou 110 cadeiras no parlamento, tornando-se o maior partido naquela casa legislativa.

Esse crescimento espetacular – fruto de um trabalho sistemático de propaganda e de educação política realizado junto aos trabalhadores –

⁹⁶ Para conhecer o processo de formação do socialismo e da social-democracia na Alemanha, consultar: DROZ (1977, p. 623-683); MENDONÇA (2007, p. 57-61); ROVAN (1979, p. 9-36).

foi acompanhado pelo crescimento das estruturas sindicais, embora a um ritmo mais tardio. Por um lado, os sindicatos acompanharam o surto de expansão industrial da década de 1890; por outro, as condições concretas de vigência das leis de repressão contra os socialistas forçou que o anterior dinamismo das associações operárias que produziu a unificação partidária desse lugar à reconstituição de tal rede de apoio fundada nas Associações de Profissão sob bases mais “leves”, fragmentadas, dinâmicas, combativas e mais densas de modo a possibilitar inclusive o financiamento do SPD (então semiclandestino). Basta dizer que, “após grandes e numerosas greves em 1884, 1885 e 1886, as *Fachvereine* compreendiam mais de 100.000 membros e, em 1887, excediam os 120.000, publicando 34 folhas especializadas !” (ROVAN, 1979, p. 59).

As bases teóricas e programáticas que sustentaram a prodigiosa expansão do SPD, após a fase de repressão, estavam consignadas no programa aprovado no congresso de 1891, realizado na cidade de Erfurt. Redigido principalmente por Karl Kautsky (1854-1938),⁹⁷ indivíduo familiarizado em analisar as contradições do capitalismo que faziam prever o seu desaparecimento futuro e que contribuía para manter acesa a chama do socialismo no coração e nas mentes de toda uma geração de socialistas. Em seus escritos desse período, Kautsky alertava que a social-democracia devia estar preparada para tal momento de substituição do capitalismo. Foi essa combinação entre um contexto de crescimento consistente do partido com a autoridade e prestígio intelectual de teórico marxista que possibilitou a ele redigir

[...] a parte teórica do programa de Erfurt, o qual, desembaraçado de toda a fórmula lassaliana, apresentou, numa linguagem marxista, o problema da monopolização dos meios de produção, da ruína das classes médias, da multiplicação das crises, do papel de libertação da classe operária, e da internacional dos trabalhadores. Afirmou-se que a realização do Estado socialista do futuro exigia a tomada do poder político pela classe operária. Por fim, um programa prático acompanhou a declaração de Erfurt, que compreendia uma lista de reivindicações imediatamente acessíveis que forneceriam ao proletariado as armas de que tanto necessitava: o sufrágio universal directo e extensivo às mulheres, a separação da Igreja e do Estado, a laicidade da escola, impostos progressivos sobre os rendimentos, uma legislação social

⁹⁷ Natural da Áustria, após 1883 foi diretor da Revista *Neue Zeit* na cidade alemã de Stuttgart. Autor de inúmeras obras de divulgação do marxismo. Foi considerado em sua época o maior teórico marxista. Para um balanço crítico da sua contribuição para a tradição marxista, sob diferentes perspectivas de análise, consultar a excelente coletânea “Karl Kautsky e o Marxismo” (1988).

instituindo a lei das oito horas, a proibição de trabalho aos menores de quinze anos, seguros de trabalho por conta do Estado, e o respeito pelo direito de coligação. (DROZ, 1979, p. 43-44)

Vale ressaltar que Engels apresentou suas reservas a esse programa, mesmo reconhecendo que ele substituíra com vantagens o programa anterior (redigido por ocasião da unificação, chamado “Programa de Gotha”, que havia sido criticado por Marx)⁹⁸ por eliminar em grande parte a influência seja do lassalianismo, seja do socialismo vulgar. Alertou para a preocupação excessiva com a popularidade, reveladora de uma possível subestimação das “faculdades intelectuais e o grau de cultura dos nossos operários” (ENGELS, 1971, p. 42). Na parte das reivindicações políticas apontou que “justamente o que era preciso dizer é que não está lá” (p. 46), e foi profético sem o saber quando escreveu:

[...] este esquecimento das grandes considerações essenciais perante os interesses passageiros do dia, esta corrida aos sucessos efêmeros e a luta que se trava em torno deles sem ter em atenção às consequências ulteriores, este abandono do futuro do movimento que se sacrifica ao presente, tudo isto tem talvez móveis honestos. Mas isto é e continuará a ser oportunismo. Ora, o oportunismo “honesto” é talvez o mais perigoso de todos. [...] de tudo isto não se poderá pôr grande coisa no programa. Se lhe faço referência, é sobretudo para mostrar [...] como se iludem os que querem, pela via legal, transferir tal estado de coisas para a sociedade comunista. (ENGELS, ob. cit., p. 48-50).

Os alertas e diagnósticos de Engels expressaram a percepção de uma tendência à adaptação e integração ao Estado e à sociedade capitalista por parte do SPD e do sindicalismo a ele ligado. Essa tendência mostrou-se irrefreável mas ainda conhecia limites uma vez que, por um lado, a constituição de uma “sociedade paralela” que abarcava a quase totalidade da existência material objetiva e subjetiva da classe operária (que compreendia de creches a crematórios, passando por escolas, corais, clubes desportivos, cooperativas de consumo, funerárias, cooperativas de construção de moradias, entre outras instituições, e no cada vez maior número de parlamentares e de funcionários partidários e sindicais) enraizou profundamente o SPD no proletariado industrial, por outro – por não responder à sua materialidade e/ou não penetrar em sua subjetividade – manteve o SPD frágil diante de setores expressivos na Alemanha: os trabalhadores católicos, os pertencentes às minorias nacionais (em especial os cerca de

⁹⁸ Cf. MARX, 1971.

três milhões de operários poloneses) e ainda os trabalhadores agrícolas e os camponeses pobres.

Para superar esse limite e aumentar a base social do SPD, seria necessário substituir o seu caráter reivindicativo e de classe pelo de uma organização que abrangesse o conjunto das forças progressistas do país, e deixar de ser um partido da classe operária para ser um grande partido democrático. Eis uma das causas principais que deflagrou a primeira grande crise interna na social-democracia alemã. Os desejosos de tal ampliação/transformação deram início a um movimento de revisão da teoria que informava a prática do SPD (daí a denominação de revisionista). Tal movimento teórico, que já exprimia uma prática, conheceu sua expressão melhor elaborada em 1899 com a publicação da obra “As premissas do Socialismo e o Trabalho da Social-Democracia”, de Eduard Bernstein (1850-1932).⁹⁹

As práticas a que Bernstein veio a dar forma ideológica consistiram principalmente na defesa dos pequenos e médios camponeses (que tinham que ser protegidos da proletarização) e não mais apenas dos assalariados agrícolas; no desenvolvimento de uma política de alianças no parlamento com os partidos da burguesia progressista (para obter melhoras pontuais e limitadas para o proletariado); no apoio ao nacionalismo alemão (sob a forma de adesão a uma política de expansão imperialista e de conquistas coloniais); e em limitar as reivindicações (partidárias e sindicais) ao horizonte do possível.

As formulações de Bernstein foram refutadas pela intelectualidade antirrevisionista¹⁰⁰ e formalmente condenadas nos congressos do SPD, realizados em Hannover (1899), Lübeck (1901) e Dresden (1903). No tocante às práticas que permitiram o seu surgimento,

⁹⁹ Natural de Berlim, proveniente de família judia. Possuía formação em contabilidade e economia. Os aspectos essenciais de seu pensamento podem ser resumidos em: a) impossibilidade do socialismo científico; b) repúdio à ideia de Ditadura do Proletariado; c) rejeição do modelo teórico das crises cíclicas para análise da evolução do capitalismo; d) abandono da perspectiva revolucionária para a substituição do capitalismo em favor de uma transição evolutiva para o socialismo, entendido como um ideal moral. (cf., BERNSTEIN, 1997, p. 7-19).

¹⁰⁰ Destacaram-se nessa ofensiva antirrevisionista: Kautsky (que publicou em 1899 uma brochura intitulada “Bernstein e o Programa Social-Democrata”); Rosa Luxemburg (que publicou “Reforma ou Revolução?” em 1900) e o russo emigrado Parvus (pseudônimo de Alexander L. Helphand, 1879-1924), que publicou sua crítica às teses de Bernstein na *Sachsische Arbeiterzeitung* (Gazeta dos Trabalhadores Saxões).

[...] apesar das condenações de que é alvo, as orientações revisionistas [...] tendem a invadir o aparelho inteiro à medida que as organizações do partido se desenvolvem. Conforme verifica Rosa Luxemburgo, o “fio de água”, tornou-se numa “tempestade”. Os diversos organismos passam de facto pelas mãos de “efectivos”, funcionários escolhidos entre os militantes que têm tempo livre e uma certa experiência administrativa e que se tornam funcionários remunerados, libertando-se lentamente da condição do proletariado para se elevarem à de pequenos-burgueses e beneficiando de regalias que, por modestas que sejam em relação às do mundo capitalista, não deixam de ser superiores às que cabem aos operários [...] Além disso há que ter em conta a presença de um grande número de socialistas nos conselhos municipais das grandes cidades, para onde são levados a fim de se iniciarem nos problemas escolares, nas questões de habitação, de seguros e de saúde, e de colaborarem efectivamente com os partidos burgueses. (DROZ, 1979a, p. 63-64).

Se no interior do SPD essas práticas se alastravam, “Tudo está mais adiantado nos meios sindicais, que opõem o seu ‘realismo’ ao ‘romantismo’ revolucionário do Partido” (DROZ, 1979a, p. 65). Essa afirmação foi comprovada pelo sindicalista Robert Schmidt, que declarou no congresso dos sindicatos em 1905: “Para podermos construir as nossas organizações, necessitamos de calma no seio do movimento operário” (citado por ROVAN, p.69-70).

O debate sobre o revisionismo prolongou-se até que os acontecimentos que se seguiram ao apoio dado pelo SPD ao esforço de guerra dos capitalistas da Alemanha (votando favoravelmente aos recursos financeiros necessários à tal finalidade na sessão do parlamento realizada em quatro de agosto de 1914) estabeleceram a unidade entre materialidade e subjetividade, realizando a intenção primeira de Bernstein: eliminar a contradição entre teoria (revolucionária) e prática (reformista) do partido, que o acompanhava desde a sua fundação.

A segunda grande crise da social democracia alemã foi por ocasião do debate sobre a greve geral por volta do ano de 1904. Se até essa data a direção central do SPD (Kautsky, Bebel) manteve-se unida com a esquerda do Partido (Luxemburg, Mehring, Karl Liebknecht, Radek, Pannekoek) no combate à direita revisionista (Bernstein, Auer, Vollmar), essa questão iria expor as diferenças entre a esquerda e o “centro” do partido.

O fundo do problema deveu-se às atividades práticas dos proletários que começaram a realizar greves massivas “por cima” dos

sindicalistas,¹⁰¹ o que abriu a crise dada a necessidade de posicionamento do partido e da forma de sua intervenção no processo, tornando possível a unificação das greves e assim transformando-as numa greve geral política.

Os sindicalistas colocaram-se contrários às greves massivas (embora tenham conseguido habilmente valer-se das mobilizações operárias para firmar os primeiros contratos coletivos – *Traifvertrage* – com o patronato), alegando não possuírem fundos para sustentar uma greve geral e que para prosseguir no seu trabalho de crescimento numérico das organizações – considerado prioritário – era fundamental ter paz e não agitação social.¹⁰² Enquanto isso, os representantes do “centro” partidário (na verdade representantes da burocracia do aparelho central do SPD) sustentavam a posição votada no congresso da II Internacional, realizado em 1904, na cidade de Amsterdã, pela qual o uso da greve geral apenas seria válido como instrumento defensivo para assegurar, como último recurso, a manutenção de interesses dos trabalhadores e não como instrumento para fins revolucionários.¹⁰³

A esquerda, por sua vez (inspirada também pelos acontecimentos na Rússia em 1905, que abordaremos adiante), sustentou que

[...] os sindicatos não devem tornar-se no seu fim último e constituir um obstáculo à liberdade de acção dos operários. Quando é que tirareis as lições da revolução Russa? Lá as massas foram lançadas na revolução: não houve vestígios de sindicatos, e foi ao longo da luta que construíram e fortificaram lentamente as suas organizações. Segundo uma concepção mecânica e não dialética, as organizações poderosas devem preceder sempre a luta; pelo contrário, a organização nasce durante a luta, durante o próprio processo de purificação da luta de classes. (Intervenção de Rosa Luxemburgo no congresso de Iena em 1905, citado por DROZ, 1979a, p. 71-72.)

¹⁰¹ Rován (1979, p.89) nos fornece dois exemplos marcantes: 1) a greve dos operários têxteis, em *Crimmitschau*, na Saxônia, pela jornada de trabalho diária de 10 horas, que durou de abril de 1903 a janeiro de 1904 e, no seu auge, mobilizou 7.800 dos 8.000 trabalhadores desse ramo industrial; 2) A greve dos mineiros do Vale do Ruhr, em 1905, que mobilizou 200.000 do total de 270.000 mineiros, por melhores condições de trabalho nas minas.

¹⁰² A intervenção de Legien no Congresso do SPD, em 1906, é ilustrativa “Mostrei como somos fracos, no fundo, quão débil está ainda a nossa organização, e que, na situação actual não estamos em posição de utilizar este meio de luta. Aliás, os nossos adversários sabem avaliar muito bem a nossa fraqueza, e sabem ainda que na situação presente nada têm a recear de nós.” (Citado por DROZ, 1979a, p. 73)

¹⁰³ Nesse sentido a intervenção de Bebel no Congresso do SPD em 1905 “Há que ter em conta a agressividade da burguesia, e a greve das massas deve ser reservada como uma medida defensiva, indispensável à conservação dos direitos necessários à vida e à prosperidade da classe trabalhadora.” (Citado por DROZ, 1979a, p. 71).

O desfecho desse debate possibilitou a aproximação entre as burocracias do aparelho partidário e do aparelho sindical que paulatinamente se unificariam até a fusão completa anos mais tarde, quando serviu para inaugurar uma expressão teórica, independente da ortodoxia, das tendências mais radicalizadas e ativas do proletariado. Serviu ainda para aumentar o arsenal de possibilidades práticas de que os trabalhadores como classe poderiam, caso quisessem, lançar mão no combate ao imperialismo e à guerra, por exemplo.

O debate sobre a utilização da greve de massas como forma de luta prática contra o imperialismo e a guerra em conexão com a necessidade de definição de uma estratégia geral de enfrentamento ao militarismo, ao expansionismo do capital e à questão nacional/colonial abriram a terceira grande crise na social-democracia alemã.

O agravamento das tensões diplomáticas entre as facções capitalistas dos diversos estados nacionais europeus, após 1905, fez notar a ausência de uma posição unificada no SPD a respeito, quando da análise dos resultados das eleições de 1907, ocasião na qual o partido, mesmo tendo obtido a mesma votação ao parlamento que na eleição anterior, reduziu sua bancada de 81 para 43 deputados.¹⁰⁴

[...] desde 1907 que os pontos de vista sobre a atitude a adoptar em relação à guerra diferiam profundamente. Quando o ponto de vista ortodoxo era defendido por Kautsky, que na *Neue Zeit* relembra que os preconceitos nacionais se identificavam com os interesses da burguesia e opunha as milícias aos exércitos permanentes, os revisionistas apoiavam o “imperialismo democrático” e reconheciam à Alemanha o direito de obter o seu lugar ao sol. Bernstein justificara a conquista colonial com a condição de que os direitos do indígena fossem preservados; [...] Em compensação, na extrema-esquerda do Partido o jovem Karl Liebknecht dirigiu a oposição radical a todas as formas de militarismo e imperialismo [...] Em 1907 escreveu *Militarismo e Antimilitarismo*, no qual indicava as precauções que a propaganda devia tomar nesse sentido junto da nação alemã, extremamente marcada pelo ideal nacional [...]. (DROZ, 1979a, p. 76-77.)

Embora seja importante apresentar a expressão intelectual que essa divergência assumiu, é na materialidade das práticas que se encontra o esclarecimento a tais posições e concepções. 1907 foi o ano em que as estruturas criadas pelo movimento operário e socialista alemão começaram a fazer sentir o seu peso real sobre as decisões do SPD, no sentido de evitar qualquer ação direta que interrompesse a

¹⁰⁴ Conforme tabela com as votações, percentagens de votos e mandatos obtidos pelo SPD de 1871 a 1912. (cf. ROVAN, p. 90).

progressiva integração de tais instituições/estruturas no capitalismo. A rigor, tratou-se de eliminar obstáculos ao processo de ascensão social dos gestores de tais aparelhos: O Primeiro de Maio deixou de ser compreendido como data referencial de luta; a juventude antimilitarista do partido passou a ser reprimida e suas organizações subordinadas ao controle de comissões sindicais; pelos mecanismos de representatividade nos congressos, a maioria proletária do partido passou a eleger menos delegados em favor das camadas médias e dos delegados das pequenas cidades.

Durante os anos de 1908 a 1911 a amplitude, profundidade e diversidade dos acontecimentos atestaram o processo de integração dos aparelhos partidários e sindicais. Eis alguns acontecimentos: a questão da aliança com os partidos liberais, após o congresso do SPD, realizado na cidade de Leipzig (1909), deixou de ser encarada do ponto de vista da “doutrina” e sim na perspectiva de sua eficácia; em 1910 o principal teórico do partido, Kautsky, aderiu à tese da exclusividade da ação parlamentar; o paulatino abandono do internacionalismo subordinando-o ao calendário eleitoral alemão ocorrido em 1911 quando da negativa em convocar uma conferência internacional, sugerida pela Internacional.

1912 foi marcado pela centralidade do debate sobre política externa pelo acirramento das hostilidades na região balcânica da Europa e, dentro dessa temática, a questão do imperialismo se destacou. Durante o congresso realizado na cidade de Chemnitz, em setembro daquele ano, a diversidade das posições ia desde ataques furiosos contra a Inglaterra, numa clara posição guerreira e favorável ao imperialismo alemão, até a defesa de um levantamento revolucionário das massas contra a guerra, matizado por posições do “centro” que enxergavam setores da burguesia alemã, empenhados na paz, que deviam ser apoiados.

Finalmente, em setembro de 1913, quando se realizou o congresso partidário na cidade de Iena, a social-democracia deliberou duas medidas que desmentem a versão de “traição” ao votar no parlamento alemão os créditos de guerra no ano seguinte: ao mesmo tempo em que rejeitaram a resolução para que os deputados do partido votassem contra qualquer imposto destinado ao financiamento de novas despesas militares, rejeitaram igualmente a resolução que previa o chamamento da greve geral caso fosse iniciada a guerra. Desse modo, deu livre curso ao militarismo alemão e omitiu-se de agir em caso de guerra.

Assim, o acordo dos sindicalistas com o patronato para “congelar” todos os conflitos sociais durante a guerra, no dia dois de agosto de 1914, e a reunião do grupo parlamentar que decidiu pela

aprovação dos créditos de guerra sem contrapartida (do total de 110 deputados, 92 estavam presentes, com um resultado de 78 votos favoráveis e 14 contrários), significaram a expressão da materialidade concreta de uma parcela do proletariado e da intelectualidade. O voto, na sessão do *Reichstag* de quatro de agosto, apenas marcaria a adequação, no plano das instituições políticas, ao já ocorrido no plano das instituições sociais.

Se nos restringirmos apenas aos números do SPD, o qual contava, naquele momento, com mais de um milhão de adeptos que davam vida a “[...] 89 quotidianos, bem como várias revistas teóricas e culturais, que sustentavam 11.000 assalariados [...]” e, além dos 110 deputados nacionais depois de 1912, “220 representantes nos diferentes *Landtags* provinciais e 12.000 conselheiros municipais.” (DROZ, 1979a, p.89-90), veremos que essa “micro-sociedade” dos aparelhos no interior da sociedade alemã tinha desenvolvido interesses concretos a preservar que não coincidiam com os interesses de conjunto do proletariado.

No âmbito das ideologias, tal especificidade e autonomia de interesses foram recobertas com o discurso da “guerra defensiva” contra as agressões, voltada a atingir uma paz sem conquistas (colônias ou anexações territoriais). Essa ideologia foi insuficiente para manter ocultas as medidas de integração efetiva ao Estado, tais como, após a votação de quatro de agosto, o reconhecimento oficial do governo e patronato alemão do papel mediador dos sindicatos entre o poder e os trabalhadores e o tratamento dispensado por ambos ao SPD como um partido igual aos demais, apto a receber as mesmas informações e a ser consultado.

O órgão da *Generalkommission*, o *Correspondenzblatt*, escreveu em princípios de 1916: “A política de 4 de agosto corresponde aos interesses mais vitais dos sindicatos. Garante a protecção de invasões inimigas, da divisão dos territórios alemães e da aniquilação de ramos industriais florescentes, defendendo-nos assim de uma conclusão infortunada da guerra que nos obrigaria a indenizações ao longo de decénios...” (citado por H. Grebing, *obra citada*, p. 144). Este eloquente texto explica a razão pela qual o peso da direcção sindical estava totalmente empenhado contra a esquerda “que abalava a confiança do governo na direcção dos trabalhadores organizados” (*ibidem*). A concepção que o inspirava só tinha, porém, sentido se a social-democracia e os sindicatos conseguissem impor os *seus* objectivos políticos ao governo, o que não aconteceu. (ROVAN, 1979, p. 116).

Os acontecimentos posteriores concluíram as transformações necessárias para que uma social-democracia plenamente funcional ao capitalismo ressurgisse, sem as fricções provocadas por franjas

radicalizadas, mas minoritárias, do proletariado. Num balanço dessa trajetória, Droz (1979a, p. 94) questionou:

falou-se de uma ‘integração negativa’ da classe operária, que para ela se traduziu num indiscutível melhoramento material e no emburguesamento de seus membros, e ainda mais de seus militantes [...] o voto dos créditos no dia 4 de agosto terá sido efectivamente aquela grande ‘traição’ denunciada por Lenine? [...] não terá sido antes, após tantos anos de desprezo e opressão, o momento histórico oferecido ao proletariado alemão para se integrar numa sociedade que até então o excluía dos seus destinos?

Em síntese, superada a fase inicial de formação do movimento operário e socialista (1848-49 até 1875) e a fase das restrições legais à plena expansão de ambos (até 1890), o SPD e os sindicatos a ele ligados passaram a condensar ambos os movimentos. De 1891 a 1914, a história do SPD foi marcada por uma sucessão de crises por existirem em seu interior dois campos antagônicos: uma ala direita, reformista, adepta de um socialismo limitado a fins atingíveis por medidas práticas de caráter gradual e evolutivo, calçado na ação política imediata; e uma esquerda revolucionária, preocupada em salvaguardar o futuro da luta proletária no seu agir imediato. Essa polaridade conheceu, no período mencionado, três grandes momentos desencadeadores. Começou pelo debate sobre o revisionismo, passou pela polêmica sobre a greve geral/de massas/selvagem para chegar por fim ao tema da luta contra o imperialismo e a guerra. Pannekoek participou ativamente dos três grandes debates, sobretudo durante os últimos oito anos, período em que residiu na Alemanha.

2.2.2 Entre guerras e revoluções

Quatro foram os processos históricos que desempenharam um papel marcante na vida de Pannekoek no sentido da sedimentação de suas concepções: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as duas revoluções na Rússia (1905 e 1917) e a revolução alemã de 1918. Tais experiências forneceram o fundamental da base empírica de onde ele pôde refletir e extrair suas deduções, numa atitude que combinava envolvimento e acompanhamento.

A revolução de 1905, também chamada Primeira Revolução Russa, em termos de estrita periodização histórica, iniciou-se com o “domingo sangrento” de 09 de janeiro (quando as tropas do Czar

metralharam à queima-roupa participantes de uma manifestação pacífica que se dirigiu ao palácio governamental para a entrega de uma petição contendo reivindicações democráticas e sociais, promovendo uma matança generalizada) e teve o seu final com o esmagamento da insurreição em Moscou, no dia 19 de dezembro, ambos daquele ano. Produto direto da guerra russo-japonesa,¹⁰⁵ segundo Trotsky (2006, p. 13),¹⁰⁶ constituiu-se no “ensaio geral” – em função da movimentação e alinhamento das forças sociais que desencadeou desde então e de seu legado de novas formações político-partidárias – para a revolução de 1917.

As questões levantadas, e ainda sem necessariamente terem tido a possibilidade de uma maturação prática e teórica naquele momento, podem ser assim enumeradas: 1) a relação entre guerra e revolução; 2) o surgimento dos *soviets* (conselhos em russo) como organismo de poder paralelo – nova instituição criada e autogerida pelos trabalhadores – e as questões daí derivadas (sua relação com o partido e com os sindicatos, sua composição, caráter e atribuições); 4) O aparecimento da greve geral política como instrumento específico do movimento operário para paralisar a economia e desorganizar o poder do Estado; 5) as relações entre as classes e as medidas para efetivar uma aliança entre os setores oprimidos; 6) a formação de milícias armadas e a política para atrair os setores explorados no interior das forças armadas estatais; 7) o exercício da liberdade de imprensa; 8) as relações entre luta econômica/luta parlamentar/luta revolucionária; e 9) a necessidade de identificação de setores estratégicos para desorganizar o poder instituído.

Vale ressaltar que o ano de 1905, na Rússia, em termos de lutas sociais, foi parte de um quadro geral de mobilizações de trabalhadores em diversas partes do mundo, e que em algumas dessas partes as classes exploradoras e dominantes foram forçadas a fazer importantes

¹⁰⁵ Conflito envolvendo os dois países, por disputas territoriais na Ásia (regiões da Manchúria – atual China – e Coreia) durante os anos 1904-05 que terminou com uma vitória militar inquestionável do Japão, marcando a ascensão imperialista deste país no cenário mundial ao mesmo tempo em que acentuou a crise e a decadência do império russo (cf. Guerra Russo-Japonesa, 2009).

¹⁰⁶ Para as informações do processo histórico de 1905, é utilizada neste trabalho a obra “1905”, a qual o revolucionário russo escreveu originalmente em alemão em 1909, aparecida na Rússia pela primeira vez em 1922. A escolha dessa obra como referência deveu-se, além de Trotsky ter tido participação direta nos acontecimentos, ao fato de que em 1909 integrava o mesmo quadro conceitual que Pannekoek partilhava naquele momento, ou seja, o marxismo da II Internacional (o que não significa afirmar que, internamente à Internacional, ambos partilhassem das mesmas concepções). E não pelos desenvolvimentos futuros que as concepções de ambos, Pannekoek e Trotsky, tomaram posteriormente.

concessões democráticas, num claro processo de incorporação dos setores dominados e explorados ao capitalismo.¹⁰⁷

Sobre a Revolução Russa, de 1905, não apenas no calor dos acontecimentos que se sucederam ao longo de todo aquele ano e independentemente de seu resultado final (um banho de sangue), Pannekoek, em diversas cartas a Kautsky, manifestou os seguintes pontos de vista: a visão de que se abria uma época revolucionária caracterizada pelo irromper de grandes massas na história; os fatos russos deveriam ser entendidos como uma confirmação das posições que havia sustentado; criticou a incompreensão de seus compatriotas holandeses e companheiros de partido sobre o significado daqueles eventos históricos em função da perspectiva eleitoral que os alimentava; revelou vivo entusiasmo a ponto de, com alegria, destoar da sua tradicional imagem de teórico frio e, mesmo no ano seguinte (abril-maio 1906), já num contexto diferente, lamentou não poder continuar acompanhando os acontecimentos em função de seu desconhecimento do idioma russo; solicitou a Kautsky indicação de um jornal que o mantivesse informado dos fatos, entre eles se Rosa Luxemburg tinha escrito algo novo a respeito.¹⁰⁸

Em termos teóricos, destaca-se porém que, especificamente sobre o tema da greve geral, apenas posteriormente a 1905 apareceria, nos escritos de Pannekoek (bem como nos de Gorter e dos principais expoentes da social-democracia alemã), um interesse teórico particularmente intenso sobre essa temática.

Com relação à Primeira Guerra Mundial, vista da perspectiva das relações internacionais clássicas, ou seja, entre Estados nacionais, pode ser definida como a forma encontrada pelos capitalistas dos diferentes países para solucionar os problemas de assimetrias geradas pelo desenvolvimento do capitalismo em sua fase industrial. Essas assimetrias conduziam, em linha direta, às disputas por mercados e capitais, as potências situadas nas áreas do capitalismo industrial, centro mais dinâmico e pioneiro de tal formação social naquele momento (o continente europeu e o norte da América, embora com repercussões e conexões em todo o globo), o que alinhou, de um lado, principalmente França, Inglaterra, Sérvia, Rússia e Estados Unidos (a partir de 1917) e,

¹⁰⁷ Cf. TROTSKY, obra citada, p. 465-496.

¹⁰⁸ Cf. MALANDRINO, obra citada, p. 90.

de outro, Alemanha, Bulgária, Império Austro-Húngaro e Império Turco-otomano.¹⁰⁹

Vista, porém, da perspectiva que interessa a este trabalho – das lutas sociais e de classes –, a Primeira Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que revelou a profunda divisão dos capitalistas em rivalidades nacionais, descortinou um movimento de solidariedade internacional expresso pela contestação nas fábricas e por insurreições nos campos de batalha. Segundo Bernardo (2000, p.48-49), de 1915 a 1917, a Alemanha conheceu um aumento de 700% no seu número de dias de trabalho perdidos em função de greves; na França o número de grevistas no mesmo período aumentou 610%; na Itália, em 1917, a agitação atingia tanto os campos quanto as fábricas; na Inglaterra teve início o movimento dos *shop stewards* (delegados sindicais eleitos pela base e por unidade de produção, que defendiam as posições tomadas pelos operários em seus locais de trabalho contra os dirigentes sindicais); no *front* militar, confraternizações entre soldados dos dois lados das trincheiras, motins nas tropas (que atingiram 54 divisões do exército francês); e na marinha alemã, durante o verão de 1917, deserções maciças (20% no caso das tropas italianas).

Mas o movimento chegou ao auge quando a frente russa derrocou em 1917. [...] Noutros países as insurreições militares tiveram igualmente consequências políticas e sociais muito profundas. A revolta dos marinheiros alemães no final de outubro de 1918 estendeu-se em novembro aos soldados e aos trabalhadores da indústria, iniciando-se a Revolução dos Conselhos, que ressurgiu em repetidas ocasiões nos anos seguintes e deixou na classe trabalhadora alemã marcas muito duradouras, liquidadas apenas com a ascensão dos nazis ao poder. Também a revolução iniciada em março de 1919 na Hungria e as ocupações de fábricas no norte da Itália em setembro de 1920 estiveram na imediata sequência do movimento social que pusera termo à guerra. (BERNARDO, 2000, p. 50).

Equiparados aos acontecimentos descritos acima em importância, por suas repercussões, Bernardo informa-nos ainda sobre os levantamentos ocorridos durante a guerra civil ocorrida na Rússia (1918-1920), após a vitória da insurreição bolchevique: em 1918, recusa dos destacamentos estadunidenses em combater (obrigados à retirada em função disso); recusa dos expedicionários britânicos em embarcar para a Rússia em 1919, concomitante a motins nas tropas britânicas já em solo russo, no norte do país; sublevação de marinheiros franceses que

¹⁰⁹ Para uma compreensão do contexto que envolveu a Primeira Guerra no âmbito do século XX, em seus antecedentes e desdobramentos, consultar: REIS FILHO e outros (Orgs.), 2006.

atuavam no Mar Negro em 1919, obrigando as tropas estrangeiras a evacuar o sul da Ucrânia. E sintetiza:

Em suma, o que sucedeu de 1916 até 1921 foi um processo revolucionário único, em escala européia e com repercussões nos Estados Unidos, que opôs o internacionalismo dos trabalhadores ao nacionalismo das classes dominantes. A insurreição bolchevista foi um mero episódio, que se distinguiu apenas por um detalhe – ter vencido. Mas o declínio do movimento internacionalista e a evolução posterior das lutas sociais converteram numa profunda derrota aquela vitória inicial dos trabalhadores russos. Aliás, o fato de uma revolução que começara ultrapassando as fronteiras ter triunfado apenas num país contribuiu decisivamente para desarticular o movimento. Ao ocuparem o poder de Estado e implantarem uma economia estatal, os bolchevistas abandonaram muito rapidamente a perspectiva do internacionalismo e passaram a defender interesses nacionais russos. A inversão da revolução e a desagregação do impulso internacionalista são as responsáveis pela deturpação dos acontecimentos daquela época, já que geralmente a revolução bolchevista é apresentada pelos historiadores como exclusivamente russa, e as insurreições militares são reduzidas a episódios isolados e votadas a um esquecimento tanto mais deliberado quanto é ajudado pelo segredo dos arquivos. (BERNARDO, 2000, p. 51).

Essa perspectiva permite-nos analisar os dois próximos processos em suas especificidades, mas inseridos num contexto de totalidade. Seguindo o esquema traçado por Aguado (1976, p. 27) para o estudo da Revolução Russa de 1917, segundo o qual se buscou fazer uma exposição de fundo que possibilitasse extrair os processos internos, deixando os detalhes em segundo plano, poderemos expor o processo histórico que deu forma desenvolvida a instituições e organizações de modo a destacá-las. Assim, o processo revolucionário iniciado em 1917 e que durou até 1921 pode ser dividido em quatro momentos encadeados: antecedentes, revolução de fevereiro, revolução de outubro e evolução posterior.¹¹⁰

Além de ser parte de um movimento revolucionário único que alcançou todo o continente europeu, como visto, os antecedentes internos fundamentais a serem destacados são: uma formação social que articulava em termos econômicos um setor agrário predominantemente feudal com um setor agroindustrial capitalista combinado – que no geral

¹¹⁰ Em 2007, por ocasião dos 90 anos da Revolução Russa, foram tomadas algumas iniciativas editoriais com essa temática específica sob os mais variados ângulos, abordagens, metodologias e perspectivas. Nesse sentido, dentre outros, consultar: TRAGTENBERG, 2007; MACIEL; MAIA; LEMOS (Orgs.), 2007; SERGE, 2007.

era predominante – e, politicamente, apresentava um Estado absolutista feudal, uma autocracia.

Em termos de forças políticas atuantes tem-se, à direita, os monarquistas partidários do Czar; ao centro, as correntes liberais cujas mais expressivas eram os “outubristas” (latifundiários e industriais que defendiam a liberalização política do país para poderem prosperar) e “democratas constitucionalistas – Cadetes” (pequenos industriais, comerciantes, intelectuais e profissionais liberais); à esquerda, as correntes socialistas que procuravam expressar os interesses do proletariado e do campesinato. Muito divididas entre si, as de maior expressão foram os “bolcheviques” (corrente surgida em 1903, que será analisada no próximo capítulo), “mencheviques” (corrente que expressava, no geral, as concepções típicas da social-democracia da II Internacional na Rússia), “socialistas-revolucionários/esseristas” (partido de base camponesa que continha duas alas internas as quais dariam origem a dois partidos independentes: “esseristas de direita”, de moderadas aspirações sociais e políticas e partidários da aliança com as correntes liberais, e “esseristas de esquerda”, influenciados pelas concepções anarquistas e anarcossindicalistas, que se diferenciavam destes em função da importância que atribuíam à luta política em sentido estrito. Eram antibelicistas, contrários a alianças com a burguesia e hostis à centralização e à burocracia). De menor peso ou influência social vale mencionar ainda, em termos de pensamento marxista, os grupos políticos de Trotsky (que se uniria aos bolcheviques em 1917) e Gorky e sua revista, além de grupos sindicalistas e anarquistas.

Ainda como antecedente importante a ser mencionado, está a experiência de luta adquirida pelo proletariado industrial russo, que lhe forneceu certa tradição revolucionária determinante para a vitória em 1917. Além do já comentado “ensaio” de 1905, de 1912 a 1914 uma série de greves coloca em movimento largas parcelas da classe, os sindicatos são parcialmente reconstruídos, os camponeses promovem várias revoltas e, durante a Primeira Guerra Mundial, há o crescente movimento de protesto contra o envolvimento russo, fazendo crescer as deserções no *front*, os atos pela paz nas cidades, a oposição e a negativa ao alistamento.

Esse quadro de movimentações conheceu seu ápice em fevereiro de 1917, quando a população, súbita e espontaneamente,¹¹¹ lança-se às

¹¹¹ O termo “espontâneo” significa que não foi organizada, preparada, planejada e/ou dirigida por nenhum partido ou grupo, seja estratégica ou taticamente. O termo “súbito” significa

ruas e esse fato, somado à desobediência generalizada dos soldados e à desorganização administrativa, força o Czar a abdicar. É colocado em seu lugar um governo provisório que adota uma série de decretos reconhecendo o direito de greve, de reunião, de associação, liberdade de imprensa e anistia total aos presos e exilados políticos. É o fim da autocracia, e uma revolução de perfil liberal coloca a burguesia no poder de Estado.

Porém, o mais importante (e decisivo) é que nesse processo a população dotou-se de seus próprios órgãos de poder, paralelamente aos da burguesia, estabelecendo desde então uma efetiva dualidade de poderes com instituições das duas classes principais em luta. De um lado, o governo provisório e o parlamento (Duma); de outro, os *Soviets*, os Comitês de Fábrica e Empresa e os Sindicatos. Vejamos as características desses últimos.

Os *Soviets* eram compostos no início por uma maioria de trabalhadores, soldados e camponeses anônimos e minoritariamente de militantes de partidos, diretamente eleitos e substituíveis a qualquer tempo para dar cabo de um sem número de questões relacionadas a necessidades da população explorada. Paulatinamente, no entanto, em função da pouca experiência e clareza de ideias, foram dando lugar aos militantes partidários.¹¹² Também surgiram quase sem coordenação, com cada *soviet* atuando isoladamente e apenas promovendo trocas de informações entre si, mas aos poucos foram sendo tomadas medidas de coordenação, primeiro em nível regional e posteriormente em nível nacional.

Os **Comitês de Fábrica e Empresa**, criados no próprio processo da revolução, eram instituições para o controle operário do funcionamento das fábricas e empresas. Seus integrantes constituíam comissões, segundo o mesmo princípio de eleição dos *soviets*, que passavam a integrar os órgãos gestores patronais para exercerem a vigilância quanto às condições de trabalho, ao cumprimento das reivindicações operárias e às atividades gerenciais em termos administrativos, econômicos e técnicos. Diferentemente dos *soviets*, que tinham uma maioria de socialistas moderados (esseristas de direita e mencheviques), desde o início os bolcheviques eram majoritários.

inesperado por todos os políticos e militantes, não previsto. Partilham da mesma posição ANWEILER (1975, p. 107) e AGUADO (1976, p.37-38).

¹¹² Anweiler (obra citada, p. 131) fornece-nos um exemplo esclarecedor. Durante o Primeiro Congresso Pan-Russo (de toda a Rússia) dos *Soviets*, realizado em junho de 1917, dos 822 delegados com direito de voto, 285 eram esseristas, 248 mencheviques, 105 bolcheviques, 73 independentes e 111 os demais.

Os **Sindicatos**, surgidos em 1905 e muito enfraquecidos em função da repressão que se seguiu à derrota daquela revolução, a partir de 1912 começam a crescer em força, número e ações com a promoção de muitas greves importantes. Em 1917, eram a única forma de organização ampla de que dispunham os setores explorados. Desde o início foram bastante influenciados pelos partidos em função de serem estes seus grandes impulsionadores (salvo nos espaços – minoritários – sob hegemonia anarquista ou anarcossindicalista).

Na concepção dos militantes partidários, as funções dos sindicatos seriam de auxiliar a colocar em prática as posições táticas e estratégicas do partido, servir para recrutar novos militantes para o partido e servir de ponta avançada das lutas do partido. Nos sindicatos havia uma maioria de esseristas e mencheviques. No entanto apresentavam uma particularidade:

[...] na **Conferência de junho de 17** dos sindicatos [...] **tratou-se fundamentalmente da organização** dos sindicatos. Foi acordado criar um **Conselho Central Pan-russo** composto por uma **representação proporcional de todos os partidos** presentes neles. Este acordo era lógico: os partidos davam aos sindicatos o caráter de organização auxiliar deles. **Não era pois uma organização de democracia da base** como os soviets. Mas de toda forma era pelo menos um órgão de unidade, que chegou a ter uma força considerável e decisiva em muitos momentos. De fato foi a **terceira frente de poder operário** frente à burguesia.(AGUADO, obra citada, p. 44).¹¹³

Após a revolução de fevereiro, a sucessão dos acontecimentos seguiu uma espiral de radicalização cada vez mais à esquerda ao ponto de tornar possível a consigna de “todo o poder aos *soviets*”, culminando com a revolução de outubro. Duas são as diferenças principais entre uma e outra. Primeira: enquanto fevereiro origina um sistema político de tipo liberal – ainda que numa realidade de duplo poder –, outubro origina um sistema de tipo socialista. Segunda: enquanto fevereiro se produziu a partir da ação espontânea das massas, outubro teve um papel fundamental dos bolcheviques.

¹¹³ [...] en la **Conferencia de junio del 17** de los sindicatos [...] se trató fundamentalmente de la organización de los sindicatos. Se acordó crear un **Consejo Central Pan ruso** que estaría compuesto por **una representación proporcional de todos los partidos** presentes en ellos. Este acuerdo era lógico: los partidos daban a los sindicatos el carácter de organización auxiliar de ellos. **No era pues una organización de democracia de la base** como los soviets. Pero de todas formas era al menos un órgano de unidad, que llegó a tener una fuerza muy considerable y decisiva en bastantes momentos. De hecho fue el **tercer frente de poder obrero** ante la burguesía.

Antes de discorrermos sobre os delineamentos centrais da revolução após outubro, e em função do peso da participação do partido bolchevique, vale destacar sucintamente alguns aspectos da evolução interna desse partido entre fevereiro e outubro.

Colhidos de surpresa pelos acontecimentos de fevereiro, que os levaram a ter um papel secundário no processo, os bolcheviques iniciam um processo de debate interno a partir das posições sistematizadas nas famosas “Teses de abril” de Lênin,¹¹⁴ que provocariam uma virada tática e estratégica no partido, fazendo crescer exponencialmente sua influência até a conquista do poder. No entanto, tal virada não ocorreu sem resistência e apenas se consumou dias antes da vitória de outubro.

O “nó górdio” em debate era exatamente este: o partido levaria ou não até as últimas consequências a consigna “todo poder aos *soviets*”, fazendo desses a única fonte de poder na Rússia, isto é, empreendendo a luta para derrubar o regime liberal e inaugurar um regime socialista. Ao adotar as posições leninianas naquele momento, ficou por esclarecer se a deliberação partidária foi no sentido de que seriam os *soviets* como tais que exerceriam o poder ou se seriam os bolcheviques por meio dos *soviets*.

Após uma fracassada tentativa de insurreição, em julho, o governo provisório foi substituído por outro, recrudesceram a fome e a miséria, sucederam-se os fracassos na frente militar. O novo governo decidiu intensificar a repressão sobre os bolcheviques, vistos como os principais fomentadores da rebelião popular. As massas populares inclinaram-se cada vez mais para posições mais radicalizadas. Uma tentativa de golpe de direita, chamado “golpe do General Kornilov”, fracassou em função da obediência dos soldados da guarnição de Petrogrado à orientação em sentido inverso emanada do *soviet* da cidade. Ele serviu para esclarecer a população dos perigos reais de uma ação contrarrevolucionária, mostrar a incompetência do governo, o descrédito de quem dele participava (caso de mencheviques e esseristas, cujo desgaste era devidamente explorado pela propaganda bolchevique) e intensificar a aproximação das massas com os bolcheviques a ponto de propiciar a inversão da correlação de forças nos *soviets*, tornando-os majoritários em seu interior.

No início do mês de outubro, o comitê central do partido Bolchevique aprovou um plano tático para a conquista do poder consistente fundamentalmente em dois pontos: conquistar a maioria nas instituições de poder popular e realizar uma insurreição armada.

¹¹⁴ Cf. LÊNIN, 1990b.

Executando esse plano minuciosamente, os bolcheviques conseguiram assim a conquista do poder a partir de Petrogrado, que depois se expandiu para o restante do país. A aprovação à medida de ocupação e partilha das terras, ao mesmo tempo em que ganhou o campesinato, diminuiu a influência da contrarrevolução e, em parte, dos esseristas e ampliou a presença bolchevique no exército (composto majoritariamente de camponeses). Embora tendo partido da cidade, com sua organização e direção vinda dos trabalhadores urbanos e dos bolcheviques, foi fundamentalmente uma revolução camponesa.

Consumada a vitória, teve início o processo de subordinação dos órgãos de poder popular – *soviets*, comitês e sindicatos (logo de toda a revolução) – à ditadura do partido bolchevique. Paulatinamente vão perdendo o nível de representação direta e se centralizando, elevando para as cúpulas os centros de decisão real. A consequência direta é o desinteresse dos trabalhadores de base pelos assuntos públicos, a redução do controle sobre os dirigentes, a procura de soluções individualistas para problemas sociais. A gestão democrática cedeu lugar à gestão burocrática.

Nos *soviets*, sob o argumento da celeridade nas decisões e clareza de rumos, o primeiro passo, em âmbito local, foi retirar a decisão final da assembleia de delegados para um comitê executivo permanente colocado acima dela e depois, como segundo passo, desse para uma “presidência de vários”. Em âmbito de coordenação, o Congresso transferiu suas atribuições de gestão a um “Comitê executivo central” e este para o “Conselho de comissários do Povo”. Assim todo o poder de decisão, em questão de meses, foi concentrado nas administrações centrais, deixando os *soviets* sem poder real.

Processo similar ocorreu nos comitês. Ainda em 14 novembro de 1917, foi criado, por decreto, o “Conselho Pan-Russo do Controle Operário” que subordinava os comitês de fábrica a “Conselhos Regionais” (também criados por decreto). Assim, instituiu-se a separação entre quem executa (base) e quem decide (cúpula), com a burocracia estabelecendo o nexo entre ambos. Na concepção bolchevique, todo esse sistema deveria regular e planificar a economia, mas na verdade esses órgãos não cumpriram tal papel, pois este logo foi transferido ao *Vesenka* (sigla de “Conselho Superior da Economia Nacional”), criado por decreto em 5 de dezembro. Na prática, porém, serviram para preparar o enquadramento dos sindicatos, instituições nas quais a influência bolchevique era menor.

Nos sindicatos, logo após a revolução de outubro, manifestou-se uma rivalidade entre estes, de um lado; e o Estado (os *soviets*

centralizados, hierarquizados e esvaziados de poder) e os comitês (controlados pelos bolcheviques) de outro.

Tal rivalidade devia-se à paralisação das atividades dos sindicatos, obstaculizados por todas as formas, que jogavam no descrédito os sindicalistas não bolcheviques. Por isso, quando se reuniu o I Congresso Pan-Russo dos Sindicatos, em janeiro de 1918, os bolcheviques já eram majoritários e fizeram valer sua maioria aprovando deliberações no sentido de também subordinar essa terceira frente de poder popular. Por um lado, aprovou a transformação dos comitês em órgãos sindicais, fazendo com que os sindicatos ficassem encarregados da centralização do controle operário (definido como instrumento de aplicação do plano econômico nacional em nível local)¹¹⁵ e, por outro, aprovou que a relação dos sindicatos com o Estado seria de subordinação e não de absorção. Combinadas, essas duas deliberações transformaram os sindicatos em agentes intermediários para a conversão do controle operário em controle estatal.

Em 1919 o debate sobre o papel dos sindicatos voltaria com força, mas já com os comitês de fábrica autônomos completamente esmagados e com as funções administrativas dos sindicatos cada vez mais reforçadas no sentido da nova burocracia emergente.

Em 1918 iniciou-se a etapa da Rússia pós-revolucionária denominada “Comunismo de Guerra”, concluída em 1921. O traço significativo da evolução do quadro da luta social e de classe, nessa fase do processo, foi a organização da contrarrevolução em termos políticos e militares que resultou na eclosão da guerra-civil (1918-1920) e na implementação de uma política interna, que consistia na organização e funcionamento da sociedade de modo peculiar, em função das necessidades da guerra, enquanto ela durasse. Importa apontar alguns aspectos-chave.

A Rússia retira-se da Primeira Guerra Mundial por meio de um tratado leonino firmado em 1918 com a Alemanha. Além da entrega de territórios, que expunha grandes contingentes da população à burguesia imperialista, houve o pagamento de pesadas indenizações, agravando as já difíceis condições de vida da população. Por tais motivos sofreu forte oposição. Esseristas de direita, mencheviques, diversos grupos minoritários e, em especial, esseristas de esquerda opuseram-se aos termos do acordo de paz.¹¹⁶

¹¹⁵ Cf. BRINTON, 1975, p. 98.

¹¹⁶ Aguado (obra citada, p. 61) lembra-nos que um pensamento central na época estava em considerar a importância que a tomada do poder na Rússia cumpria para o sucesso da

Durante a guerra civil, foi sensível o progressivo endurecimento do regime, explicável em parte pelas complicações da situação militar e, em parte, pela própria lógica das concepções e da prática bolchevique, que adotaram medidas tais como a acentuação da **centralização política** (todas as instituições iam sendo moldadas para ceder poder para órgãos afastados da representação direta, com composição numérica cada vez mais restrita e perda de autonomia das organizações de base); **comando unipessoal** (com a supressão do debate, sob o argumento do risco da perda de tempo e de as instituições tomarem decisões contraditórias que entravariam o avanço da revolução); **centralização econômica** via *Vesenka* (além de eliminar sindicatos e comitês de fábrica e empresa do poder econômico, dirigia o processo para a construção do Capitalismo de Estado); e **militarização do trabalho** (organização dos trabalhadores em brigadas dirigidas sob férrea disciplina e árduas jornadas, sob o argumento do aumento da produção e otimização das forças produtivas).

Nessa época dois problemas já eram perceptíveis e apontados por todos os setores não bolcheviques de esquerda, e até no interior do bolchevismo, e foram objeto de oposição e combate: a **burocratização** em função do poder que foi se acumulando nas mãos de uma cadeia de funcionários do Estado e do partido, os quais ganhavam a vida como gestores da coisa pública, profissionais da administração e do exercício do poder; a **questão dos especialistas** – atualmente denominados técnicos e intelectuais – que passaram a reunir grande poder de decisão (problema visto por muitos revolucionários a partir do momento em que, em função da insuficiência de trabalhadores com preparação técnica necessária para enfrentar a reorganização da sociedade, os bolcheviques lançaram mão de técnicos formados pela burguesia e pelo czarismo, logo sem subjetividade socialista).

Por fim, merece destaque a **progressiva eliminação de toda oposição dentro e fora do bolchevismo**. Embora nesses três anos tenha havido oscilações, de modo geral a situação evoluiu da colaboração inicial (caso dos esseristas de esquerda) e da tolerância legal (caso dos mencheviques e esseristas de direita) para a repressão aberta com medidas jurídicas, penais e policiais (ilegalização de formações políticas, prisões, perseguições, eliminações físicas), sem descartar a cooptação para as fileiras do bolchevismo. No interior do partido a

revolução europeia e que, ao assinar a paz, renunciava-se a isso. Portanto, nessa linha de análise, a revolução na própria Rússia estava em perigo, pois não poderia se sustentar sem o restante da Europa em função da imaturidade histórica da sociedade russa. Uma análise específica desse tratado numa perspectiva não-bolchevique pode ser encontrada em SABATIER, 2001.

oposição foi eliminada por etapas: primeiramente afastada de seus cargos e funções de responsabilidade, depois ilegalizada e expulsa e por fim eliminada fisicamente.¹¹⁷

Esse desenvolvimento de conjunto e com essa natureza não se consolidaria sem aguçar as lutas sociais e de classe, colocando parcelas do proletariado e do campesinato russos profundamente descontentes com o poder bolchevique (proletários e camponeses que já haviam se levantado vitoriosamente contra o Czar e contra o governo provisório que o sucedeu). Começaram a ocorrer levantamentos populares exigindo radicalidade socialista, entre os quais os mais importantes foram as rebeliões dos camponeses ucranianos ao longo da guerra civil¹¹⁸ e dos marinheiros da base de *Kronstadt* em março de 1921,¹¹⁹ todas afogadas em sangue e acusadas de estarem a serviço da contrarrevolução e das potências capitalistas ocidentais.

Após 1921, com a adoção da Nova Política Econômica (NEP), as características já assinaladas do regime bolchevique para sua consolidação apresentaram tendência à acentuação, que ficou mais perceptível após o afastamento de Lênin por doença em dezembro de 1922. Nessa altura dos acontecimentos, os ensinamentos desse processo já eram suficientes para permitir a Pannekoek realizar uma reflexão de conjunto e extrair conclusões, como veremos nos próximos capítulos.

Em termos cronológicos, o último dos processos marcantes para a estruturação do pensamento de Pannekoek foi a Revolução dos

¹¹⁷ O evento culminante dessa eliminação de toda oposição deu-se no X Congresso do Partido, realizado em março de 1921. As resoluções que tomou são comentadas e sintetizadas por Brinton (obra citada, p. 182-191).

¹¹⁸ Trata-se da *makhnovtchina* ou Movimento Makhnovista. Leva o nome de seu principal expoente, Nestor Makhno (1891-1935). Baseados em forças armadas de tipo guerrilheiro, combateram ao mesmo tempo o exército alemão, o exército branco e o exército vermelho, chegando a controlar uma área de 150.000 km² com uma população aproximada de 10.000.000 de habitantes. Aplicaram na prática parte das concepções do comunismo libertário em cerca de um terço dessa área. Sobre o homem e o movimento consultar MAKHNO, 2001; e MAKHNO; SKIRDA; BERKMAN, 2001.

¹¹⁹ Trata-se de uma fortaleza construída sobre a ilha de Kotline no Mar Báltico, para a defesa naval da cidade de Petrogrado, cujos marinheiros e trabalhadores sublevaram-se pela realização das promessas da revolução de outubro e contra a usurpação do poder dos *soviets* pelo partido bolchevique, pretendendo assim estendê-la para o restante do país. Levantaram um conjunto de reivindicações democráticas com base na primeira Constituição da República Soviética, votada em julho de 1918 pelo V Congresso Pan-Russo dos *Soviets*, cujas principais eram: eleições livres e secretas para os *soviets* com campanha livre; liberdade de palavra, de imprensa e de expressão; liberdade para os presos políticos socialistas; fim dos privilégios para qualquer partido divulgar suas ideias; descentralização política e econômica; autonomia sindical, e desburocratização. (cf. METT, 1974, p. 51-57; AGUADO, obra citada, p. 67, e KOOL; OBERLANDER, 1971).

Conselhos na Alemanha. Iniciada durante a Primeira Guerra Mundial, aquela conheceu seu ápice entre novembro de 1918 e maio de 1919, passando ainda por duas novas experiências em março/abril de 1920 (insurreição do Ruhr) e março de 1921 – a “Ação de Março”.¹²⁰ Vejamos os acontecimentos principais.

Após a declaração de guerra, os sindicatos e o SPD ficaram firmemente empenhados na política de pacto social – a chamada “União Sagrada” –, período em que todas as greves foram proibidas e o movimento operário ficou soterrado até fins de 1915 e começo de 1916, quando estouraram em diversas cidades os primeiros motins provocados pela fome. Tal movimentação conduziu a duas ondas de greves – em 1917 e janeiro de 1918 – reprimidas pelo exército que passa a ocupar a direção de grande número de fábricas. Como os grevistas encontraram a oposição dos sindicatos, organizaram-se por empresa abrangendo a totalidade dos trabalhadores (e não por profissão e apenas os sindicalizados, como era a organização sindical). Surgiu a figura dos *obleute* – homens revolucionários de confiança – equivalente alemão dos *shop stewards* ingleses já mencionados porém com maior importância que estes últimos. Segundo Authier (1975, p.16) esse período correspondeu à “fase inicial – ainda confusa – do movimento revolucionário alemão”.

Os primeiros *Räte* (conselhos) apareceram em abril de 1917,¹²¹ na cidade de Leipzig e, em janeiro de 1918, formou-se o Conselho Operário da Grande Berlim, assumidamente inspirado por seus fundadores no *soviet* de Petrogrado. Nessa fase, tanto os conselhos quanto os *obleute* levantaram propostas reformistas e democráticas em função de os sindicatos terem deixado de cumprir tal papel, num quadro de dificuldades materiais crescentes que impostas pela guerra a um proletariado que percebia a proximidade da derrota.

Em 4 de novembro de 1918, os marinheiros da cidade portuária de Kiel amotinaram-se. Recusando combater e, apoderando-se dos navios, desembarcaram e, juntamente com os operários dos arsenais, elegeram um conselho de operários e marinheiros que tomou o poder na cidade. Num período de cinco dias, as velhas instituições do dinástico e burocrático Estado alemão desagregaram-se, e conselhos surgiram em todas as cidades da Alemanha (foram cerca de 10.000) ocupando todos

¹²⁰ Segundo a periodização de Authier (1975, p. 15). Esse autor se diferencia da historiografia de linhagem bolchevique que identifica, no ano de 1923, o fim da revolução. Para ele, 1923 “significa, na realidade, o absoluto esmagamento do proletariado alemão pelo capital, esmagamento econômico (uma fantástica inflação) e militar.”

¹²¹ Segundo Collotti (GERRATANA e outros, 1977, p. 126 e 236).

os vazios de poder abertos com tal situação. Em Berlim, o governo imperial foi destituído, o SPD e sua cisão USPD¹²² constituíram um “Conselho de Comissários do Povo”, e a República foi proclamada pelo ministro social-democrata Scheidemann. Em 11 de novembro, o novo governo assinou o armistício com a França e a Inglaterra.

Uma análise apressada poderia supor que esses conselhos guardaram similitude com os *soviets* russos de 1917 em termos de subversão da ordem, porém Collotti (GERRATANA e outros, 1977, p. 125-126) alerta-nos que, apesar da impetuosidade de seu surgimento, “em meados de fevereiro (ou até de janeiro), sua substância diretamente subversiva está derrotada e sem vitalidade”. A explicação nos é fornecida pelo peso majoritário do SPD e do USPD nessas instituições, conforme nos mostra a seguinte passagem:

Esses conselhos [...] agrupam as diferentes classes da sociedade (são intitulados de “conselhos de operários e de soldados”). [...] Surgem espontaneamente – mas só a espontaneidade do proletariado é revolucionária. De facto, esses conselhos são em larga escala dominados pelos social-democratas voltados à direita e são, no seu conjunto, inofensivos para os partidos burgueses afastados no momento da cena política. Equivalem aos comitês de salvação pública, os quais realizam as tarefas correntes em substituição dum Estado que foi a pique, mas que eles vão tratar de pôr a funcionar de novo. [...] A ideologia burguesa, na Alemanha da época, recuperou sem perigo a palavra de ordem de formação de conselhos e todos se puseram a formar conselhos, a partir de uma indiscriminada base de reagrupamento social. Era a moda. [...] Desse modo, os actores da “revolução democrática” dividem-se quase de imediato em dois campos. O campo capitalista [...] {e} os elementos minoritários, mas numerosos (pode-se calcular em mais de 1 milhão os proletários que optam pela luta revolucionária na Alemanha), que desejam passar, de facto, da revolução política democrática à revolução social [...] (AUTHIER, 1975, p. 23).

Durante os meses de janeiro a maio de 1919, ocorreu a primeira derrota da revolução em meio a uma série de combates entre o que restou do exército alemão – praticamente dissolvido após a derrota – e organizações paramilitares de extrema-direita,¹²³ surgidas e estimuladas

¹²² Sigla em alemão de “Partido Social-Democrata Independente da Alemanha”. Fundado em abril de 1917, a partir do agrupamento de várias seções do SPD que haviam se separado autonomamente. O USPD contesta a política guerreira do SPD, mas continua fiel às concepções clássicas da social-democracia. Para se ter uma noção do efeito do “4 de agosto de 1914” no SPD, basta mencionar que esse partido tinha 1.000.000 de membros naquele ano e em 1917 – três anos após – havia perdido 800.000. (cf. AUTHIER, obra citada, p. 18).

¹²³ Os denominados *Freikorps* (corpos francos), milícias formadas por voluntários – veteranos do exército imperial licenciados – e sob o comando de altos oficiais do *Reich*.

pelo novo governo social-democrata contra uma série de insurreições e tomadas de poder locais. Assim, respaldado pelo congresso dos conselhos, realizado em dezembro de 1918, e pela maioria conquistada nas eleições para a Assembleia Constituinte, o SPD dirigiu a repressão à insurreição de 6 a 15 de janeiro, em Berlim (com duas campanhas repressivas em janeiro e março que causaram mais mortos que toda a Revolução Russa de 1917, entre eles Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht), à república socialista de Braunschweig, à república dos conselhos de Bremen, às greves insurrecionais no Vale do Ruhr e na Alemanha Central, à república dos Conselhos da Baviera. Por outro lado, a democracia funcionava a pleno vapor com eleições nos conselhos para o II Congresso Pan-Alemão dos Conselhos e para diversos parlamentos locais.

A segunda experiência revolucionária no processo, a Insurreição do Ruhr, ocorreu num contexto onde as relações reais de força entre as classes apontavam para uma situação em que “os conselhos tomam o poder e a direita burguesa, ainda há pouco eleita, dispersa-se. Mas os conselhos voltam a entregar o poder à direita com um governo SPD-USPD” (AUTHIER, obra citada, p. 28).

Em 13 de março de 1920, a contrarrevolução tentou um golpe com o objetivo de derrubar o novo governo social-democrata – denominado “Putsch de Kapp”.¹²⁴ Seis mil *Freikorps* (corpos francos) marcham sobre Berlim obrigando o governo legal a se refugiar em Leipzig. Porém o governo golpista não conseguiu estabelecer-se, pois deparou-se com uma greve geral sem precedentes que o impossibilitou sequer de conseguir encontrar “uma só tipografia para publicar as suas proclamações”, segundo Authier (p. 34). No entanto, na região do Vale do Rio Ruhr, as divisões militares ali estacionadas mantiveram-se solidárias ao golpe, o que fez com que cerca de cem mil operários se levantassem em armas, formassem um “exército vermelho” e derrotassem as forças militares estatais. Porém, diferentemente de Berlim (onde a derrota do golpe deu lugar à restauração da democracia burguesa), no Ruhr os operários ultrapassaram a mera defesa da democracia e procuraram se valer da situação para tomar o poder.

Mas o USPD e o KPD direitista, após deixarem que a situação seguisse o seu curso, assinam o acordo de Bielefeld com o governo legal de novo no poder. Tal acordo promete a punição dos implicados no **putsch** e medidas de nacionalização da indústria do Ruhr, com a condição de que

¹²⁴ Referência ao nome do magistrado que comandou a tentativa de golpe e chefe do governo provisório durante os quatro dias em que existiu, Wolfgang Kapp (1858-1922).

os operários deponham as armas. Os revolucionários proletários rejeitam o acordo, assim como um novo ultimato, e decidem continuar o combate. Enfraquecido pela retirada daqueles que continuam a seguir o USPD, o exército vermelho foi esmagado nos primeiros dias de abril (AUTHIER, 1975, p. 35).

Por fim, o último momento de iniciativa proletária de orientação revolucionária no processo em curso ocorreu na Alemanha Central, em março de 1921, e por esse motivo ficou conhecido como “A ação de março”. Ali, os operários, mesmo um ano depois do “Putsch de Kapp”, continuavam armados, o que fez o governo social-democrata tentar desarmá-los transformando a região num campo de batalha durante a última quinzena de março. Adotando uma forma organizativa em grupos ou comandos – distinta, portanto, da forma “exército vermelho” – e com uma tática similar à de guerra de guerrilhas, cerca de quatro mil proletários conseguiram repelir as primeiras investidas mas acabaram derrotados em função, por um lado, da inferioridade numérica em comparação com os efetivos da polícia social-democrata, e, por outro, pelo refluxo geral da revolução.

Os elementos para reflexão que a “Ação de março” propiciou foram dois: primeiro, revelou que a parcela do proletariado que atuava para substituir a democracia burguesa pelo socialismo era minoritária; segundo, revelou a subordinação efetiva da III Internacional aos interesses nacionais russos. Como nos explica Authier:

[...] o PC oficial (VKPD após a fusão com a ala esquerda do USPD), passando de um legalismo extremo ao pior dos “golpismos”, quis tomar o poder a todo custo e com esse objetivo lançou sobre as lutas da Alemanha Central – menos poderosas que as insurreições dos anos anteriores – uma palavra de ordem insurrecional ao nível de toda a Alemanha. O VKPD foi impelido nessa direção por uma delegação da Internacional, dirigida por Béla Kun, a qual chegou em março a Berlim. Enviados por Zinoviev ou Radek, e sem o consentimento de Lenine, esses emissários pensavam que era necessário “forçar o destino da revolução” na Alemanha. E tudo porque o poder bolchevique passava por uma fase difícil desde o inverno de 1920-21, após o término da guerra civil contra a reação – insurreições camponesas, persistência do movimento makhnovista, “Oposição operária” dentro do partido, numerosas greves, das quais a mais séria foi a greve geral do proletariado de Petrogrado, enfim, a insurreição de Kronstadt a meio de março. [...] Mas depressa, o PC Alemão e a III Internacional retomaram a sua posição e condenaram o movimento. O VKPD voltou ao trabalho exclusivamente legal. Era a sua segunda viragem em apenas um ano – ainda viriam outras – o que é comprometedor para uma “direção esclarecida”, mas típico de um partido que **tem medo** de ser

“ultrapassado pela esquerda”, ou seja, que tem medo da revolução. (AUTHIER, 1975, p. 36-37).

Analisada globalmente, e em comparação com a Revolução Russa, a Revolução dos Conselhos na Alemanha apresentou peculiaridades e especificidades. Do mesmo modo que o proletariado russo, o proletariado alemão manifestou estafa com as condições da sua vida agravadas pela guerra, fazendo ruir as instituições da monarquia, mas, diferentemente daquele, contentou-se em substituí-la por instituições cujo conteúdo era de tipo liberal, mantendo-se no âmbito do capitalismo, ainda que sob a forma conselhistas.

A força das concepções do marxismo ortodoxo da II Internacional – fruto de um trabalho de educação política de mais de meio século via SPD (e por curto espaço de tempo também via USPD) – produziu um conteúdo prático às novas instituições que permitiu ao capital, no processo de desagregação então em curso, liquidar o “velho” sem ser liquidado pelo “novo”, alcançando a recuperação do funcionamento capitalista da sociedade.

Salvo pelas áreas onde havia hegemonia dos grupos radicais alemães – agrupados em certas cidades principalmente no norte do país como Bremen, Brunswick, Berlim e Hamburgo – onde estes conseguiram imprimir às instituições conselhistas um conteúdo anticapitalista,¹²⁵ na grande maioria as tarefas que os *räte* se colocaram foram de voltar a fazer funcionar o Estado e não de destruí-lo. Ainda assim, se nos detivermos apenas na parcela do proletariado que tinha sua subjetividade voltada para o comunismo e atuava em consonância com ela, os acontecimentos demonstraram que também para essa parcela não houve tempo histórico para uma maturação do “novíssimo”, que se apresentou na arena das lutas sociais e de classe de modo incompleto, mesmo quando não permitiu a cristalização das formas institucionais, como se depreende do esclarecimento a seguir:

O movimento comunista alemão limitou-se à afirmação e à análise das suas táticas, assim como à defesa de **formas de organização** que considerariam e deveriam necessariamente considerar o movimento revolucionário proletário situado nas condições do capitalismo de então, cuja expressão dominante (do ponto de vista do revestimento técnico

¹²⁵ Tal conteúdo era expresso não apenas na crítica aos métodos e concepções da social-democracia, também na busca por novas táticas, na forma de relacionamento com as movimentações sociais surgidas espontaneamente, na renúncia ao dirigismo, na ênfase ao esclarecimento teórico da classe e na rejeição do sindicalismo e da separação entre luta política e luta salarial/econômica que exigiam organizações separadas. Para conhecimento dos comunistas de esquerda na Revolução Alemã, a partir de textos produzidos por eles mesmos, consultar APPEL e outros, 2007.

que envolve as diferentes fases de desenvolvimento da relação social capital) era a grande empresa, o capital produtivo e o seu ciclo. Essas formas eram essencialmente os **conselhos operários** e, em geral, todas as formas de organização de **empresas**. A tarefa da revolução afirmava-se como controle da gestão de economia pelas organizações de empresa. Mas a realidade da própria empresa não era posta em questão como forma especificamente capitalista [...] isso não é a abolição do próprio capital. Enquanto era uma corrente viva, a esquerda alemã não estava alienada pelo fetichismo dessas formas; os operários revolucionários e as organizações da esquerda (KAPD; AAU) destruíam tanto os conselhos operários contra-revolucionários como os sindicatos quando era necessário e possível. (AUTHIER, 1975, p. 14-15).

Localizar e superar as causas dessa imaturidade histórica que impediu o proletariado alemão de encontrar a expressão consciente do objetivo comunista, em termos marxianos, foi marcante nas preocupações e no pensamento de Pannekoek.

3 CRÍTICA DAS FORMAS ORGANIZATIVAS TRADICIONAIS

3.1 CRÍTICA DO MODELO SOCIAL-DEMOCRATA

A derrota da Comuna de Paris, em 1871, afogada no sangue dos comunardos assassinados pelo exército francês – parte dele saído das prisões prussianas especialmente para tal tarefa – produziu consequências no âmbito da luta de classes e no movimento proletário e socialista europeu.

Em primeiro lugar, marcou a quarta e última convulsão revolucionária na França – iniciada em 1789 e continuada em 1830 e 1848 –, necessária para a liquidação do antigo regime absolutista feudal. Ao fechar esse ciclo, abriu uma nova fase caracterizada pelo refluxo das lutas proletárias que almejavam alcançar a igualdade social. Esse refluxo, provocado pela extensão da repressão ao movimento operário e socialista para fora das fronteiras francesas, tomou dimensões continentais e fez com que a I Internacional tivesse de transferir a sua sede, em 1872, para fora da Europa, instalando-se nos EUA, local em que o movimento não se encontrava no mesmo patamar de desenvolvimento, naquilo que se confirmou como o primeiro passo para sua dissolução em 1876.

Em segundo lugar, a derrota da comuna assinalou o fim da hegemonia das ideias e concepções políticas contra as quais as posições de Marx e Engels procuravam se afirmar no interior do movimento operário e socialista, com destaque para as correntes blanquista e proudhoniana.¹²⁶

A nova hegemonia teórica de Marx e Engels no movimento traduziu-se numa orientação para a ação prática dos trabalhadores, caracterizada pela adaptação das lutas desses à nova situação contrarrevolucionária.

Na introdução que escreveu, em março de 1895, para o texto de Marx “As lutas de classes na França de 1848 a 1850”, Engels repassou o conteúdo dessa nova orientação. Reafirmou que desde 1848 as

¹²⁶ Trata-se respectivamente dos adeptos das concepções de Louis Auguste Blanqui (1805-1881), revolucionário francês que organizou várias sociedades secretas e conspirações com participação ativa nas revoluções de 1830 e 1848 e por várias vezes condenado à prisão; e Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), publicista, economista e sociólogo francês, um dos fundadores do anarquismo (cf. MARX, 1986, p. 119 e 123). Para uma análise das correntes no interior da Comuna consultar DROZ, 1977, p. 713-719.

revoluções deixaram de ser obra de minorias, transformando-se numa empreitada alcançável depois de uma luta de longo prazo em função das – ainda grandes – possibilidades da expansão capitalista que preparavam a maturidade do proletariado. Depois da experiência da Comuna de Paris, segundo Engels, as armas passaram a ser a construção de partidos operários de massa e o uso do sufrágio universal.

Engels arrolou uma sequência de argumentos para fundamentar essa nova orientação. Desde as vantagens proporcionadas pelo voto (meio de propaganda; abertura de possibilidades de utilização das instituições do Estado Capitalista; instrumento de avaliação das forças operárias; aproximação com parcelas da classe não cobertas pelo trabalho do partido; tornar expostas para a população as políticas dos adversários dos operários), passando pela constatação de que os combates de rua – por meio de barricadas – estavam ultrapassados, seja pelas alterações havidas no campo militar (composição social dos combatentes de ambos os lados, conhecimento das táticas dos insurretos pelos oficiais, crescimento numérico dos efetivos dos exércitos e de seus armamentos bem como das inovações tecnológicas da indústria bélica) e arquitetônico (construções de avenidas largas, longas e retas nas cidades); seja pelo aumento da estratificação social no campo dos insurretos (daquele momento em diante, as camadas médias sempre se apresentarão divididas nos momentos insurrecionais).

Embora sem descartar o método dos combates de rua – remetidos para um futuro distante –, Engels ressaltou a importância do papel da consciência e da participação de massas como fatores de compensação desse quadro de desvantagens para os combatentes civis em relação às tropas regulares. Para tanto, seria necessário ganhar a maioria do povo para a causa socialista, por isso um “lento trabalho de propaganda e a atividade parlamentar são reconhecidos como a tarefa imediata do Partido.” (ENGELS, 1977, p. 107). Em suma, uma estratégia de acúmulo de forças baseada na legalidade, que foi assim expressa:

Manter incessantemente este crescimento, até que por si mesmo ele se torne mais forte que o sistema de governo atual, não desgastar em combates de vanguarda essa “força de choque” que se reforça cotidianamente, mas conservá-la intacta para o dia decisivo, eis nossa tarefa principal. [...] A ironia da história mundial põe tudo de pernas para o ar. Nós, os “revolucionários”, os “subversivos”, florescemos muito melhor pelos meios legais que pelos meios ilegais e a subversão. Os partidos da ordem, como se denominam eles, perecem em virtude da legalidade que eles próprios criaram. [...] se não formos tão insensatos que nos deixemos arrastar ao combate de ruas para ser-lhes agradáveis,

não lhes restará, afinal, outra coisa a fazer que romperem eles mesmos esta legalidade que lhes é tão fatal. (ENGELS, 1977, p. 108).

Essa estratégia possuía uma clara ambiguidade: por um lado permitia uma interpretação no sentido de que todas as possibilidades legais fossem exploradas ao máximo em benefício da revolução, mas por outro também podia ser interpretada como uma concepção de que a substituição do capitalismo pelo socialismo se daria por meios pacíficos, dispensando o momento da ruptura revolucionária caso a burguesia não tomasse a iniciativa de romper com a sua legalidade.

Durante os anos de 1895-1900, Karl Kautsky impôs-se como o maior teórico dessa segunda interpretação. Por meio da revista *Die Neue Zeit*, inaugurou a ortodoxia do marxismo da II Internacional, caracterizado por uma visão da história em que os processos têm uma necessidade comparável aos da natureza, e o capitalismo, numa evolução quase automática, seria sacudido por crises inelutáveis cada vez mais intensas, fazendo com que a força proletária de transformação da sociedade se tornasse irreversível.

Nessa concepção, segundo Fages (1974), a consciência de classe fica limitada à compreensão dos fatores objetivos e “científicos” da dinâmica evolução/revolução e torna-se desse modo um fenômeno acessório, secundário da marcha inevitável do capitalismo para a ruína e do advento do socialismo.

A esse modelo de socialismo fatalista e gradualista correspondiam duas formas organizativas, ambas voltadas à representação dos interesses dos operários: a forma *sindicato*, destinada a assegurar a venda da força de trabalho proletária no mercado capitalista pelo seu valor, nas condições de dominação do capital; a forma *partido*, destinada a tornar duradouras as conquistas proletárias por meio da luta política, inscrevendo-as no âmbito do direito burguês. Essa cisão na forma de organização proletária foi parte integrante das críticas feitas por Pannekoek ao modelo social-democrata dentre outros aspectos. Mas torna-se necessário captar essa crítica no global e desde seu começo.

Quando se transferiu da Holanda para a Alemanha, em 1906, Pannekoek inseria-se na vertente Kautskiana do marxismo e, no processo de sucessivas rupturas pelo qual passou seu pensamento, a crítica foi também ganhando contornos mais precisos.

Em 1909, no texto “As divergências táticas...”, Pannekoek situou a origem das divergências que separavam esquerda e direita na social-democracia (nesse momento o “centro” Kautskista ainda não havia se delimitado da esquerda) na própria estrutura de classes do capitalismo,

que colocava ao lado de burgueses e trabalhadores assalariados outras classes com peso e influência social – os intelectuais, a “nova classe média” e a “aristocracia operária” – em função do ritmo desigual de desenvolvimento capitalista nas diferentes regiões e do “*carácter dialéctico de la evolución social*” (PANNEKOEK, 2007, p. 188).

Conceitualmente, para a teoria da organização pannekoekiana, esse texto de 1909 levanta como tese central a atribuição de um papel fundamental aos fatores subjetivos, “espirituais”, na vida social em geral e particularmente na luta de classes com vistas à substituição revolucionária do capitalismo (consciência de classe) ao invés de atribuir às organizações especializadas tal centralidade. Pannekoek chega a essa posição por meio da introdução de uma distinção entre “fatores de poder” (consciência de classe, discernimento político, ampliação dos conhecimentos científicos e formação intelectual) e “posições de poder” (conquista legal de direitos e liberdades, eleição de representantes no parlamento, construção de aparelhos sindicais e partidários), esclarecendo que

[...] as últimas podem ser conquistadas ou perdidas como coisas externas palpáveis, enquanto os primeiros estão localizados no espírito dos trabalhadores e são indestrutíveis. Isto quer dizer que a violência exterior não pode destruí-los mas, da mesma forma que a dura rocha, podem perfeitamente ser corrompidos lentamente por dentro. (PANNEKOEK, 2007, p. 180).¹²⁷

Ancorado nessa distinção, Pannekoek deixa em plano secundário não apenas a luta pela conquista de posições no aparato estatal capitalista como também, na sequência, critica o método de arregimentação de militantes sem o devido trabalho de esclarecimento político. Foi essa a sua conclusão após discorrer sobre as diferenças existentes entre o capitalismo dos grandes centros industrializados e o capitalismo das pequenas cidades e zonas rurais, diferenças que engendram divergências de táticas e de concepção no interior da social-democracia.

Do caráter dialético do desenvolvimento do capitalismo, Pannekoek derivou o caráter contraditório do movimento operário que alberga em seu interior, numa totalidade harmônica, tanto a busca pela melhoria imediata das condições de vida do trabalhador (o lado

¹²⁷ las últimas pueden ser ganadas o perdidas como cosas externas palpables, mientras que los primeros están localizados en el espíritu de los trabajadores y son indestructibles. Esto quiere decir que la violencia exterior no puede destruirlos pero, al igual que el duro granito, pueden perfectamente ser corrompidos lentamente desde dentro.

reformista) quanto o combate global contra o sistema (o lado revolucionário), mas que – na ocorrência de experiências pouco abrangentes ou de conjunturas momentâneas – podem ser encarados como aspectos que se excluem e originar tendências unilaterais de orientações opostas. Em termos de organização política, o reformismo vale-se do partido e do sindicato enquanto o lado revolucionário – aqui Pannekoek se refere ao sindicalismo revolucionário/anarco-sindicalismo – vale-se do sindicato.

No tocante ao contributo do trabalho parlamentar para a organização proletária – ainda no mesmo texto de 1909 –, Pannekoek nesse momento limita-se a apontar que a presença de deputados social-democratas abordando, nas casas legislativas, a situação e a condição proletária como questão central da política e fazendo com que o proletariado compreenda que os assuntos que lhe interessam são também questões políticas, reforça nesses mesmos proletários o sentimento de solidariedade, base de toda organização. E descarta explicitamente o parlamento como instituição de poder proletário, a ser conquistada gradualmente, e como meio para atingir o socialismo pacificamente. Referindo-se aos reformistas, que encaravam a atividade parlamentar como um fim em si mesmo, demonstrou nestes termos o papel nefasto de tal concepção para a organização do proletariado:

O “só parlamentarismo” é igualmente prejudicial para a organização. Quando os trabalhadores começam a crer que seus parlamentares farão tudo por eles, então não têm nenhuma razão para construir fortes organizações, com o fim de integrá-las eles mesmos. Seu esforço por avançar se limita a votar uma vez a cada tantos anos, e todo seu esforço intelectual se limita a escolher o melhor candidato. Os parlamentares se ocupam de tudo o mais por eles. Quando esta concepção predomina, as organizações se debilitarão necessariamente, pois não existe nenhuma razão para desenvolvê-las energicamente. (PANNEKOEK, 2007, p. 245).¹²⁸

Na sequência do texto, Pannekoek chega então ao ponto principal de sua análise das divergências no movimento operário e na social-democracia: o caráter policlassista desta última, por reunir e procurar representar politicamente camadas sociais situadas proximamente na

¹²⁸ El “parlamentarismo solo” es igualmente perjudicial para la organización. Cuando los trabajadores empiezan a creer que sus parlamentarios lo harán todo por ellos, entonces no tienen ninguna razón para construir fuertes organizaciones, a fin de arreglárselas ellos mismos. Su esfuerzo por salir adelante se limita a votar una vez cada tantos años, y todo su esfuerzo intelectual se limita a decidirse por el buen candidato. Los parlamentarios se ocupan de todo lo demás por ellos. Cuando predomina esta concepción, las organizaciones se debilitarán necesariamente pues no existe ninguna razón para desarrollarlas enérgicamente.

sociedade capitalista que se unem contra um inimigo comum, as quais, para atingir esse objetivo, ao mesmo tempo em que necessitam secundarizar suas divergências e oposições para conseguir tal unidade com sucesso, tentam nessa aliança cada uma fazer valer seus interesses específicos. Para Pannekoek, nessa aliança devem prevalecer os interesses do proletariado.

Tais reflexões enfeixavam dez anos de atividade política militante que foram aprofundadas e expandidas logo no ano seguinte (1910) com a radicalização das lutas do proletariado na Alemanha contra o voto censitário e por reformas sociais, valeram-se de ações diretas e promoveram manifestações de rua. Nesse momento, Kautsky tomou partido pela exclusividade da via parlamentar, e Pannekoek, em sentido inverso, entendeu que as ações diretas e massivas traziam novas formas de organização mais adequadas à luta de classes que se desenvolvia naquele momento. Em outubro daquele ano, iniciou a polêmica com o maior teórico da ortodoxia da II Internacional.¹²⁹

Dessa polêmica importa extrair a concepção de organização pannekoekiana que vigorava em seu pensamento naquele momento. Essa concepção foi claramente exposta quando escreveu o artigo *Massenaktion und Revolution* (Ações de massas e Revolução), em 1912, no auge da polêmica contra Kautsky. Nesse trabalho, Pannekoek considerou necessário estabelecer previamente os fatores basilares das táticas de luta do proletariado e depois então dar seguimento à polêmica com seu ex-mestre. Forneceu-nos assim a sua concepção geral de organização, situando-a como um dos três fatores sobre os quais repousa a fonte do poder do proletariado – além da organização os outros dois eram a sua significação econômica (importância para o capitalismo) e conhecimento (consciência de classe) – nestes termos:

A Organização é a fusão dos indivíduos antes dispersos numa unidade. Na dispersão, a vontade de cada um tem uma direção independente da de todos os demais, enquanto a organização significa unidade, a mesma direção para as vontades individuais. Enquanto as forças dos átomos individuais estejam dirigidas em todas as direções, se anularão mutuamente e o efeito do conjunto será igual a zero; se todas essas forças, entretanto, são dirigidas na mesma direção, a massa no seu conjunto pressionará depois dessa força, depois dessa vontade conjunta.

¹²⁹ Lênin acompanhou de perto a polêmica, incluindo trechos dela no tocante ao papel da revolução proletária diante do Estado e analisando os argumentos em seu livro “O Estado e a Revolução”. Nele, mesmo criticando “a falta de clareza e caráter concreto” de Pannekoek, posicionou-se ao lado deste, pois em sua opinião “nessa disputa, é Pannekoek que representa o marxismo contra Kautsky.” (cf. LÊNIN, 1983, p. 140-151).

A argamassa que mantém unidos esses indivíduos e os obriga a caminhar juntos é a disciplina, ela faz com que cada um determine sua atuação, não por suas ideias, inclinações ou interesses particulares, mas pela vontade e o interesse da totalidade. O costume de subordinar a atividade individual a um todo na organização das grandes fábricas, cria no proletariado moderno as condições prévias para tais organizações. A prática da luta de classes as vai construindo, as faz cada vez mais amplas e sua estabilidade interna e disciplina se tornam cada vez mais firmes. A organização é a arma mais poderosa do proletariado. O enorme poder que possui a minoria dominante por sua firme organização só poderá ser derrotado com a força ainda maior da organização da maioria. (PANNEKOEK, 2006b).¹³⁰

Até aqui Pannekoek não se diferenciou da interpretação ortodoxa. A diferença aparece e torna-se evidente quando ele especifica que não se devem confundir as formas externas que a organização assume com o fundamento que possibilita a edificação de tais formas organizativas. Coloca, desse modo, o acento na subjetividade consciente da classe, forjada por suas ações práticas, e não nas estruturas dos aparelhos (fundos, sedes, equipamentos, máquinas):

A organização do proletariado [...] não deve ser confundida com a forma das organizações e associações atuais, que são a expressão daquela dentro dos marcos ainda firmes, da ordem burguesa. *A essência dessa organização é algo espiritual, a transformação do caráter dos proletários.* Pode ser que a classe dominante, aplicando sem escrúpulos a violência de suas leis e sua polícia, consiga destruir aparentemente a organização: não por isso os trabalhadores voltarão de repente a se transformarem nos indivíduos atomizados de antes, movidos apenas por um estado de ânimo transitório ou pelos seus interesses particulares. Permanecerão neles, mais vivos que nunca, o mesmo espírito, a mesma

¹³⁰ La organización es la fusión de los individuos, antes dispersos, en una unidad. En la dispersión, la voluntad de cada uno tiene una dirección independiente de la de todos los demás, mientras que la organización significa unidad, la misma dirección para las voluntades individuales. Mientras las fuerzas de los átomos individuales estén dirigidas en todas direcciones, se habrán de anular mutuamente y el efecto del conjunto será igual a cero; si todas esas fuerzas, en cambio, son dirigidas en la misma dirección, la masa en su conjunto presionará tras esa fuerza, tras esa voluntad conjunta. La argamasa que mantiene unidos a esos individuos y los obliga a caminar juntos es la disciplina, ella hace que cada uno determine su actuar, no por sus ideas, inclinaciones o intereses particulares, sino por la voluntad y el interés de la totalidad. La costumbre de subordinar la actividad individual a un todo en la organización de las grandes fábricas, crea en el proletariado moderno las condiciones previas para tales organizaciones. La práctica de la lucha de clases las va construyendo, las hace cada vez más amplias y su estabilidad interna y disciplina se vuelven cada vez más firmes. La organización es el arma más poderosa del proletariado. El enorme poder que posee la minoría dominante por su firme organización, sólo podrá ser derrotado con la fuerza aún mayor de la organización de la mayoría.

disciplina, a mesma coerência, a mesma solidariedade, o mesmo costume de uma ação organizada, e esse espírito há de ser capaz de criar novas formas de atividade. Pode ser que um ato de violência desse tipo golpeie duramente, mas a força essencial do proletariado seria afetada tão pouco quanto as leis anti-socialistas afetaram o socialismo, mesmo que impedissem as formas regulares de associação e agitação. (PANNEKOEK, 2006b).¹³¹

Outro aspecto que ajuda a esclarecer a atitude de Pannekoek frente ao problema da organização aparece no momento em que ele refuta os argumentos de Kautsky, e da ala reformista em geral, de que as ações de massas promovidas por setores proletários não organizados no partido e nos sindicatos não teriam consequência. Demonstrando uma atitude de voltar-se para o futuro a partir do que se desenrolava no presente, Pannekoek argumentou:

Quando são qualificados de não-organizáveis ou difíceis de organizar é apenas em relação à forma de organização social atual, não à disciplina de luta e espírito de organização, não à capacidade de participar das ações de massas proletárias. [...] A contraposição entre organizados e não-organizadas que hoje aparece tão grande, desaparece – não porque estes últimos se façam admitir nos núcleos das organizações existentes, pois não é do todo seguro que elas se manterão sem modificações na forma atual –, mas no sentido que nestas formas de luta todos poderão exercitar por igual sua disciplina, solidariedade, consciência socialista e sua entrega aos interesses da classe. A tarefa da social-democracia – na forma das organizações partidárias atuais ou em qualquer outro organismo no qual tome corpo – é a de ser a expressão espiritual daquilo que vive na massa, dirigir sua ação e dar-lhe forma unitária. (PANNEKOEK, 2006b).¹³²

¹³¹ La organización del proletariado [...] no debe ser confundida con la forma de las organizaciones y asociaciones actuales, que son la expresión de aquella dentro de los marcos aún firmes, del orden burgués. *La esencia de esa organización es algo espiritual, la transformación del carácter de los proletarios.* Puede ser que la clase dominante, aplicando sin escrúpulos la violencia de sus leyes y su policía, consiga destruir aparentemente a la organización: no por eso los trabajadores volverán de pronto a transformarse en los individuos atomizados de antes, que sólo eran movidos por un estado de ánimo transitorio o por sus intereses particulares. Permanecerán en ellos, más vivos que nunca, el mismo espíritu, la misma disciplina, la misma coherencia, la misma solidaridad, la misma costumbre de una acción organizada, y ese espíritu ha de ser capaz de crearse nuevas formas de actividad. Puede que un acto de violencia semejante golpee duramente pero la fuerza *esencial* del proletariado sería afectada tan poco como las leyes antisocialistas afectaron al socialismo, aunque impidieran las formas regulares de asociación y agitación.

¹³² Cuando se los califica de no organizables o difíciles de organizar es sólo en relación a la forma de organización social actual, no a la disciplina de lucha y espíritu de organización, no a la capacidad de participar en las acciones de masas proletarias. [...] La contraposición entre organizados y no-organizadas que aparece hoy tan grande, desaparece – no porque éstos últimos se hagan admitir en los núcleos de las organizaciones existentes, pues no es del todo

Nota-se que Pannekoek concentra-se na luta sem conceder autonomia às formas que as organizações assumem num dado momento histórico, ou seja, a organização se subordina e expressa as necessidades da luta, não podendo servir para condicioná-la. Essa concepção de organização surgida da atividade autônoma e revolucionária do proletariado foi contraposta ao que Pannekoek denominou “radicalismo passivo”, que nada espera – em termos de transformação social – da atividade consciente do proletariado.

Kautsky, quando redigiu sua resposta no que tange especificamente à temática da organização, qualificou essa concepção de organização-processo como uma tentativa de simplificação e espiritualização do marxismo, no primeiro caso pelo fato de Pannekoek interpretar as citações em sentido literal; no segundo caso, valeu-se da passagem em que Pannekoek descreveu a natureza da organização e escreveu:

O próprio Pannekoek assinala esta frase, a tal ponto lhe parece extraordinário comprovar que a organização não é em absoluto uma organização mas uma coisa completamente diferente, *a mentalidade do proletário*. Depois de ter executado esta obra-prima da alquimia social, não lhe custa muito mostrar que as lutas de massa, levando ao aniquilamento da organização, despertam as massas operárias e aperfeiçoam seu caráter, de tal modo que, de uma maneira milagrosa, a destruição da organização se transforma no meio de reforçá-la. (Kautsky, citado por BRICIANER, obra citada, p. 123-124).¹³³

Pannekoek respondeu e tornou mais precisa sua concepção organizativa ainda em 1912, com o escrito *Marxistische Theorie und Revolutionäre Taktik* (Teoria marxista e tática revolucionária). Nele demarcou claramente a diferença de suas posições com as de Kautsky, considerando-as como expressão de momentos distintos do desenvolvimento da organização. As ideias Kautskianas corresponderiam a uma fase primitiva, “inibidora e retardante” da

seguro que ellas se mantendrán sin modificaciones en la forma que hoy tienen –, sino en el sentido de que en estas formas de lucha todos han de poder ejercitar por igual su disciplina, su solidaridad, su conciencia socialista y su entrega a los intereses de la clase. La tarea de la socialdemocracia – en la forma de las organizaciones partidarias actuales o en cualquier otro organismo en el que tome cuerpo – es la de ser la expresión espiritual de aquello que vive en la masa, conducir su acción y darle forma unitaria.

¹³³ El mismo Pannekoek señala esta frase, a tal punto le parece extraordinario comprobar que la organización no es en absoluto un organización sino una cosa completamente diferente, *la mentalidad del proletario*. Después de haber ejecutado esta obra maestra de la alquimia social, no le cuesta mucho mostrar que las luchas de masa, llevando al aniquilamiento de la organización, despiertan a las masas obreras y perfeccionan su carácter, de modo tal que de una manera milagrosa, la destrucción de la organización se transforma en medio de reforzarla.

organização, quando os trabalhadores ainda necessitavam de chefes e dirigentes para guiá-los. As ideias pannekoekianas, por sua vez, expressariam uma fase mais amadurecida da organização, quando as massas proletárias demonstrariam diretamente suas capacidades por meio de sua autoatividade e tomando suas próprias decisões.

Quanto ao ponto em que foi criticado por haver exagerado a importância atribuída ao “espírito de organização”, Pannekoek argumentou:

O que nós dissemos foi que, independentemente de todos os ataques às formas externas de associação, as massas em que este espírito habita sempre se reagruparão em novas organizações [...] O espírito de organização é, de fato, apenas o princípio ativo que dota o esqueleto da organização de vida e energia. [...] Este espírito não é algo abstrato ou imaginário, contrastado com a forma de associação vigente – a organização “concreta” –, mas é tão concreto e real quanto a última. Entrelaça os indivíduos que integram a organização mais estreitamente do que quaisquer normas ou estatutos podem fazer, de modo que não se espalham como átomos díspares quando a ligação externa das normas e estatutos se corte. [...] O que distingue as organizações operárias de todas as outras é o desenvolvimento da solidariedade em seu interior enquanto base de seu poder, a subordinação total do indivíduo à comunidade, a essência de uma *nova humanidade* ainda em processo de formação. (PANNEKOEK, 2006c).¹³⁴

Fixados esses parâmetros, nos anos seguintes essa concepção de organização consolidou-se, distanciando-se cada vez mais da matriz kautskiana. Com o início da I Guerra Mundial, em janeiro de 1916, Pannekoek já se posicionava por uma ruptura organizativa com aqueles que transformaram a social-democracia “*en instrumento del imperialismo*” (citado por BRICIANER, p. 134). Contraditoriamente, porém, não havia descartado ainda a possibilidade de que um novo espírito surgido da luta de classe do proletariado pudesse regenerar o partido social-democrata. Essa contradição tinha por fundamento uma

¹³⁴ Lo que nosotros habíamos dicho era que, independentemente de todos los ataques a las formas externas de asociación, las masas en las que habita este espíritu se reagruparán siempre en nuevas organizaciones [...] El espíritu de organización es, de hecho, el solo principio activo que dota de vida y energía al armazón de la organización. [...] Este espíritu no es algo abstracto o imaginario, en contraste con la forma prevaleciente de asociación, la organización "concreta", pero es justo tan concreto y real como la última. Entrelaza a las personas individuales que componen la organización más estrechamente juntas de lo que pueden cualesquiera normas o estatutos, de modo que ya no se esparzan como átomos díspares cuando la atadura externa de normas y estatutos se corte. [...] Lo que distingue a las organizaciones obreras de todas las demás es el desarrollo de la solidaridad dentro de ellas como la base de su poder, la subordinación total del individuo a la comunidad, la esencia de una *nueva humanidad* aún en proceso de formación.

ambiguidade real, dada pelo fato de, na Europa Ocidental, as organizações políticas e sindicais possuírem fortes raízes nas massas trabalhadoras.

Pannekoek, dentre outros da esquerda, não se limitou a denunciar a “traição” das direções partidárias e sindicais da social-democracia (posição adotada por bolcheviques e spartakistas, por exemplo), mas vinculou a atitude “traidora” às velhas formas organizativas que já haviam se integrado na ordem estatal capitalista. Nesse sentido tratou-se, em seu entender, de uma evolução lógica e totalmente previsível.

Com o advento da onda revolucionária desencadeada na Europa pela guerra, o problema das formas políticas a serem utilizadas pelo proletariado após a chegada ao poder tornou-se um fator de ampliação da crítica pannekoekiana à social-democracia. Ele, que divergia da concepção de revolução como um ato revolucionário único que levaria o partido ao poder – visto que o fatalismo economicista hegemônico entendia que as condições objetivas se encarregariam do restante –, contrapôs a tal concepção *“un largo proceso, en el cual los trabajadores, a través de la necesidad y de amargos desengaños, de ocasionales victorias y de repetidas derrotas, logren poco a poco la fuerza suficiente para conseguir una sólida unidad y la madurez para la libertad y el poder. Este proceso de lucha es la revolución proletaria.”* (PANNEKOEK, 2006e) de modo a harmonizar a sua concepção de revolução com a concepção da organização-processo.

Na problemática das formas de poder proletário, Pannekoek descartou o uso das formas institucionais parlamentares, demonstrando que a separação de poderes/funções entre quem legisla e quem executa as leis (respectivamente parlamentares e burocratas) torna impossível a realização do autogoverno do povo em função de os segundos não serem eleitos pela população e sim nomeados pelos chefes dos partidos que detêm a maioria parlamentar. Assim, a alternativa não se situaria nem entre “democracia *versus* ditadura” – forma consagrada pelos liberais – nem em aplicar a democracia ao parlamentarismo – como concebia a social-democracia– mas basear a nova ordem comunista no binômio “ditadura do proletariado” e “sistema de conselhos”¹³⁵ *“En este punto, en suma, están en contraposición la socialdemocracia y el comunismo a respecto a sus metas prácticas inmediatas: la primera busca la reorganización del viejo Estado burgués; el segundo, un nuevo sistema político.”* (id., *ibid.*)

¹³⁵ A forma *conselhos* será analisada detidamente adiante, na parte relativa às formas de organização do porvir.

Em suma, a crítica de Pannekoek à social-democracia abarcou toda a política da II Internacional, sem ter se limitado às suas experiências diretas no interior das seções alemã e holandesa desde 1899. Pannekoek revelou o ponto principal da evolução da social-democracia para uma corrente contrarrevolucionária madura quando identificou, na cristalização de uma tática – datada historicamente, pois surgida de determinadas condições históricas e políticas (a tática eleitoral e parlamentar) para a luta de classe do proletariado –, a sua transformação em estratégia.

Pode-se afirmar que o núcleo das críticas de Pannekoek à social-democracia consolidou-se por volta dos anos 1919-1920. Ressalta-se, porém, que ele não foi o único a divergir da concepção social-democrata de se limitar, na ação política, a utilizar somente as formas organizativas clássicas – partido de massas e sindicatos.

Do interior da própria ortodoxia também foram elaboradas críticas no sentido da complementação das formas sindical e partidária com meios mais radicais por pelo menos outras duas vertentes: a que partiu de parâmetros da social-democracia clássica (caso da ação de massas como concebida por Rosa Luxemburg) e a que partiu de parâmetros da social-democracia radical (caso da insurreição armada como concebida por Lênin).

A posição que diferenciou Pannekoek das vertentes luxemburguista e bolchevique – e que a partir de 1920 Pannekoek expressou teoricamente, percebendo a nova tática que então surgia – foi a de que a forma organizativa basilar da nova tática se apoiava tão somente nos conselhos operários. Tal percepção o levaria a se colocar num campo oposto e, logo em seguida, a se chocar diretamente também com o modelo de organização preconizado pelo bolchevismo.

3.2 CRÍTICA DO MODELO BOLCHEVIQUE

O bolchevismo – como corpo de ideias políticas próprias – aparece em 1903 durante o II Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR) como uma de suas tendências internas que naquele momento se formaram. Permaneceu assim até 1912, ocasião em que atinge a plena autonomia organizativa ao deixar a condição de tendência interna do POSDR com a constituição do POSDR (bolchevique). Trata-se, portanto, de três organizações distintas, porém historicamente unidas: o POSDR com suas tendências internas durante

os anos de 1903 a 1911; a tendência interna desse partido denominada “bolchevique”; e o POSDR (bolchevique), fundado em 1912.

Segundo Broué (2005, p. 27), o bolchevismo original foi uma concepção formulada por Lênin para construir o partido social-democrata nas condições da Rússia czarista de fins do século XIX.¹³⁶

Lênin recusou as formas típicas de organização adotadas pelo movimento operário de então: partido de massas da II Internacional por um lado e *Trade Unions* inglesas por outro. Defendeu a constituição de uma organização restrita, fortemente disciplinada, clandestina e integrada por revolucionários profissionais à qual caberia as tarefas de direção do processo revolucionário e de condução da classe proletária. Pelo menos desde 1901, Lênin vinha formulando teoricamente essa concepção organizativa em diversos escritos.¹³⁷

No núcleo da concepção leniniana de organização – que recebeu influência direta de Kautsky – estavam a desconfiança na capacidade de os trabalhadores atingirem por si mesmos consciência política e a defesa explícita do papel da intelectualidade para inculcar “de fora” tal consciência política nos trabalhadores. Esses foram aspectos que estiveram no centro da crítica de Pannekoek anos mais tarde.¹³⁸

¹³⁶ Esse autor, um historiador de orientação trotskista, complementa que o partido se constituía na organização necessária para derrubada do capitalismo pela classe operária e para instaurar uma ordem socialista. Desse modo oculta a existência e o papel da intelectualidade no processo. (cf. BROUÉ, 2005, p. 27).

¹³⁷ Alguns dos mais significativos textos são: “Por onde começar” (1901); “Que fazer?” (1902) e “Carta a um camarada” (1904).

¹³⁸ Eis algumas passagens do livro “Que fazer?”, que demonstram a posição de Lênin em relação a estes dois aspectos: 1) “[...] a social-democracia russa tem tarefas nacionais como nenhum outro partido socialista do mundo jamais o teve. Mais adiante, falaremos das obrigações políticas e da organização que nos impõe essa tarefa: liberar todo um povo do jugo da autocracia. No momento, apenas indicaremos que *só um partido guiado por uma teoria de vanguarda é capaz de preencher o papel de combatente de vanguarda.*” (LÊNIN, 1979, p. 19, itálicos do autor.); 2) ao abordar as relações entre consciência e espontaneidade, afirmou: “A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc. Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas.” (LÊNIN, 1979, p. 24-25); 3) O trecho em que Lênin se fundamenta em Karl Kautsky para dele extrair a sua noção de consciência socialista é o seguinte: “Todos aqueles que falam de ‘sobrestimação da ideologia’, de exagero do papel do elemento consciente etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si,

Lênin conheceu a produção de Pannekoek na *Neue Zeit* e, pelo menos desde 1908, o POSDR recebeu semanalmente até 1914 um artigo de autoria do holandês para publicação no seu jornal (*Sozialdemokrat*) versando sobre questões de princípio e/ou temas da atualidade, acompanhados de breve comentário teórico. Esse conhecimento pode ter contribuído para que as relações entre Lênin e Pannekoek, até 1920, pudessem ser qualificadas como de afinidade e aliança política, mesmo com diferenças.¹³⁹

Quatro fatos atestam tal proximidade: o posicionamento de ambos ao lado do SDP, partido que resultou da cisão do SDAP holandês em 1909; o alinhamento de Lênin com as posições de Pannekoek na polêmica que este travou contra Kautsky em 1911-1913; a tentativa de Lênin, por meio de Gorter, para que Pannekoek fosse o diretor de uma revista internacionalista em 1915; e o apoio de Pannekoek aos bolcheviques durante os primeiros anos da Revolução Russa.

Em todos esses momentos de encontro teórico e prático, uma diferença de fundo metodológico ganhou contornos cada vez mais nítidos. Enquanto Lênin procurou “restabelecer” um corpo doutrinal que ele considerava dado de modo permanente, Pannekoek buscou sintetizar as formas mais avançadas que a luta de classes apresentava. Essa diferença de método ajuda a explicar por que a crítica leniniana à II

uma ideologia independente, com a única condição de que os operários ‘arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes’. Mas, isto constitui um erro profundo. Para completar o que dissemos acima, citaremos ainda as palavras profundamente justas e significativas de K. Kautsky [...] ‘a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto da luta proletária de classe. Ora, isto é inteiramente falso. Como doutrina, o socialismo evidentemente tem suas raízes nas relações econômicas atuais, da mesma forma que a luta de classe do proletariado; do mesmo modo que esta última, resulta da luta contra a pobreza e a miséria das massas, provocadas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. De fato, a ciência econômica contemporânea constitui tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e, apesar de todo o seu desejo, o proletariado não pode criá-las; ambas surgem do processo social contemporâneo. Ora, o portador da ciência não é o proletariado, mas os *intelectuais burgueses* (o grifo é de K. K.); foi do cérebro de certos indivíduos dessa categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmentemente mais evoluídos, que o introduziram, em seguida, na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiram. Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora (von Aussenhineigetrane) na luta de classe do proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente (urwüchsig). [...]’ No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento; o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista.” (id., *ibid.*, p. 30-32).

¹³⁹ Um exemplo de diferença que já se destacava naquele momento residia na forma como cada um encarava a questão do parlamentarismo.

Internacional era apresentada como “traição” enquanto para Pannekoek tratou-se de um processo de transformação do capitalismo e, com ele, do próprio movimento operário institucionalizado e não apenas uma questão de dirigentes sindicais e partidários que se afastaram do marxismo.

O ano de 1920 marca o começo das controvérsias de Pannekoek com os bolcheviques no interior da III Internacional, momento no qual as diferenças entre “comunistas de conselhos” e “comunistas de partido” ainda eram consideradas pelo holandês como uma questão de diferenças táticas, conforme se depreende do texto “Revolução Mundial e Tática Comunista”, analisado no capítulo anterior. Porém, o modelo bolchevique de organização e seu desdobramento nos processos revolucionários foram identificados por Pannekoek como tendo origem naqueles momentos em que a materialidade conduz a uma revolução, mas as massas continuam passivas. Em tais momentos surgem doutrinas que tentam atingir o objetivo revolucionário por outras vias, como ocorreu com os partidários de Blanqui durante a Comuna de Paris em 1871.

Para Pannekoek, o mesmo ocorreu com os bolcheviques, definidos no texto *Der neue Blaquismus* (O novo Blanquismo) como “uma tendência neo-blanquista” por conceber que “uma minoria revolucionária poderia conquistar o poder político e mantê-lo em suas mãos, e que isto é a conquista da dominação pelo proletariado.” (PANNEKOEK, 2007f).

A forma organizativa do partido comunista como instrumento da tomada do poder foi colocada em questão por conduzir a um poder aparente, com vitórias aparentes que levam a graves derrotas, pois

Para os países capitalistas com uma burguesia espiritualmente poderosa, isto é, com uma velha cultura burguesa, qualquer desvio na direção de uma tática blanquista é, por conseguinte, impossível e reprovável. A doutrina da minoria revolucionária, da ditadura de partido (*Parteidiktatur*) comunista, significa subestimar o poder do inimigo, subestimar o necessário trabalho de propaganda, o que tem que levar aos mais graves reveses. A revolução somente pode vir das massas, e somente pelas massas é levada a cabo. O Partido Comunista esqueceu esta simples verdade e, com as forças insuficientes de uma minoria revolucionária, quer fazer o que só a classe pode fazer, de modo que a consequência será a derrota, que fará a Revolução Mundial retroceder

durante longo tempo, sob os mais duros sacrifícios. (PANNEKOEK, 2007f).¹⁴⁰

Em junho de 1936, dezesseis anos após escrever que o pensamento de Lênin era um novo blanquismo,¹⁴¹ o partido bolchevique foi apontado como a organização à qual cabia a tarefa de dirigir os “grupos de obediência comunista” que se formavam no mundo. Tratou-se de uma clara alusão ao processo de bolchevização pelo qual passou a III Internacional quando “os interesses da União Soviética tornaram-se os dos operários comunistas do mundo inteiro e os ideais do bolchevismo russo foram retomados pelos partidos comunistas dos países capitalistas” (PANNEKOEK, 1978, p. 172).

Ainda no texto de 1936, a crítica do modelo organizativo bolchevique foi situada no contexto da luta de classes mundial. Ao tratar da onda revolucionária que se espalhou pela Europa em 1917-21, Pannekoek afirmou que – salvo, talvez, na Alemanha – a correlação de forças apontava para uma maior força da burguesia nos demais países e que, sendo assim, caberia ao partido “construir, passo a passo, a força da classe operária. O caminho pode parecer longo mas não há outro.” (id., *ibid.*, p. 173). Desse modo, ele demonstrou a incorreção da concepção que tomava a organização partidária como centro de organização de uma minoria da classe para a conquista do poder político, bastando para tanto que as massas os seguissem. E em relação à Rússia, desvendou que a “ditadura do proletariado” era na verdade a ditadura do partido comunista, encarregado de organizar ali um capitalismo de Estado.

Os princípios orientadores da prática do partido bolchevique foram questionados por Pannekoek,¹⁴² o qual deduziu deles que o que estava em primeiro lugar, acima da contribuição para a formação de uma

¹⁴⁰ Para los países capitalistas con una burguesía espiritualmente poderosa, esto es, con una vieja cultura burguesa, cualquier desviación en la dirección de una táctica blanquista es, por consiguiente, imposible y reprobable. La doctrina de la minoría revolucionaria, de la dictadura de partido (Parteidiktatur) comunista, significa una subestimación del poder del enemigo, una subestimación del necesario trabajo de propaganda, lo que tiene que conducir a los más graves reveses. La revolución solamente puede venir de las masas, y solamente por las masas es llevada a cabo. El Partido Comunista debió olvidar esta simple verdad y, con las fuerzas insuficientes de una minoría revolucionaria, quiere hacer lo que sólo la clase puede hacer, de modo que la consecuencia será la derrota, que echará para atrás durante largo tiempo la Revolución mundial, bajo los más duros sacrificios.

¹⁴¹ Referente ao texto “A propósito do Partido Comunista”, aparecido no número 2 da revista estadunidense *International Council Correspondence* (ICC), coordenada por Paul Mattick.

¹⁴² Textualmente: “aceder à ditadura, conquistar o poder, fazer a revolução e, tendo-o feito, libertar os trabalhadores; quanto aos operários, a sua tarefa é de seguir e apoiar o Partido a fim de o conduzir à vitória. O primeiro objectivo do Partido é, pois, obter a adesão maciça dos trabalhadores, e não fazer deles combatentes independentes, capazes de encontrarem a sua via e de a prosseguir.” (PANNEKOEK, 1978, p. 178).

consciência de classe revolucionária, era a influência da organização sobre os trabalhadores.

Tal concepção embasou a substituição da negação do parlamento pelo seu uso com a criação da tática do “parlamentarismo revolucionário”, a substituição da denúncia do caráter reacionário dos sindicatos pela mera substituição de sindicalistas (social-democratas por bolcheviques) à frente dos aparelhos. O enraizamento partidário no proletariado foi substituído pela busca de adeptos entre todas as classes que estivessem “infelizes” (p.180) com o capitalismo.

Os métodos do partido bolchevique também foram enumerados e criticados. Segundo Pannekoek, um partido “pouco preocupado com a natureza dos meios empregues para alcançar os seus fins” (p. 182) passou a executar métodos tais como: apelou aos instintos reacionários das massas – cujo maior exemplo citado no texto foi o nacionalismo –, subordinou os interesses do proletariado mundial aos do “comunismo russo”, transformou a disciplina partidária em fim em si mesmo e objeto de culto – inclusive exigindo obediência – e finalmente militarizou o debate político com a introdução das agressões físicas para calar camaradas divergentes dos dirigentes.

Assim, em 1936, Pannekoek teve clareza de que o partido comunista se constituía numa forma de organização que “não se poderá restabelecer” não apenas por sua total dependência do Estado russo, mas por seus próprios princípios.

No texto “Partido e Classe Operária” (1936), Pannekoek demonstrou que a expressão “partido revolucionário” é uma contradição em seus próprios termos. Se o partido, em seu entender, não era o meio mais importante de educação do proletariado, pois a história havia demonstrado com a experiência da social-democracia que ele não englobaria a totalidade da classe (pouco importando se totalmente filiados ou parcialmente filiados e parcialmente como simpatizantes), e seus integrantes continuariam sendo uma minoria, tornando ilusória tal perspectiva. Ora, se a tomada do poder é pela própria classe, insistir nessa perspectiva substitucionista levaria forçosamente a dois caminhos: ou o partido se torna desnecessário e será varrido em função da própria autoatividade das massas, ou o partido, em aliança com elementos burgueses, se confrontará com o movimento dos trabalhadores para derrotá-lo (PANNEKOEK, 1976, p. 79-80).

Outro aspecto que Pannekoek destacou foi a mudança nas formas de organização dos partidos que o desenvolvimento capitalista impôs à luta proletária. Caso o proletariado pretendesse valer-se dos partidos para derrotar o capitalismo, essas organizações teriam de abandonar suas

“estruturas rígidas, cuja coesão é assegurada por meio dos estatutos, de medidas disciplinares e processos de admissão e exclusão” – formas adequadas para a finalidade de tomar o poder de Estado e exercê-lo em proveito próprio apartado do conjunto da classe – para adotarem estruturas flexíveis e mutáveis as quais diante de “qualquer alteração da sua situação, a qualquer tarefa nova, os espíritos separam-se para se reunirem em novos grupos, com outros programas. Dado o seu caráter flexível, são sempre capazes de se adaptar ao que surge de novo.” (PANNEKOEK, 1976, p. 78).

Ressalta-se que nesse momento do pensamento de Pannekoek, os partidos de tipo social-democrata e bolchevique já foram criticados lado a lado, bastando ao holandês mencionar em que aspectos apresentam especificidades a cada momento do desenrolar de sua argumentação, mas num mesmo quadro de superação de ambas as formas.

Já se disse no capítulo anterior que o ano de 1938 foi um marco no amadurecimento do pensamento de Pannekoek. Isso foi válido também em relação ao leninismo e ao seu modelo de organização. Com a obra “Lênin Filósofo”, analisada anteriormente, Pannekoek partiu da crítica às bases filosóficas de Lênin – considerando-as comuns ao materialismo burguês – para rechaçar política, ideológica e radicalmente o modelo de revolução do bolchevismo e os resultados que alcançou na Rússia. No tocante às formas organizativas bolcheviques, situou o partido comunista como o âmbito de encontro entre a burocracia partidária e os gestores estatais, identificados sob expressões como “chefes”, “intelectuais” ou “quadros técnicos e científicos”.

Na parte dedicada a Lênin, Pannekoek principiou por censurar seu método de atacar Mach e Avenarius, distorcendo suas teses fundamentais para atingir politicamente seus adeptos no interior do bolchevismo.¹⁴³

A dedução pannekoekiana de que Lênin – e também Plekhanov, segundo o holandês, em função das específicas condições sociais russas¹⁴⁴ – colocava-se no campo do materialismo burguês foi retirada de seus

¹⁴³ Em 1907, data em que foi escrito “Materialismo e Empiriocriticismo”, os principais alvos políticos do ataque leniniano eram Bogdanov (1873-1928) e Lunatcharsky (1875-1933). Para conhecimento dessa polêmica em seus desdobramentos políticos no interior do bolchevismo vide HOBBSAWN e outros, 1986, p. 189-242.

¹⁴⁴ Trata-se da luta contra a igreja e a religião, tornada uma necessidade social em função de serem estas o pilar ideológico central do absolutismo numa Rússia autocrática, arbitrária e ultrapassada em comparação com os Estados nacionais do Ocidente Europeu. E, considerando a debilidade da burguesia russa, restava à intelectualidade levar adiante tal luta. Quando o desenvolvimento do capitalismo na Rússia fez surgir os primeiros polos industriais e teve

argumentos por razões diversas: por pressupor equivalente matéria física e mundo real, demonstrando desconhecimento da concepção do materialismo histórico acerca da matéria; por opor ao materialismo o fideísmo e, assim, colocar-se num estágio pré-marxista quando a burguesia lutava para se emancipar socialmente e atacava a fé religiosa; pela desconsideração das origens sociais das ideias por ele criticadas; pelo fato de Lênin considerar o materialismo uma concepção no fundamental partilhada tanto pelo marxismo quanto pelos materialistas burgueses; e por reduzir a luta de classes no ocidente a uma luta entre favoráveis e contrários à religião.

Após assentar as bases filosóficas de sua crítica, Pannekoek dedica os dois últimos capítulos de “Lênin Filósofo” à tradução política das concepções filosóficas leninianas. Caracterizando o caráter duplo da Revolução Russa, “revolução burguesa quanto aos seus objetivos imediatos e revolução proletária quanto às forças ativas”, ele concluiu qual a tarefa social de Lênin e dos bolcheviques, determinante de suas concepções fundamentais:

[...] a teoria bolchevique devia ser adaptada a estes dois fins: beber seus princípios filosóficos no materialismo burguês; e sua teoria da luta de classes no evolucionismo proletário. Esta mistura recebeu o nome de marxismo. Mas está claro que o marxismo de Lênin, determinado pela situação particular da Rússia frente ao capitalismo, diferia fundamentalmente do marxismo da Europa Ocidental, concepção planetária própria de uma classe operária que se encontra diante da tarefa imensa de converter em sociedade comunista um capitalismo altamente desenvolvido, o próprio mundo em que vive e atua. Os operários e intelectuais russos não podiam fixar esta meta. Primeiro tinham que abrir o caminho para o livre desenvolvimento de uma sociedade industrial moderna. (PANNEKOEK, 2004, p. 368-369).¹⁴⁵

Por fim, avaliou a importância da contribuição filosófica de Lênin. Percorreu uma vez mais as tarefas da classe, em todos os âmbitos, como condição para a vitória da revolução proletária, e, dessa

início a luta simultânea dos operários contra a autocracia e a favor do socialismo, a intelectualidade se uniu a eles (cf. PANNEKOEK, 2004, p. 363-369).

¹⁴⁵ la teoría bolchevique debía ser adaptada a estos dos fines, beber, por consiguiente, sus principios filosóficos en el materialismo burgués, y su teoría de la lucha de clases en el evolucionismo proletario. Esta mezcla recibió el nombre de marxismo. Pero está claro que el marxismo de Lenin, determinado por la situación particular de Rusia frente al capitalismo, difería de manera fundamental del marxismo de Europa occidental, concepción planetaria propia de una clase obrera que se encuentra ante la tarea inmensa de convertir en sociedad comunista un capitalismo muy altamente desarrollado, el mundo mismo en que vive, donde actúa. Los obreros y los intelectuales rusos no se podían fijar esa meta; primero tenían que abrir el camino al libre desarrollo de una sociedad industrial moderna.

perspectiva, Pannekoek descartou qualquer utilidade para o materialismo leniniano. Contudo afirmou, em vista da perspectiva de fornecer as bases teóricas para os intelectuais conquistarem o poder e governarem sobre e contra os operários, a filosofia de Lênin poderia cumprir um papel.

Com o núcleo das divergências definido e amadurecido teoricamente desde então, Pannekoek, no texto “As causas da derrota dos movimentos revolucionários passados”, de 1940, pôde enfeixar a questão das formas organizativas, métodos, táticas e estratégias bolcheviques no âmbito de uma concepção revolucionária que conflitava com a revolução proletária.¹⁴⁶

Nesse escrito, repassando aquele momento crucial para a luta de classes em que as duas concepções de revolução se apresentaram (1917-21), destacou o peso da nova materialidade criada com a vitória da revolução “de classe média” na Rússia, para derrotar a nascente revolução proletária na Europa Ocidental, esclarecendo o peso dos aparatos das organizações do chamado movimento comunista:

[...] A autoridade moral do comunismo russo era tão indiscutível que mesmo um ano depois a oposição alemã que havia sido excluída solicitou admissão como “simpatizante” da III Internacional. Mas junto com a autoridade moral, os russos tinham a autoridade material do dinheiro por trás de si. Grande quantidade de literatura, facilmente paga por meio dos subsídios de Moscou, inundou os países ocidentais: periódicos semanais, folhetos, notícias excitantes sobre os êxitos na Rússia, análises científicas, tudo explicando a visão de Moscou. Contra esta ofensiva avassaladora de propaganda espetacular, os pequenos grupos de comunistas ocidentais, com sua falta de recursos financeiros, não tinham nenhuma chance. Daí o recente reconhecimento de que as condições necessárias para a revolução estavam derrotadas e estranguladas pelas poderosas armas de Moscou. E mais, os subsídios russos foram usados para sustentar um número de secretários assalariados do partido, os quais, sob ameaça de demissão, se converteram naturalmente em defensores das táticas russas. (PANNEKOEK, 2006j).¹⁴⁷

¹⁴⁶ Consultar p. 64-65.

¹⁴⁷ La autoridad moral del comunismo ruso era tan indiscutible que incluso un año después la oposición alemana excluida pidió ser admitida como un 'simpatizante' adherente a la III Internacional. Pero junto a la autoridad moral, los rusos tenían la autoridad material del dinero detrás de ellos. Una cantidad enorme de literatura, fácilmente pagada a través de los subsidios de Moscú, inundó los países occidentales: los periódicos semanales, los folletos, las noticias excitantes sobre los éxitos en Rusia, los análisis científicos, todo explicando la visión de Moscú. Contra esta ofensiva arrolladora de propaganda espectacular, los pequeños grupos de comunistas occidentales, con su falta de recursos financieros, no tenían ninguna oportunidad.

Desse modo Pannekoek captou a linha evolutiva das organizações bolcheviques de tipo partidário em sua função prática, cumprida na luta de classes, para um papel reacionário – reacionário do ângulo da revolução proletária – na Europa Ocidental, afirmando que “*Los comienzos de una revolución proletaria en el oeste habían sido asesinados por la poderosa revolución de clase media del este.*” (PANNEKOEK, 2006j).

O momento em que Pannekoek realizou o balanço geral do bolchevismo deu-se na sua obra de maior difusão e que o consagrou como o principal teórico do comunismo de conselhos: “Os Conselhos Operários” de 1946.

O transcurso de quase três décadas desde a Revolução Russa de 1917 permitiu aPannekoek identificar que a forma organizativa principal da concepção de Lênin – o partido de vanguarda – teve seu caráter determinado pela consolidação do capitalismo de Estado na Rússia que forjou o partido comunista como um instrumento de política de Estado para disseminar uma doutrina, difundida sob o nome de marxismo (PANNEKOEK, 1977, p. 129).

O marxismo leniniano era para Pannekoek uma caricatura que tomava o ateísmo burguês como filosofia – uma vez que tinha necessidade de desenvolver subjetividades para a luta contra o obscurantismo religioso ligado ao czarismo – e identificava a industrialização moderna com o progresso.

Pannekoek destacou que precisamente estes aspectos – baixo nível de industrialização e libertação do jugo da igreja – apresentavam-se anacrônicos em relação ao capitalismo altamente desenvolvido da Europa Ocidental e dos EUA. Ademais, incluíam-se dentre as exigências típicas da revolução burguesa, razão pela qual resultavam ultrapassados para “a tarefa de transformar um capitalismo industrial altamente desenvolvido numa forma superior de organização.” (PANNEKOEK, 1977, p. 225).

Na introdução das tarefas da revolução burguesa – tomadas da Revolução Francesa – e mescladas com a luta proletária, Pannekoek fundamentou por que considerou a ideologia do Partido Comunista antiquada e atrasada. Demonstrou que seus métodos estavam em contradição com a revolução e o proletariado modernos (tática de

De ahí el nuevo y germinante reconocimiento de que las condiciones necesarias para la revolución estaban derrotadas y estranguladas por las poderosas armas de Moscú. Más aún, se usaron los subsidios rusos para sostener un número de secretarios asalariados del partido, quienes, bajo la amenaza de despedidos, naturalmente se convirtieron en defensores de las tácticas rusas.

complôs, obediência estrita aos chefes, insurreições armadas, terrorismo e oportunismo) e reforçavam concepções da pequena burguesia nos trabalhadores. Desse modo, sob uma fraseologia revolucionária enérgica na aparência, o bolchevismo tornava os operários incapazes de realizar as tarefas que lhes eram específicas.

O transcurso dos acontecimentos fez essa natureza ambígua do bolchevismo evoluir, segundo a compreensão de Pannekoek, para um papel cada vez mais abertamente nefasto do ponto de vista da substituição revolucionária do capitalismo, pois a ambiguidade obstaculizava as condições decisivas para o desenvolvimento da classe proletária nesta direção: “pensamento claro, ações sem ambiguidade e relações francas” (PANNEKOEK, 1977, p. 228).

O resultado dessa evolução, no interior do movimento dos trabalhadores, foi assim expresso:

Com seus discursos inúteis sobre a Revolução Mundial, impediu o surgimento de novos meios e perspectivas, cuja necessidade se fazia sentir claramente. Cultivando e inculcando sob o nome de disciplina este vício que é a submissão – vício que os trabalhadores devem eliminar –, suprimindo todo indício de pensamento crítico independente, impediu o desenvolvimento da força real da classe operária. Ao usurpar o nome de comunismo para designar seu sistema de exploração dos trabalhadores e sua política de perseguição, frequentemente cruel, a seus adversários, fez desse nome, que até então expressava elevados ideais, uma palavra cheia de opróbrio, um objeto de aversão e ódio inclusive entre os trabalhadores. (PANNEKOEK, 1977, p. 228).¹⁴⁸

E Pannekoek não teve dúvidas em atribuir responsabilidades à forma PC do bolchevismo para com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha:

Na Alemanha, onde as crises políticas e econômicas aguçaram os antagonismos das classes ao paroxismo, reduziu a intensa luta de classes a pueris escaramuças de jovens armados atacando bandos fascistas similares. E quando a maré nacionalista alcançou seu nível mais alto mostrando ser a mais forte, um grande número daqueles jovens, que foram treinados apenas para eliminar os adversários de seus chefes,

¹⁴⁸ Con sus inútiles discursos sobre la Revolución Mundial, impidió que surgieran nuevos medios y perspectivas, cuya necesidad se hacía sentir claramente. Cultivando e inculcando bajo el nombre de disciplina este vicio que es la sumisión —vicio que los trabajadores deben eliminar—, suprimiendo toda huella de pensamiento crítico independiente, ha impedido el desarrollo de toda fuerza real de la clase obrera. Al usurpar el nombre de comunismo para designar su sistema de explotación de los trabajadores y su política de persecución, a menudo cruel, de sus adversarios, ha hecho de ese nombre, que expresaba hasta entonces elevados ideales, una palabra llena de oprobio, un objeto de aversión y odio incluso entre los trabajadores.

simplesmente mudaram a cor da camisa. Desse modo, o Partido Comunista, tanto por sua teoria quanto por sua prática, contribuiu para preparar a vitória do fascismo. (id., *ibid.*, p. 228).¹⁴⁹

Por fim, vale mencionar que em relação à forma *sindicato*, o bolchevismo teoricamente nada apresentou de distinto e/ou específico ao que a II Internacional já havia formulado e praticado. Até a cisão pós-Primeira Guerra Mundial não havia traço distintivo entre bolchevismo e social-democracia no tocante à questão sindical, salvo pelas peculiaridades russas quanto às condições políticas para o desenvolvimento do sindicalismo – basicamente relativas a momentos de maior ou menor prevalência de liberdades democráticas a propiciar algum tipo de legalidade sindical mesmo que parcial.

Após a cisão com a II Internacional, a partir de 1915, e mesmo depois da criação da III Internacional em 1919 – notadamente em seu II Congresso de 1920 – o bolchevismo limitou-se a orientar o ingresso nos sindicatos, criar sindicatos onde não existiam, colocar bolcheviques, ideologicamente chamados de comunistas, à frente dos sindicatos dirigidos pela social-democracia e subordinar os sindicatos ao partido.¹⁵⁰

No III Congresso da IC, em 1921, o bolchevismo, para aprofundar uma diferenciação organizativa que acolhesse os frutos da acirrada disputa pela hegemonia do movimento operário que realizava com a social-democracia, apoiou cisões no interior dos sindicatos social-democratas. Surgiram “sindicatos vermelhos”. E a III Internacional foi utilizada para chamar a criação de uma “Internacional Sindical Vermelha” a fim de coordenar a ligação orgânica entre os sindicatos e os PC’s nos respectivos países.¹⁵¹

Essa indistinção de conteúdo do bolchevismo em relação ao sindicalismo praticado pela II Internacional fez com que o núcleo da crítica pannekoekiana à forma *sindicato* dos bolcheviques estivesse inserido no bojo da sua crítica global ao sindicalismo. E como o

¹⁴⁹ En Alemania, donde las crisis políticas y económicas azudaron los antagonismos de las clases hasta el paroxismo, redujo la intensa lucha de clases a pueriles escaramuzas de jóvenes armados atacando a bandas fascistas similares. Y cuando la marea nacionalista alcanzó su más alto nivel y se mostró como la más fuerte, un gran número de aquellos jóvenes, que no habían sido entrenados más que para eliminar a los adversarios de sus jefes, cambiaron simplemente de color de camisa. De este modo, el Partido Comunista, tanto por su teoría como por su práctica, contribuyó a preparar la victoria del fascismo.

¹⁵⁰ Consultar “O Movimento Sindical, os Comitês de Fábrica e de Usinas” in FORNAZIERI, 1989a, p. 79-87.

¹⁵¹ Conforme a Resolução “A Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha” in FORNAZIERI, 1989b, p. 165-180.

sindicalismo foi assimilado pelo capitalismo e produziu uma burocracia sindical de origem proletária surgida do velho movimento operário, apresentaremos, na próxima seção, o modo como Pannekoek criticou essa variante burocrática inserida no contexto mais geral de sua abordagem sobre o fenômeno da burocracia.

3.3 CRÍTICA DAS BUROCRACIAS: ESTATAL, PARTIDÁRIA E SINDICAL

Empregado pela primeira vez na metade do século XVIII para designar o poder do corpo administrativo de funcionários especializados sob a monarquia absoluta e dependente do soberano, o termo *burocracia* adquiriu desde então uma variada gama de significados. Particularmente ao longo do século XX, o fenômeno burocrático conheceu um processo de desenvolvimento sem precedentes que aprofundou a diversidade de atribuição de significado e usos do conceito.

Institucionalizado na linguagem comum para indicar, de forma crítica, a proliferação de normas e regulamentos, sufocando a iniciativa, a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas, o conceito de burocracia empregado com tal conotação e de forma quase adjetiva perde o seu valor explicativo como abstração de situações reais e concretas que se tentam analisar.

Para entender o sentido preciso da crítica de Pannekoek à degeneração burocrática de partidos e sindicatos bem como das determinações e condicionantes histórico-estruturais de onde tal crítica se originou, torna-se necessário previamente aprofundar o exame do estatuto teórico da burocracia, visando posteriormente especificar o ângulo e a perspectiva pannekoekiana ao tratar do tema.

Sem a pretensão de ser exaustivo ou estabelecer distinções analíticas excludentes entre si, a síntese elaborada por Labra (1988) sobre algumas formulações acerca do fenômeno burocrático possibilita o clareamento necessário à precisão almejada.

Assim, burocracia pode significar: a) uma forma de **dominação racional-legal** própria do Estado moderno, em oposição às formas tradicionais patrimoniais de domínio; b) uma forma específica de **organização da dominação racional-legal** no Estado capitalista moderno e cujos traços característicos estão consubstanciados no “tipo

ideal” weberiano;¹⁵² c) um fenômeno universal e inexorável do qual não se pode escapar por tratar-se de um fenômeno político específico da formação econômico-social capitalista; d) uma **categoria social específica** que faz do conhecimento especializado que detém, e do segredo com que guarda esse saber, uma fonte de poder, transformando-se numa nova classe social a partir das posições que ocupa tanto no aparelho estatal quanto nas grandes corporações privadas; e) uma espécie de **mediação** para expressar uma ponte que se estabelece entre o Estado e a Sociedade por meio dos aparelhos estatais – significa que a burocracia passa a ocupar um espaço organizacional e decisório no momento em que mecanismos decisórios centralizados, justificados por uma ideologia autoritária dominante, excluem a representação política da esfera de poder, reprimem as massas populares e suas organizações (nesta acepção, a burocracia, livre de qualquer controle, aparece perante a sociedade como se estivesse pairando sobre ela); f) uma **arena política**, ou seja, um espaço social onde se dá a luta pelo poder e se dirimem os conflitos de interesse contraditórios ou antagônicos entre as classes sociais e frações de classe – perspectiva voltada para a análise e avaliação das políticas públicas do ponto de vista dos sujeitos envolvidos no jogo do poder que conduz à inserção de questões socialmente problematizadas na agenda do governo; e, por fim, g) um **sujeito social** da ação política – considera-se aqui que a burocracia estatal possui um poder próprio, autônomo, paralelo à dominação econômica e política de classe, imanente à sua condição de aparelho de Estado.¹⁵³

Percebe-se que a maioria dos diversos conceitos aplicáveis ao termo *burocracia* procura explicar o fenômeno burocrático operando uma cisão entre as esferas do Estado e a das empresas.

Tragtenberg (2006) rompeu com tal cisão e estabeleceu uma relação íntima entre a burocracia estatal e administração empresarial por haver demonstrado que o conceito de burocracia, por operar a mediação

¹⁵² Para conhecimento dessa formulação específica do autor, consultar Weber (2004a, p. 141-147; 2004b, p. 198-233).

¹⁵³ O debate sobre o grau de autonomia da burocracia nos distanciaria dos objetivos deste trabalho. Acrescente-se apenas que essa autora, com base nos trabalhos de Nicos Poulantzas, discute o tema da burocracia pela teoria relacional do poder, segundo a qual o Estado e seus aparelhos gozam de autonomia relativa por se constituírem na condensação material e específica de uma relação de forças entre classes e frações de classe. Nesse sentido, a burocracia não teria poder político próprio, pois seria, em última instância, um sistema específico de organização e funcionamento interno do aparelho de Estado que manifesta o efeito específico da ideologia burguesa, da natureza do Estado capitalista e, sobretudo, das relações da luta de classes com esse Estado (cf. LABRA, 1988).

entre interesses gerais e particulares, diz respeito tanto a razões de eficácia na empresa quanto a razões de poder no Estado.

Ao analisar os sistemas empresariais de organização da força de trabalho e evidenciar que a administração das empresas é um exercício de autoridade, Tragttenberg identificou a imensa semelhança organizativa existente entre o capitalismo de Estado que vigeu no leste europeu – chamado por ele de “coletivismo burocrático” – e o capitalismo privado vigente no ocidente. Ademais, colocou no centro da atividade empresarial os conflitos sociais, fornecendo desse modo um quadro teórico unificado, como se depreende desta passagem:

[...] a gênese e a estrutura da Teoria Geral da Administração, enquanto teoria explicativa da empresa capitalista e do *coletivismo burocrático*, devem ser procuradas inicialmente no âmbito do Estado [...] Com a irrupção da empresa capitalista, a ênfase do processo de burocratização flui do Estado à empresa, no período liberal do desenvolvimento econômico capitalista. A intervenção do Estado na economia enfatizará as relações da empresa com o poder estatal; as formas do *coletivismo burocrático* implicarão a anatomia da burocracia estatal legitimada pelo partido. (TRAGTTEMBERG, 2006, p. 231-232).

Essa concepção unificada do fenômeno burocrático e a centralidade dos conflitos sociais na análise política e econômica tornam-se decisivos para a compreensão das razões pelas quais formas institucionais originariamente criadas pelos trabalhadores com um claro sentido de luta contestatória transformam-se em mecanismos da própria continuidade da dominação capitalista.

Além disso, o capitalismo assegura sua existência por uma sucessão de formas variadas que se processam não apenas por meio de modalidades repressivas, mas, sobretudo, por ciclos de absorção de conflitos. Esse processo de assimilação, tênue e sofisticado, não se resume à cooptação pessoal de antigos integrantes e dirigentes “traidores” da causa proletária. Em sua sagacidade, tal processo é capaz de integrar na estrutura capitalista as próprias instituições de lutas autônomas que historicamente o proletariado em luta cria. Resultam, nesse sentido, do próprio processo de degeneração dos órgãos de deliberação livremente gerados. Isso quer dizer que as organizações continuam a existir formal e nominalmente, porém com o conteúdo das práticas sociais plenamente desfiguradas.

Foi precisamente no interior do movimento operário e socialista europeu anterior à Primeira Guerra Mundial, reunido na II Internacional e sob a hegemonia teórica do marxismo kautskiano, que se pode

localizar o momento da mudança qualitativa do processo de assimilação de partidos e sindicatos.¹⁵⁴

Neste período situa-se a primeira manifestação teorizada consistentemente de Pannekoek sobre a burocracia. No texto de 1909, sobre as “divergências táticas”, a questão da burocracia aparece a partir do modo como analisou as características particulares do Estado.

O Estado, o governo, é uma organização que a classe dominante cria para a defesa de seus interesses. Mas as pessoas que controlam diretamente o poder de Estado não o utilizam unicamente em interesse do conjunto da classe dirigente, seu mandante, mas também para seu próprio interesse imediato. O poder de Estado a serviço da burguesia se torna independente até certo grau, em sua continuidade parece independente. *A burocracia se transforma numa classe específica, com interesses próprios*, que tenta fazer valer contra os interesses da burguesia. Naturalmente, esta independência é apenas uma aparência enganosa. [...] A burguesia se acomoda a isso como um mal menor porque não pode avançar para interesses maiores sem a burocracia. [...]. A burocracia é recrutada entre os membros da própria burguesia [...] *A burocracia é, pois, uma classe de exploradores* que extrai sua parte de mais-valia global do produto dos impostos e dos monopólios de Estado e que luta com as outras classes exploradoras a propósito da quantia que lhe cabe. (PANNEKOEK, 2007, p. 248-249).¹⁵⁵

¹⁵⁴ O momento que simbolizou essa mudança de qualidade deu-se quando do voto favorável dado pelos parlamentares do SPD aos recursos financeiros solicitados pelo governo da Alemanha para prosseguir em seus esforços de guerra no dia 4 (quatro) de agosto de 1914. Vale ressaltar que essa atitude histórica tomada pelos deputados do partido operário mais importante do mundo na época e que se revestiu de simbolismo pelo que representou em termos de desdobramentos posteriores imediatos (engajamento da maioria dos partidos da II Internacional no apoio ao esforço de guerra de seus respectivos governos) foi duplamente antecedida: uma pelos dirigentes partidários que tomaram essa decisão em reunião no dia 3 de agosto e outra pelos sindicalistas que, no dia 2 de agosto, firmaram um pacto com os patrões de “congelamento” de todos os conflitos sociais durante a guerra. (cf. ROVAN, 1979, p. 113). Frise-se, porém, que esse referencial histórico não deve dar margem a entendimentos de que a crítica ao marxismo da II Internacional tenha iniciado somente a partir de então, tampouco que o processo de assimilação de partidos e sindicatos já não fosse evidente anteriormente.

¹⁵⁵ El Estado, el gobierno, es una organización que la clase dominante crea para la defensa de sus intereses. Pero las personas que detentan directamente el poder del Estado no lo utilizan únicamente en interés del conjunto de la clase dirigente, su mandante, sino también para su propio interés inmediato. El poder de Estado al servicio de la burguesía se hace independiente hasta cierto grado, y a continuación parece independiente. *La burocracia se convierte en una clase específica, con sus intereses propios*, que intenta hacer valer en contra de los intereses de la burguesía. Naturalmente, esta independencia no es más que una apariencia engañosa. [...] La burguesía se acomoda a ello como a un mal menor porque no puede salir adelante en intereses más grandes sin la burocracia. [...]. La burocracia se recluta entre los miembros de la burguesía misma [...] *La burocracia es, pues, a su vez una clase de explotadores* que extraen su parte de plusvalía global del producto de los impuestos y de los monopolios de Estado y que se pelean con las otras clases explotadoras a propósito del importe de su parte.

Essa crítica geral, embora tenha o mérito de identificar a burocracia como uma classe exploradora e dotada de interesses próprios, ainda não identificou as bases sociais das burocracias partidárias e sindicais.

A descrição da formação da burocracia nas organizações proletárias tradicionais teria de esperar até os primeiros anos do pós-Primeira Guerra. Desde então, e até por volta de 1920, Pannekoek utilizou em seus escritos a expressão “burocracia do partido”¹⁵⁶ referindo-se a indivíduos que se colocavam sob a doutrina do marxismo fatalista à moda de Kautsky como cobertura ideológica para justificar a manutenção da tática que canalizava o trabalho para o terreno eleitoral - único terreno que não oferecia riscos para seus interesses vitais de funcionários.

A partir dos textos pannekoekianos de 1915-16, a burocracia operária no ocidente estava claramente descrita como um “Estado dentro do Estado”, uma casta formada por funcionários, secretários, agitadores, parlamentares, teóricos e jornalistas que somente poderia sobreviver longe da luta encarniçada contra o imperialismo e no interior dos escritórios, salas de redação, nos comitês eleitorais e auditórios das organizações operárias.

No texto “Revolução Mundial e Tática Comunista” (1920), Pannekoek situou com toda a clareza a origem de ambas.

O caminho para a formação da burocracia partidária foi identificado na preponderância dos dirigentes partidários sobre as massas quando estas últimas se deixam paralisar, assumindo um papel subordinado na luta anticapitalista. A partir desse momento, confiam que parlamentares individuais possam ser capazes de operar transformações por meio do exercício da atividade parlamentar. Pannekoek alerta que esse processo de “compensação” da passividade das massas tende a corromper os parlamentares, muda o caráter do partido e cria um antagonismo entre o partido e a classe, pois podem se apresentar situações nas quais o partido “*intentará con todas sus fuerzas destruir la fuerza y la compacidad de la clase por medio de concesiones, de compromisos y otros pretextos.*” (PANNEKOEK, 2005, p. 243).

A burocracia sindical, por sua vez, tem sua origem identificada no desenvolvimento do capitalismo que, em seu processo de expansão, o qual fez aumentar o proletariado, transformou os sindicatos

¹⁵⁶ Trata-se aqui de textos produzidos nos anos 1915-16, tais como “O Marxismo como Ação” e a “Introdução” para a revista *Der Vorbote*.

em ligas gigantescas que apresentam as mesmas tendências evolutivas já determinadas no corpo do próprio Estado burguês. Neles se formou uma classe de funcionários, uma burocracia, que dispõe de todos os meios de poder da organização: dinheiro, imprensa, nomeação dos funcionários subalternos; com frequência tem poderes ainda mais amplos, de maneira que de servidora da coletividade, se transformou na dona e se identifica inclusive com a organização. A correspondência dos sindicatos com Estado e sua burocracia também se dá porque, apesar da democracia que existe neles, os sindicalizados não podem fazer valer sua vontade contra a burocracia; toda rebelião, antes mesmo de poder abalar as cúpulas, se bate contra o artificioso aparato dos regulamentos e estatutos. Somente com uma tenacidade obstinada às vezes uma oposição consegue, depois de anos, obter um modesto sucesso que se limita, no máximo, a uma mudança de pessoas. (id., *ibid.*, p. 245).¹⁵⁷

Pannekoek cita exemplos de lutas dos sindicalizados em vários países, antes e depois da Primeira Guerra, realizadas contra a vontade dos dirigentes sindicais e as decisões dos sindicatos. Procurou assim demonstrar que a organização deixou de ser o conjunto dos organizados para se tornar algo externo a eles, contra o qual podem se rebelar mesmo que deles tenha surgido, como ocorreu com o Estado.

Pannekoek esclarece que o sindicato quando luta contra as condições de miséria que o capitalismo produz, torna-se parte da sociedade capitalista, razão pela qual em conjunturas revolucionárias o sindicato entra em conflito com o proletariado. E que a dominação dos dirigentes sindicais sobre os trabalhadores sempre se renova – apesar do ódio e do rancor que as massas sentem contra tais dirigentes – em função da falta de clareza e unidade dos próprios trabalhadores e de ser a organização sindical um meio de conseguirem força numérica contra os capitalistas. Discorrendo sobre a estreita ligação dos sindicalistas com os funcionários do Estado por causa de um ponto de fundo comum existente entre ambos, que é o de controlar os trabalhadores para colocá-los a serviço do capital, Pannekoek demonstra que a prioridade da

¹⁵⁷ en ligas gigantescas que presentan las mismas tendencias evolutivas ya determinadas en el cuerpo del Estado burgués mismo. En ellos se ha formado una clase de funcionarios, una burocracia, que dispone de todos los medios de poder de la organización: dinero, prensa, nombramiento de los funcionarios subalternos; con frecuencia tiene poderes todavía más amplios, de manera que de servidora de la colectividad, se ha convertido en la dueña y se identifica incluso con la organización. Y los sindicatos se corresponden también con el Estado y su burocracia porque, a pesar de la democracia que reina en ellos, los miembros no pueden hacer valer su voluntad contra la burocracia; toda rebelión, antes incluso de poder conmocionar las cúspides, se estrella contra el aparato artificioso de los reglamentos y estatutos. Sólo con una tenacidad obstinada logra a veces una oposición, después de años, obtener un éxito modesto que se limita, como máximo, a un cambio de personas.

burocracia sindical é conseguir fazer os trabalhadores aceitarem os acordos que esta firma com os capitalistas. Admite, contudo, variação de métodos: pela grosseria e brutalidade por meio da força e da mentira, como faz a burocracia sindical na Alemanha, ou aparentando se deixar levar pelas reivindicações autênticas e sabotando-as nos bastidores, como faz a burocracia sindical na Inglaterra. E afirma:

Conseqüentemente, o que Marx e Lênin precisaram sobre o Estado deve valer também para as organizações sindicais, isto é, que apesar da democracia formal, sua organização impossibilita fazer delas um instrumento da revolução. A força contrarrevolucionária dos sindicatos não pode ser debilitada e destruída por uma mudança de pessoas, pela substituição de dirigentes sindicais ou “revolucionários” em lugar dos chefes reacionários. É justamente a forma desta organização que torna as massas pouco menos que impotentes e lhes impede fazer dos sindicatos órgãos de sua vontade. A revolução somente pode vencer destruindo esta organização, transformando, por assim dizer, a forma da organização para fazer dela algo radicalmente novo: o sistema dos *soviets*. Sua instauração está em condições de extirpar e eliminar não apenas a burocracia estatal, mas também a do sindicato; formará não somente órgãos políticos novos do proletariado em oposição ao parlamento, mas também as bases dos sindicatos novos. (PANNEKOEK, 2005, p. 246).

¹⁵⁸

A hipótese de um governo de toda a sociedade por meio da organização sindical também foi amplamente rechaçada pelo holandês, seja na versão “trabalhista” (com os sindicalistas valendo-se do partido socialista para adentrar as instituições do Estado capitalista), seja na versão “radical” (que enxerga no movimento sindical a base para um regime de políticos e intelectuais em substituição ao sistema de conselhos como forma da ditadura proletária). Esses “Governos das organizações operárias” ou “controlados pelas organizações operárias”, na concepção de Pannekoek, são por natureza contrarrevolucionários,

¹⁵⁸ Por consiguiente, lo que Marx y Lenin han precisado a propósito del Estado debe valer también para las organizaciones sindicales, es decir, que a pesar de la democracia formal, su organización imposibilita hacer de ellos un instrumento de la revolución. La fuerza contrarrevolucionaria de los sindicatos no puede ser debilitada y destruida por un cambio de personas, por la sustitución de dirigentes sindicales o “revolucionarios” en lugar de los jefes reaccionarios. Es justamente la forma de esta organización la que hace a las masas poco menos que impotentes y les impide hacer de los sindicatos órganos de su voluntad. La revolución no puede vencer más que destruyendo esta organización, transformando, por así decir, la forma de la organización para hacer de ella algo radicalmente nuevo: el sistema de los soviets. Su instauración está en condiciones de extirpar y eliminar no sólo la burocracia estatal, sino también la del sindicato; no sólo formará los órganos políticos nuevos del proletariado en oposición al parlamento, sino también las bases de los sindicatos nuevos.

pois não passam de governos da burocracia sindical auxiliados por frações radicais da velha burocracia estatal.

No entanto, em 1920, o pensamento de Pannekoek ainda não havia chegado a um posicionamento consolidado e unificado sobre o tema das burocracias. Isso devido a uma contradição expressa numa operação teórica que procurava ao mesmo tempo criticar a burocracia na Europa Ocidental, mas justificar a burocracia na Rússia bolchevique. A origem dessa contradição residiu na tentativa de harmonizar politicamente, no âmbito da III Internacional, a defesa simultânea do caráter internacional da revolução proletária com a defesa do Estado nacional russo.

Se nos outros países da Europa há um sistema político similar ao que existe na Rússia – poder de uma burocracia operária que se apóia na base de um sistema de conselhos – então o poder do imperialismo mundial é vencido e derrubado, pelo menos na Europa. [...] Se compreende, pois, que o que nós consideramos uma forma de transição temporária, insuficiente, que é preciso combater com todas nossas forças, é para Moscou a realização da revolução proletária, o objetivo da política comunista. Isso nos conduz a considerações críticas que se podem emitir contra esta política, do ponto de vista do comunismo. Residem, sobretudo, no efeito intelectual recíproco sobre a própria Rússia. Se a camada dominante na Rússia confraterniza com a burocracia operária da Europa Ocidental – corrompida pela sua situação, pela sua oposição às massas, pela sua assimilação ao mundo burguês – e se apropria de seu espírito, a força que a Rússia deve continuar exercendo pelo caminho da revolução pode se perder; [...] além disso, este mesmo sistema político, que para a Rússia nasceu como forma de transição prática para a realização do comunismo – e que somente podia cristalizar numa burocracia sob certas condições – significa, na Europa Ocidental, desde o princípio, um obstáculo reacionário para a revolução. (PANNEKOEK, 2005, p. 283-284).¹⁵⁹

¹⁵⁹ Si en los otros países de Europa hay un sistema político similar al que existe en Rusia: poder de una burocracia obrera que se apoya en la base de un sistema de consejos, entonces el poder del imperialismo mundial es vencido y derrocado, al menos en Europa. [...] Se comprende, pues, que lo que nosotros consideramos como una forma de transición temporal, insuficiente, que hay que combatir con todas nuestras fuerzas, es para Moscú la realización de la revolución proletaria, el objetivo de la política comunista. De ello se derivan igualmente consideraciones críticas que, desde el punto de vista del comunismo, se pueden emitir contra esta política. Residen sobre todo en el efecto intelectual retroactivo que tiene sobre Rusia misma. Si la capa dominante en Rusia fraterniza con la burocracia obrera europeo-occidental – que está corrompida por su situación, por su oposición a las masas, por su asimilación al mundo burgués – y se apropia su espíritu, puede perderse la fuerza que Rusia debe continuar ejerciendo por el camino de la revolución; [...] Residen además en el hecho de que este mismo sistema político, que para Rusia nació como forma de transición práctica hacia la realización del comunismo – y que no podía cristalizar en una burocracia sino bajo ciertas condiciones –

Essa contradição, mesmo que acompanhada de críticas, pode ser equacionada no pensamento pannekoekiano com a evolução do seu processo de ruptura com a “nova” ortodoxia bolchevique, sucessora da ortodoxia social-democrata. Durante os anos 1930, a concepção de Pannekoek já deu sinais de harmonizar num único quadro teórico a questão das burocracias.

Exemplo disso pode-se colher de três dos textos que escreveu para as já mencionadas publicações estadunidenses animadas por Paul Mattick. Em “O sindicalismo”, de 1936, Pannekoek propôs-se responder de que modo deve a classe operária lutar para vencer o capitalismo, com que meios de ação e com quais táticas, mas foi além. Forneceu-nos uma límpida explicação de como os interesses da burocracia sindical entrelaçam-se e fundem-se com os do capitalismo.

Valendo-se do método do materialismo histórico, Pannekoek tomou como de partida o surgimento dos sindicatos como forma primitiva do movimento operário num sistema capitalista estável como meio de defesa diante do patrão capitalista. Daí a sua de conclusão que o objetivo do sindicalismo não é substituir o sistema capitalista por outro modo de produção, mas melhorar as condições de vida no interior do capitalismo, portanto tendo uma essência conservadora e não revolucionária (PANNEKOEK, 1978, p. 93).

Segundo Pannekoek, existe uma correspondência entre a tendência de crescimento do capitalismo e da grande indústria e o aumento da complexidade das organizações sindicais, lançando assim as bases da formação da burocracia sindical. A novidade aqui é que o Pannekoek dedica-se a descrever como surge o poder do dirigente sindical e sua inevitável separação do conjunto da classe, embora os sindicalistas continuem a se considerar parte dela, e revela os mecanismos da transformação subjetiva e objetiva pela qual atravessam:

Uma tal organização já não é unicamente uma assembleia de operários; forma um corpo organizado, que possui uma política, um carácter, uma mentalidade, tradições e funções que lhe são próprias. Os seus interesses são diferentes dos da classe operária e não recuará perante nenhum combate para os defender. Se algum dia os sindicatos perdessem a sua utilidade, ainda assim não desapareceriam. [...] Os funcionários sindicais, os dirigentes do movimento operário, são os defensores dos interesses particulares dos sindicatos. Apesar das suas origens operárias, adquiriram, após longos anos de experiência à cabeça da organização, um novo carácter social. Em cada grupo social que se torna

significa, en Europa Occidental, desde el principio, un obstáculo reaccionario para la revolución.

suficientemente importante para constituir um grupo à parte, a natureza do trabalho molda e determina os modos de pensamento e de ação. [...] Apreendem a conhecer o ponto de vista dos capitalistas tão bem como o dos trabalhadores; [...] procuram agir como mediadores. [...] regra geral, não podem ter esse sentimento de pertencerem a uma classe como têm os operários, pois que estes não procuram compreender nem tomar em consideração os interesses dos capitalistas, mas lutam pelos seus próprios interesses. Por conseguinte os sindicalistas entram necessariamente em conflito com os operários. (PANNEKOEK, 1978, p. 95-96).

Fazendo valer seu método peculiar, Pannekoek mergulha na subjetividade transformada do dirigente sindical em função da mudança havida na objetividade material do sindicalista para expor que estes são encarregados de cumprir as funções capitalistas dos sindicatos consistentes em “regular os conflitos de classe e assegurar a paz nas fábricas. Por conseguinte, os dirigentes sindicais consideram ser seu dever como cidadãos trabalhar pela manutenção da paz nas fábricas e intrometer-se nos conflitos. Nunca olham para além do sistema capitalista.” (PANNEKOEK, 1978, p. 96). Investidos da nova função de **mediadores**, os sindicalistas têm a tarefa de fazer com que os trabalhadores aceitem as condições desfavorável que o patronato lhes impõe dada a posição de inferioridade dos sindicatos na correlação de forças, enfraquecidos pela concentração de capitais.

Como exemplo da ligação umbilical do sindicalismo com o capitalismo, Pannekoek afirma que é nos períodos de prosperidade econômica que as probabilidades de atendimento das reivindicações de tipo sindical podem ser satisfeitas. Pelo contrário, em períodos de crise econômica, “tem de fazer votos para que o capitalismo retome a sua expansão. Os trabalhadores, enquanto classe, não se preocupam nada com o bom andamento dos negócios. Com efeito, é quando o capitalismo está mais fraco que eles têm mais probabilidades de o atacar, de reunir forças e dar o primeiro passo para a liberdade e a revolução.” (PANNEKOEK, 1978, p. 100).

Apesar de todas essas considerações, Pannekoek reconheceu a existência de variações no sindicalismo dos diferentes países, ditadas pelo desenvolvimento desigual do capitalismo. E admitiu a possibilidade de os trabalhadores procederem a remodelações na estrutura sindical de modo a torná-los aptos para atuarem numa forma mais desenvolvida de capitalismo, mesmo que logo em seguida todas as contradições apontadas voltem a se manifestar. Quanto às possibilidades de esse sindicalismo remodelado apresentar um caráter anticapitalista, não

parece que ele vislumbrasse qualquer potencialidade nessa direção, como se depreende desse trecho:

O sindicalismo tem horror ao comunismo, que representa uma ameaça constante à sua própria existência. Em regime comunista não há patrões nem, por conseguinte, sindicatos. [...] O sindicalismo tem horror à revolução que subverte as relações entre patrões e operários. No decorrer dos seus violentos confrontos, ela varre de um só golpe os regulamentos e as convenções que regem o trabalho; perante essas gigantescas manifestações de força, os modestos talentos de negociantes dos dirigentes sindicais são ultrapassados. Esta a razão por que o sindicalismo mobiliza todas as suas forças para se opor à revolução e ao comunismo. (PANNEKOEK, 1978, p. 101).¹⁶⁰

Raciocínio análogo foi aplicado à burocracia partidária no texto “A propósito do Partido Comunista” (1936). Depois de demonstrar o erro do bolchevismo em igualar o proletariado russo ao da Europa Ocidental, no sentido de que o último não pode ser considerado como uma massa neutra e indiferente que uma minoria revolucionária pudesse ignorar “quando procura derrubar a minoria capitalista no poder.” (id., *ibid.*, p. 177) Pannekoek demonstrou a contradição entre a burocracia do partido e a classe – em conjunturas de ascenso da luta de classes – nos seguintes termos:

[...] o partido compõe-se, em geral, dos melhores elementos da classe que representa. Os seus chefes encarnam os grandes objectivos; os seus nomes são admirados, detestados ou venerados conforme os casos. Eles estão nas primeiras linhas, se bem que cada derrota lhes seja fatal e signifique, por consequência, a morte do partido. Conscientes desse perigo, os dirigentes secundários, os burocratas do partido, renunciam muitas vezes à luta suprema. Pelo contrário, se a classe operária pode sofrer reveses, ela nunca será vencida. [...] se o partido os segue na sua retirada, ele nunca poderá restabelecer-se porque será constringido a repudiar os seus princípios. Num processo de luta de classes, o partido e os seus dirigentes apenas têm forças limitadas que esgotam inteiramente

¹⁶⁰ Pannekoek excetua o sindicalismo praticado pelos I.W.W. (EUA). afirmou inclusive que “foram até hoje a forma de organização mais revolucionária na América”. Contudo, após um longo elogio por se basearem na solidariedade, no entusiasmo e nas capacidades de resistência dos trabalhadores, pela sua organização flexível e por preconizarem a revolução, o fato de seus membros terem sido perseguidos sem piedade pelo conjunto do mundo capitalista, presos e torturados com base em acusações falsas, demonstrava que “Como método de luta contra a sociedade capitalista, o sindicalismo industrial não é suficiente para, por si só, derrubar essa sociedade e conquistar o mundo para os trabalhadores. Combate o capitalismo sob a sua forma patronal, no sector económico da produção, mas não se pode declarar contra o seu baluarte político, o poder estatal. [...] O sindicalismo não pode vencer a resistência do capitalismo. [...] As vitórias que alcança trazem apenas soluções a curto prazo. Mas as lutas sindicais não são menos essenciais e devem prosseguir até ao fim, até à vitória final.” (PANNEKOEK, 1978, p. 104).

para o bem ou para o mal da causa que defendem. As reservas da classe operária são ilimitadas. A função dos partidos apenas pode ser temporária: num primeiro tempo, indicam a via a seguir e exprimem os desejos das classes que representam. Mas à medida que aumenta e se intensifica a luta de classes, ver-se-ão progressivamente ultrapassados pelos objectivos mais radicais e ideais mais elevados dos trabalhadores. (PANNEKOEK, 1978, p. 177).

Finalmente, no texto intitulado “Capitalismo de Estado e ditadura”, publicado nos EUA em 1937, a questão da burocracia russa já recebia um tratamento teoricamente unificado. Nesse escrito, discutindo as formas que o capitalismo pode assumir, Pannekoek precisou que o termo "capitalismo de Estado" é usado frequentemente de duas maneiras: como forma econômica na qual o Estado realiza o papel do empresário capitalista, explorando os trabalhadores em interesse do Estado (cita como exemplo as ferrovias estatais e os correios); ou significando o controle das empresas capitalistas pelo Estado, no sentido de incorporar algum grau de intervenção estatal na regulação da vida econômica – que pode variar muito – porém mantendo a propriedade privada.

A Rússia foi incluída como país de predominância do capitalismo de Estado na sua primeira acepção em função de que na indústria “o trabalho é planejado, financiado e administrado pelo Estado; os diretores de indústria são designados pelo Estado e os ganhos são considerados renda do Estado” (PANNEKOEK, 2006g).

O exemplo de capitalismo de Estado, na segunda acepção apresentado, foi a Alemanha Nazista, pois nesta os dirigentes de empresa não são subordinados ao Estado, e sim constituem o poder dominante que governa por meio dos funcionários nazistas situados nas instituições estatais. A diferença com a Rússia, aponta Pannekoek, está em que a burguesia privada foi destruída pela revolução de outubro, desaparecendo como poder governante, e deixou o caminho livre para que a burocracia assumisse a direção das empresas.

Por existirem essas duas possibilidades para o desenvolvimento do capitalismo – capitalismo de Estado propriamente dito e capitalismo privado com alto nível de regulação e concentração estatal –, Pannekoek considerou que o fator decisivo “*es el carácter de la clase que es propietaria, con pleno control, del capital, no la forma interna de la administración, ni el grado de ingerencia del Estado en la vida económica de la población.*”(id., ibid.). Pannekoek faz incidir, na análise que realiza (vale lembrar que se trata do ano de 1937, quando

estão a “pleno vapor” os esforços preparatórios para a guerra), o fator político.

No caso alemão, argumentou que a burguesia desse país, para se recuperar da derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, necessitava colocar em segundo plano todos os interesses de suas frações internas e alocar o máximo de recursos nas mãos do Estado por meio de rigorosa concentração, pois já previa que uma nova guerra seria seu recurso final. No entanto, descartou que essa pudesse ser a última forma de capitalismo antes da vitória do proletariado ou mesmo uma fase necessária pela qual todos os países capitalistas tivessem de atravessar. Na continuidade do texto, percebe-se que a concepção de Pannekoek já não concede nenhum *status* diferenciado para a burocracia russa. Tal se dá quando prospectivamente nosso autor não descarta a hipótese de que o capitalismo de Estado possa ser uma fase intermediária entre o capitalismo privado e o comunismo, por razões políticas e não econômicas, pela luta de classes e não como resultado das crises econômicas.

A hipótese avançada pelo holandês seria a de que, na ocorrência de um aguçamento da crise econômica, a luta proletária se desenvolvesse ao nível de grandes ações de massas, confrontos de rua ou luta armada, provocando a destruição das organizações políticas tradicionais e sua substituição por organizações conselhistas a ponto de provocar a paralisação ou mesmo a derrocada do Estado burguês. Nesse momento os remanescentes dos partidos socialistas e comunistas (Pannekoek ressalta que eles não desaparecem em função de suas ideias terem respaldo nos setores mais “moderados” do proletariado, dada a variabilidade no grau de maturidade das massas) colocam-se para pôr em prática o programa do “socialismo de Estado”.

Valendo-se de argumentos tais como a necessidade de um governo de socialistas para acelerar a nova ordem socialista, o perigo das exigências radicais, e apelando para os setores do proletariado ainda sem a consciência comunista, tais lideranças proporiã compromissos com os setores reformistas da burguesia e tentariam fazer os trabalhadores retrocederem de seus objetivos revolucionários. Socialmente, agrupariam em torno de si a intelectualidade – a qual, segundo Pannekoek, adapta-se facilmente ao socialismo de Estado, mas não ao comunismo de conselhos – pronta para dirigir os trabalhadores e setores da burguesia que “enxergam nas lutas operárias uma nova posição de classe, da qual podem combater o comunismo com êxito. ‘*O socialismo contra a anarquia*’ será o grito de guerra daqueles que desejã salvar o que puder ser salvo do capitalismo.” (PANNEKOEK,

2006g). Em tal cenário, com a burguesia premida pela luta proletária a ponto de não ser possível salvar o capitalismo privado, Pannekoek descreveu o capitalismo de Estado como

a preservação da exploração na forma de uma sociedade “socialista”, onde os “líderes mais capazes”, os “melhores cérebros”, e os “grandes homens de ação” dirigirão a produção e as massas trabalharão obedientemente sob seu comando. Se este Estado é chamado de *capitalismo de Estado* ou de *socialismo de Estado* dá no mesmo em princípio. Se alguém se refere a “capitalismo de Estado” como sendo uma burocracia estatal dominante e exploradora ou a “socialismo de Estado”, como um corpo de funcionários necessários que, como servidores respeitosos e obedientes da comunidade, compartilham o trabalho com os trabalhadores, a diferença em última análise reside na soma dos salários e na medida qualitativa de sua influência nas conexões de partido. (PANNEKOEK, 2006g).¹⁶¹

O capitalismo de Estado é visto como um sistema desvantajoso para a burguesia em comparação com o capitalismo dos monopólios privados, pois este último não precisa abrir mão da dominação direta sobre a estrutura produtiva, e tampouco é capaz de impedir um novo levantamento do proletariado. Trata-se, na ótica pannekoekiana, de um sistema instável, que obstaculiza o desenvolvimento social e restringe a produção, mas que pode arrancar certas formações sociais de estágios pré-capitalistas, como ocorreu com a Rússia bolchevique.

A Rússia foi capaz, por meio desta forma de organização, de mudar do semi-barbarismo para um capitalismo desenvolvido, de superar inclusive os feitos do capitalismo privado dos países ocidentais. Neste processo figura o manifesto entusiasmo entre as classes burguesas “estrangeiras”, onde quer que o capitalismo comece seu curso. Mas tal capitalismo de Estado não pode progredir. Na Europa Ocidental e EUA a mesma forma de organização econômica não seria progressiva, dado que impediria a chegada do comunismo. Obstruiria a revolução necessária na produção, isto é, seria reacionária no seu caráter e assumiria a forma política de uma ditadura. [...] O único capitalismo de Estado que foi capaz de transformar os meios de produção em propriedade do Estado é o russo, mas não em função de seu alto nível de desenvolvimento, pelo contrário,

¹⁶¹ la preservación de la explotación en la forma de una sociedad "socialista", donde los "líderes más capaces", los "mejores cerebros", y los "grandes hombres de acción" dirigirán la producción y las masas trabajarán obedientemente bajo su mando. Si a este estado se le llama *capitalismo de Estado* o *socialismo de Estado* da lo mismo en principio. Si uno se refiere al primer término "capitalismo de Estado" como siendo una burocracia estatal dominante y explotadora, o al segundo término, "socialismo de Estado", como a un cuerpo de funcionarios necesarios que, como servidores respetuosos y obedientes de la comunidad, comparten el trabajo con los trabajadores, la diferencia en último análisis reside en la suma de los salarios y la medida cualitativa de su influencia en las conexiones de partido.

em função de seu baixo nível de desenvolvimento. (PANNEKOEK, 2006g).¹⁶²

Ao situar o capitalismo de Estado como uma forma para promover o ingresso de sociedades atrasadas na fase do capitalismo industrial, Pannekoek antecipou um esboço de modelo teórico capaz de explicar as revoluções e lutas de libertação nacional ocorridas no chamado “Terceiro Mundo”. Cuba, China, Vietnã, Coreia do Norte, Angola, Moçambique apresentaram as burocracias partidárias, sindicais e estatais articuladas institucionalmente para a realização das tarefas da revolução burguesa. Contudo, tal antecipação/generalização foi tratada pelo holandês com muita cautela. Ainda no texto de 1937, após discorrer sobre as formas políticas dos principais países europeus e Estados Unidos e constatar a variedade de formas encontradas (monarquias parlamentares, repúblicas parlamentares, ditaduras nazi-fascistas), afirmou:

Isto prova que o capitalismo escolhe muitos caminhos que levam ao mesmo destino, e também prova que não se deve ter pressa em deduzir conclusões das experiências de um país para aplicá-las ao mundo em geral. Em cada país o grande capital exerce sua dominação por meio das instituições políticas existentes, desenvolvidas através da história e das tradições, cujas funções são expressamente transformadas. [...] Cada caso deve ser analisado separadamente, cada país tem o tipo de governo que surgiu a partir do próprio curso de seu desenvolvimento político. (PANNEKOEK, 2006g).¹⁶³

Em suma, antes mesmo do aparecimento de “Lênin Filósofo” em 1938 e ainda em escritos separados, Pannekoek já havia equacionado teoricamente em seu pensamento a questão das formas organizativas que degeneravam em burocracia a partir das iniciativas dos próprios

¹⁶² Rusia fue capaz, a través de esta forma de organización, de cambiar del semi-barbarismo a un capitalismo desarrollado, de superar incluso los logros del capitalismo privado de los países occidentales. En este proceso figura el manifiesto entusiasmo entre las clases burguesas "advenedizas", dondequiera que el capitalismo empieza su curso. Pero tal capitalismo de Estado no puede progresar. En Europa occidental y en América la misma forma de organización económica no sería progresiva, dado que impediría la llegada del comunismo. Obstruiría la revolución necesaria en la producción; es decir, sería reaccionaria en su carácter y asumiría la forma política de una dictadura. [...] El único capitalismo de Estado que fue capaz de transformar los medios de producción en propiedad del Estado es el ruso, pero no a cuenta de su elevado estado de desarrollo, sino al revés, a cuenta de su bajo estado de desarrollo.

¹⁶³ Esto prueba que el capitalismo elige muchos caminos que llevan al mismo destino, y también prueba que no se debe tener prisa en deducir conclusiones de las experiencias de un país para aplicarlas al mundo en general. En cada país el gran capital cumple su dominación por medio de las instituciones políticas existentes, desarrolladas a través de la historia y las tradiciones, cuyas funciones son expresamente transformadas. [...] Cada caso debe juzgarse separadamente, cada país tiene el tipo de gobierno que germinó a partir de su propio curso de desarrollo político.

trabalhadores. De modo que, ao escrever sua principal obra, “Os Conselhos Operários” (1946), o tema da burocracia apareceu integrado ao “espírito reformista” existente nas massas em conjunturas de expansão capitalista. Por outro lado, o partido comunista, quando no poder, foi identificado como órgão político da burocracia de Estado, que por sua vez formava uma nova classe dirigente.

Doravante partidos, Estados e sindicatos estavam consolidados no pensamento de Pannekoek como instituições que promoviam a unificação dos distintos extratos gestorial-burocráticos (intelectuais, oficiais militares, especialistas técnicos, dirigentes de empresa, dirigentes sindicais e militantes partidários profissionais). Segundo nosso autor, a luta pelo comunismo exigiria uma ampla renovação: novas instituições, novo movimento proletário.

[...] um novo movimento operário, que nós designamos com o nome de *comunismo de conselhos*, [...] representa uma necessidade vital do proletariado e terá de se desenvolver em todas as partes. Transforma-se numa necessidade devido à colossal elevação do poder do capital, porque contra um poder desta magnitude as velhas formas do movimento operário se tornam impotentes; em consequência, o trabalho deve encontrar novos meios de combate. (PANNEKOEK, 2006g).¹⁶⁴

Os meios de combate e as formas de luta observadas e teorizadas por Pannekoek, que engendraram as formas de organização pensadas por ele, constituem o objeto do próximo capítulo.

¹⁶⁴ [...] un nuevo movimiento obrero, que nosotros designamos con el nombre de *comunismo de consejos*, [...] representa una necesidad vital de las clases obreras y habrá de desarrollarse en todas partes. Se convierte en una necesidad debido a la colosal elevación del poder del capital, porque contra un poder de esta magnitud las viejas formas del movimiento obrero se vuelven impotentes; en consecuencia, el trabajo debe encontrar nuevos medios de combate.

4 AFIRMAÇÃO DAS FORMAS ORGANIZATIVAS DO PORVIR

4.1 FORMAS DE LUTA E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO

Nos capítulos anteriores, procurou-se descrever o nascimento, desenvolvimento e aplicação do método de Pannekoek, que consistiu em procurar extrair o caráter das lutas de classes futuras a partir das lutas de classes que presenciava. Tal método que possibilitou a ele acompanhar as características gerais encontradas na pluralidade das formas de luta, além de apresentar contribuições para a definição dos contornos das futuras formas organizativas.

Considerando que as primeiras duas décadas de atividade militante de Pannekoek (1899-1920) foram para ele um período de paulatina consolidação dos aspectos originais de seu pensamento, período no qual apenas lentamente suas sínteses teóricas foram se firmando em contradição com os marxismos da II e III Internacionais, importa neste capítulo partir de seu pensamento maduro. E recorrer aos anos anteriores a 1921, na condição de antecedentes necessários para a compreensão do antagonismo de suas ideias em relação a ambas as matrizes e para bem situar as alternativas que formulou.

O primeiro antecedente decisivo para a concepção de Pannekoek reside no papel que este atribuiu à consciência do proletariado, à subjetividade revolucionarizada, influenciado pelas ideias de Dietzgen. Expor a contribuição de Dietzgen torna-se obrigatório para que o desenho das formas organizativas concebidas por Pannekoek ganhe nitidez.

Vale ressaltar que a influência do pensamento de Dietzgen foi marcante também no núcleo de esquerda que se aglutinou em torno da revista *Nieuwe Tijd*, fruto da importante contribuição de Gorter como difusor das ideias dietzgenianas ao traduzir a sua principal obra para o holandês em 1902.

Para Pannekoek, a concepção de Dietzgen integra-se do ponto de vista gnoseológico, no interior do marxismo e dele não pode ser considerado autônomo ou absolutamente crítico, em função da relação de dependência orgânica do conjunto da teoria dietzgeniana para com o materialismo histórico de Marx. Essa posição foi firmada em 1901 e mantida desde então, mesmo quando o interesse em torno da obra de Dietzgen foi intenso, por volta de 1910, com tentativas de separá-la do tronco marxista.

Na ótica da tradição em que Pannekoek se inseriu – a chamada esquerda comunista holandesa ou escola marxista holandesa –, as crises do capitalismo e as formas de organização baseadas em minorias dirigentes eram insuficientes para que o proletariado se emancipasse. Segundo ela, o proletariado não extrai o seu poder somente de seu número, concentração e importância econômica. Sem se dar conta de sua força, de seus interesses específicos e objetivos não chega a ser uma classe para si mesma. A consciência fornece ao proletariado existência na história. Era necessário que a classe estivesse dotada de uma filosofia da ação que a impulsionasse para ações massivas com consciência de seus objetivos revolucionários.

A revolução proletária não é produto de uma força brutal, física. É uma vitória do espírito. Resulta da aplicação das forças das massas operárias, que são também espirituais. Os operários não vencerão graças a seus enormes punhos: estes se deixam enganar facilmente por um cérebro astuto, por vigaristas, e se voltam facilmente contra si mesmos. As massas não vencerão por ser maioria: sem organização, sem saber, esta maioria é impotente frente a uma minoria bem organizada, capaz e consciente de seus fins. Só vencerão porque a maioria que constituem desenvolverá seu poderio moral e intelectual a um nível mais elevado que o do inimigo. Cada grande revolução da história só triunfou porque nasciam nas massas novas forças espirituais. Uma força bruta e estúpida pode apenas destruir. As revoluções, pelo contrário, são construções novas que resultam de formas novas de organização e de pensamento. As revoluções são períodos construtivos da evolução da humanidade. E mais que todas as revoluções do passado, a transformação que fará dos operários donos da sociedade, a instauração de uma organização do trabalho no mundo inteiro, exigirá muito de seu espírito e de sua força moral. (PANNEKOEK, 1977, p.231).¹⁶⁵

¹⁶⁵ La revolución proletaria no es el producto de una fuerza brutal, física; es una victoria del espíritu. Resulta de la aplicación de las fuerzas de las masas obreras, pero estas fuerzas son también espirituales. Los obreros no vencerán gracias a sus enormes puños: estos se dejarán dominar por un cerebro astuto, por timos, y pueden ser vueltos fácilmente contra sí mismos. Las masas no vencerán porque sean la mayoría: sin organización, sin saber, esta mayoría es impotente frente a una minoría bien organizada, capaz y consciente de sus fines. No vencerán más que porque la mayoría que forman desarrollará su poder moral e intelectual hasta un nivel más elevado que el enemigo. Cada gran revolución de la historia no ha triunfado más que porque nacían en las masas nuevas fuerzas espirituales. Una fuerza bruta y estúpida no puede más que destruir. Las revoluciones, por el contrario, son nuevas construcciones producto de formas nuevas de organización y pensamiento. Las revoluciones son períodos constructivos de la evolución humana. Y mucho más aún que todas las revoluciones de antaño, la transformación que hará de los obreros los dueños de la sociedad, la implantación de una organización del trabajo en el mundo entero, exigirán en gran medida de su espíritu y de su fuerza moral.

Dietzgen, exatamente por fornecer essa filosofia da ação, foi uma referência intelectual marcante para os marxistas holandeses e para todos aqueles que destacaram o papel da consciência na luta de classes e concebiam a revolução proletária como uma questão de desenvolvimento da subjetividade (espírito, na linguagem da época) previamente a qualquer alteração na materialidade.

Não somente pela crítica materialista que realizou da filosofia especulativa de Hegel e Kant, mas principalmente por ter rejeitado a concepção materialista vulgar de “mente”, definida como simples reflexo da matéria, ao afirmar que o cérebro não era um mero recipiente externo do mundo tangível, mas sobretudo o campo da atividade do pensamento, as obras dietzgenianas despertaram interesse.

Para Dietzgen, o trabalho intelectual do cérebro aparecia com a elaboração dos objetos sensíveis sob a forma de conceitos extraídos de uma totalidade e unidade indissociável. Apoiado no materialismo histórico e dialético, ele sustentou que “*a matéria consiste nas alterações*, a matéria é o que muda e somente o que permanece é a mudança.” (DIETZGEN, 1975, p. 68)¹⁶⁶ e também rejeitou o empirismo que adentrava o campo do idealismo ao considerar a matéria eterna, imperecível e imutável. Por isso Dietzgen afirmou que todo conhecimento somente é possível dentro de certos limites dados, portanto relativo. E esse conhecimento relativo de substância material apenas acontece se houver uma intervenção ativa da consciência que estabelece relações dialéticas com a matéria numa permanente interação matéria/mente:

Para reunir as coisas em sua totalidade, temos de captá-las teórica e praticamente, com nossos sentidos e nosso cérebro, com nosso corpo e nosso espírito. Através do corpo captamos apenas o corporal, através do espírito o espiritual. Porque as coisas também possuem espírito. O espírito é coisa e as coisas são espírito. O espírito e as coisas apenas existem efetivamente em suas relações mútuas. (DIETZGEN, 1975, p. 58).¹⁶⁷

Essa “ciência do espírito humano” – congregando um complexo de qualidades inseparáveis tais como consciência, inconsciência, psicologia e racionalidade – não apresenta contradição com a teoria de

¹⁶⁶ *La materia consiste en las alteraciones*, la materia es lo que cambia, en tanto que sólo permanece el cambio.

¹⁶⁷ Para reunir las cosas en su totalidad, hemos de captarlas teórica y prácticamente, con nuestros sentidos y nuestro cerebro, con nuestro cuerpo y nuestro espíritu. A través del cuerpo sólo podemos captar lo corporal y a través del espíritu lo espiritual. Porque también las cosas poseen espíritu. El espíritu es cosa y las cosas son espíritu. El espíritu y las cosas no existen efectivamente más que en sus relaciones mutuas.

Marx e Engels,¹⁶⁸ consistindo na verdade numa sistematização dos ensinamentos fundamentais do marxismo. Mais que isso, servia de instrumento contra qualquer marxismo simplificado (ao estilo do fatalismo econômico kautskiano) e contra o engessamento do método e dos resultados do materialismo histórico.

Além disso, se consideradas de um ponto de vista revolucionário, as formulações de Dietzgen oferecem uma contribuição relevante por ressaltarem pelo menos três aspectos: 1) o papel ativo da consciência sobre a realidade, da qual não é o reflexo e sim o próprio conteúdo; 2) a importância da teoria, como apreensão e transformação radical da realidade, consequentemente rechaçando qualquer empirismo reducionista; 3) a relatividade da teoria, que muda de acordo com a mudança da “matéria social”.

Insistir no papel da subjetividade, na luta de classes, na energia e na motivação do proletariado em sua luta contra o capitalismo – luta que exige consciência e sentido de sacrifício que se originam em qualidades morais e intelectuais – era um convite direto para que as estruturas burocratizadas de partidos e sindicatos fossem superadas pela espontaneidade proletária. Naquele momento era um chamamento direto a lutar contra o revisionismo e o fatalismo hegemônicos no movimento operário e socialista. E Pannekoek estava entre os que entenderam que na obra de Dietzgen podia-se encontrar esse chamamento a uma nova ética proletária.

Por todos esses aspectos, Pannekoek incorporou as concepções dietzgenianas e tornou-se um difusor de suas ideias. Em 1902 ele escreveu o prefácio da reedição da obra maior de Dietzgen, lida por toda uma geração de marxistas, *Das Wesen der menschlichen Koppfarbeit* (A natureza do trabalho intelectual humano), por solicitação de seu filho Eugen Dietzgen (1862-1929), de quem Pannekoek havia se tornado amigo.¹⁶⁹

Assim, se Pannekoek, na linha de Marx, concebia que o agente da evolução é a luta de classes, e que essa luta corresponde a modificações no meio material da sociedade (tecnologia, produção, maquinaria, modos materiais de vida), Dietzgen consolidou em Pannekoek que tal luta se situa a um nível *consciente*. Os seres humanos devem *pensar* as transformações antes de as realizarem, pois o processo revolucionário

¹⁶⁸ Além de tal congruência ter sido atestada pessoalmente por ambos, consultar as obras filosóficas de Marx e Engels, em especial a “Ideologia Alemã”, de 1845-46.

¹⁶⁹ Cf. DIETZGEN, 1975, p. 205-222.

depende simultaneamente do desenvolvimento da consciência de classe e da organização da produção material da vida.

Desse modo, o resultado da luta de classe do proletariado era fruto tanto da experiência quotidiana do proletário quanto do desenvolvimento do fator subjetivo que, no pensamento de Pannekoek, resultava do desenvolvimento da teoria por meio de discussões e clarificações contínuas, produzindo armas críticas e científicas contra a ideologia da burguesia. Esse “poder espiritual da burguesia” era para Pannekoek tão perigoso quanto seu poder de exploração material: as ideias da burguesia penetram no espírito do operário, pela lógica do sistema de produção, pela educação, propaganda, igrejas, imprensa, etc. O proletariado, se quiser vencer, terá de se libertar do estágio atual de dependência intelectual da burguesia em que se encontra, o que o faz concordar com sua própria escravidão. O capitalismo deve ser vencido teoricamente antes de ser suprimido na prática. E quanto maior for essa “força espiritual” da burguesia, mais necessidade tem o proletariado de uma consciência clara das suas tarefas.

Pannekoek foi dos que analisou os diferentes graus de consciência de classe, na sua dimensão histórica. Inicialmente, não existe uma consciência completa a que se atribui algum propósito especial. A forma primitiva da consciência de classe, essencial à luta, baseia-se no “instinto das massas” ou “instinto de classe”,¹⁷⁰ que aflorava das ações espontâneas desenvolvidas pelo proletariado quando iniciou suas ações de massas ultrapassando sindicatos e partidos.

A valorização que Pannekoek atribuía à espontaneidade proletária não se confundia com “espontaneísmo”, no sentido de conceber a consciência de classe surgindo espontaneamente, prescindindo de qualquer forma de organização. Segundo Bourrinet (2003), Pannekoek e o marxismo holandês enfatizaram que essa consciência de classe no proletariado não se tratava nem de uma psicologia social de grupo nem de uma consciência individual. Tratava-se: 1) de uma vontade coletiva, que tomava forma por meio da organização que conferia unidade e coesão à classe explorada, e 2) de uma forma de consciência que foi além de refletir as lutas econômicas do proletariado para tomar uma forma política, elaborada teoricamente, expressa pela teoria socialista

¹⁷⁰ Sobre esse “instinto de classe”, Bourrinet (2003) estabelece uma importante distinção. Quando Pannekoek observa o aparecimento de tal instinto na ação espontânea, não se trata de conceber que a classe sempre intui no sentido correto, mas sim que o termo é utilizado como ação dada pelo sentimento imediato em oposição à ação baseada numa reflexão inteligente. Isto é, trata-se, na concepção pannekoekiana, de uma consciência de classe imediata, que ainda não se desenvolveu até a sua forma política e socialista.

que possibilitou a ultrapassagem da fase “instintiva” para a fase madura, voltada para a meta comunista. Bourrinet lembra-nos que a esses dois aspectos – organização e teoria, que Pannekoek por vezes denominou “conhecimento” – o holandês acrescentou a disciplina, livremente autorizada, como o alicerce da consciência.¹⁷¹

O segundo antecedente aparece quando esse modo de conceber o papel da consciência de classe articulou-se com a prática ao surgir a greve de massas. Por outras palavras, a greve de massas era a forma finalmente encontrada da consciência de classe. Para Pannekoek e a esquerda holandesa, estava claro que a greve de massas revestia-se de importância determinante para que a consciência de classe se alargasse em escala massiva. Era a transformação da qualidade em quantidade (a profundidade teórica/“conhecimento” acumulado pela experiência histórica expandindo-se às massas).

O começo do século XX assistiu a uma leva de greves generalizadas e massivas que tiraram o debate sobre a “greve geral” do estreito leito em que se encontrava – o do debate teórico entre marxismo *versus* anarquismo/sindicalismo revolucionário. Desde então passou a ser um debate central no interior do próprio marxismo. Lembre-se de que, até 1914, marxistas revolucionários e marxistas reformistas partilhavam os mesmos espaços organizativos (sindicatos, partidos, II Internacional).

Com tal quadro organizativo, a posição dos marxistas revolucionários era de que as condições para uma ação de massas revolucionária num período marcado pelas lutas por reformas não estavam dadas. A posição dos reformistas era de seguir construindo os aparatos sindicais e partidários e sequer discutir o assunto. As resoluções dos congressos da II Internacional tendiam a um meio-termo entre ambas. Mas o debate sobre os meios de ação do proletariado (greves parciais, greve geral, greve de massas) seguia mitigado.

Os primeiros sintomas de que uma nova fase histórica de lutas revolucionárias estava se abrindo tornaram-se evidentes,¹⁷² e o

¹⁷¹ A polémica com Kautsky em 1912 sobre as ações de massas forneceram a oportunidade para que Pannekoek desse forma teórica às suas concepções acerca desse tema (cf. PANNEKOEK, 2006b).

¹⁷² Bourrinet (2003) fornece-nos um resumo das lutas: greve dos ferroviários de Barcelona, em 1901, que extrapola os sindicatos e se estende aos metalúrgicos; greves políticas pelo sufrágio universal na Suécia e na Bélgica em 1902; greve de massas na Rússia e a greve dos ferroviários na Holanda em 1903; greve de massas, no outono de 1904, na Itália, com ocupação de fábricas seguida da proclamação da greve geral e formação de conselhos operários no norte do país durante quatro dias, num movimento espontâneo dos operários que precedeu a Revolução Russa de 1905.

problema das greves de massas proletárias apresentou-se na luta de classes tanto no terreno econômico quanto no político, numa demonstração de que a questão de uma greve geral internacional deixava de ser um problema abstrato. Foi suficiente para que revolucionários e reformistas aumentassem suas diferenças: os primeiros, evoluindo de sua posição anterior, começaram a enxergar a greve geral como meio para promover transformações sociais de fundo ou para a defesa de conquistas dos trabalhadores no capitalismo; os segundos, em geral, procurando caracterizar a greve geral como um ato de desespero do proletariado que o isolaria das camadas médias e enfatizando a primazia ou exclusividade da luta parlamentar.

A Revolução Russa de 1905 promoveu um salto qualitativo no debate ao demonstrar que o proletariado lutava massivamente tanto no terreno econômico quanto no político, sem necessidade de construir previamente suas organizações sindicais e partidárias para dirigir sua luta. E colocou para além da questão das formas – generalização, auto-organização e espontaneidade – a questão do conteúdo das greves de massas: reformas ou revolução.

Embora o debate sobre a greve de massas tenha sido acirrado no interior do movimento marxista, e de grande valia para o estudo da trajetória do movimento operário e socialista, discorrer sobre tal polêmica nos afastaria dos objetivos desse trabalho. Para adentrar as posições de Pannekoek sobre a greve de massas é suficiente registrar que a discussão sobre o tema entre a esquerda marxista já havia começado anos antes com Rosa Luxemburg, em 1902, continuada por Roland Holst na esquerda holandesa, em 1905, e depois novamente retomada de forma aprofundada por Luxemburg, em 1906, e o próprio Pannekoek, em 1909. Nesse período havia ainda uma convergência teórica com a esquerda russa (Trotsky e Parvus).

Em linhas gerais, na sistematização da esquerda marxista, as greves revolucionárias de massas apresentaram como características: a) impossibilidade de serem convocadas ou controladas; b) ausência de fronteiras rígidas entre greve geral e greve parcial; c) combinavam luta política com luta econômica, unificando-as; d) uso da violência contra o Estado; e) organização, disciplina e consciência de classe; e) as greves de massas ocorridas durante a Revolução Russa de 1905 eram generalizáveis à Europa Ocidental.

A posição de Pannekoek ficou firmada desde 1912. No bojo da crítica a Kautsky – demonstrando que o “radicalismo passivo” kautskiano revelou sua similitude com a ala direita da social-democracia (revisionismo) na convergência em desviar a luta revolucionária para o

terreno parlamentar e sindical – Pannekoek formulou: 1) A greve de massas é a forma típica da luta de classes na época do Imperialismo. Nessa fase, constitui-se na forma de luta essencial que o proletariado conta para se confrontar com o capital; 2) A ação de massas pode variar no seu objetivo imediato, mas é sobretudo autoativa, consciente, reúne a maioria dos operários e se estrutura e organiza por si mesma; 3) Durante as ações de massas a função do partido continua importante, mas não no sentido de controlar o proletariado; 4) A ação revolucionária de massas fortalece a organização ao invés de debilitá-la; 5) O fator determinante do curso dos acontecimentos radica no que as massas efetivamente fazem, e não no que desejam ou propõem as vanguardas partidárias.¹⁷³

Tem-se aqui uma concepção de **tática-processo**, formulação imprescindível para a concepção organizativa de Pannekoek que supera as divisões no interior do proletariado criadas pelo capitalismo e mantidas pelas formas de organização tradicionais: “As ações de massas, decididas pelos trabalhadores organizados, arrastam consigo círculos cada vez maiores do proletariado, crescendo para realizar ações da classe proletária no seu conjunto.” (PANNEKOEK, 2006b). Essa concepção relacionou capitalismo e pós-capitalismo de modo dialético, não mecanicista, pois percebeu que a iniciativa proletária, mesmo parcial, debilitava o poder do capital e era um passo adiante no processo da revolução.

Sempre preocupado em não se descolar do que realmente ocorria, de estar vinculado ao concreto, Pannekoek valeu-se da discussão teórica para tentar esclarecer as questões práticas. E a prática da luta de classes, naquele momento – antes da Primeira Guerra Mundial – já fazia caducar os instrumentos até então utilizados pelos trabalhadores. Afinal, como visto no capítulo anterior, se as “formas externas de associação” fossem destruídas ou ultrapassadas, “as massas nas quais habita este espírito sempre se reagruparão em novas organizações”.

Com esses antecedentes – o papel da consciência de classe na luta do proletariado contra o capitalismo por meio das ações de massas –, o pensamento pannekoekiano amadureceu e desenvolveu a sua própria concepção de organização na segunda metade da década de 1930, com o texto “Notas gerais sobre a questão da organização”, de novembro de 1938. Depois desse escrito, seu pensamento não apresentou variações significativas, por isso a importância de acompanhar o desenrolar de sua argumentação.

¹⁷³ Cf. Os textos “Acciones de masas y revolución” (PANNEKOEK, 2006b) e “Teoría Marxista y Tática Revolucionaria” (PANNEKOEK, 2006c).

Nesse artigo, valendo-se mais uma vez do método do materialismo histórico, Pannekoek discorreu inicialmente sobre as origens de sindicatos e partidos operários e as razões pelas quais essas organizações mantinham sua influência junto à classe. Os primeiros como forma inicial de união dos trabalhadores na luta contra o patronato para vender sua força de trabalho em condições mais vantajosas, luta que, desde que dirigida pelos sindicatos, foi reconhecida pelos próprios patrões como necessária para manter a revolta proletária sem surpresas repentinas. Os segundos desenvolveram-se ao mesmo tempo que os sindicatos, embora diferenciadamente: em algumas partes (EUA) constituindo-se em conjunto com outras classes; em outras (Europa), de forma separada, mas tendo por finalidade, enquanto durasse o capitalismo, priorizar as necessidades imediatas dos operários e conquistar direitos para estes sob a forma de leis aprovadas nos parlamentos, onde os operários deveriam eleger representantes.

A seguir, Pannekoek demonstrou que as modificações objetivas havidas no capitalismo (crescimento do capital e do proletariado) alteraram as condições de existência de partidos e sindicatos, forçando-os também a se expandir. Nesse processo de expansão, as organizações converteram-se em instrumentos de poder sobre o proletariado e *“cuando las organizaciones crecen excesivamente, las masas ya no pueden hacer oír su voz.”* (citado por BRICIANER, 1975, p. 290). Mesmo com suas organizações degeneradas e passando a cumprir uma função distinta para a qual foram criadas, o proletariado não pode deixar de lutar contra as ofensivas crescentes dos capitalistas em rebaixar o seu nível de vida e tende a desenvolver espontaneamente outras formas de luta e de organização, incluindo a luta contra aquilo que impede o proletariado de se enfrentar diretamente com o capital: *“Su rebelión contra el capital se vuelve rebelión contra las formas tradicionales de organización”* (citado por BRICIANER, 1975, p. 292). Nosso autor aqui pretende afirmar que as formas são históricas, mas o processo de luta não se detém por elas.

Adentrando uma perspectiva de longo prazo, Pannekoek desenvolve o raciocínio até a supressão do capitalismo, momento em que o proletariado terá de criar uma organização da produção, coordenando as unidades produtivas do local ao mundial numa totalidade articulada. Para tanto descarta o modelo das revoluções burguesas em etapas sucessivas que, segundo Pannekoek, apenas conduziriam ao Capitalismo de Estado (conquista do poder político, instalação de um novo governo, expropriação jurídica dos capitalistas para somente então organizar a produção).

Em lugar dessa alternativa, Pannekoek afirmou que o proletariado, para se tornar senhor de seu destino, terá de simultaneamente criar sua própria organização e as formas da nova ordem econômica e que o processo da revolução proletária começa quando a classe é capaz de se organizar para realizar ações de massas poderosas e unificadas, já que o capitalismo “somente pode dirigir indivíduos desorganizados” (id., *ibid.*, p. 293).

Nessa conjuntura hipotética, Pannekoek não enxerga qualquer utilidade para partidos e sindicatos: “instrumentos a serviço de chefes que não podem e não querem se comprometer com a luta revolucionária”. Afirma que as formas de organização necessárias não podem ser imaginadas, pois somente podem surgir da luta proletária, embora possam ser perceptíveis em estado embrionário quando se observa a luta dos operários contra os velhos poderes. Cita como exemplo os comitês de greve surgidos durante uma Greve Selvagem¹⁷⁴ pela condição de revogabilidade, a qualquer tempo, de seus integrantes pelos grevistas que o elegeram.

Situando o tempo histórico e as condições para que cada forma se viabilize como forma válida para a luta de classe de proletariado, precisou:

As velhas formas de organização, sindicatos e partidos políticos, e a nova forma dos conselhos (*soviets*) pertencem a fases distintas do desenvolvimento da sociedade e têm funções muito diferentes. As primeiras objetivam fortalecer a situação da classe operária dentro do sistema capitalista e pertencem ao período de capitalismo em expansão. A segunda tem como fim a criação de um poder operário, a abolição do capitalismo e de suas divisões em classes. Pertencem a um período de capitalismo agonizante. Num capitalismo ascendente e próspero, a organização de conselhos é impossível, já que os operários apenas se preocupam em melhorar suas condições de existência, o que permite a ação política e sindical. Em um capitalismo decadente, refém das crises, esse tipo de ação é inútil e manter-se ligado a ele pode apenas frear o desenvolvimento da luta autônoma das massas e de sua auto-atividade.

¹⁷⁴ Assim chamada a forma de luta grevista que apresenta o seguinte “tipo ideal”: 1) dá-se por fora dos aparelhos sindicais e, não raro, contra a opinião do sindicato quando este é consultado; 2) é acompanhada da ocupação dos locais de trabalho; 3) deliberada pela totalidade dos trabalhadores e por tempo indeterminado; 4) as reivindicações não são por categorias e visam além das questões financeiras; 5) O curso da greve segue um processo específico (comitê de greve abrangendo sindicalizados e não sindicalizados, a assembleia se pronuncia sobre todas as questões relativas à greve, eleição e revogação dos integrantes tanto do comitê de greve quanto de quem negocia com o patronato. Por vezes com passeatas pela cidade, marchas sobre prédios públicos e confrontos com a polícia).

(Pannekoek, Notas gerais sobre a questão da organização, 1938, citado por BRICIANER, 1975, p. 294).¹⁷⁵

Na sequência, Pannekoek discorreu sobre as distinções entre democracia burguesa e democracia proletária, comparando-as para refutar a tese reformista de que, após a dominação capitalista ter sido destruída pelas ações autônomas das massas, a democracia de tipo parlamentar deveria ser a forma política sob a qual se processaria a organização da nova sociedade. “Para a classe operária, a democracia parlamentar é uma democracia farsante, considerando que a representação por meio dos conselhos é a democracia real: o governo direto dos trabalhadores sobre seus próprios assuntos.” (id., *ibid.*, p. 296).¹⁷⁶

Pannekoek concluiu a análise articulando passado e futuro, e demonstrou que a revolução proletária nem sequer havia começado, estava ainda em seu “preâmbulo”. Além disso, explicou que os limites das velhas formas de luta correspondem ao patamar reformista do longo caminho do proletariado até sua emancipação, cuja superação apresenta-se em germe nas ações espontâneas:

O século de lutas revolucionárias que ficou para trás não pode ser considerado como começo efetivo do processo, mas apenas seu preâmbulo. Estas lutas permitiram acumular conhecimentos teóricos de valor inestimável; com a ajuda de conceitos ousados, questionaram a pretensão do capitalismo de ser o sistema social final; permitiram aos operários perceberem a possibilidade de acabar com a sua miséria. Mas estas lutas nunca saíram dos marcos do capitalismo [...]. Somente algumas bruscas labaredas de rebelião, como as greves políticas ou as greves massivas deflagradas contra a vontade dos políticos, anunciavam, de vez em quando, futuras ações de massas auto-dirigidas. Toda greve selvagem que não vai buscar líderes e consignas nas sedes dos partidos e sindicatos constitui um sintoma inequívoco e um pequeno passo dado

¹⁷⁵ Las viejas formas de organización, sindicatos y partidos políticos, y la nueva forma de los consejos (soviets) pertenecen a fases diferentes de la evolución social y tienen funciones muy diferentes. El objeto de las primeras era fortalecer la situación de la clase obrera dentro del sistema capitalista y están relacionadas con el periodo de expansión de dicho sistema. La segunda tiene como fin la creación de un poder obrero, la abolición del capitalismo y de la división en clases de la sociedad; está relacionada al período del capitalismo agonizante. Dentro de un sistema ascendente y próspero, la organización de consejos es imposible, ya que los obreros sólo se preocupan por mejorar sus condiciones de existencia, lo que permite la acción política y sindical. En un capitalismo decadente, presa de las crisis, este último tipo de acción es vano y el atarse a él no puede hacer otra cosa que no sea frenar el desarrollo de la lucha autónoma de las masas y de su autoactividad.

¹⁷⁶ Para la clase obrera, la democracia parlamentaria constituye una democracia tramposa, mientras que la representación por medio de los consejos es la verdadera democracia: la gestión directa de sus asuntos por parte de los trabajadores.

nesta direção. Todos os poderes existentes dentro do movimento operário, partidos socialistas e comunistas, sindicatos, todos os dirigentes cuja atividade esteja relacionada com a democracia burguesa herdada do passado, denunciam que estas ações são rebeliões anarquistas. Como seu campo visual não pode ir além dos marcos de suas velhas organizações, são incapazes de descobrir nas ações espontâneas dos trabalhadores os germes de formas de organização superiores. (Pannekoek., citado por BRICIANER, 1975, p. 299-300).¹⁷⁷

Em suma, as formas de organização tradicionais (partidos de massas, sindicatos) correspondiam às necessidades das formas de luta tradicionais (manifestações pacíficas de rua, eleições, greves por categoria, trabalho parlamentar, propaganda partidária, táticas de desgaste das posições burguesas com estratégia de acúmulo da forças). As novas formas de luta (confrontos de rua, confrontos com a polícia, greves políticas e/ou “selvagens”, ações diretas, ocupações de locais de trabalho, greves gerais, táticas de enfrentamento contra o poder do capital com estratégia revolucionária) exigem novas formas de organização.

Da importância que Pannekoek confere à **ação das massas** no processo revolucionário vai decorrer sua concepção da revolução e da organização. E sua teoria deduz, das formas de luta, as formas de organização:

A organização é o princípio fundamental da luta da classe operária pela sua emancipação. Daí que, do ponto de vista do movimento prático, o problema mais importante seja o das formas desta organização. Estas, certamente, estão determinadas tanto pelas condições sociais, quanto pelos objetivos da luta. Longe de resultar dos caprichos da teoria, tais formas somente podem ser criadas pela classe operária que atua

¹⁷⁷ El siglo de lucha revolucionarias que se encuentra detrás de nosotros no puede ser considerado como la iniciación efectiva del proceso sino sólo como su preámbulo. Estas luchas permitieron acumular conocimientos teóricos de un valor inestimable; con ayuda de atrevidos conceptos, cuestionaron la pretensión del capitalismo de representar la última especie de sistema social; permitieron que los obreros se diesen cuenta de que tenían la posibilidad de acabar con su miseria. Pero estas luchas nunca salieron del marco del capitalismo [...]. Sólo algunas bruscas llamadas de rebelión, tales como las huelgas políticas o las huelgas masivas desatadas contra la voluntad de los políticos, dejaban, de vez en cuando, entrever un futuro de acción de masas dirigidas por los mismos interesados. Toda huelga salvaje que no va a buscar sus líderes y consignas a las sedes de los partidos y de los sindicatos constituye, con respecto a eso, un síntoma inequívoco y un pequeño paso dado en esta dirección. Todos los poderes existentes dentro del movimiento obrero, los partidos socialistas y comunistas, los sindicatos, todos los dirigentes cuya actividad esté relacionada con la democracia burguesa heredada del pasado, denuncian que estas acciones son rebeliones anarquistas. Como su campo visual no puede ir más allá del marco de sus viejas organizaciones, son incapaces de descubrir en las acciones espontáneas de los trabajadores los gérmenes de formas de organización superiores.

espontaneamente em função de suas necessidades imediatas. (Pannekoek, citado por BRICIANER, 1975, p. 287).¹⁷⁸

A próxima seção é dedicada a apresentar e analisar as formas que Pannekoek esboçou teoricamente em substituição a partidos e sindicatos, a partir da sua observação da prática da luta proletária autônoma. Antes, porém, um aspecto deve aqui ser exposto. Trata-se da acusação de que Pannekoek seria adepto da concepção de que uma determinada forma de organização fosse revolucionária “em si”. Tal argumento foi utilizado com frequência nas lutas de partido na Alemanha, de modo irônico, mas apresentar aqui a resposta de Pannekoek resulta importante para que se possa aferir seu grau de adesão ao “fetiche das formas”.

Vale lembrar o alerta de Authier (1975) para as consequências desse tipo de cristalização ideológica. Reportando-se à esquerda alemã que, como analisado no primeiro capítulo, no processo da revolução alemã de 1918 e em função da hegemonia dos partidos SPD e USPD na maioria dos conselhos então criados, criticou e combateu aqueles conselhos que serviram para a reconstituição do aparelho estatal, mas não explicitou com a clareza necessária o significado profundo do movimento pelo comunismo, afirmou:

[...] ao não sublinhar que as formas de organização do movimento proletário, sendo-lhe essenciais num dado momento de acção, são porém passageiras e podem ser abandonadas em seguida, ao não expressar com precisão o próprio conteúdo do movimento comunista (a destruição do capital e em que consiste tal destruição, e ainda a abolição do proletariado como classe), a esquerda alemã forneceu os materiais de uma nova ideologia – condenada a ser utilizada no movimento proletário e a constituir para ele um entrave ideológico – a ideologia do **conselhismo de autogestão**, a qual se limita a adorar a ideia dos conselhos e não pensa libertar o proletariado da sua condição proletária, impondo-lhe apenas o trabalho de gerir a sua própria miséria, como ‘homens dignos’ e como ‘indivíduos livres’. A reafirmação do conteúdo do comunismo constitui a tarefa do momento actual. O conselhismo e a autogestão tornaram-se hoje a ideologia dos capitalistas conscientes. (AUTHIER, 1975, p. 15).

¹⁷⁸ La organización es el principio fundamental de la lucha de la clase obrera por su emancipación. De allí que, desde el punto de vista del movimiento práctico, el problema más importante sea el de las formas de esta organización. Estas, por supuesto, están determinadas tanto por las condiciones sociales, como por los objetivos de la lucha. Lejos de resultar de los caprichos de la teoría, dichas formas sólo pueden ser creadas por la clase obrera que actúa espontáneamente en función de sus necesidades inmediatas.

Pannekoek enfrentou essa questão em 1920 no texto “Revolução Mundial e Tática Comunista”. Nesse escrito, preocupado em fazer com que a III Internacional se apercebesse do significado das novas formas que surgiam das lutas revolucionárias do proletariado alemão, no contexto do movimento sindical, ele definiu:

[...]com frequência se ironizou sobre a afirmação de que uma dada forma organizativa pode ser revolucionária, quando isto depende somente dos sentimentos revolucionários dos homens, das organizações. Mas se o conteúdo mais importante da revolução consiste no fato de as próprias massas tomarem em suas mãos seus próprios assuntos, a direção da sociedade e da produção, então toda forma de organização que não permite que as massas dominem e governem por si mesmas é contrarrevolucionária e nociva. Consequentemente deve ser substituída por outra forma que é revolucionária por permitir aos trabalhadores decidir ativamente por si mesmos sobre tudo. (PANNEKOEK, 2005, p. 247).¹⁷⁹

Assim formulada, a questão da forma se subordina ao papel que cumpre em relação ao processo de luta pela emancipação que o proletariado desenvolve. Na sequência do texto são feitas algumas complementações que tornam sua concepção mais clara.

Em primeiro lugar, Pannekoek sustentou a incompatibilidade das novas formas de luta com a passividade das massas, o que faz com que, nessa situação, a questão da criação e mesmo o aperfeiçoamento de novas formas de organização sejam relegadas a um plano secundário. Com tal assertiva, Pannekoek descartou que tais formas possam ser criadas; elas surgem no curso do processo revolucionário por obra dos trabalhadores revolucionarizados que se colocam em movimento.

Em segundo lugar, procurou evitar a atitude de muitos que, seja por falta de sensibilidade, seja por oportunismo ou reformismo, seja ainda pela contrarrevolução, procuraram debilitar ou suprimir as novas formas no seu nascedouro. Acrescentou que no capitalismo tais formações novas não podem alcançar grande importância. Mas são importantes por debilitar as associações centralizadas, diminuindo sua

¹⁷⁹ con frecuencia se ha ironizado sobre la afirmación de que una forma organizativa dada puede ser revolucionaria, cuando esto depende solamente de los sentimientos revolucionarios de los hombres, de las organizaciones. Pero si el contenido más importante de la revolución consiste en el hecho de que las masas mismas toman en sus manos sus propios asuntos, la dirección de la sociedad y de la producción, entonces es contrarrevolucionaria y dañina toda forma de organización que no permite a las masas dominar y gobernar por sí mismas; en consecuencia, debe ser reemplazada por otra forma que es revolucionaria en cuanto permite a los trabajadores decidir activamente por sí mismos acerca de todo.

compacidade interna e enfraquecendo o poder contrarrevolucionário das burocracias.

Por fim, mesmo reconhecendo que os sindicatos ainda podem guardar um lugar na ideologia do proletariado por terem sido um produto de sua própria criação num contexto de relações criadas e desenvolvidas autonomamente, o processo da revolução sempre cria formas novas em contínua evolução e transformação. Tanto para adaptar o que já existe às novas relações, quanto para superá-las inteiramente.

Assim, para Pannekoek a forma não é indiferente. Não existe forma alienada de seus conteúdos. E, como não se trata de injetar conteúdos revolucionários nas velhas formas de organização do proletariado, a revolução é também uma questão de forma de organização tanto quanto é de desenvolvimento da consciência de classe – de seus próprios conteúdos.

4.2 FORMAS ALTERNATIVAS A PARTIDOS E SINDICATOS

Viu-se, na seção anterior, que pela ótica de Pannekoek os métodos e as formas de luta do proletariado devem se adaptar à fase em que se encontra o capitalismo, do mesmo modo as táticas empregadas devem superar a “tradição” das fases anteriores, e a necessidade de vencer os capitalistas obriga os proletários como classe a construir formas de organização mais adequadas a esse fim. Viu-se também que tais formas organizativas decorrem das necessidades imediatas da luta. Além disso, constatou-se que o pensamento pannekoekiano não se deixou envolver pelo “fetiche das formas” por considerar que forma e conteúdo não podem estar em contradição.

Nesta seção, a abordagem volta-se para as formas de organização que foram percebidas e teorizadas em substituição a partidos e sindicatos pelo processo de lutas autônomas e revolucionárias do proletariado, superando-as.

Com relação aos sindicatos, Pannekoek não rechaçou a forma *sindicato* por princípio e em qualquer situação, mas reconheceu a sua transformação gradual em organizações antiproletárias. Um primeiro aspecto que se ressalta na formulação de Pannekoek foi sua preocupação em expressar as formas organizativas tanto do momento da transição (ruptura com o reformismo) quanto do momento de afirmação da autonomia proletária (formação do sistema de conselhos).

Baseado na observação militante das lutas nas fábricas, na Alemanha e na Revolução Russa durante a vaga revolucionária de 1917-1921, Pannekoek percebeu que o local de trabalho constitui-se no espaço onde ocorre simultaneamente o antagonismo de classes de modo concentrado e de onde surgem as manifestações espontâneas coletivas. Portanto, deduziu Pannekoek, o antídoto à burocratização das formas organizativas reside na constituição das bases do poder proletário assentadas sobre organizações no local de trabalho. As **organizações de empresa**, por sua natureza dúplice, política e econômica, foram a síntese dialética que apontou no sentido da solução da contradição entre fins e meios.

Meijer (1975) considerou as organizações de fábrica precursoras dos conselhos ¹⁸⁰ no sentido de que, numa primeira fase da luta revolucionária, constituir-se-iam na base dos Conselhos Operários. Esclarece porém que naquele contexto o conceito “organizações de fábricas” assumia significados muito diferentes. Na concepção tradicional, era apenas mais uma organização a ser subordinada a orientações externas a ela própria. Na concepção que surgia da luta, significava uma nova forma de enfrentar o problema da unidade da classe, da tática de luta, da relação entre massas e “chefes”, da ditadura do proletariado, das relações entre Estado e sociedade e do comunismo como sistema econômico e político (MEIJER, 1975, p. 20).

Pannekoek expressou uma concepção de que o processo da revolução proletária se consolidaria na medida da substituição das instituições do Estado pelo sistema de conselhos, por meio de “greves selvagens” auto-organizadas, numa generalização das lutas econômicas, sob a forma de greves de massas. Assim, caberia nesses momentos às organizações de fábrica reunir o conjunto dos proletários em **comitês de luta** não permanentes com a função de acolher quem se dispusesse a lutar independentemente de estar vinculado a partidos ou sindicatos. “O Comunismo de Conselhos considera todos os operários como uma unidade de classe, além das demarcações das organizações. Não concorre com estas organizações... O Comunismo de Conselhos não diz

¹⁸⁰ Na Alemanha, essas organizações formaram-se, durante a Primeira Guerra, a partir dos antigos homens de confiança (*obleute*) das direções sindicais nos locais de trabalho que se mantiveram fiéis às reivindicações dos trabalhadores e passaram a se reunir clandestinamente para promover discussões e coordenação das ações espontâneas dos trabalhadores, no sentido de fornecer certo sincronismo à onda de greves selvagens que invadiu aquele país em 1917. (Cf. MEIJER, 1975, p. 8-10).

aos operários que são membros de partidos e organizações: abandone-os e venham comigo.” (citado por BOURRINET, 2003).¹⁸¹

Ora, se o sistema de conselhos que principia no local de trabalho unifica a classe rompendo com o modelo anterior, o qual estabelece uma forma para a luta política (partido) e outra para a luta econômica (sindicato), aparece na concepção de Pannekoek uma clara distinção entre organização do conjunto da classe e a organização dos revolucionários.

Segundo Bourrinet (2003), os chamados **núcleos de propaganda**, formados com anterioridade à eclosão das lutas massivas e composto por proletários combatentes, encarregados da agitação para as ações de massas vindouras, não se confundem com os **grupos de reflexão** que Pannekoek concebeu em substituição ao partido. Os primeiros eram grupos de operários em luta; os segundos, grupos de comunistas sem função política de direção das greves e manifestações e aos quais caberia apenas a função de apoio às lutas econômicas do proletariado. Adiante se abordarão esses grupos de reflexão/opinião/trabalho.

Ainda sobre as organizações de fábrica na Alemanha pós-I Guerra, dois aspectos não passaram despercebidos por aqueles que, como Pannekoek, preocupavam-se com a transformação da sociedade capitalista: como eram percebidas pelas forças reacionárias e sua evolução para formas unificadas.

No primeiro aspecto, por terem seu surgimento se dado num momento do processo revolucionário (1919), em que a revolução ainda não havia sido vencida e não possuía forças suficientes para vencer, as organizações de fábrica eram a expressão organizativa da luta contra as forças que se opunham à conquista do poder econômico e político pelos proletários e à organização em conselhos. Nem por isso seu potencial anticapitalista deixou de ser notado pelos reacionários, que conseguiram enxergar para além das aparências de fragilidade e dispersão:

Aparentemente, desta forma a classe operária dava um passo atrás no terreno de sua organização. Enquanto anteriormente o poder dos operários estava concentrado em algumas potentes organizações centralizadas, agora se decompunha em centenas de pequenos grupos que reuniam centenas ou milhares de membros de acordo com a importância da fábrica. Na realidade, esta forma era a única que permitia

¹⁸¹ El Comunismo de Consejos considera a todos los obreros como una unidad de clase, más allá de las demarcaciones de las organizaciones. No entra en la competición con estas organizaciones... El Comunismo de Consejos no dice a los obreros que son miembros de partidos y organizaciones: déjalos y ven conmigo.

a instauração de um poder operário direto. Por isso, mesmo relativamente pequenas, estas novas organizações aterrorizavam a burguesia, a social-democracia e os sindicatos. (MEIJER, 1975, p. 16-17).¹⁸²

No segundo aspecto, em função de terem surgido espontânea e separadamente no curso de várias greves selvagens por todo o território alemão, foi inevitável que as organizações de fábrica estivessem isoladas umas das outras num primeiro momento. Essa tendência foi revertida em abril de 1920 quando se realizou, na cidade de Hannover, a primeira conferência de unificação à qual compareceram delegações das principais regiões industrializadas da Alemanha. Criou-se então a *Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands* (União Geral dos Trabalhadores da Alemanha), sigla AAUD. Surgia assim uma nova forma de organização: as **uniões operárias**, que expressavam o núcleo político e econômico dos operários radicais pela transformação das organizações de luta econômica em corpos políticos de poder – os Conselhos Operários.

As organizações de empresa que a integravam gozavam de ampla independência e liberdade para adotar suas táticas nos locais de trabalho. Reunindo oitenta mil trabalhadores no momento de sua fundação, a AAUD teve rápida expansão. Em dezembro de 1920, contava com trezentos mil, apesar da repressão política e policial que a acompanhou por toda sua trajetória. Nessa data a AAUD realizou sua III conferência na cidade de Leipzig, onde aprovou um programa de onze pontos,¹⁸³

¹⁸² Aparentemente, la clase obrera daba de esta forma un paso atrás en el terreno de su organización. Mientras que anteriormente el poder de los operarios estaba concentrado en algunas potentes organizaciones centralizadas, ahora se descomponía en centenas de pequeños grupos que reunían algunos centenares o millares de miembros, según la importancia de la fábrica. En realidad, esta forma era la única que permitía la instauración de un poder obrero directo; Por eso, aunque relativamente pequeñas, estas nuevas organizaciones aterraban a la burguesía, a la social-democracia y a los sindicatos.

¹⁸³ 1) A AAU luta pela união do proletariado como classe; 2) O seu objetivo é a sociedade sem classes, a sua próxima etapa a ditadura do proletariado, ou seja, a vontade do proletariado determinando exclusivamente todas as organizações políticas e econômicas da sociedade, graças à organização dos conselhos; 3) A realização progressiva da ideia dos conselhos – eis o caminho que toma o desenvolvimento da consciência de si da classe proletária. Os ditadores são na realidade os delegados dos conselhos, tendo apenas estes delegados que executar as decisões dos conselhos. Os conselhos podem a todo o momento ser chamados à ordem pela base que lhes concedeu os mandatos. Não há lugar para pretensos “chefes” a não ser como consultores; 4) A AAU rejeita todo e qualquer método de combate reformista e oportunista; 5) A AAU é contra qualquer participação parlamentarista, porque isso significa a sabotagem da ideia dos conselhos; 6) A AAU rejeita também toda a participação nos conselhos de empresa legais, pois considera-os uma colaboração de classe perigosa com o patronato; 7) A AAU é contra o sindicalismo na medida em que este é hostil à ideia dos conselhos; 8) Mas sobretudo a AAU opõe-se radicalmente aos sindicatos, pois estes constituem a principal muralha contra a

definidor do seu caráter, objetivos, métodos e meios. Contudo, a partir desse mesmo dezembro de 1920, divergências políticas insuperáveis sobre dois pontos – a necessidade ou não de um partido externo à própria AAUD e o modo de gerir a vida econômica e social – levaram a uma cisão de grandes proporções: inicialmente, em junho de 1921, sob a forma de uma oposição interna; depois boa parte das organizações fundadoras abandonou a AAUD para formar, em outubro daquele ano, a *Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands Einheitsorganisation* – AAUD-E (União Geral dos Trabalhadores da Alemanha – Organização Unitária).

O fundo das divergências que levaram à cisão da AAUD não havia alcançado o primeiro plano até o momento em que essa união operária não mantinha contatos estreitos com nenhum partido político. Com o surgimento do KAPD, em abril de 1920, essa realidade foi alterada. Contra a vontade de várias organizações que a integrava, uma apertada maioria da AAUD passou a colaborar estreitamente com esse partido que, por sua vez, no panorama da Alemanha de então, foi uma força política e social de peso.¹⁸⁴

Desse modo, no campo revolucionário, dentro de um marco geral convergente – no plano da análise política, da concepção de comunismo, da necessidade de superação das formas de organização tradicionais –, formou-se um quadro de divergências no tocante às formas que deveriam assumir as novas organizações.

De um lado os que concebiam a importância da manutenção de uma dupla organização na qual as organizações de fábrica seriam a base

continuação da revolução proletária na Alemanha. Constituem o principal bastião que se opõe à unificação do proletariado como classe; 9) A organização unitária é o objetivo da AAU. Todos os seus esforços estão orientados a fim de atingirem essa finalidade. Sem reconhecer a justificação da existência dos partidos políticos (porque a evolução histórica conduz à sua dissolução), a AAU não luta contra a organização política do KAPD, cujos objetivos e métodos de combate são afins mas esforça-se por avançar com ele no combate revolucionário; 10) A tarefa da AAU é a revolução na empresa. Ela dá extrema importância à formação política e econômica dos operários; 11) Na fase da conquista do poder político, a própria organização de empresa converte-se num elo da ditadura do proletariado exercida na empresa pelos conselhos de empresa superiores à organização de empresa. A organização de empresa intervém para que o poder político seja sempre exercido exclusivamente pelo executivo dos conselhos. Authier esclarece que, naquele momento, a denominação “conselho” significava um comitê eleito e a denominação “organização de empresa” significava a reunião em assembleia de todo o pessoal de uma dada empresa com o objetivo de realizar ações revolucionárias. (cf. AUTHIER, 1975, p. 133-134).

¹⁸⁴ O voluntarismo da militância do KAPD foi temido na Alemanha por sua prática de ações diretas e violentas, pela crítica que moveu a partidos e sindicatos, pela denúncia da exploração capitalista sob todas as formas e, num período de decadência do movimento operário e marxista, pela qualidade de suas publicações. (cf. MEIJER, 1975, p. 24).

do sistema de conselhos na condição de que houvesse uma hegemonia comunista consciente e, sendo o partido (KAPD) uma organização de comunistas conscientes, cabia a ele a função de atuar como um “fermento” no interior das massas exercendo um papel educativo, de “*catalizador en el plano de las ideas*” (MEIJER, 1975, p. 29). Na prática, os militantes do KAPD deveriam promover o programa e as concepções revolucionárias por meio de sua participação nas organizações de empresa, exercendo um papel dirigente nas lutas de classes para orientar seu desenvolvimento em sentido comunista. No entanto, agrupar e organizar as massas seriam tarefas para a AAUD, apoiada sobre uma rede de organizações de empresa. Seus integrantes não deviam assumir a direção de qualquer luta que não fosse passível de ser orientada para fins comunistas (lutas por reformas ou aumentos salariais nas empresas), sendo solidários na prática com tais lutas, mas procurando impedir a sua assimilação pelo capitalismo. O principal teórico dessa vertente “KAP/AAU” foi Hermann Gorter.

De outro lado os que concebiam que nada poderia substituir a ação direta dos próprios proletários, que se não fossem capazes de superar suas debilidades seriam vencidos e continuariam submetidos a todo tipo de exploração. Em função disso, as organizações de empresa seriam a única base para a organização revolucionária do proletariado, combinando todas as funções e tarefas políticas e econômicas de preparo e sustentação da ditadura do proletariado. Outra diferença de concepção significativa é que a unidade orgânica entre luta econômica e luta política foi vista como condição para o desenvolvimento de uma organização unitária de massas, contrária à ideia da existência de organismos conselhistas separados para o exercício das funções econômicas e políticas. Tal separação foi vista como um resquício da velha concepção social-democrata e bolchevique expressa nas formas *partido* e *sindicato*. O principal teórico dessa vertente “AAU-E” foi Otto Rühle.¹⁸⁵

¹⁸⁵ Na questão do partido o caráter inconciliável das divergências prosseguia. O KAPD mesmo rompendo com o modelo bolchevique adotado após a Revolução Russa de “partido de massas”, manteve-se fiel ao modelo de “partido de quadros” que se constrói por meio da seleção dos proletários mais conscientes. Com militantes profissionais e redatores pagos para dar vida ao aparato burocrático (imprensa, publicações, dentre outros), que forneciam sustentação para as “ações exemplares” como forma de conscientização das massas. O programa de fundação da AAUD-E por sua vez exprimia claramente: “[...] 4 - As tarefas mais urgentes da AAU são: a destruição dos sindicatos e dos partidos políticos, principais obstáculos à unificação da classe proletária e ao desenvolvimento ulterior da revolução social, a qual não será, por certo, um trabalho de partido, tampouco de sindicatos. [...] 6 - A AAU rejeita radicalmente todos os chefes de profissão. Os ditos chefes só poderão ser integrados a título de consultores. 7 - Todas

Pannekoek procurou manter-se afastado das polêmicas internas do campo revolucionário alemão durante o processo. Em parte por ter retornado a residir na Holanda, em parte por começar a se abater sobre ele um período de desorientação, em parte pelas novas exigências decorrentes da retomada de sua carreira de astrônomo. No entanto, nada disso impediu que ele formasse opinião sobre os acontecimentos, tampouco que suas concepções deixassem de exercer influência significativa sobre todo esse campo. Seu alinhamento com a forma “uniões operárias” como base dos conselhos ficou explícito ainda em 1920, no texto “Revolução mundial e tática comunista”, quando afirmou:

[...] Modeladas de maneira ainda mais precisa segundo a ideia dos *soviets*, mas débeis pelo estancamento da revolução, temos na Alemanha as Uniões. Cada formação nova desse gênero, que debilita as associações centralizadas e sua compacidade interna, remove um obstáculo à revolução e debilita o poder contrarrevolucionário da burocracia sindical. (PANNEKOEK, 2005, p. 248).¹⁸⁶

E, como exemplo da influência direta das concepções pannekoekianas sobre esse setor do movimento proletário naquele momento, basta aduzir que parte do texto “Revolução mundial e tática comunista”, no tópico dedicado aos sindicatos, foi literalmente transcrita nas teses (“Linhas de Orientação”) apresentadas à III conferência da AAUD em dezembro de 1920 no tópico de nome “O que é a organização?” (Cf. AUTHIER, 1975, p. 140).

Pode-se afirmar que Pannekoek percebeu que conceber o exercício especializado da função intelectual reproduz a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, de modo que o partido tende na prática a lutar pela hegemonia política e intelectual seja sobre o movimento dos trabalhadores, seja nas organizações onde atua. Porém seria precipitado deduzir do pensamento de Pannekoek um alinhamento linear com uma concepção antipartidária. Na verdade, na fase madura de seu pensamento, ele atenuou, sem abolir, certa diferenciação entre a organização do conjunto da classe e a organização dos comunistas revolucionários. Torna-se necessário analisar como se deu tal processo.

as funções desempenhadas na AAU são de caráter benévolo. [...]”. (AUTHIER, 1975, p. 155-156).

¹⁸⁶ Modeladas de manera aún más precisa según la idea de los *soviets*, pero débiles por el estancamiento de la revolución, en Alemania tenemos las Uniones. Cada formación nueva de este género, que debilita las asociaciones centralizadas y su compacidad interna, quita un obstáculo a la revolución y debilita el poder contrarrevolucionario de la burocracia sindical.

Com relação ao partido, depois de ultrapassadas todas as fases ortodoxas anteriores, o pensamento de Pannekoek após 1927 – data da retomada de suas atividades políticas – e até os derradeiros escritos na década de 1950 apresentou pequena variação em termos de concepção. O que variou foi a interpretação de alguns de seus comentadores, ora fazendo ressaltar a ambiguidade (BOURINET, 2003; GOMBIN, 1972), ora situando sua concepção como negadora de qualquer forma de partido (MALANDRINO, 1987) ou ainda como defensora da forma *partido*, embora profundamente modificada em relação aos partidos tradicionais (BRICIANER, 1975).

Para verificar se houve variação e, caso positivo, em que grau se deu a posição de Pannekoek sobre a forma *partido* numa perspectiva afirmativa e construtiva, torna-se necessário considerar escritos políticos que possam ser representativos do período que vai dos anos 1927 aos anos 1950. Assim, analisar os textos de cada uma dessas décadas parece ser um critério suficiente, em função do distanciamento temporal entre cada um deles, para avaliar a questão da variação da concepção “partidária” de Pannekoek ao mesmo tempo em que permite apresentá-la.

No ano de 1927, ao escrever “Social-Democracia e Comunismo”, com o objetivo de demarcar-se da concepção social-democrata pelos princípios, Pannekoek utilizou a expressão “Partido Comunista” para afirmar um conteúdo bastante distinto dos partidos comunistas bolcheviques. Embora essa expressão tenha sido abandonada posteriormente, naquele momento ele afirmou que

A meta de todo partido político, isto é, de toda organização de políticos profissionais, é conseguir tomar a máquina do Estado nas próprias mãos. Essa meta é estranha ao Partido Comunista. A finalidade desse não é conquistar o poder para si, mas mostrar a meta e o caminho ao proletariado em luta, por meio da difusão dos princípios comunistas, com o fim de estabelecer o sistema de conselhos operários. (PANNEKOEK, 2006e).¹⁸⁷

Na década de 1930, o texto “Partido e Classe Operária”, de 1936, trouxe a formulação dos **grupos de trabalho e círculos de estudo e discussão** auto-organizados como formas adequadas para produzir

¹⁸⁷ La meta de todo partido político, es decir, de toda organización de políticos profesionales, es el lograr tomar en sus propias manos la máquina del Estado; esa meta es extraña al Partido Comunista. La finalidad de éste no es conquistar el poder para sí, sino el mostrar la meta y el camino al proletariado en lucha, mediante la difusión de los principios comunistas, a fin de establecer el sistema de consejos obreros.

esclarecimentos aos trabalhadores. Além disso, trouxe explicitamente como Pannekoek define os partidos:

[...] enquanto um partido é um agrupamento constituído sobre uma base de ideias, uma classe é um agrupamento assente em interesses comuns. A pertença a uma classe é determinada pela função no processo de produção, função que tem como consequência interesses definidos. A filiação num partido está ligada à reunião de pessoas com opiniões idênticas relativamente às grandes questões sociais. (PANNEKOEK, 1976, p. 75-76).

Demonstrando uma visão favorável ao confronto de ideias – visto como o resultado das diversificadas formas de pensar e de sentir o processo de luta e transformação social e, por tal motivo, fonte de diferenças e desacordos sobre o fazer prático – Pannekoek não se preocupou em definir com precisão sua concepção de partido:

[...] é claro que, quando pessoas animadas das mesmas concepções se reúnem para debater as suas perspectivas de acção, para chegar a uma clarificação através da discussão, para fazer propaganda em favor de suas ideias, podemos, se quisermos, dar a esses grupos o nome de partidos. Pouco importa o nome desde que tais partidos se proponham desempenhar um papel completamente diferente daquele que os partidos actuais procuram desempenhar. [...] E a importância desses partidos ou grupos de opinião reside no facto de contribuírem para fazer nascer esta clarividência através dos seus confrontos, das suas discussões, da sua propaganda. Constituem órgãos de auto-esclarecimento da classe operária, para que, pelo seu próprio esforço, os trabalhadores encontrem o caminho da liberdade. Eis por que os partidos, *neste sentido*, (e identicamente as suas concepções), não podem constituir-se em estruturas estáticas e imutáveis. (PANNEKOEK, 1976, p. 77-78).

Pannekoek acentuou a necessidade de os trabalhadores desenvolverem sua autonomia de pensamento por meio de uma ilimitada liberdade de desenvolvimento intelectual como condição para serem capazes de vencer a luta contra o capital e edificar o poder proletário. Poder que, para ele, exigia apropriação dos meios de produção e auto-organização autônoma.

Um aspecto importante de distinção a ser acrescido entre os grupos de reflexão pannekoekianos e os partidos tradicionais da II e III Internacionais é que, como lembrou Bourrinet (2003),¹⁸⁸ nos primeiros desapareceu a figura do “grande homem” com peso decisivo sobre o conjunto da organização, tornando-a mais impessoal e coletiva. O líder

¹⁸⁸ Embora esse autor afirme que, originalmente, a percepção desse fato deveu-se a Gorter, na sua polémica com Lênin em 1920, essa ideia foi incorporada por toda a esquerda comunista internacional após a II Guerra Mundial.

incontestemente é que determina os rumos práticos e teóricos da organização e torna-se assim objeto de culto pessoal, e suas ideias e ações, objeto de dogmas e ideologias.

A existência de “grandes homens” no movimento e a personalização desse último em Leninismo, Trotskismo, Luxemburgismo, Bordiguismo era um sinal de debilidade e não de força. Característica dos países economicamente subdesenvolvidos – nos quais a consciência e a maturidade do proletariado permanecem em estado embrionário, daí a necessidade de “chefes carismáticos” para equilibrar esta debilidade. Nos grandes países capitalistas, as tradições históricas de luta contribuem para uma consciência de classe muito mais elaborada e estruturada. A importância dos “chefes” é inversamente proporcional à consciência real das massas operárias. (BOURINET, 2003).¹⁸⁹

Durante a década de 1940, dois textos atestam o retorno à temática do partido com a mesma concepção de fundo.

Em “Os Conselhos Operários”, de 1946, Pannekoek escreveu que os momentos revolucionários na história foram momentos de grande efervescência “espiritual”. Nesses períodos, uma produção intensa de textos políticos propiciou a elevação do nível de autoeducação das massas as quais, ao romperem as barreiras da submissão, despertam para sua autonomia de ação e pensamento dando origem a uma profusão de ideias e opiniões alternativas, e possibilidades. Em seu entendimento, nesses contextos de florescimento da subjetividade, os princípios diretores das novas tarefas que as massas terão diante de si apenas poderão se fixar por meio do confronto de ideias.

Viabilizar esse processo de confrontação de posições e concepções é o modo como Pannekoek concebe a formação de distintos “partidos”, formas organizativas para dar vazão aos avanços do proletariado no sentido do “progresso”:

Aqueles com ideias semelhantes formarão grupos para discutir-las entre si e divulgá-las com o objetivo de esclarecer seus camaradas. Tais grupos de opinião comum podem ser chamados de *partidos*, mesmo que seu caráter seja completamente diferente desses partidos políticos que o velho mundo conheceu. [...] A nova função dos partidos se limitará à luta espiritual. A classe operária não necessita deles para suas atividades

¹⁸⁹ La existencia de “grandes hombres” en el movimiento y la personalización de este último (Leninismo, Trotskismo, Luxemburgismo, Bordiguismo) era de hecho una señal de debilidad y no de fuerza. Caracterizaba a los países económicamente subdesarrollados –donde la conciencia y la madurez del proletariado permanecen en un estado embrionario, de lo cual la necesidad de “jefes carismáticos” para equilibrar esta debilidad. En los grandes países capitalistas, las tradiciones históricas de lucha aportan una conciencia de clase mucho más elaborada y estructurada. La importancia de los “jefes” es inversamente proporcional a la conciencia real de las masas obreras.

práticas, pois terá criado novos órgãos para a ação: os conselhos. [...] A unidade de objetivo somente poderá ser alcançada por meio da discussão de opiniões divergentes. A função importante dos partidos será a de organizar as opiniões, dar forma concisa às novas ideias e esclarecê-las, por meio de intercâmbios e discussões para que os argumentos sejam expressos de modo compreensível e, pela via da propaganda, levá-las ao conhecimento de todos. Apenas assim os trabalhadores em suas assembleias e conselhos poderão julgar a verdade destas ideias e argumentos, seus méritos, sua aplicabilidade em cada situação e tomar suas decisões com pleno conhecimento de causa. Assim, as forças espirituais criadas pelas novas ideias que brotarão como ervas selvagens em todas as mentes serão organizadas e configuradas de modo a se transformarem em instrumentos utilizáveis pela classe. Esta é a grande tarefa da luta entre partidos ao longo do combate dos trabalhadores pela sua libertação [...] (PANNEKOEK, 1977, p. 143).¹⁹⁰

Pannekoek voltou a afirmar sua oposição à concepção de “partido de massas” por considerar impossível que um partido possa ser o representante do proletariado em função da impossibilidade de incorporar o conjunto da classe; os partidos de massas existentes, como a social-democracia, apenas conseguem sê-lo incorporando elementos de outras classes.¹⁹¹ Desse modo, expressou sua visão contrária ao monolitismo político sem se afastar de um ponto de vista classista.

Ainda na sua obra principal, Pannekoek não deixou de proceder à diferenciação metodológica entre uma concepção monolítica e uma concepção pluralista:

Existem grupos e partidos que têm a pretensão de possuir o monopólio da verdade e tentam ganhar os operários pela propaganda. Empregando

¹⁹⁰ Quienes tengan las mismas ideas formarán grupos para discutir las entre ellos y propagarlas, para iluminar a sus camaradas. Tales grupos de las mismas opiniones pueden ser denominados *partidos* aunque su carácter sea por completo diferente de estos partidos políticos que ha conocido el mundo viejo. [...] La nueva función de los partidos estará ya limitada a la lucha espiritual. La clase obrera no los necesita para sus acciones prácticas; habrá creado sus nuevos órganos para la acción, los consejos. [...] La unidad de objetivo no podrá lograrse más que por la discusión de opiniones divergentes. La función de los partidos, y es una importante, será la de hacer tomar forma la opinión, organizarla, mediante intercambios y discusiones, para hacer que las ideas nacientes tomen formas concisas, se clarifiquen, para que los argumentos sean expresados de modo comprensible y, mediante la propaganda, lograr que todo mundo los conozca. Sólo así los trabajadores podrán juzgar la verdad de estas ideas y argumentos, sus méritos y su aplicación en cada caso en sus asambleas e consejos; podrán entonces tomar sus decisiones con todo conocimiento de causa. Así, las fuerzas espirituales creadas por las nuevas ideas que germinarán como hierbas salvajes en todas las mentes, serán organizadas, adquirirán forma, serán transformadas en instrumentos utilizables por la clase. He ahí la gran misión que debe cumplir la lucha entre partidos en el curso del combate de los trabajadores por su liberación [...]

¹⁹¹ Cf. PANNEKOEK, 1977, p. 219.

pressões morais e, onde podem, pressões materiais, tentam impor às massas suas teorias, eliminar todas as outras formas de pensar, provocar nelas reações passionais batizando com nomes odiados esses outros modos de pensamento (por exemplo: reacionário, anarquista, capitalista, burguês, fascista, etc.). Está claro que esse doutrinamento unilateral por uma única corrente apenas pode, e na verdade é o que procura, produzir discípulos domesticados e preparar desse modo uma nova escravidão. A auto-libertação das massas trabalhadoras exige que exista nelas: pensamento autônomo, conhecimento adquirido por si mesmo, aprendizagem pessoal do método para distinguir o bom e o certo. Fazer o cérebro trabalhar é mais difícil do que fazer os músculos trabalharem. Mas é preciso conseguir, pois é o cérebro que domina os músculos e se ele não faz, serão os cérebros de outros que os dominarão. (PANNEKOEK, 1977, p. 235).¹⁹²

Na sequência do texto, para a afirmação de seu método, Pannekoek adentra os argumentos dos adeptos da metodologia dos partidos tradicionais para melhor refutá-los. Enfatizando sempre a centralidade da consciência como ponto de partida e valendo-se de seu estilo peculiar, escreveu:

Dir-se-á, no entanto, que é necessário proteger os operários das mentiras, venenos e tentações de uma propaganda inimiga, ou mesmo que se deve evitar serem expostos ao contágio. Como se fosse possível aumentar as suas forças e encontrar a capacidade de vencer por meio da tutela espiritual e de uma zelosa proteção contra más influências. É justamente o contrário! O conhecimento de outras opiniões – inclusive a dos inimigos e por suas fontes diretas – desempenha um papel esclarecedor, porque estimula o cérebro e o obriga a desenvolver sua força de pensamento. Mas ocorre também que o inimigo se apresenta como amigo, que as diversas correntes se acusam mutuamente de ser um perigo para a classe operária. Quem teria que separar o verdadeiro do falso? Sem dúvida os próprios operários: eles devem descobrir o seu caminho dentre todos os caminhos possíveis. Poderia ocorrer que os operários de hoje, com absoluta consciência e honestidade, condenassem

¹⁹² Existen grupos y partidos que pretenden poseer el monopolio de la verdad e intentan ganarse a los obreros mediante la propaganda. Empleando presiones morales y, donde tienen posibilidad, presiones materiales, intentan imponer a las masas sus teorías, eliminar todas las demás formas de pensar, provocar en ellas reacciones pasionales bautizando con nombres odiados esos otros modos de pensamiento (como por ejemplo: reaccionario, anarquista, capitalista, burgués, fascista, etc.). Está claro que este adoctrinamiento unilateral mediante una corriente única no puede y en realidad no busca más que producir discípulos aborregados y preparar de este modo una nueva esclavitud. La autoliberación de las masas trabajadores exige que exista en ella: pensamiento autónomo, conocimiento adquirido por sí mismo, aprendizaje personal del método para distinguir lo bueno y lo cierto. Hacer trabajar su cerebro es más difícil que hacer trabajar sus músculos. Pero hay que lograrlo, pues es el cerebro quien domina a los músculos: y si no se hace, serán los cerebros de otros quienes les dominarán.

certas opiniões, por considerá-las negativas, mas que amanhã fossem a base de um progresso. Isto não impede que somente abrindo portas e janelas para que entrem todas as ideias existentes no mundo, exercitando o cérebro para compará-las e escolhendo dentre elas por si mesmos, sejam assentadas as bases que permitirão à classe operária obter a superioridade espiritual que necessita para vencer o capitalismo. (PANNEKOEK, 1977, p. 236).¹⁹³

Por sua vez o texto de 1947 “Cinco teses Marxistas” retomou de modo análogo, método característico de Pannekoek, a fórmula de uma organização partidária que se dedica ao desenvolvimento da subjetividade. Se a conquista e o exercício do poder pelo partido em nome da classe estavam descartados de longa data no pensamento pannekoekiano – a organização para tanto (conselhos operários) tinha de ser incompatível com a passividade e delegação a uma vanguarda das tarefas revolucionárias – restou aos partidos uma segunda função de

[...] ampliar a visão e o conhecimento, estudar, discutir e formular as ideias sociais, e, por meio da propaganda, iluminar as mentes das massas. Os conselhos operários são os órgãos para a ação prática e a luta da classe operária. Sobre os partidos recai a tarefa de revigorar seu poder espiritual. Sua ação é parte indispensável na auto-libertação da classe operária. (PANNEKOEK, 2006p).¹⁹⁴

Durante a década de 1950 mais uma vez Pannekoek volta ao tema, dessa vez em debate com o coletivo S. ou B. de Castoriadis por meio de troca de correspondências. Nas cartas que escreveram, S. ou B./Castoriadis defenderam a concepção segundo a qual o partido poderia

¹⁹³ Se dirá, sin embargo, que es necesario proteger a los obreros contra las falsedades, los venenos y las tentaciones de una propaganda enemiga, o incluso que deben evitar exponerse al contagio. Como si mediante una celosa protección contra las malas influencias y una tutela espiritual, se pudiese aumentar sus fuerzas y hallar de este modo la capacidad de vencer. ¡Es precisamente todo lo contrario! El conocimiento de otras opiniones, incluida la de sus enemigos, y a partir de fuentes directas, desempeña un papel clarificador, porque estimula el cerebro y le obliga a desarrollar su fuerza de pensamiento. Pero si sucede también que el enemigo se presenta como un amigo, que las diversas corrientes se acusan mutuamente de ser los peligros para la clase obrera, ¿quién tendría que separar lo verdadero de lo falso? Sin ninguna duda los obreros mismos: deben descubrir cual es su vía entre todos los caminos posibles. Podría suceder que los obreros de hoy, con absoluta conciencia y honestidad, condenasen ciertas opiniones, por considerarlas negativas, que el día de mañana fuesen la base de un progreso. Pero no impide que sólo abriendo puertas y ventanas para dejar entrar todas las ideas existentes en el mundo, ejercitando a su cerebro para compararlas unas con otras y eligiendo entre ellas, por sí mismos, sean colocadas las bases que permitirán a la clase obrera obtener esta superioridad espiritual que necesita para vencer al capitalismo.

¹⁹⁴ extender la visión y el conocimiento, estudiar, discutir y formular las ideas sociales, y, mediante su propaganda, iluminar las mentes de las masas. Los consejos obreros son los órganos para la acción práctica y la lucha de la clase obrera; en los partidos recae la tarea de vigorizar su poder espiritual. Su obrar forma una parte indispensable en la autoliberación de la clase obrera.

ser um âmbito de tomada de decisões práticas acerca do processo revolucionário, fora portanto dos conselhos, além de questionar a centralidade do papel de esclarecimento (teórico) que restou ao partido para solidificar uma consciência adquirida pelo proletariado com base na experiência, no estudo e nas discussões. Além disso, previu que a luta de classes assumiria a forma de uma luta de tendências no interior do próprio proletariado, e que o partido da vanguarda revolucionária teria de evitar, pela violência se necessário, que o PC stalinista conquistasse o poder pela força.

Em resposta, Pannekoek afirmou a impossibilidade de combater os partidos reformistas e bolcheviques com métodos idênticos aos deles – o que seria apenas substituir uma opressão por outra –, e tal tarefa apenas seria possível valendo-se dos métodos próprios de uma classe em luta:

A força dos argumentos, baseada no princípio fundamental da autonomia das decisões! Os operários só podem prevenir uma opressão proveniente do partido comunista por meio do desenvolvimento e fortalecimento de seu próprio poder de classe; isto é, por meio de sua unânime vontade de tomar sob seu controle e dirigir os meios de produção. A principal condição para a conquista da liberdade para a classe operária é que a concepção do autogoverno e autogestão do aparelho de produção esteja arraigada na consciência das massas. [...] A tarefa mais nobre e útil de um partido revolucionário radica em enriquecer, por meio de sua propaganda em milhares de pequenos jornais, panfletos, etc., o conhecimento das massas no processo de uma consciência sempre mais clara e mais vasta. (CASTORIADIS; PANNEKOEK, 2006).¹⁹⁵

De todo esse percurso pelos textos pannekoekianos enfatizando sua elaboração teórica sobre uma forma de organização que estivesse condizente com as novas exigências da luta proletária – novas no sentido de seu surgimento posterior às formas clássicas bolcheviques, social-democratas e liberais –, torna-se perceptível que no pensamento de Pannekoek a forma “partido” não se extingue, se se entende por esta uma organização com determinadas características.

¹⁹⁵ *¡la fuerza de los argumentos, basada en el principio fundamental de la autonomía de las decisiones!* Los obreros sólo pueden prevenir una opresión proveniente del partido comunista mediante el desarrollo y el fortalecimiento de su propio poder de clase; es decir, mediante su unánime voluntad de tomar bajo su control y dirigir los medios de producción. La principal condición para la conquista de la libertad para la clase obrera es que la concepción del autogobierno y autogestión del aparato de producción esté arraigada en la conciencia de las masas. [...] La más noble y útil tarea de un partido revolucionario radica en enriquecer, mediante su propaganda en miles de pequeños diarios, folletos, etc., el conocimiento de las masas en el proceso de una conciencia siempre más clara y más vasta.

O que foi interpretado por alguns comentadores como ambiguidade trata-se na verdade de um pensamento que procura não se desvincular do concreto – apesar do alto nível de abstração – e por tal motivo evolui com os acontecimentos sem se deixar, em função dessa constante evolução/mutação, transformar-se num pensamento incoerente.

Em síntese, na teoria da organização de Pannekoek há lugar para uma forma política específica, não monolítica nem exclusiva, sem perder a marca de classe proletária indelével e que não se confunde com a forma *conselhos* por suas atribuições distintas. Tal organização não é de massas nem substitui essas no seu agir; estrutura-se de modo flexível e não permanente, ao mesmo tempo separada e diluída do/no proletariado, e cuja denominação não foi devidamente fixada em função do desaparecimento das condições que permitiriam o seu amadurecimento.

4.3 FORMA CONSELHOS

A forma *conselhos* foi algo vivenciado reiteradas vezes pelos trabalhadores nos processos revolucionários sempre que suas lutas atingiram certo grau de autonomia. Após a experiência da Comuna de Paris, em 1871, sucederam-se diversas experiências práticas, dentre as quais se destacaram: Rússia, em 1905 e 1917; Alemanha, Hungria e Itália, em 1918-20; China, em 1966-67; França e Itália, em 1968; Portugal, em 1974-75; Polônia, em 1980-81; e uma experiência ainda por estudar, México (Oaxaca), em 2006. Essas formas institucionais constituíram exemplos concretos de poder autônomo dos trabalhadores em luta que aspiraram tanto à conquista do poder quanto à direção da atividade produtiva após – e na hipótese – a conquista. Trata-se, nas palavras de Gombin (1972, p. 106), de uma forma que “propõe um *conteúdo* para o socialismo (a vida econômica, social e política gerida pela organização de conselhos) [...] propõe um modelo de organização revolucionária do proletariado.”

Em todas as experiências em que surgiram, os conselhos apresentaram um núcleo constante de características: participação direta dos trabalhadores em assembleias onde decidem eles próprios os rumos e as táticas a serem empregadas; não remuneração para cargos delegados – cujos mandatos podem ser revogados a qualquer tempo; além da constante rotatividade das funções. Nessas ocasiões, as relações

hierárquicas típicas das estruturas políticas e econômicas capitalistas eram reconvertidas em relações horizontais de solidariedade.

A importância decisiva da forma *conselhos* pôde ser captada por diferentes teóricos no momento de seu surgimento, muitas vezes em função da participação direta na luta. Não foi possível, porém, nesse trabalho, proceder a comparações entre os pontos de vista desses teóricos e os de Pannekoek, nessa temática, pela necessidade de proceder a contextualizações históricas que exigiriam um dimensionamento além dos objetivos de apresentação da teoria pannekoekiana sobre organização política.

Contudo, observou-se que, da sistematização de duas das experiências mencionadas, feitas por dois partícipes diretos, aparecem pontos de convergência teórica espontânea – espontânea pela ausência de contatos diretos entre Pannekoek e esses teóricos – com as formulações pannekoekianas nesse particular: Antonio Gramsci, em relação à Itália de 1919-20 e Georg Lukács, em relação à Hungria de 1919.

Para apresentar a teorização desses autores sobre as experiências conselhistas de seus países no sentido de afirmar que a forma *conselhos* esteve longe de ser um fenômeno circunscrito ao âmbito de observação de Pannekoek, torna-se necessário reconstituir prévia e sucintamente o contexto histórico em cada um dos dois países no momento em que tal experiência ocorreu.

No caso de Gramsci, situado em Turim – uma das principais cidades italianas localizada no industrializado norte do país –, no momento em que o final da I Guerra Mundial trouxe para a Itália consequências catastróficas (desabastecimento alimentar, altos índices de inflação e desemprego, retração da produção industrial, dentre outros) que produziram um clima de revolta que por sua vez forneceu a base subjetiva para uma elevação do nível de atividade das massas por meio da eclosão de intensas lutas operárias que resultaram em greves, motins e saques.

De junho de 1919 a abril de 1920, a elevação da atividade das massas produziu o desbordamento das organizações sindicais tradicionais na prática com a transformação das Comissões Internas (CI) existentes nos locais de trabalho fabris em Conselhos de Fábrica (CF). Segundo Gennari (1999, p. 39), a Federação Italiana dos Operários Metalúrgicos (FIOM), integrante da central sindical Confederação Geral dos Trabalhadores (CGL), havia conseguido, em abril de 1919, o reconhecimento patronal para as CI, mas apenas para os trabalhadores metalúrgicos sindicalizados. Ao colocar-se em movimento

As massas operárias iam transformando as velhas CI, acusadas de colaboração de classes e ligadas à burocracia sindical, em CF que reuniam os Comissários de Seção eleitos pelo conjunto dos operários. Os CF deveriam reunir-se em Conselhos de Bairro e estes com os Conselhos Camponeses formando os Conselhos Regionais. Desses nasceria um Conselho Nacional que deveria ser o novo órgão de democracia do povo. (GENNARI, 1999, p. 39).

Diante do fato consumado da rápida expansão dos CF e na tentativa de se manter na direção do processo, a FIOM realizou em dezembro de 1919 um congresso extraordinário e aprovou a eleição dos CF pela totalidade dos trabalhadores.

Embora tentando explicitamente efetuar uma composição entre os dois tipos de instituição, o jovem Gramsci caracterizou os sindicatos de modo análogo ao realizado por Pannekoek: enfatizou seu papel antagônico ao desenvolvimento de uma subjetividade revolucionarizada. No *L'Ordine Nuovo*, de 8 de novembro de 1919, combatendo tanto os sindicalistas revolucionários quanto os sindicalistas reformistas, Gramsci escreveu:

Os sindicatos demonstraram sua orgânica incapacidade de encarnar a ditadura proletária. O desenvolvimento normal do sindicato é marcado por uma linha de decadência do espírito revolucionário das massas: aumenta a força material, esmorece ou desaparece inteiramente o espírito de conquista, debilita-se o impulso vital. A intransigência heróica é sucedida pela prática do oportunismo, pela prática do “feijão com arroz”. O aumento quantitativo determina um empobrecimento qualitativo e uma fácil acomodação às formas sociais capitalistas; determina o surgimento de uma psicologia operária mesquinha, estreita, própria da pequena e média burguesia. E, não obstante, a tarefa elementar do sindicato é a de recrutar “toda” a massa, de absorver em seus quadros todos os trabalhadores da indústria e da agricultura. Portanto, o meio não é adequado ao fim; e, dado que o meio é apenas um momento do fim que se realiza, que se faz, deve-se concluir que o sindicalismo não é meio para a revolução, não é um momento da revolução proletária, não é a revolução que se realiza, que se faz. O sindicalismo só é revolucionário pela possibilidade gramatical de juntar as duas palavras. (GRAMSCI, 2004, p. 299).

Em março de 1920, a cidade de Turim é tomada por uma greve geral sob o comando dos CF que coordenavam as ocupações. Contudo,

Apesar do reconhecimento formal, a oposição aos CF expressava-se na ausência de apoio à sua generalização no território nacional, limitando sua implantação à cidade de Turim. Não concordando com as tentativas revolucionárias de suas bases, a direção reformista da CGL chegava a condenar abertamente os enfrentamentos que ocorriam. Essa reação inusitada acabava encorajando os capitalistas a não ter mais freios na sua

luta contra o proletariado turinês e contra os CF. [...] Os CF, de fato, colocavam-se na perspectiva de fazer do local de trabalho o núcleo central de uma estrutura operária, fugindo à tutela sindical. A burocracia, porém, falava mais alto que o projeto revolucionário da classe. [...] Em 23 de abril, o movimento de ocupação começava a refluir. (GENNARI, 1999, p. 40-41).

Escrevendo no calor desses acontecimentos, Gramsci demonstrou que a prática contrarrevolucionária dos sindicalistas era extensiva e compartilhada pelos dirigentes do Partido Socialista Italiano (PSI), os quais decidiram transferir para a cidade de Milão a reunião do Conselho Nacional do Partido:

Nesta ocasião se manifestou toda a impotência dos homens chamados a dirigir o partido; enquanto a massa operária defendia corajosamente em Turim os conselhos de fábrica – a primeira organização baseada na democracia operária, capaz de encarnar o poder proletário – em Milão se tagarelava sobre projetos e métodos teóricos para a formação dos conselhos como forma do poder político a ser conquistado pelo proletariado. Discutia-se sobre o modo de organizar as conquistas não ocorridas e se abandonava o proletariado turinense a seu destino, deixando-se assim à burguesia a possibilidade de destruir o poder operário já conquistado. (GRAMSCI, 2004, p. 396).

Na visão das burocracias partidária e sindical, os CF deveriam ser “sindicalizados”, isto é, restritos aos trabalhadores sindicalizados, subordinados e dependentes das instâncias hierarquicamente superiores do movimento. Com esse conteúdo, e sem democracia direta, os CF poderiam “controlar o controle operário da produção”.

Em sentido inverso, Gramsci sustentou que os conselhos não podem ser subordinados aos sindicatos, pois, enquanto os sindicatos possuem níveis de participação restritos aos filiados, o conselho “adere à consciência da massa operária, é a própria consciência da massa operária que quer se emancipar de modo autônomo, que quer afirmar sua liberdade de iniciativa na criação da história: toda a massa participa da vida do conselho e sente que, graças a essa atividade, passa a ter um peso.” (id., *ibid.*, p. 370).

A experiência da greve geral de abril de 1920, também chamada de movimento turinense dos conselhos de fábrica, foi marcante na produção do jovem Gramsci. Mesmo que posteriormente o amadurecimento de seu pensamento, especialmente perceptível em seus escritos na prisão, tivesse produzido uma variante original do bolchevismo – distanciando o Gramsci maduro das concepções pannekoekianas – importa aqui destacar que pelo menos dois aspectos organizativos de sua fase de redator do *L'Ordine Nuovo* foram

percebidos de modo similar à concepção de Pannekoek: a percepção de que a forma *conselhos* é a mais indicada como forma institucional para realizar o poder do proletariado, e a percepção de que a forma *sindicato* é reacionária em conjunturas de revolução.

No caso de Lukács, o contexto histórico que fundamentou sua formulação sobre a forma *conselhos* parte da derrota da monarquia austro-húngara na I Guerra Mundial, que provocou, para além das consequências assemelhadas às já mencionadas quando da análise das outras nações no pós-guerra (Alemanha e Itália), o esfacelamento do Estado binacional com a separação entre austríacos e húngaros. Se excetuarmos a Rússia, a Hungria natal de Lukács foi o berço da experiência conselheira de maior duração durante o período revolucionário europeu de 1917-21.¹⁹⁶

Durante os meses de março a julho de 1919, o proletariado húngaro instaurou a República Soviética da Hungria, no culminar de um processo de constituição de conselhos de operários e soldados, iniciado em dezembro de 1917, com o retorno de 500.000 prisioneiros de guerra da Rússia. Esses prisioneiros tiveram sua subjetividade sensibilizada pela propaganda comunista de figuras como o jornalista bolchevique Bela Kun e de periódicos como o *Szocialis Ferradom* (Revolução Social), editado por Tibor Szamuely.

Em novembro de 1918, a monarquia magiar foi derrubada com proclamação da república em meio a fortes tensões sociais provocadas pela ligação do contingente de prisioneiros de guerra retornado com um campesinato exaurido pela confrontação. O governo republicano formado, com participação de dois ministros do Partido Social-Democrata Húngaro, adota uma política de repressão ao movimento e os social-democratas – que detinham a hegemonia nos conselhos formados – orientam-se para uma política de “pausa” nos conflitos de classe.

Por outro lado, o Partido Comunista Húngaro era fundado em 24 de novembro, fruto da união de diversas facções que divergiam pela esquerda do PSD húngaro (bolcheviques, sindicalistas, social-democratas de esquerda, socialistas revolucionários, o grupo “engenheiros socialistas”). O jornal do PC húngaro denominou-se *Vörös Ujsag* (As notícias Vermelhas).

A República Soviética da Hungria – como regime político – viabilizou-se quando o PSD tornou-se majoritário no governo e, diante das exigências territoriais dos vencedores da guerra sob a forma de

¹⁹⁶ As informações históricas referentes à Hungria foram retiradas de “Revolução e Reacção na Hungria”. (cf. DROZ, 1983, p. 290-300)

ultimato militar, rompeu a orientação pró-ocidental do governo anterior e voltou-se para a Rússia Soviética, conseqüentemente aproximando-se do PC húngaro. Após a legitimação do novo regime, por meio de eleições gerais realizadas em abril de 1919, tal aproximação produziu uma fusão dos aparelhos partidários do PC e do PSD, dando origem ao “Partido Socialista-Comunista dos Trabalhadores Húngaros”.

No espaço de cento e trinta e três dias em que existiu, o novo regime aplicou parcialmente seu programa de governo. Promoveu nacionalizações de bancos e indústrias, aprovou uma legislação social (jornada de trabalho de oito horas e igualdade salarial entre homens e mulheres, dentre outras) e iniciou medidas no plano educacional (voltadas para a erradicação do analfabetismo) e cultural. Porém, a ausência de política agrária, o desinteresse pelas reivindicações das minorias nacionais, preservando o nacionalismo magiar, somados a erros de natureza político-militar, antagonismos internos, e à ausência do reforço das tropas russas para defender uma Hungria cercada por forças hostis, fizeram com que a base social de massas do regime se esboroasse provocando a sua queda em agosto de 1919.

Lukács, que ocupou por certo período o cargo de Comissário da Cultura da Hungria Soviética, foi forçado a se exilar em Viena. Durante e após a queda do regime soviético húngaro, escreveu alguns ensaios. Para os objetivos desse trabalho importa destacar a sua apreciação da forma *conselhos*.¹⁹⁷ Essa apreciação aparece primeiramente no ensaio de março de 1920, escrito no exílio de Viena, intitulado “Consciência de Classe”. Nele, Lukács colocou-se a tarefa de responder o significado teórico e a função prática da consciência de classe na própria luta de classes e a responder se

a questão da consciência da classe é uma questão sociológica ‘geral’ ou tem para o proletariado um significado inteiramente diferente daquele que teve para todas as outras classes surgidas até então na história? E,

¹⁹⁷ Escapa aos objetivos deste trabalho analisar histórica, política e sociologicamente a Hungria Soviética. Em função disso, não se pode nestas páginas verificar se a opinião do próprio Lukács sobre aquela experiência e sobre si mesmo pode ser partilhada ou criticada. No prefácio escrito em 1967 para “História e Consciência de Classe”, ele afirmou: “Sobre os poucos ensaios do período da República Soviética húngara e dos seus preparativos não há muito o que dizer. Estávamos todos muito pouco preparados intelectualmente – inclusive eu, talvez menos ainda do que todos – para dar conta das grandes tarefas que se impunham; procurávamos substituir com entusiasmo o conhecimento e a experiência. [...] Hoje, quase meio século depois, fico surpreso ao constatar que conseguimos criar nesse domínio coisas relativamente duradouras. (Para ficar no campo da teoria, gostaria de ressaltar que os dois ensaios “O que é marxismo ortodoxo?” e “A mudança de função do materialismo histórico” ganharam sua primeira versão já nesse período. Embora tenham sido reelaborados para *História e consciência de classe*, manteve sua orientação fundamental.)” (cf. LUKÁCS, 2003, p. 6-7).

por fim: a essência e a função da consciência de classe formam uma unidade ou comportam diferentes gradações e camadas? Se for assim, qual o seu significado prático na luta de classes do proletariado? (LUKÁCS, 2003, p. 133-134).

A concepção do jovem Lukács, ao colocar o problema da consciência de classe de modo eminentemente prático e na perspectiva da luta de classes, aproximou-se da concepção pannekoekiana. Isso se tornou perceptível pelo uso de conceitos tais como “instinto de classe”, “fatores de poder”, em sentido bastante similar aos usos desses termos por Pannekoek, como atestam as seguintes passagens:

[...] a combatividade de uma classe é tanto maior quanto melhor for a consciência que ela puder ter na crença de sua própria vocação, quanto mais indomado for o instinto com que é capaz de penetrar todos os fenômenos conforme seu interesse. [...] para o proletariado, e *somente* para o proletariado, uma noção correta *da essência da sociedade* é um fator de poder de primeiríssima ordem, talvez até a arma decisiva. (id., *ibid.*, p. 168, 171).

Evidentemente, tal como as formulações de Pannekoek embora de outra natureza, a formulação lukacsiana estava acompanhada das insuficiências típicas da época – por exemplo, crença na crise final do sistema capitalista, proximidade do comunismo –, mas a concepção de que teoria e práxis formam uma unidade é o ponto de convergência entre ambos que permite a aproximação das formulações.

Baseado em Marx, o jovem Lukács atribuiu à separação entre luta econômica e luta política um “desvio” da consciência de classe (p. 175) em função da contradição entre o interesse imediato e o objetivo final, pela necessidade que tem o proletariado de promover a transformação consciente da sociedade. Para o jovem Lukács, a vitória do proletariado na luta de classes depende da superação dessa cisão na prática e, se “nas épocas ditas normais” (p. 182) predomina a prática oportunista dos sindicalistas, em conjunturas de crise tal realidade se altera. Aqui se insere, na concepção de juventude do pensador húngaro, o lugar da forma *conselhos*.

O simples fato de cada revolução proletária ter produzido – de maneira cada vez mais intensa e consciente – o órgão de luta de todo o proletariado, que evolui em órgão estatal, o conselho operário, é um sinal, por exemplo, de que a consciência de classe do proletariado está prestes a superar vitoriosamente o caráter burguês de sua camada dirigente. O conselho operário revolucionário, que nunca deve ser confundido com sua caricatura oportunista, é uma das formas pelas quais a consciência da classe proletária lutou incessantemente desde seu nascimento. [...] o conselho operário é a superação econômica e política da reificação capitalista. Assim como, na situação posterior à ditadura,

ele deve superar a divisão burguesa de legislação, administração e jurisdição, na luta pelo poder ele é chamado a reunir, de um lado, a fragmentação espacial e temporal do proletariado e, de outro, a economia e a política, numa unidade verdadeira da ação proletária, ajudando então a reconciliar a cisão dialética entre interesse imediato e objetivo final. (LUKÁCS, 2003, p. 190-191).

Veremos adiante que a concepção de Pannekoek difere dessa formulação sobre os conselhos como órgãos estatais. No entanto, o que se pretende aqui é demonstrar que, em condições históricas comuns ou semelhantes, houve a tendência em apreender teoricamente as experiências de luta proletária de um modo aproximado, com diversos aspectos de similitude.

Embora não se possam apresentar as formulações de juventude de Gramsci e Lukács como convergentes com as de Pannekoek, não se pode deixar de acentuar pelo menos os seguintes aspectos de encontro entre as formulações: 1) na condenação do sindicalismo e das vanguardas reformistas de partidos e sindicatos; 2) diferentemente da forma *sindicato*, na identificação da forma *conselhos* como instituição que atende às necessidades organizativas do proletariado em luta; 3) na percepção da importância dos conselhos como forma unitária de poder proletário, pela sua capacidade de abranger a totalidade da classe; 4) na percepção de que os conselhos não surgem nem se sustentam fora de conjunturas revolucionárias, em função da sua incompatibilidade com formas de ação e consciência de classe não revolucionarizadas; 5) no uso e na atribuição de significado comum a determinados conceitos; e 6) na identificação dos conselhos como forma que responde tanto ao período de transição quanto ao período pós-capitalista.

Os pontos acima se referem a um momento específico do itinerário intelectual de Gramsci e Lukács. Posteriormente, e cada um à sua maneira, ambos operaram rupturas com essa perspectiva enquanto Pannekoek manteve-se coerente com elas.¹⁹⁸

¹⁹⁸ No caso de Lukács, a ruptura foi identificada por Mészáros (2002, p. 382-383; 453-462), que fez notar uma mudança de avaliação dos conselhos entre o texto acima analisado de 1920 e o texto “Observações metodológicas sobre a questão da organização”, escrito em setembro de 1922, ambos reunidos em “História e Consciência de Classe”. Neste último texto a forma *conselhos* passa a ser encarada de modo crítico, em sintonia com a perda de poder real dos conselhos na Rússia. Nessa segunda concepção, Lukács critica os que atribuem ao conselho um caráter “utópico” e “mitológico” e o enxergam como “panacéia para todas as questões da revolução” (LUKÁCS, 2003, p. 526). Segundo Mészáros, tal guinada deu-se por Lukács ter assimilado as críticas de Lênin ao “esquerdismo” e internalizado a disciplina partidária exigida pela III Internacional.

Demonstrado que a importância da forma *conselhos* como fenômeno prático e teórico não foi atributo exclusivo do holandês, nem se circunscreveu ao seu âmbito de observação, é chegado o momento de dissecar a posição de Pannekoek sobre a forma/conteúdo que ocupou um lugar central em seu pensamento. Para tanto, é suficiente e incontornável analisar “Os Conselhos Operários” – principal obra de Pannekoek, publicada em janeiro de 1946 – toda ela dedicada à ideia dos conselhos.

A primeira questão trabalhada por Pannekoek (1977) no livro foi situar a tarefa que os trabalhadores como classe mundial tinham diante de si: tomar a organização da produção dos bens necessários à vida para eliminar a miséria e a exploração. Para tanto, era necessário conhecer a sociedade e a posição que nela ocupa o proletariado para evitar “*dificultades, decepciones y fracasos*” (p. 25).

A caracterização feita por Pannekoek foi a de uma sociedade capitalista industrial a qual, por ser movida pelo lucro, determina como o trabalho se organiza nos locais de produção (indústrias) para produzir o que a humanidade precisa para viver: primeiramente impondo a autoridade absoluta do capitalista, seja ele proprietário ou gestor, depois organizando cientificamente a produção.

Importante notar que Pannekoek não ignora outros tipos de exploração. Cita o caso das empresas estatais de serviços públicos e das cooperativas de produção. Em seu entendimento, pelo fato de as primeiras serem fortemente controladas pelo capital e as segundas terem de competir com as empresas privadas, as diferenças com o setor privado são apenas de grau sem alterar as duas questões essenciais: comando unipessoal e a imposição do ritmo de trabalho para lucrar ao máximo. A distinção que Pannekoek se limita a fazer é, na senda de Marx, aquela entre “trabalho em si” e “trabalho apropriado pelo capital” (p. 32-33). Também destaca a capacidade dos capitalistas em explorar o potencial criativo dos trabalhadores e em saber se valer do desemprego, considerado inerente ao capitalismo. E identifica que o mercado capitalista convive com a planificação por meio da introdução de princípios de planejamento e organização na produção, pela insuficiência da exclusividade do capitalismo privado no exercício dessa função.

Ao conseguir controlar a maquinaria, fazendo cessar o objetivo de lucro e a subutilização de pessoas e equipamentos, com a adoção de mecanismos de regulação não alienados e eficientes que aumentem a produtividade, o proletariado define “*un mundo nuevo*” (p. 35) no qual menos trabalho proporciona mais bens a cada trabalhador individual e a

utilização de tecnologias de ponta possibilita, simultaneamente, abundância material a todos e extinção dos trabalhos penosos. Além disso, prossegue Pannekoek, tal transformação no mundo do trabalho traria consequências nas regras de convivência em sociedade, alterando-as em função da alteração subjetiva das concepções da sociedade sobre direito e justiça. E se as concepções da sociedade sobre o direito e sobre o que é justo alteram-se, abre-se o caminho para a substituição da propriedade privada pela propriedade comum não-estatal, como Pannekoek enfatizou nesta passagem:

A propriedade comum não deve ser confundida com a propriedade pública. Nesta última, defendida com frequência por notáveis reformadores sociais, o dono da produção é o Estado ou outro organismo político. Os trabalhadores não são donos de seu trabalho, mas recebem ordens de funcionários estatais, que organizam e dirigem a produção. Independente das condições de trabalho e por mais que os trabalhadores sejam tratados com humanidade e consideração, o fato fundamental permanece: são os funcionários, e não os trabalhadores, que dispõem dos meios de produção e do produto, dirigem todo o processo produtivo e decidem que parte da produção será reservada para renovação e modernização dos materiais, para melhorias e para despesas sociais. São os funcionários que decidem a parte do produto social que caberá a eles mesmos e a parte que caberá aos trabalhadores, sob a forma de salário. No regime da propriedade pública dos meios de produção, os trabalhadores continuam submetidos e explorados por uma classe dominante. A propriedade pública é o programa burguês sob uma forma moderna e disfarçada de capitalismo. A propriedade comum dos produtores deve ser a única meta do proletariado. (PANNEKOEK, 1977, p. 40).¹⁹⁹

Assim, quando a ideia da propriedade comum penetrar na subjetividade do proletariado, o primeiro passo será se organizar nos

¹⁹⁹ La propiedad común no debe confundirse con la propiedad pública. En la propiedad pública, defendida con frecuencia por eminentes reformadores sociales, el dueño de la producción es el Estado u otro organismo político. Los obreros no son dueños de su trabajo, sino que son mandados por funcionarios del Estado que organizan y dirigen la producción. Cualesquiera que sean las condiciones de trabajo y se trate o no a los obreros de una manera humana y considerada, el hecho fundamental es el mismo: no son los productores sino los mandos estatales quienes disponen de los medios de producción y del producto, dirigen todo el proceso productivo y deciden la parte de la producción reservada a renovación y modernización de material y mejoras y gastos sociales. Son ellos, pues, los que deciden qué parte del producto social han de percibir los trabajadores y qué parte se reservarán. Los obreros reciben un salario, una parte del producto, decidido por los dirigentes. En el régimen de propiedad pública de los medios de producción, los trabajadores siguen sometidos y explotados por una clase dominante. La propiedad pública es el programa burgués que consiste en una forma moderna y disfrazada de capitalismo. La propiedad común de los productores debe ser el único objeto de la clase obrera.

locais de trabalho baseado na cooperação mútua e com decisões tomadas em assembleias que se diferenciam das assembleias sindicais pela não separação das atividades entre quem elabora as propostas e os que se limitam a votar, fundindo contribuição muscular e contribuição intelectual.

Para o caso de unidades com grandes contingentes de trabalhadores, Pannekoek prevê o desdobramento das decisões em duas etapas, com a constituição de uma segunda assembleia integrada pelo conjunto dos delegados eleitos diretamente nas seções. Nasce então os comitês de empresa, que serão “organismos centrais, mas não dirigentes nem conselhos governamentais” (p. 47), em que os delegados que os integrarem estabelecem um fluxo constante de reuniões e deliberações vinculadas e subordinadas a novas deliberações dos que os elegeram. Pannekoek observa que, nesse sistema, as inevitáveis diferenças culturais, de conhecimento, capacidade, aptidão e gosto devem se limitar aos campos da técnica e da autoridade moral, sem se transformar em fatores de poder ou de privilégios.

Após a organização do trabalho nas empresas, a segunda e ainda mais importante tarefa para Pannekoek consiste no estabelecimento do sistema de relações entre as empresas, integrando-as em uma mesma organização social. Para tanto, aplica-se o mesmo processo descrito para cada empresa considerada isoladamente – a eleição de corpos de delegados –, porém com o cuidado de evitar a formação de “especialistas”, por meio da eleição de diferentes pessoas segundo o critério temático em debate e a natureza dos problemas a serem enfrentados. Aparecem então os Conselhos Proletários.

O primeiro labor desses Conselhos seria formular os direitos e deveres de todos em termos de produção e consumo. “Cada um tem o dever de participar na produção segundo suas forças e capacidades, assim como tem o direito a uma parte proporcional do produto coletivo.” (PANNEKOEK, 1977, p. 52). Para medir e aplicar na prática o princípio marxiano da fase inferior do comunismo, Pannekoek apresenta a contabilidade das horas de trabalho contidas nos produtos e a quantidade de horas trabalhadas por proletário, para que, da média da ambos, cada trabalhador receba em produtos o equivalente à parte do tempo que trabalhou. A outra parte do tempo global trabalhado, acrescenta Pannekoek, divide-se entre: 1) atividades não produtivas e socialmente necessárias (educação, saneamento, administração, previdência social), e 2) para aperfeiçoar e ampliar o aparato produtivo da propriedade comum não-estatal, a partir da adoção de um sistema

estatístico e contábil que possibilite conhecer as quantidades necessárias para atender às demandas.

Coerente com seu método, Pannekoek dedica uma seção de seu texto para refutar os argumentos contrários à apropriação coletiva da produção pelo proletariado por meio da forma *conselhos* – afinal “antes de ser vencido materialmente, o capitalismo tem de sê-lo teoricamente” (p. 58) –, procedentes tanto da burguesia quanto da intelectualidade e das burocracias dirigentes (sindicais e social-democratas).

Os argumentos dos capitalistas de que não é possível trabalhar sem estímulos pessoais e competição, Pannekoek considera-os pouco sérios e devem ser refutados como um ponto de vista lógico de quem duvida das capacidades dos dominados e por isso é incapaz de compreender as suas potencialidades. Tal refutação não se destina a convencer os capitalistas, que devem ser vencidos pela força, mas tão somente pela influência das suas ideias sobre a subjetividade do proletariado.

Quanto aos argumentos dos “amigos” do proletariado de que o sistema de conselhos dispensa um poder dirigente central e centralizador – um Estado e um governo políticos –, Pannekoek afirma que expressam o ponto de vista dos adeptos do “socialismo de Estado”, já analisado anteriormente neste trabalho. Isso não significou deixar de ressaltar o papel nitidamente político dos conselhos.

Além das objeções, segundo Pannekoek, o sistema de conselhos encontrará dificuldades reais que produzirão divergências de concepção entre os proletários, procedentes do desenvolvimento desigual do capitalismo que produz variações nas dimensões das empresas. Aqui se trata de enfrentar o problema dos pequenos capitalistas do campo e da cidade e da mentalidade que lhes corresponde, a qual afeta todos que se encontram nesse setor (patrões, trabalhadores independentes e proletários). A solução apresentada pelo holandês para estender o sistema de conselhos a esses setores da sociedade foi a de se opor às suas perspectivas de se livrarem da opressão do grande capital para se constituírem em proprietários por meio da propaganda de que a produção é uma função social e os produtores formam uma comunidade, por sua vez agrícola e industrial (p. 77).

Ultrapassadas as objeções e dificuldades, Pannekoek expõe a sua concepção do caráter, organização e funcionamento dos conselhos, que podem ser resumidos nos seguintes pontos: 1) Como forma de organização tanto da sociedade pós-capitalista quanto do período de transição entre esta e o capitalismo, unificam a política e a economia, funções de regulamentação, decisão e de execução; 2) Os conselhos não

se confundem com um governo, pois são destituídos de instrumentos para impor sua vontade às massas e, para fazer cumprir sua vontade, dispõem apenas de autoridade moral – seu caráter é o de organismos de discussão e intercâmbio social; 3) Os delegados que integram os conselhos não detêm autonomia para tomar decisões sem consultar quem os elegeu e vinculam-se às posições resultantes do debate ocorrido entre seus eleitores; 4) O critério para a escolha dos delegados é o da comunidade de interesses, por isso os eleitores são agrupados por local de trabalho e não por local de moradia – quem não trabalha não participa dos conselhos; 5) O trabalho dos conselhos consiste na gestão prática da sociedade fundada no conhecimento e atenção constantes e no estudo permanente; 6) Os conselhos canalizam e unificam a vida social sem centralizá-la ou uniformizá-la, tecendo uma rede matizada de comunidades diversificadas que trabalham articuladamente e em coordenação e cooperação mútuas.

Nesse momento, demarcando-se e divergindo da concepção bolchevique, ²⁰⁰ Pannekoek apresentou seu entendimento sobre o conceito de “ditadura do proletariado” formulado originalmente por Marx:

Marx assinalou que, entre o domínio do capitalismo e a organização final de uma humanidade livre, haveria um período de transição no qual o proletariado seria dono da sociedade, mas a burguesia ainda não teria desaparecido. Ele denominava esse período ditadura do proletariado. Na sua época esta palavra ainda não tinha a repercussão sinistra que lhe deram os modernos sistemas de despotismo, e não podia ser utilizada equivocadamente para designar a ditadura de um partido no poder, como ocorreu na Rússia. Significava apenas que o poder dominante sobre a sociedade passava da classe capitalista à proletária. Posteriormente, pessoas imbuídas da concepção do parlamentarismo tentaram materializar esta ideia suprimindo o direito das classes possuidoras de formar grupos políticos. É evidente que esta violação do sentimento instintivo da igualdade de direitos entrava em contradição com a democracia. Vemos hoje que a organização dos conselhos põe em prática o que Marx antecipou em teoria e que, naquela época, ainda não podia ser concebida na prática. Quando os próprios produtores organizam a produção, a antiga classe exploradora fica automaticamente excluída da participação nas decisões, sem necessidade de processo nem julgamento. A concepção marxiana da ditadura do proletariado se

²⁰⁰ Um estudo específico das diferenças entre as concepções de Marx e Lênin pode ser encontrado em BERGER, 1977.

mostra idêntica à democracia proletária da organização dos conselhos. (PANNEKOEK, 1977, p. 83).²⁰¹

Acrescenta-se que esta concepção também se diferencia de qualquer vertente anarquista – ou que ignore o período histórico de convivência entre modos de produção distintos, abraçando a tese da “abolição” do capitalismo – sem se deixar levar pela tese do “semi-Estado” ou “Estado proletário” ou ainda “Estado de transição”. Isto é, não há lugar para ilusões quanto ao desaparecimento imediato do capitalismo e menos ainda para ideologias da transição voltadas à justificação e legitimação de novos poderes e privilégios.

Na teorização pannekoekiana, a forma *conselhos* acompanha o movimento da luta de classes e por isso novas funções são acrescentadas de acordo com os avanços do proletariado, mas sem esquematismos linearizantes do processo. Substituída a fase da carência pela da prosperidade geral, os conselhos devem ser os organismos para realizar as discussões que aprofundem a transformação social para além do âmbito produtivo (educação, família, cultura geral, formas e usos dos cada vez maiores tempos livres).

Os conselhos também são organismos de combate do proletariado na fase de hegemonia do capital para se libertarem dessa hegemonia, pois formam-se no curso dessa luta em função da perda de importância das formas tradicionais de organização, embora, segundo Pannekoek, não signifique necessariamente a substituição das segundas pela forma conselhistas. Parte das características dos conselhos já está contida, por exemplo, em momentos em que uma greve selvagem generaliza-se pela via da ação direta dos grevistas. O que não autoriza supor que, no pensamento de Pannekoek, a organização geral da classe ocupe um

²⁰¹ Marx señala que entre el reinado del capitalismo y la organización final de una humanidad libre, habría un período de transición en el que la clase obrera sería dueña de la sociedad, pero en el que la burguesía no habría desaparecido aún. Lo denominaba la dictadura del proletariado. En su época, esta palabra no tenía todavía la resonancia siniestra que le han dado los modernos sistemas de despotismo, y no se podía utilizar abusivamente para nombrar a la dictadura de un partido en el poder, como más tarde en Rusia. Quería significar solamente el dominio de la sociedad que pasaba de la clase capitalista a la obrera. Más tarde, gentes completamente partidarias del parlamentarismo, intentaron dar vida a esta idea negando a las clases poseedoras la libertad de formar grupos políticos. Es evidente que esta violación del sentimiento instintivo de la igualdad de derechos era contraria a la democracia. Vemos hoy que la organización de los consejos pone en práctica lo que Marx había anticipado en teoría, pero que no se podía concebir en aquel entonces en la práctica. Cuando la producción está organizada por los mismos productores, la clase explotadora de antes se encuentra automáticamente excluida de la participación en las decisiones, sin necesidad de proceso ni juicio. La concepción Marxista de la dictadura del proletariado se muestra idéntica a la democracia obrera de la organización de los consejos.

lugar menos importante que o processo de luta ou ainda que tal processo se constitua em um objetivo em si.

Importa fixar que a forma *conselhos* nasce como organismo da revolução e se transforma em organismo da reorganização social autogerida, encarregado das tarefas e funções públicas. Porque Pannekoek (p. 131) entende a revolução que destruirá o capitalismo como um processo de longa duração, com altos e baixos e que requer simultaneamente organização e autoeducação dos revolucionários, nosso autor agrega outros elementos, necessários em seu entender, para levar a cabo empreitada de tamanha envergadura.

No plano das ideias, eles significam confrontar uma concepção de mundo global às ideologias das classes capitalistas e, ao mesmo tempo, internamente ao proletariado, não se deixar enredar pela rede de ideologias disseminadas na sociedade com o objetivo de reforçar preconceitos e tradições, antigos hábitos de pensamento e perpetuar a divisão do proletariado.

As antigas ideologias unem os seres humanos e lhes opõem em grupos que nada têm a ver com as diferenças de classe e os interesses reais da vida. Exploradores e explorados se encontram em uma mesma igreja, partido, nação, e atuam como estrangeiros e inimigos frente a outras igrejas, partidos e nações, que também agrupam exploradores e explorados. Os proletários somente colocarão seu poder em prática se realizam a unidade de classe acima e contra as antigas divisões. Mas não formam uma massa homogênea, com um pensamento uniforme. Suas origens, seu passado fazem que existam diferenças religiosas e políticas no seio do proletariado. Enquanto estiver dividido, discutirá sobre religião, liberalismo, anarquismo, socialismo e continuará sem força. Por isso a classe dominante, guiada por seu instinto, trata de manter esta divisão apresentando as diferenças ideológicas como algo de primeira importância. [...] A força dos proletários não consiste em tentar conquistar seus camaradas para ideias abstratas acerca das quais ainda podem estar muito divididos, mas para ideias sociais práticas sobre as quais todos devem ter uma opinião comum. (PANNEKOEK, 1977, p. 159-60).²⁰²

²⁰² Las antiguas ideologías unen a los seres humanos y les oponen en grupos que nada tienen que ver con las diferencias de clase y los intereses reales de la vida. Exploradores y explotados se vuelven a encontrar así en una misma iglesia, en un mismo partido, en una misma nación, y actúan como extranjeros y enemigos frente a otras iglesias, partidos y naciones, que también agrupan a explotadores y explotados. Los obreros no podrán poner en práctica su poder más que llevando a cabo la unidad de clase por encima y contra las divisiones de antaño. Pero no forman una masa homogénea, con un pensamiento uniforme. Sus orígenes, su pasado hacen que existan diferencias religiosas y políticas dentro de la clase obrera. En tanto estén divididos, discutirán sobre religión, liberalismo, anarquismo, socialismo y seguirán sin fuerza. Es por lo que la clase dominante, guiada por sus instintos, busca el modo de mantener esta división

No plano da religião, mais antiga e enraizada das ideologias, Pannekoek pretende afirmar a ciência, suas aplicações e o materialismo – que, no autor, não se confunde com ateísmo – ²⁰³ como instrumentos da explicação e da solução das impotências humanas – sem necessidade da repressão –, que produzirão o efeito de fazer definharem as concepções místicas.

No plano do nacionalismo, ideologia basilar do capitalismo e da burguesia, Pannekoek divide seu enfrentamento em dois momentos. No presente, eliminar qualquer vestígio dessa tradição em cada um e evitar ilusões com o nacionalismo das classes dominantes. No futuro, eliminá-lo por completo da face da terra, não para colocar em seu lugar o internacionalismo proletário, mas a humanidade unida numa mesma comunidade de destino (produção, vida e cultura), acima das inúmeras diversidades (individuais, naturais, linguísticas e de costumes).

No plano da ideologia da democracia política de tipo liberal, sua pretensão é rejeitá-la por se limitar a estabelecer a igualdade jurídica sem se preocupar em estabelecer uma conexão entre tal igualdade e a segurança para viver. E não se deixar iludir com falsos dilemas do tipo “democracia ou ditadura”, pois

Escuta-se com frequência que o mundo moderno se encontra frente a um dilema fundamental: Democracia ou ditadura? Para concluir que o proletariado deve apoiar com todas as suas forças a causa da democracia. Na verdade, esta alternativa oculta uma cisão entre grupos capitalistas, segundo a resposta que dão à seguinte pergunta: [...] Qual o melhor método para impedir que os escravos se sublevem, o paternalismo ou o terror? Se os escravos fossem consultados, ninguém duvidaria que dissessem que ser tratado com benevolência é melhor do que com ferocidade; [...] Na perspectiva do proletariado, o dilema de nossa época se coloca nesses termos: ou organização em Conselhos, a democracia dos trabalhadores, ou a democracia do direito formal, a democracia falaz e aparente da burguesia. [...] O termo democracia

presentando las diferencias ideológicas como algo de primera importancia. [...] La fuerza de los obreros no está en intentar conquistar a sus camaradas para ideas abstractas sobre las que pueden estar todavía muy divididos, sino para ideas sociales prácticas sobre las que todos deben tener una misma opinión.

²⁰³ Para Pannekoek, enquanto o ateísmo combate a religião por considerá-la a causa principal da estupidez e da opressão, o materialismo a encara como consequência das relações sociais, tratando-a teoricamente como fenômeno histórico importante que se modifica com as transformações sociais, o desenvolvimento do trabalho, do conhecimento da natureza, dos modos de produção e da evolução das relações humanas. No entanto, reconhece que ambas coexistem no movimento dos trabalhadores. (cf. PANNEKOEK, 1977, p. 168-183).

política serve para desviar os operários de seu verdadeiro objetivo. (PANNEKOEK, 1977, p. 204).²⁰⁴

Além de desmontar todas essas ideologias, Pannekoek acrescenta que a luta pela organização conselheira da sociedade necessita que o proletariado tenha conhecimento de seus inimigos de classe. “Toda luta exige conhecer o inimigo, seus recursos, forças e debilidades. É a condição primordial, a única que nos permite evitar o desânimo, quando se medem as forças do inimigo, e as ilusões, quando se conquista uma vitória parcial.” (PANNEKOEK, 1977, p. 243).²⁰⁵

Por fim, e uma vez mais, Pannekoek relacionou o surgimento dos conselhos à existência de um ambiente de liberdades: liberdade de expressão, de imprensa, de discussão, de organização e de ação (p. 366). Concluiu o livro vinculando a forma *conselhos* a um conteúdo preciso de socialismo que se traduz por emancipação dos trabalhadores – cujo caminho é o da autogestão da luta e da produção – e não pelo socialismo cujo conteúdo se define pela gestão estatal e planificada da economia (p. 381).

Trata-se de um esforço teórico abrangente e profundo que não está isento de problemas. Alguns aspectos não foram devidamente esclarecidos e existem lacunas e contradições que podem ser apontadas.

No processo de passagem das formas de luta para as formas de organização, Pannekoek aparenta se contradizer ao deixar sem o devido esclarecimento como se combinam as ações exteriores aos locais de trabalho (expansão das greves selvagens) com ações internas ao local de trabalho (ocupação das empresas).

Como bem detectou Bourrinet (2003), ao prever a conversão dos comitês de luta e/ou de greve em conselhos, Pannekoek deixou transparecer certa rigidez esquemática na análise, pois da forma como se

²⁰⁴ Se escucha decir con frecuencia que el mundo moderno se encuentra frente a un dilema fundamental: ¿Democracia o dictadura? Para acabar diciendo que la clase obrera debe apoyar con todas sus fuerzas la causa de la democracia. En realidad, esta alternativa oculta una escisión entre grupos capitalistas, según la respuesta que den a la siguiente pregunta: [...] ¿Cuál es el mejor método para impedir que los esclavos se subleven, el paternalismo o el terror? Si fueran consultados sobre ello, nadie dudaría de que los esclavos dirían que prefieren ser tratados con benevolencia, mejor que con ferocidad; [...] En nuestra época, el dilema se plantea en estos términos en lo que concierne a la clase obrera: o bien la organización en Consejos, la democracia de los trabajadores, o bien la democracia del derecho formal, la democracia falaz y aparente de la burguesía. [...] El vocablo democracia política sirve para desviar a los obreros de su verdadero objetivo.

²⁰⁵ Conocer al enemigo, sus recursos, sus fuerzas y sus debilidades es lo que exige toda lucha. Es la condición primordial, la única que nos permite evitar el desánimo, cuando medimos las fuerzas del enemigo, y toda ilusión, cuando hemos logrado un éxito parcial.

expressou tal conversão se daria automaticamente apenas pelo fato de aplicarem o princípio da revogabilidade dos mandatos.²⁰⁶

Da mesma forma, a questão do uso da forma *conselhos* como organização da força do proletariado para esmagar a resistência das classes capitalistas recebeu em “Os Conselhos Operários” tratamento genérico e superficial, expresso numa linguagem que não forneceu indicações precisas da concepção de Pannekoek nesse particular.

Apesar de tudo, as formulações pannekoekianas conseguiram conservar boa parte de seu frescor para as futuras gerações por estarem livres de todo dogmatismo. Foram elaboradas sem qualquer pretensão de que fossem tomadas por verdades atemporais, fora das condições históricas de sua época.

[...] tudo que se diz nesse livro não tem a pretensão de ser a verdade a ser assimilada. É uma opinião sob a forma de totalidade, produto de alguma experiência e de um estudo atento da sociedade e das lutas operárias, impresso com o fim de fazer com que outras pessoas pensem e reflitam sobre os problemas do trabalho e do mundo. Existem centenas de pensadores capazes de proporcionar novos pontos de vista; existem milhares de trabalhadores inteligentes que, baseados nos seus conhecimentos práticos e a partir do momento em que se dêem conta de sua própria capacidade, podem ter ideias mais completas sobre a organização de sua luta e de seu trabalho. O que aqui se lê pode ser a faísca que acenda a chama em sua mente. (PANNEKOEK, 1977, p. 235).²⁰⁷

²⁰⁶ Registre-se que Bourrinet, ao analisar o livro “Os Conselhos Operários”, acrescenta outras insuficiências às formulações de Pannekoek ali contidas. Seja pela amplitude dos temas, seja por seu conteúdo polêmico, o exame de tais insuficiências aqui exigiria desenvolvimentos argumentativos que extrapolariam a finalidade acadêmico-dissertativa destas páginas.

²⁰⁷ [...] todo lo dicho en este libro no tiene de ningún modo la pretensión de ser la verdad que hay que asimilar. Es una opinión bajo la forma de un todo, producto de una cierta experiencia y de un estudio atento de la sociedad y de las luchas obreras, trasladado a la letra impresa con el fin de hacer pensar a otras personas, hacerlas reflexionar sobre los problemas del trabajo y del mundo. Existen cientos de pensadores capaces de proporcionar nuevos puntos de vista; existen miles de trabajadores inteligentes que, basados en sus conocimientos prácticos y desde el momento en que se han dado cuenta de su propia capacidad, pueden tener ideas más completas sobre la organización de su lucha y de su trabajo. Lo que leen aquí puede ser la chispa que encienda la llama en su espíritu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora esse não seja um trabalho biográfico,²⁰⁸ para se compreender a natureza das formulações de Pannekoek sobre organização política, ou qualquer outro tema, deve-se considerar o fato de que o exercício da atividade profissional de cientista (astrônomo de renome internacional) desenvolveu nele determinadas qualidades intelectuais em grau muito elevado: capacidade de intuição teórica, poder de abstração, surpreendente variedade e profundidade dos conhecimentos, rigor e serenidade, sentido de trabalho em equipe. Acrescidas de um vibrante entusiasmo revolucionário, foram qualidades que forneceram as condições para que o holandês pudesse ordenar e generalizar ideias surgidas com a evolução das lutas proletárias no século XX. Ainda mais, segundo Bricianer (1975, p.12), Pannekoek foi o “único marxista de renome de seu tempo capaz de abordar qualquer problema ligado às ciências da natureza. [...] foi um dos poucos marxistas que tentou fazer uma verdadeira crítica da ideologia científica contemporânea.”²⁰⁹

Outro aspecto de caráter pessoal/subjetivo que uma apreciação devida de seu pensamento exige mencionar relaciona-se com o fato de que Pannekoek pôde gozar de plena independência intelectual – que lhe permitiu levar até o fim suas conclusões e a elas ter sido fiel – em função de uma situação material que lhe possibilitou não ficar sujeito às pressões de quem o sustentava, mesmo durante o tempo em viveu na Alemanha como “revolucionário profissional”. Muito embora o trunfo da independência intelectual assegurada possa ser utilizado de variadas maneiras, algumas delas inclusive antagônicas ao modo como Pannekoek a utilizou.

Posto isso, o percurso vencido até aqui permite afirmar uma primeira constatação: o pensamento de Pannekoek, pela sua trajetória biográfica e intelectual, não pode ser enquadrado nas fileiras de nenhum “socialismo utópico”, pois, independentemente do grau de correção ou completude, as conclusões a que ele chegou foram extraídas da observação e participação direta no movimento concreto dos trabalhadores e não expressam meros desejos pessoais de transformação.

²⁰⁸ A primeira biografia de Pannekoek foi publicada na Europa somente em 1987 (cf. MALANDRINO, 1987) e, ao que se saiba, permanece inédita no Brasil.

²⁰⁹ único marxista de renombre de su tiempo capaz de abordar cualquier problema ligado a las ciencias de la naturaleza. [...] fue uno de los pocos marxistas que intentó hacer una verdadera crítica de la ideología científica contemporánea.

Por mais que tal desejo nele estivesse presente, inclusive de forma ardente, não se percebe em seus escritos a predominância da vontade de mudança a ponto de obnubilar seu senso de realidade, exatamente por terem sido pensamento e vida política de Pannekoek o resultado de uma escolha racional fundamental, caracterizada pela recusa das consequências injustas e imorais da divisão social em classes antagônicas.

A opção de vida de Pannekoek não foi determinada por sua origem de classe ou familiar, mas por uma sensibilidade repulsiva de natureza moral e filosófica – e somente mais tarde, política – à sociedade e às instituições capitalistas que o impeliram inicialmente a aceitar um projeto revolucionário que substituísse o regime do capital. A sensibilidade deu lugar à convicção, e a aceitação foi transformada em formulação de alternativas adequadas e praticáveis baseadas em sólida visão científica da vida dos seres humanos e da realidade material e numa extrema radicalidade com capacidade autônoma para a construção de novas instituições.

As consequências da Primeira Guerra Mundial fizeram com que Pannekoek retornasse ao modelo marxiano mais puro de organização – organizações partidárias mais ágeis e mais coerentes com a sua função principal de esclarecimento – e considerasse insubstituível a intervenção direta das massas proletárias ao invés da delegação parlamentar e sindical. Tornou-se claro para ele que o advento da nova sociedade era incompatível com o uso de instrumentos utilizados pela burguesia ou úteis para revoluções burguesas, mas exige a utilização de instrumentos de poder alternativos construídos pelo proletariado em luta, constituído como sujeito ativo revolucionário e auto-governável.

A partir do período entre as duas guerras mundiais, os problemas organizativos e institucionais adquirem especial atenção entre as ideias sociais e políticas de Pannekoek, preocupado com o curso da luta do proletariado por sua autolibertação, que assumia para ele cada vez menos um perfil especificamente político e cada vez mais um perfil social e ético.

Consolida-se em seu pensamento, desde então, a ideia central da autonomia revolucionária do proletariado diante da hegemonia das classes capitalistas e da degeneração burocrática dos sindicatos e dos partidos socialistas e comunistas.

Dialeticamente, essa caracterização de partidos e sindicatos não resultou de um pensamento reificado que abstraiu tais formas de sua historicidade, o que, caso ocorresse, tornaria a crítica centrada em si mesma, desvinculada da perspectiva de fundo (Revolução). Constatar

que partidos e sindicatos reforçavam a hegemonia da passividade e submissão na subjetividade da classe e dela se alimentavam, fez com que o pensamento de Pannekoek superasse tais formas sem evoluir para uma postura antiorganizacional.

Se a teoria marxista foi para Pannekoek, desde que com ela tomou contato e até a sua morte, a estrutura básica da sua visão de mundo, as teorias da social-democracia e do “comunismo” bolchevique – com seus respectivos modelos de organização política – foram caracterizados como ideologias típicas de camadas radical-democráticas da burguesia de diferentes países, em diversos graus de desenvolvimento socioeconômico, que pretenderam explorar a força política do proletariado para melhor atingir seus próprios fins de poder.

Eis os fundamentos do que consistiria a alternativa proletária na concepção pannekoekiana: recusar radicalmente tais ideologias e modelos, procurar autonomamente criar suas próprias formas de organização e de expressão política e, baseada nelas, edificar o seu modelo conselhistamente socialmente autogerido, modelo que encerra as separações capitalistas e unifica, num todo social, cultura, sociedade, política e produção.

Acrescenta-se, porém, que parte dos elementos observados por Pannekoek e que serviram de base para suas elaborações teóricas não mais existem. Disso resulta que parte das suas análises não resistiu ao tempo e permitiu que parcela dos aspectos propositivos do seu modelo teórico de organização apresentasse insuficiências para os dias atuais.

O mundo bipolar que Pannekoek viu nascer dos escombros da Segunda Guerra Mundial deu lugar a um mundo multipolar no qual o poder das empresas vai muito além do local de produção, ultrapassando o poder dos Estados nacionais tradicionais.

Os sistemas de gestão da produção de sua época (taylorismo/fordismo), caracterizados pela concentração física de proletários em imensas unidades fabris e pela exploração unicamente da sua força muscular, foram substituídos. Em seu lugar, foi implantado um sistema de gestão da produção (toyotismo) que se caracteriza por articular meios de trabalho com meios de fiscalização, via microeletrônica, e pela capacidade de expansão para fora das unidades de produção. Atinge assim a sociedade em geral por meio da conjugação entre meios de fiscalização com meios de lazer, o que resulta na intensificação do controle e da exploração sobre o proletariado mundial.

As consequências dessa transformação – exploração da componente intelectual do trabalho e fragmentação e dispersão dos trabalhadores –, ao mesmo tempo em que aumentaram a proporção

desse novo, estratificado e diversificado proletariado em relação ao contingente populacional, reduziram o peso específico do proletariado industrial no interior da classe e na sociedade em geral. E produziram um incremento da opressão política pela via do desenvolvimento da exploração econômica.

A tendência de incorporar, no ordenamento jurídico das democracias representativas liberais, dispositivos típicos dos regimes nazifascistas inclui-se dentre os aspectos que foram percebidos de modo insuficiente por Pannekoek, e que repercutiu diretamente nas formas de organização.

Certas ênfases pannekoekianas em relacionar formas organizativas com formas de luta baseadas no rompimento de determinadas forças psicológicas presentes no proletariado, que atuam em favor da conservação do *statu quo* (passividade, timidez, submissão, indiferença), partiram, em alguns momentos de seu pensamento, do pressuposto não confirmado de que a sociedade pós-capitalista surgiria, ainda que parcialmente, em um futuro relativamente próximo.

Contudo, um olhar mais abrangente no conjunto integrado por vida e obra revela que Pannekoek foi um teórico inovador na tradição marxista. Não apenas pelo valor que atribuiu aos elementos subjetivos e culturais na luta de classes, mas por ter sido capaz de teorizar o fim das classes com base na liberdade e na igualdade dos produtores sem abrir mão de uma visão classista inflexível. Ademais, a confiança que demonstrou na capacidade dos seres humanos para superar os obstáculos mais duros, e de instaurar um sistema social menos injusto e desumano, faz da obra de Pannekoek, nos dias atuais, uma referência incontornável para se pensar a substituição do capitalismo.

6 REFERÊNCIAS

AGUADO, Felipe. **La Revolución Rusa y el partido bolchevique**. Madrid: ZYX, 1976.

APPEL, Jan e outros. **Ni parlamento ni sindicatos: Los Consejos Obreros!** 2.ed. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2007.

ANWEILER, Oskar. **Los Soviets en Rusia 1905-1921**. Madrid: Zero, 1975.

AUTHIER, Denis. **A Esquerda Alemã 1918-1921**. Porto: Afrontamento, 1975.

BERGER, Claude. **Marx frente a Lenin. Asociación Obrera o Socialismo de Estado**. Madrid: Zero, 1977.

BERNARDO, João. **Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BERNSTEIN, Eduard. **Socialismo Evolucionário**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BLUNDEN, Andy. **Joseph Dietzgen (1828-1888) Biography**. MIA [s.d.]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/glossary/people/d/i.htm#dietzgen-joseph>>. Acesso em: 19 maio 2008.

BOURRINET, Philippe. **Los Consejos Obreros en la teoría de la Izquierda Comunista holandesa y alemana**. CICA Web 2003. Disponível em: <http://www.geocities.com/cicabib/bourrinet_consejos.zip>. Acesso em: 28 setembro 2009.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o encontro com representantes das centrais sindicais.** Disponível em: <<http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr604-2@.doc>>. Acesso em: 29 maio 2008.

BRENDEL, Cajo. **Anton Pannekoek, una redefinición del marxismo.** CICA Web 2006. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/brendel/brendel_pannekoek.zip>. Acesso em: 28 maio 2008.

BRICIANER, Serge. **Anton Pannekoek y los consejos obreros.** Buenos Aires: Schapire, 1975.

BRINTON, Maurice. **Os Bolcheviques e o Controle Operário.** Porto: Afrontamento, 1975.

BROUÉ, Pierre. **El Partido Bolchevique.** [Buenos Aires]: Alternativa Socialista, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. **A sociedade burocrática 1: As relações de produção na Rússia.** Porto: Afrontamento, 1979.

CASTORIADIS, Cornelius; PANNEKOEK, Anton. **Dirección y Revolución:** discusión entre Cornelius Castoriadis y Antón Pannekoek (1953-54). CICA Web 2006. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/direccion/annekoekycastoriadis_direccion_y_revolucion.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

DIETZGEN, Joseph. **La esencia del trabajo intelectual.** Salamanca: Sígueme, 1975.

DIETZGEN, Joseph. **La resolución positiva de la Filosofía**. Barcelona: Laia, 1976.

DROZ, Jacques (Org.). **História Geral do Socialismo. Volume III: Socialismo e movimentos operários das revoluções de 1848 até a agonia da I Internacional**. Lisboa: Horizonte, 1977.

_____. **História Geral do Socialismo. Volume IV: Os partidos socialistas europeus**. Lisboa: Horizonte, 1979a.

_____. **História Geral do Socialismo. Volume VI: O Socialismo fora da Europa**. Lisboa: Horizonte, 1979b.

_____. **História Geral do Socialismo. Volume VIII: O Socialismo europeu de 1918 a 1945**. Lisboa: Horizonte, 1983.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Crítica do projeto de programa Social-Democrata de 1891**. Porto: Portucalense, 1971.

_____. *Introdução*. In: **As lutas de classe na França (1848-1850). Textos Volume III**. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p. 93-110.

FAGES, J. B. **Introdução aos Marxismos**. Lisboa: Moraes, 1974.

FOLHA ONLINE. **TSE impõe fidelidade partidária a senadores, governadores, prefeitos e presidente**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u337291.shtml>>. Acesso em: 29 maio 2008.

FORNAZIERI, Aldo (Ed.). **A III Internacional Comunista (Volume II) Teses e Resoluções do II Congresso**. São Paulo: Brasil Debates, 1989a.

_____. **A III Internacional Comunista (Volume III) Teses e Resoluções do III Congresso**. São Paulo: Brasil Debates, 1989b.

GENNARI, Emílio. **Sindicato e organização de base: passos e tropeços de ontem e de hoje**. São Paulo: CPV, 1999.

GERRATANA, Valentino e outros. **Consejos Obreros y democracia socialista**. 2. ed. México (DF): Siglo XXI, 1977.

GOMBIN, Richard. **As Origens do Esquerdismo**. Lisboa: Dom Quixote, 1972.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos, vol. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUERRA RUSSO-JAPONESA. *Military Power Review*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.militarypower.com.br/historia.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2009.

HOBBSAWN, Eric e outros. **História do marxismo III: o marxismo na época da Segunda Internacional (segunda parte)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KOOL, Frits; OBERLÄNDER, Erwin. **Documentos de la revolución mundial II: Kronstadt**. Madrid: Zero, 1971.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

KORSCH, Karl e outros. **A contra-revolução burocrática**. Coimbra: Centelha, 1978.

KORSCH, Karl; GORTER, Herman; PANNEKOEK, Anton. **La izquierda comunista germano-holandesa contra Lenin**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2004.

LABRA, Maria Eliana. *Proposições para o estudo da relação entre política, burocracia e administração no setor saúde brasileiro*. **Cad. Saúde Pública [online]**. 1988, vol.4, n.1, p. 33-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1988000100003&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 18 set. 2009.

LÊNIN, V.I. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo**. 5. ed. São Paulo: Global, 1981.

_____. **Materialismo e Empiriocriticismo**. São Paulo: Mandacaru, 1990a.

_____. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

_____. **Que fazer?** São Paulo: HUCITEC, 1979.

_____. **Teses de abril**. São Paulo: Mandacaru, 1990b.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUXEMBURG, Rosa. **Reforma ou Revolução?** 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do Imperialismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MACIEL David; MAIA Cláudio; LEMOS, Antonio Henrique (Orgs.). **Revolução Russa: Processos, personagens e influências**. Goiânia: CEPEC, 2007.

MAKHNO, Nestor. **Anarquia e Organização**. São Paulo: Luta Libertária, [2001].

MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexandre. **Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia**. São Paulo: Imaginário, 2001.

MALANDRINO, Corrado. **Scienza e socialismo: Anton Pannekoek (1873-1960)**. Milano: Franco Angeli, 1987.

MARX, Karl. **A Guerra civil na França**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Contribuição para a crítica da Economia Política**. São Paulo: Mandacaru, 1989.

MARX, Karl. **Glosas Marginais ao Programa do Partido Operário Alemão**. Porto: Portucalense, 1971.

_____. **O Capital**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATTICK, Paul. *Antón Pannekoek (1873-1960)*. **Novos Rumos**, São Paulo, ano 21, n. 45, 2006. Disponível em: <http://www.institutoastrojildopereira.org.br/novosrumos/file_45/411.pdf>. Acesso em: 22 de fev. 2008.

MATTICK, Paul e outros. **Karl Kautsky e o Marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

MEIJER, Henk Canne. **Movimiento de los Consejos Obreros en Alemania (1917-1921)**. Madrid: ZYX, 1975.

MENDONÇA, José Carlos. **A Ideologia do Socialismo Jurídico**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo; Campinas: Editora Unicamp, 2002.

METT, Ida. **Cronstadt 1921: último soviete livre**. Porto: Afrontamento, 1974.

PANNEKOEK, Anton. *A Propósito do Partido Comunista*. In: KORSCH, Karl e outros. **A contra-revolução burocrática**. Coimbra: Centelha, 1978, p. 171-185.

_____. **Acciones de masas y revolución**. [S.l.]: CICA Web, 2006b. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/accionesmasas/pannekoek_accionesmasas.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **Capitalismo de Estado y dictadura**. [S.l.]: CICA Web, 2006g. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/pannekoek_capitalismodeestado.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

PANNEKOEK, Anton. **Controlo operário e socialismo**. Porto: J. M. Amaral, 1976.

PANNEKOEK, Anton. **El acto personal**. [S.l.]: CICA Web, 2007g. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/actopersonal.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. *El desarrollo de la revolución mundial y la táctica del comunismo*. In: GORTER, Hermann; PANNEKOEK, Anton. **Contra el nacionalismo, contra el imperialismo y la guerra: Revolución proletaria mundial!**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2005, p. 221-285.

_____. **El marxismo como hecho**. [S.l.]: CICA Web, 2007d. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/marxismo.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **El nuevo blanquismo**. [S.l.]: CICA Web, 2007f. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/blanquismo.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **La destrucción como método de lucha**. [S.l.]: CICA Web, 2007h. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/destruccion.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **La Revolución alemana - Primera Fase**. [S.l.]: CICA Web, 2007e. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/revolucion_alemana.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

PANNEKOEK, Anton. **La socialización**. [S.l.]: CICA Web, 2006d. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/socializacion.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **La teoría del derrumbe del capitalismo**. [S.l.]: CICA Web, 2007i. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/pannekoek_derrumbe.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. *Las divergencias tácticas en el movimiento obrero*. In: GORTER Herman; PANNEKOEK, Anton. **El Materialismo histórico explicado a los obreros. Las divergencias tácticas en el movimiento obrero**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2007, p.159-297.

_____. *Lênin Filósofo*. In: KORSCH, Karl; GORTER, Herman; PANNEKOEK, Anton. **La izquierda comunista germano-holandesa contra Lenin**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2004, p. 257-382.

PANNEKOEK, Anton. **Los Consejos Obreros**. Madrid: ZYX, 1977.

_____. *Lucha de clase y nación*. In: GORTER Herman; PANNEKOEK, Anton. **El Materialismo histórico explicado a los obreros. Las divergencias tácticas en el movimiento obrero**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2007, p. 3-62.

_____. *O sindicalismo*. In: KORSCH, Karl e outros. **A contra-revolução burocrática**. Coimbra: Centelha, 1978, p. 91-106.

_____. **Por qué han fracasado los pasados movimientos revolucionarios**. [S.l.]: CICA Web, 2006j. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/movimientos.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

PANNEKOEK, Anton. **Propiedad pública y Propiedad comun.** [S.l.]: CICA Web, 2006o. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/propiedad.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **Socialdemocracia y comunismo.** [S.l.]: CICA Web, 2006e. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/socialdemocracia/pannekoek_socialdemocracia.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **Sociedad y Mente en la filosofia marxiana.** [S.l.]: CICA Web, 2006f. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/sociedadymente/pannekoek_sociedad_mente.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **Teoria Marxista y Táctica Revolucionaria.**[S.l.] CICA Web, 2006c. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/teoriamarxista/pannekoek_teoriamarxista.zip>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. **Tesis sobre la lucha de la clase obrera contra el capitalismo.** [S.l.]: CICA Web, 2006p. Disponível em: <http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/tesis.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

_____. *Una vida militante. Adiós a Hermann Gorter.* In: KORSCH, Karl e outros. **A contra-revolução burocrática.** Coimbra: Centelha, 1978, p. 91-96.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O Século XX.** 3. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROSENBERG, Arthur. **História do Bolchevismo**. São Paulo: Cortez, 1989.

ROVAN, Joseph. **História da social-Democracia Alemã**. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1979.

SABATIER, Guy. **Tratado de Brest-Litovsky de 1918 Frenazo a la Revolución**. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2001.

SERGE, Victor. **O ano I da Revolução Russa**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TRAGTENBERG, Maurício (Org.). **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Burocracia e ideologia**. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: UNESP, 2006.

_____. **A Revolução Russa**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

TROTSKY, León. **1905**. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2006.

VIANA, Nildo. **Escritos Metodológicos de Marx**. 3. ed. Goiânia: Alternativa, 2007.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Volume I**. 4 ed. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004a.

_____. **Economia e Sociedade. Volume II**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004b.